

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
GENY BRILLAS TOMANIK**

**LAZER E TURISMO: O OBSERVATÓRIO
ABRAHÃO DE MORAES – IAG/USP
(1972-2011)**

São Paulo
2012

GENY BRILLAS TOMANIK

**LAZER E TURISMO: O OBSERVATÓRIO
ABRAHÃO DE MORAES – IAG/USP
(1972-2011)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade na área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Airton José Cavenaghi.

São Paulo
2012

GENY BRILLAS TOMANIK

**LAZER E TURISMO: O OBSERVATÓRIO
ABRAHÃO DE MORAES – IAG/USP
(1972-2011)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade na área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Airton José Cavenaghi.

Aprovada em: 13/09/2012.

PROF. DR. AIRTON JOSÉ CAVENAGHI
Universidade Anhembi Morumbi

PROF^a. DR^a. SÊNIA REGINA BASTOS
Universidade Anhembi Morumbi

PROF. DR. RAMACHRISNA TEIXEIRA
Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho ao Celso, pelo companheirismo e apoio incondicionais, sempre presentes.

Também dedico esta pesquisa a toda a equipe do OAM, pesquisadores, colaboradores e voluntários, que incondicionalmente, presenteiam aos visitantes duas preciosidades contemporâneas: seu tempo livre e conhecimentos, propiciando o exercício da cidadania.

AGRADECIMENTOS

À
minha família, por todo apoio e compreensão. A meus pais (in memoriam), pelos exemplos de retidão e perseverança. Ao Prof. Rama, pela oportunidade e apoio à execução desta pesquisa. À Prof^a Beth Wada, pelo profissionalismo e convite para o mestrado. À Alessandra pelo sempre gentil apoio e atenção. A todos os professores do mestrado, pelos ensinamentos e colaboração. Ao saudoso Prof. Renê (in memoriam) e à Prof^a Sênia da banca de qualificação, pelas críticas, sugestões, apoio e incentivo. Ao meu orientador, por acreditar na minha capacidade. A todos os entrevistados, pelos depoimentos e tempo. E a todos, que direta ou indiretamente, contribuíram para esta pesquisa. Aos amigos, pelo incentivo.
Obrigada!

Os
ideais
são
como as
estrelas. Você não conseguirá tocá-las
com suas mãos. Mas como os
marinheiros nas águas de-
sertas, elas podem
guiá-lo e, seguindo
as estrelas, você
chegará ao seu
des- tino.

(CARL SAGAN, s.d.).

RESUMO

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, possui como tema de análise o Observatório Abrahão de Moraes (OAM), como espaço de lazer e de turismo, por meio de visitas públicas gratuitas, disponibilizadas à comunidade local e visitantes, entre eles, turistas. O OAM está vinculado ao Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG/USP), e as suas principais atividades são direcionadas às pesquisas científicas em astronomia e astrobiologia. Este trabalho busca investigar a relevância do OAM para o desenvolvimento das atividades turísticas da região de Valinhos/Vinhedo-SP, onde está situado. Para esta finalidade foram entrevistados membros da equipe do OAM, gestores locais das áreas de turismo e/ou cultura, residentes da região e visitantes. Os resultados apontam para a reduzida visibilidade do equipamento junto à comunidade local, motivada pela escassa divulgação dessas atividades, a excelente avaliação dos visitantes quanto ao atendimento ao público e o interesse na fruição desta modalidade de lazer socioeducativo, bastante rara no âmbito brasileiro.

Palavras-chave: Hospitalidade. Lazer. Turismo. Observatório Abrahão de Moraes - IAG/USP. Valinhos/Vinhedo (SP).

ABSTRACT

This qualitative research has as scope the analysis of the astronomical observatory “Observatório Abrahão de Moraes (OAM)” as a touristic / leisure site that allows free public attendance, aimed to the local community and visitors (tourists). The observatory belongs to the Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG/USP), and its main activities target to the scientific research on astronomy and astrobiology. This work aims to study the relevance of the observatory for the development of touristic activities in the region where it is located. To achieve this goal interviews were made with the OAM staff, as well as with region touristic stakeholders, local residents and aliens. The outcome attests a low visibility of the observatory towards the local population, due to the weak promotion activities, but also show an excellent satisfaction rating from the site visitors in relation to its hospitality, and also reveals the interest about this kind of social and educative leisure, seldom found in Brazil.

Key-words: Hospitality. Leisure. Tourism. Astronomical observatory Abrahão de Moraes - IAG/USP. Valinhos-Vinhedo (SP).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Fluxo de Visitantes ao OAM.....	31
Gráfico 2: Distribuição do público visitante em 2011.....	43
Gráfico 3: Procedência do público visitante em 2011.....	44

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Diagrama – Esquema teórico da Dissertação.....	18
Figura 2: Alguns observatórios astronômicos no mundo.....	20
Figura 3: Mapa - Localização e acesso ao Observatório Abrahão de Moraes.....	24
Figuras 4 e 5: Sinalização indicativa do Observatório e outros pontos de Vinhedo.....	25
Figura 6: Imagem de satélite da área do OAM.....	27
Figura 7: <i>Croquis</i> da área do OAM com a infraestrutura.....	28
Figura 8: Inauguração do Observatório Abrahão de Moraes em 1972.....	30
Figura 9: Chegada de grupo de visitantes da Festa da Uva de Vinhedo no Círculo Meridiano (OAM) com transporte.....	32
Figura 10: Palestra de monitores no OAM aos visitantes na 47ª Festa da Uva de Vinhedo....	33
Figura 11: Quiosque de informações turísticas.....	33
Figuras 12 e 13: Explicação dos monitores junto ao público e detalhe dos telescópios.....	34
Figura 14: Logos do IYA2009.....	34
Figura 15: Logo IYA2009.....	34
Figuras 16 e 17: Observação <i>in loco</i> durante o “Noite com as Estrelas” no OAM.....	42
Figuras 18 e 19: A Lua e Júpiter com 4 luas Galileanas.....	43
Figura 20: Amanhecer do solstício em Stonehenge.....	46
Figura 21: <i>Mauna Kea Milky Way Panorama</i>	47
Figura 22: Observadores do céu noturno ao ar livre.....	47
Figura 23: Luzes da Terra.....	52
Figura 24: Voo noturno sobre a Terra.....	53
Figura 25: Diagrama – Modelo de desenvolvimento.....	61
Figura 26: Diagrama – Modelo de Lazer e Turismo Sustentável.....	62
Figura 27: Diagrama – Representação do sistema operacional turístico.....	68

Figura 28: Vinhedo: paisagismo urbano planejado	99
Figura 29: Rotatória no acesso principal de Vinhedo.....	99
Figuras 30 e 31: Memorial do Imigrante e em detalhe, receptivo turístico.....	113
Figura 32: Mapa do Circuito das Frutas	116
Figura 33: Mapa da macrolocalização do Circuito das Frutas	117
Figura 34: Festa da Uva de Vinhedo em 1972 (recorte).....	160

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cronologia dos principais marcos e eventos do OAM.....	36
Quadro 2: Diferenças entre a educação informal, formal e não-formal (quanto às diretrizes pedagógicas).....	77
Quadro 3: Roteiros do Circuito das Frutas na região de Valinhos e Vinhedo.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comparativo entre aeroportos paulistas do número de noites adequadas à observação astronômica	29
Tabela 2: Crescimento populacional e IDH-M – Comparativo da Região.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – OBSERVATÓRIOS ASTRONÔMICOS E O OBSERVATÓRIO ABRAHÃO DE MORAES – IAG/USP	18
1.1 Observatórios Astronômicos e um breve panorama no Brasil	18
1.2 Observatório Abrahão de Moraes – IAG/USP	23
1.2.1 Localização e meio ambiente	24
1.2.2 História e fundação do Observatório	28
1.2.3 Novo Laboratório de Astrobiologia	38
1.2.4 Atividades principais do OAM	41
1.3 Observatórios Astronômicos e o turismo	45
1.3.1 O céu noturno: um patrimônio mundial ameaçado e atrativo turístico	49
1.4 A sustentabilidade como fator ao desenvolvimento regional e turístico	56
CAPÍTULO 2 - TURISMO E LAZER: TURISMO REGIONAL	65
2.1 Reflexões teóricas sobre Turismo	65
2.2 Reflexões teóricas sobre Lazer e a sua relação com o Turismo	70
2.3 A Educação não-formal: um lazer socioeducativo	75
2.4 Turismo e Lazer Cultural e a sua relação com observações astronômicas	80
2.5 Atratividade, mercado turístico e segmentação	87
2.6 Espaço, território, identidade e turismo	91
2.7 Valinhos e Vinhedo: aspectos gerais e regionalização turística	98
2.7.1 O turismo regional e o Observatório Abrahão de Moraes	109
2.7.2 Polo do Circuito das Frutas	115
CAPÍTULO 3 - OBSERVATÓRIO ABRAHÃO DE MORAES – IAG/USP: RESULTADOS E DISCUSSÕES	120
3.1 Caracterização do método e técnicas de pesquisa	120
3.2 Perfil dos entrevistados	123
3.3 Resultados e discussões	128
3.3.1 OAM: relevância ambiental	128
3.3.2 OAM: visitas públicas, um lazer socioeducativo e turismo cultural	140
3.3.3 OAM: Hospitalidade, visibilidade e relevância turística	146
3.3.4 OAM: como equipamento complementar ao turismo regional	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semiestruturado com Responsáveis pelo Laboratório de Astrobiologia	193
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semiestruturado com o Diretor do Departamento de Turismo de Valinhos	194
APÊNDICE C – Autorização para entrevista	195

APÊNDICE D – Roteiro Semiestruturado de Entrevista	196
ANEXOS	197
ANEXO A – Folder Turístico de Valinhos	197
ANEXO B – Folder Turístico de Vinhedo	198
ANEXO C – Folder do Polo Turístico do Circuito das Frutas.....	199
ANEXO D – Plano Diretor III de Valinhos	200
ANEXO E – <i>Croquis</i> da Infraestrutura do OAM com a Área de Mata Recuperada.....	201
ANEXO F – Quadro: Equipamentos de Usos Múltiplos do OAM	202
ANEXO G – Convite da palestra, com texto explicativo para eventos comemorativos do Ano Internacional da Astronomia 2009	204
ANEXO H – <i>Flyer</i> do Evento Comemorativo dos 40 Anos do Observatório Abrahão de Moraes	205
ANEXO I – Quadro: Cronologia da História da Região	206
ANEXO J - Crônica: O Céu de todos nós... – José Antônio Zechin	208

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGEMCAMP	Agência Metropolitana de Campinas
AstroLab	Laboratório de Astrobiologia
AVIVA	Associação de Vitivinicultores de Valinhos
AVIVI	Associação dos Vitivinicultores de Vinhedo
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FEPASA	Companhia Paulista de Estrada de Ferro
IAG/USP	Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo
IAU	<i>International Astronomical Union</i> (União Astronômica Internacional)
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IYA2009	<i>International Year of Astronomy</i> (Ano Internacional da Astronomia)
MAB	<i>Unesco's Man and the Biosphere Programme</i>
OAM	Observatório Abrahão de Moraes
OMT	Organização Mundial do Turismo
NAP-Astrobio	Núcleo de Apoio à Pesquisa em Astrobiologia
NASA	<i>National Aeronautics and Space Administration</i>
PIB	Produto Interno Bruto
PNMT	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
RMC	Região Metropolitana de Campinas
SCOPE	<i>Scientific Committee on Problems of the Environment</i>
SEBRAE	Agência de Apoio ao Empreendedor e Pequeno Empresário
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i> (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura)
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNWTO	<i>World Tourism Organization</i>
USP	Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como foco o Observatório Abrahão de Moraes (OAM), vinculado ao Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da Universidade de São Paulo (USP), fundado em 1972, situado na região de Valinhos e de Vinhedo, no interior paulista, onde está sendo instalado o primeiro laboratório de astrobiologia do país.

O local dispõe de instrumentos astronômicos, como telescópios, entre eles um Círculo Meridiano, de um marco geodésico, um sismógrafo e um ponto de gravidade absoluta, onde são desenvolvidas atividades inerentes a tais equipamentos, ou seja, realiza observações astronômicas e desenvolve pesquisas científicas, além da medição de abalos sísmicos.

O recorte cronológico deste estudo compreende o período a partir de 1972, ano da sua fundação, até 2011. E mais especificamente, a partir de 1998, data em que o equipamento tornou-se também difusor de conhecimento astronômico, disponibilizando o espaço às visitas gratuitas ao público interessado, tanto de alunos dos ensinos fundamental e médio no período diurno e estudantes de ensino superior, bem como ao público em geral.

As visitas monitoradas ao espaço do OAM servem como uma forma de divulgação científica, transmitindo noções básicas de astronomia, além da oportunidade peculiar de realizar observações de objetos celestes *in loco* por meio de um telescópio e de conhecer parte da sua infraestrutura e equipamentos. Na ausência de condições meteorológicas favoráveis às observações, essas são substituídas por palestras dos pesquisadores. Nessas ocasiões, há uma dinâmica flexível, própria da educação não-formal, ou seja, a interação entre visitantes e anfitriões, onde são estabelecidas relações de hospitalidade.

Essas visitas pré-agendadas, ora pelas escolas, ora por visitantes locais, ou turistas de outras localidades apresentaram tendência a crescimento nos últimos anos, como apontam as pesquisas internas realizadas pelos seus gestores.

O turismo de lazer, praticado no tempo livre, é segmentado de acordo com vários parâmetros como: demográfico, geográfico, psicográfico e comportamental. Essa segmentação favorece conhecer melhor o perfil e interesse do turista, fortalecendo as estratégias de *marketing* (promoção e divulgação), que criam novos produtos e serviços.

O turismo cultural é um segmento do setor turístico – praticado como uma atividade de lazer – motivado pelo interesse cultural sofre também constante segmentação, de acordo com interesses, motivações, e mesmo, modismos passageiros. Por exemplo, na sociedade contemporânea há a procura pela intelectualização, refletida também nas atividades de lazer e de turismo.

Neste sentido, as atividades educativas e culturais oferecidas pelo OAM por meio da educação não-formal, denominadas como lazer socioeducativo, proporcionam um desenvolvimento pessoal aos visitantes locais e turistas, contribuindo para o lazer e o turismo regional.

Este estudo visa responder se o OAM representa mais um componente para o desenvolvimento das atividades turísticas da região de Valinhos/Vinhedo-SP, além das seguintes hipóteses:

- a) Apesar do número crescente de visitantes o OAM ainda não é reconhecido como fundamental na identidade coletiva da região;
- b) Não há suficientes ações de divulgação para aumentar a sua visibilidade junto à comunidade local e como atrativo turístico na região.

Desta forma, o objetivo geral foi analisar o Observatório Abraão de Moraes como um espaço de lazer e de turismo aos visitantes. Considerando-se que todo equipamento turístico insere-se em uma localidade, a qual o influencia e é influenciado pela atividade turística, foi realizada a contextualização regional, com o intuito de analisar a sua contribuição ao desenvolvimento do turismo dos municípios de Valinhos e Vinhedo.

Os objetivos específicos foram:

- a) Identificar a visibilidade do OAM junto à população local;
- b) Identificar a relevância do OAM como equipamento complementar ao turismo regional;
- c) Averiguar se o OAM é um agente de um lazer e turismo sustentável;
- d) Identificar a relevância do céu noturno preservado e o interesse pela astronomia.

A relevância desta pesquisa deve-se ao interesse que a astronomia desperta sobre a humanidade, pois desde tempos remotos das civilizações humanas há grande curiosidade e questionamentos quanto à origem da vida em nosso planeta Terra e a história do universo. Assim, a humanidade observava o céu a olho nu, procurando respostas.

Apenas a partir do ano de 1609 foram realizadas as primeiras observações astronômicas com o uso de um telescópio pelo cientista italiano Galileu Galilei (1564-1642). Devido às comemorações dos 400 anos dessas observações foi instituído o Ano Internacional da Astronomia 2009 (IYA2009) em Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU), inclusive com a adesão do OAM à promoção de eventos associados ao IYA2009.

Este estudo justifica-se pela importância que o OAM representa para a sociedade, tanto pelo acesso democrático ao espaço para lazer, bem como potencial para o turismo regional. Além disso, são raros os estudos acadêmicos sobre a temática desta pesquisa, ou

seja, um observatório astronômico como opção de lazer e de turismo. Embora os autores abordem o uso de espaços culturais destinados às práticas de lazer e de turismo, como em Barretto (2002), Beni (2003), Camargo (1992; 1998), Dumazedier (2000), Funari e Pinsky (2007), Marcellino (1996; 2002), Pires (2000), entre outros, não se referem especificamente a observatórios ou planetários.

Foram identificados alguns estudos referenciados na pesquisa sobre a educação não-formal promovida em espaços como observatórios astronômicos, planetários e museus, porém, não sob o viés do lazer e turismo. Certamente, isto se deve pela área de formação desses pesquisadores, a maioria originária da área de física e astronomia, com mestrado ou doutorado em educação.

A construção estrutural desta pesquisa foi calcada em temas identificados durante a coleta do material bibliográfico e documental, todavia, não sendo possível, traçar paralelos com outros trabalhos com a mesma temática, o que dificultou essa estruturação.

Atualmente todas as atividades humanas são questionadas quanto à sustentabilidade, inclusive nas atividades de lazer e de turismo. Embora as observações astronômicas no OAM tenham sido prejudicadas pela crescente poluição luminosa das cidades da região, a sua presença ganha maior relevância pela preservação ambiental da área natural.

Isto se deve ao fato de que a região (antes rural) vem sofrendo um forte processo de urbanização provocado, sobretudo pelo grande fluxo migratório de famílias urbanas, o que gera a especulação imobiliária.

Neste contexto, insere-se o turismo praticado na região, onde o que resta de “ruralidade” torna-se um produto turístico, ou seja, o turismo rural é disponibilizado pelo Polo do Circuito Turístico das Frutas, o que, a princípio, pode propiciar a fixação dos pequenos produtores rurais em suas propriedades, e agregar valor aos seus produtos.

Neste cenário inscreve-se o OAM, que apesar da sua ainda não adesão ao projeto do Polo Turístico do Circuito das Frutas, busca também propiciar um lazer e turismo sustentável à sociedade, que pode e deve ser almejado pelos gestores públicos e privados, no planejamento e desenvolvimento turístico, mais factível no turismo regional, distante do turismo de massa.

Com o intuito de fundamentar a discussão teórica proposta foram utilizados estudos e material documental sobre astronomia, céu noturno, poluição luminosa, observatórios astronômicos, astrobiologia, e inclusive sobre o objeto desta pesquisa: Brazilian Space (2011), Damineli e Steiner (2009), Galante (2011; 2012), IAG/USP (2012), Langhi e Nardi (2009), Linhares (2011), Marín e Jafari (2007), Marques dos Santos (2005), Mourão (1994; 2012),

NASA (2011; 2012), OAM (2009; 2011; 2012), Starlight (2007; 2011), Teixeira (2009; 2011; 2012), UNESCO (2011; 2012), USP (2009; 2011), entre outros.

Objetivando analisar o turismo, sustentabilidade, atratividade, segmentação e mercado turístico, identidade e memória foram abordados e consultados os estudos de Barretto (1995; 2001; 2002), Beni (2003), Burns (2002), Capra (1996), De Masi (2001), Dias (2004), Goldemberg (2010), Funari e Pinsky (2007), Kotler (1994; 1998), Krippendorf (2000), MTUR (2006; 2010), Moesch (2000), Molina (2002; 1998), OMT (2001), Ouriques (2005), Panosso Netto e Trigo (2003), Panosso Netto e Gaeta (2010), Pollack (1992), Rejowski (2005), Rodrigues (2001), Ruschmann (1997; 1999), Swarbrooke (2000), Trigo ((2000; 2003), Urry (2001), Yázigi (1999; 2001), entre outros.

As discussões sobre lazer e educação não-formal foram pautadas nas obras dos autores Camargo (1998; 2010), Corbin (2001), Dumazedier (1994; 1999; 2000), entre outros. Além desses autores, foram consultados e referenciados sobre o tema de hospitalidade: Baptista (2005; 2008), Camargo (2004), Godbout(1999), Lashley e Morrison (2004), Montandon (2004; 2011).

Esta dissertação foi organizada em três capítulos. No Capítulo 1- “Observatórios Astronômicos e o Observatório Abraão de Moraes – IAG/USP”, são apresentadas as características e funções de observatórios astronômicos, também como atrativos turísticos, além de um breve levantamento histórico desses equipamentos, e é apresentado o OAM, a sua história, características, infraestrutura, e atividades ali desenvolvidas, com foco nas atividades voltadas ao público. Além disso, aborda-se a questão ambiental e do céu noturno, como um patrimônio da humanidade e atrativo turístico, além da sustentabilidade, como elementos relevantes para o turismo regional, que pode ser realizado de forma sustentável e responsável.

O Capítulo 2 traz reflexões teóricas sobre o lazer e o turismo, nas modalidades contempladas por este estudo, e ainda a sua promoção e atratividade. Além disso, tem como foco teórico as temáticas que surgem no contexto regional, apropriados pelo turismo, como espaço, território, identidade cultural. De maneira exploratório-descritiva, embasada principalmente em material documental, mas também sob a visão de autores, descrevem-se os aspectos geográficos, econômicos e históricos dos municípios de Valinhos e Vinhedo (SP), que consideram o OAM como ponto turístico nas duas localidades, onde é observado um crescente êxodo urbano e rural simultâneos, com a proliferação de condomínios horizontais fechados, cuja região apresenta histórias, fatos e características comuns, inclusive quanto à gestão do turismo, pautada principalmente no turismo rural, pelo Polo do Circuito Turístico das Frutas, e nas Festas do Figo e Goiaba (Valinhos) e da Uva e do Vinho (Vinhedo),

realizadas anualmente, megaeventos, que atraem por volta de 1 milhão de visitantes, entre eles turistas, inclusive alguns estrangeiros.

O Capítulo 3 apresenta a metodologia e a pesquisa realizadas, fundamentadas principalmente em Alberti (2005), Bauer; Gaskell (2008) e Dencker (2001; 1998). Objetivando testar as hipóteses do estudo e analisar o problema da pesquisa foram selecionados 13 entrevistados organizados em quatro grupos: a) Equipe do OAM; b) Gestores da área de turismo e/ou cultura de Valinhos e Vinhedo; c) Visitantes (locais e turistas); d) Residentes. Portanto, optou-se pela pesquisa de caráter qualitativo, mediante entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro foi adaptado ao perfil de cada um dos entrevistados e ao andamento do diálogo, ou seja, foram realizadas de forma flexível, conforme Alberti (2005).

Desta maneira, a análise qualitativa do referencial teórico, do *corpus* documental e dos resultados das entrevistas pretende contribuir no entendimento de um fenômeno social pouco discutido no turismo, o “astroturismo”, ou ainda, como uma atividade de lazer socioeducativo possível nas visitas a um observatório astronômico, também oferecido à comunidade local.

CAPÍTULO 1 – OBSERVATÓRIOS ASTRONÔMICOS E O OBSERVATÓRIO ABRAHÃO DE MORAES – IAG/USP

Neste universo em que os próprios astros são transitórios, a humanidade não é mais que um brevíssimo capítulo. Embora microscópica no tempo e no espaço, é ela quem conta essa grande história.
(DAMINELI; STEINER, 2010, p.91)

Objetivando fundamentar a pesquisa construiu-se um repertório teórico baseado nos principais temas abordados na dissertação, conforme diagrama esquemático abaixo, apresentados não necessariamente nesta sequência:



Figura 1: Diagrama – Esquema teórico da Dissertação
Fonte: Elaboração própria (2012)

Este capítulo reflete sobre as atividades e características de observatórios astronômicos; traça um breve histórico sobre observatórios no mundo e no Brasil e apresenta o OAM, sua história, infraestrutura e atividades. A partir dos gráficos fornecidos pelos seus gestores, analisam-se as visitas públicas oferecidas pelo equipamento. Além disso, aborda-se a relevância da preservação do meio ambiente e da qualidade do céu noturno às observações astronômicas, que podem constituir também um atrativo turístico e promover um lazer e turismo sustentável.

1.1 Observatórios Astronômicos e um breve panorama no Brasil

De acordo com o diretor do OAM, um observatório astronômico é o local apropriado, dotado de equipamentos e infraestrutura adequados, com a finalidade de coletar dados e produzir informações para a pesquisa científica, ou seja, é o lugar onde se constrói a base do conhecimento astronômico (TEIXEIRA, 2009).

E ainda, conforme Langhi e Nardi (2009) e Linhares (2011), observatórios astronômicos são locais destinados à pesquisa científica, ao ensino, à divulgação e à prática da astronomia amadora, ou ainda, de acordo com Mourão (1994), um observatório é um conjunto de instalações destinadas à observação dos fenômenos naturais (celestes, atmosféricos, geológicos ou magnéticos).

Linhares (2011, p. 75-76) esclarece que os observatórios astronômicos dividem-se em:

- a) Observatórios profissionais, ligados a órgãos federais da União, caracterizando, geralmente, os locais onde se encontram os maiores telescópios, destinados à pesquisa em Astronomia, Astrofísica e Geofísica, além de divulgarem suas pesquisas através de publicações e anuários astronômicos, e fornecerem serviço de hora legal, por exemplo. [...] Alguns observatórios profissionais se prestam à divulgação, assim como alguns ligados às universidades fazem pesquisas e também possuem programas permanentes de divulgação;
- b) Observatórios didáticos, pertencentes à escolas, colégios e a algumas universidades, que o utilizam nas aulas e cursos oferecidos aos alunos das respectivas instituições; [...] muitos observatórios pertencentes a colégios e particulares são abertos à visitação pública e escolar;
- c) Observatórios públicos, mantidos pelos governos municipais ou estaduais, cuja função é por vezes a divulgação à população, por meio de visitas e da realização de eventos científicos;
- d) Observatórios particulares, pertencentes a pessoas, ou a grupos de astrônomos amadores, que adquirem telescópios e os utilizam com fins pessoais ou mesmo para popularização;
- e) Observatórios orbitais ou espaciais são satélites artificiais colocados em órbita, e que enviam imagens nítidas, por estarem fora da atmosfera da Terra. Esses, portanto, não sofrem com a influência das luzes da cidade e nem com interferências atmosféricas que filtram ou distorcem a radiação vinda dos astros, como no fenômeno da refração, das turbulências, das aberrações óticas e da absorção de parte do espectro eletromagnético. [...] Dentre os grandes observatórios espaciais da NASA, ganham destaque o Telescópio Espacial Hubble, o Observatório Chandra e o Telescópio Espacial Spitzer [...].

Além dessas características, os observatórios podem destinar-se exclusivamente às pesquisas científicas ou ao atendimento público, ou mesmo, ambos simultaneamente. Essas atividades junto ao público é uma forma de divulgação e de ensino não-formal de noções sobre astronomia nesses espaços (LANGHI; NARDI, 2009; LINHARES, 2011), entre outros.

De acordo com Linhares (2011), Mourão (1994) e Starlight (2007), os mais antigos observatórios astronômicos foram os pré-históricos – conhecidos como observatórios arqueoastronômicos, a exemplo de *Stonehenge*, na Inglaterra, *Machu Pichu* e *Cusco*, no Peru, entre outros, com características distintas dos equipamentos contemporâneos, pois utilizavam instrumentos bastante precários.

Neste sentido, conforme Caniato (*apud* LINHARES, 2011, p. 76) “[...] a lendária Torre de Babel também seria um observatório astronômico”. E ainda, para Robinson (*apud* LINHARES, 2011, p. 76) “[...] os observatórios astronômicos evoluíram a partir de construções babilônicas utilizadas para observações astrológicas por volta de 750 a.C.”

Os árabes construíram em Bagdá e no Cairo os primeiros observatórios destinados exclusivamente às observações astronômicas no século IX, dotados de equipamentos apropriados, antes mesmo da invenção do telescópio em 1609 (LINHARES, 2011).

Ainda conforme Linhares (2011), a partir disso, e mediante novas tecnologias para o desenvolvimento de instrumentos específicos, houve um aumento crescente da construção de observatórios astronômicos, sobretudo nas capitais, sendo um relevante exemplo, o Observatório Real de *Greenwich* (1675), entre outros, conforme imagem, a seguir:

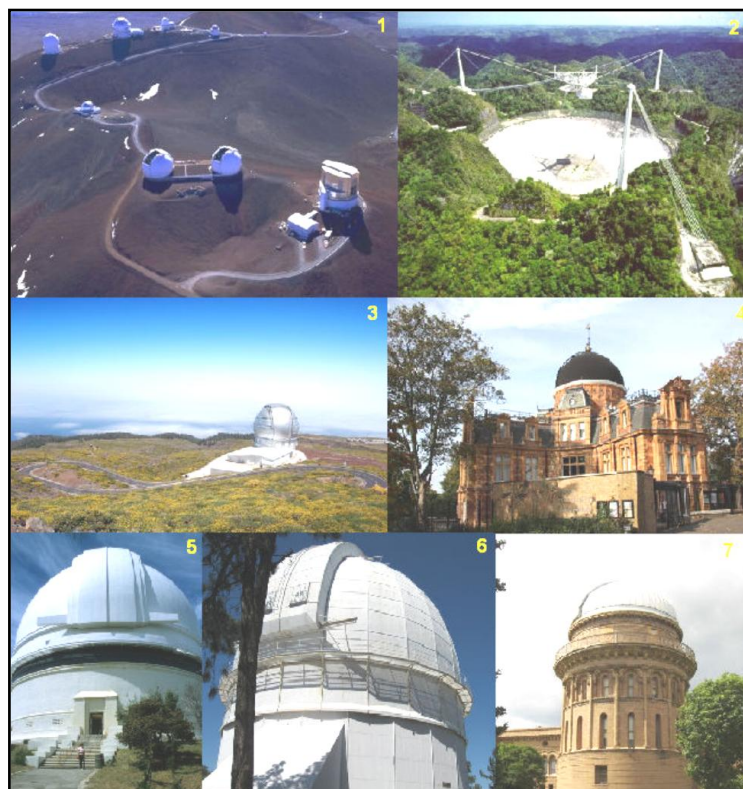


Figura 2: Alguns observatórios astronômicos no mundo¹
Fonte: Linhares (2011)

¹ 1 - Mauna Kea *Observatories*, Havaí; 2 – Arecibo *Observatory*, Porto Rico; 3 – Roque de *Los Muchachos Observatory*, Ilhas Canárias, Espanha; 4 – Royal *Observatory Greenwich*, Londres, Inglaterra; 5 – Palomar *Observatory*, Califórnia, Estados Unidos; 6 – Mount Wilson *Observatory*, Califórnia, Estados Unidos; 7 – Yerkes *Observatory*, Chicago, Estados Unidos.

O primeiro observatório astronômico brasileiro e das Américas foi instalado em Recife em 1639, em uma das torres no palácio Friburgo construído pelo então governador Nassau na Ilha de Antônio Vaz, pelo holandês Georg Marcgraf, conhecido no Brasil como George Marcgrave (IAG/USP, 2012; LINHARES, 2011; STEINER, 2009).

O conde Johan Maurits van Nassau-Siegen, conhecido como Maurício de Nassau, segundo IAG/USP (2012, p. 15-16):

[...] era um militar, mas também um administrador moderno e esclarecido que se interessava por construção civil e urbanismo, e ao mesmo tempo um humanista que cultivava as artes e as ciências.

Uma das primeiras iniciativas de Nassau foi trazer eruditos da Europa para estudar a natureza brasileira, bem como pintores para retratá-la, como Frans Post e Albert Eckhout. Entre esses eruditos estava Marcgrave, que chegou à Nova Holanda em 1638. [...] Nesse observatório, executou projetos como a determinação precisa da latitude local, a construção de um catálogo de posições de estrelas do hemisfério sul, tabelas dos trânsitos de Mercúrio sobre o disco do Sol e ainda acuradas descrições do eclipse solar observado no Brasil em 1640 e do eclipse lunar de 1642.

De acordo com Linhares (2011) e Steiner (2009) foi instalado em 1730 um observatório no Morro do Castelo, Rio de Janeiro, por jesuítas. Em 1780 os astrônomos portugueses Sanches Dorta e Oliveira Barbosa instalaram um observatório astronômico no mesmo local, transferido em 1827 para a Academia Real Militar, onde foi construído o primeiro observatório profissional do país, o Imperial Observatório, com a proclamação da República, nomeado posteriormente como Observatório Nacional, um dos mais antigos equipamentos científicos brasileiros.

No final do século XIX foram criados mais dois observatórios profissionais, o Observatório Astronômico de São Paulo e o Observatório da Escola de Minas, em Ouro Preto.

Conforme Marques dos Santos (2005) as primeiras observações astronômicas em São Paulo foram realizadas pelos portugueses já citados, Bento Sanches Dorta e Francisco de Oliveira Barbosa, entre 1788 e 1789, sendo que as primeiras observações meteorológicas da capital paulista foram realizadas também por Sanches Dorta. Apenas em 1827 foram realizadas novas observações pelo naturalista inglês William John Burchell.

O desenvolvimento da astronomia no final do século XIX em São Paulo foi possível graças à construção de observatórios astronômicos privados (MARQUES DOS SANTOS, 2005, p. 39). Em 1912 foi construído o Observatório Astronômico e Meteorológico, à Av. Paulista, 69, na cidade de São Paulo, conforme Mantovani e Marques dos Santos (1994, s.p.):

Este observatório, mais conhecido por Observatório de São Paulo, havia sido construído por José Nunes Belfort Mattos, então diretor do Serviço Meteorológico do Estado de São Paulo, na primeira década deste século e inaugurado em 30 de abril de 1912. O Observatório de São Paulo, além de

constituir a sede da Diretoria do Serviço Meteorológico e Astronômico do Estado de São Paulo, executava serviços de determinação e disseminação da hora do estado de São Paulo, utilizando-se dos processos disponíveis na época.

Nota-se que já na década de 1920, um fato cada vez mais comum aos observatórios astronômicos espalhados no mundo, atingiu o Observatório de São Paulo, que sofreu com o avanço da urbanização da capital paulista devido à sua localização, motivo da sua transferência, conforme Mantovani e Marques dos Santos (1994, s.p):

Em 1928, com o crescimento da cidade de São Paulo, o local que em 1912 era tido como ideal, já não satisfazia as condições requeridas para observações astronômicas regulares, nem para observações sismográficas, por causa dos abalos produzidos pelos bondes que já trafegavam pela avenida Paulista. Pensou-se, então, em escolher outro lugar, mais apropriado para um novo observatório. Vários pontos da cidade de São Paulo foram considerados, mas o que melhor satisfaz as condições requeridas foi o Parque do Estado, no bairro da Água Funda, [...]. O projeto do novo observatório, elaborado por Alypio Leme de Oliveira, foi concluído em 1930. No mesmo ano, por questões de fundo político, a Diretoria do Serviço Meteorológico e Astronômico do Estado de São Paulo ficou subordinada à Escola Politécnica de São Paulo com a denominação de Instituto Astronômico e Geofísico, conservando suas finalidades e direção.

Desta forma, foi construído e inaugurado em 24 de abril de 1941 por Adhemar Pereira de Barros (então interventor federal em São Paulo) um novo observatório astronômico no Parque do Estado, que sediou o Instituto Astronômico e Geofísico, que foi incorporado à USP pelo Decreto Estadual nº 16622 de 30 de dezembro de 1946 (MANTOVANI; MARQUES DOS SANTOS, 1994).

Todavia, na década de 1970, novamente devido às condições desfavoráveis do céu às observações astronômicas - sobretudo pela poluição luminosa, além da poluição atmosférica – decidiu-se por uma nova transferência do observatório, desta vez distante da cidade de São Paulo, no interior paulista:

No início do século XX construíram-se observatórios em Porto Alegre (RS) e São Paulo (SP), mas somente nas décadas de 1960 e 1970, com a construção de um telescópio com espelho primário de 60 centímetros de diâmetro no ITA, em São José dos Campos, e com a instalação de telescópios de 50-60 cm em Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS) e **Valinhos (SP)** começaram realmente as pesquisas em Astrofísica no país. Nessa época, chegaram os três primeiros doutores em Astronomia, formados no exterior, e eles participaram da instalação dos programas de pós-graduação no país (STEINER, 2009, p. 93 – grifo nosso).

Assim, nota-se a relevância do OAM no âmbito das pesquisas astronômicas brasileiras, já por ocasião da sua fundação. Ainda para Steiner (2009, p. 93): “A astronomia brasileira, enquanto ciência institucionalizada e produtiva é uma atividade recente”.

Atualmente, segundo levantamento realizado por Linhares (2011) de um total de 124 observatórios astronômicos instalados no país, a maioria concentra-se no sudeste com 67%, a região nordeste conta com 16% e na região sul 14,5%, enquanto as regiões norte e centro oeste possuem apenas três observatórios, o que espelha a desigualdade entre as regiões brasileiras neste quesito. A maioria dos observatórios brasileiros está situada no estado de São Paulo (42).

A Região Metropolitana de Campinas (RMC) abriga três observatórios: o OAM (em Valinhos); o Observatório Municipal de Campinas Jean Nicolini e o Observatório Municipal de Americana (OMA), todos abertos à visitação pública. Além disso, a RMC conta também com os planetários de Itatiba e em Campinas está sendo construído o segundo planetário da cidade, com moderna tecnologia, assim a região de Campinas é a que possui a maior concentração de espaços dedicados ao ensino e à divulgação da astronomia no país.

1.2 Observatório Abrahão de Moraes – IAG/USP

Fundado em 1972, o OAM é vinculado ao Instituto de Astronomia², Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG/USP).

O OAM realiza pesquisas científicas fundamentadas em observações astronômicas³, prejudicadas nos últimos anos pela poluição luminosa, problema global comum, em virtude da iluminação pública urbana exarcebada.

No entanto, o equipamento vem passando por um processo de revitalização, em razão da atual implantação no OAM do primeiro laboratório de astrobiologia no país e, ainda devido ao número crescente de visitantes ao espaço, funcionando como relevante promotor de divulgação científica.

² A Astronomia é definida como “a ciência que estuda os corpos celestes e que permite o desafio do entendimento da história do Universo. É através de um Observatório que encontramos as “pistas” para entendermos o comportamento dos astros e do Universo em geral (OAM, 2009)”. Segundo Teixeira (2009), Diretor do Observatório: “É a ciência que estuda a luz dos astros”. Damineli e Steiner (2010, p. 101) esclarecem: “A Astronomia envolve uma combinação de ciência, tecnologia e cultura [...]. Mais do que isso, mostra ao cidadão de onde viemos, onde estamos e para onde vamos”.

³ As Observações Astronômicas destinam-se à observação do brilho; a posição; a imagem e o espectro (TEIXEIRA, 2009).

1.2.1 Localização⁴ e meio ambiente

Embora o endereço oficial do OAM seja Estrada Municipal s/nº - Morro dos Macacos - Valinhos/SP, o acesso se faz exclusivamente pela vizinha Vinhedo, sendo necessário atravessá-la para se chegar à “Rua do Observatório”, s/nº, Vinhedo. Assim, a partir do portão de entrada, adentra-se em área pertencente a Valinhos. Porém, é atendido pelos serviços públicos de Vinhedo, como água, rede elétrica e inclusive pelos correios.

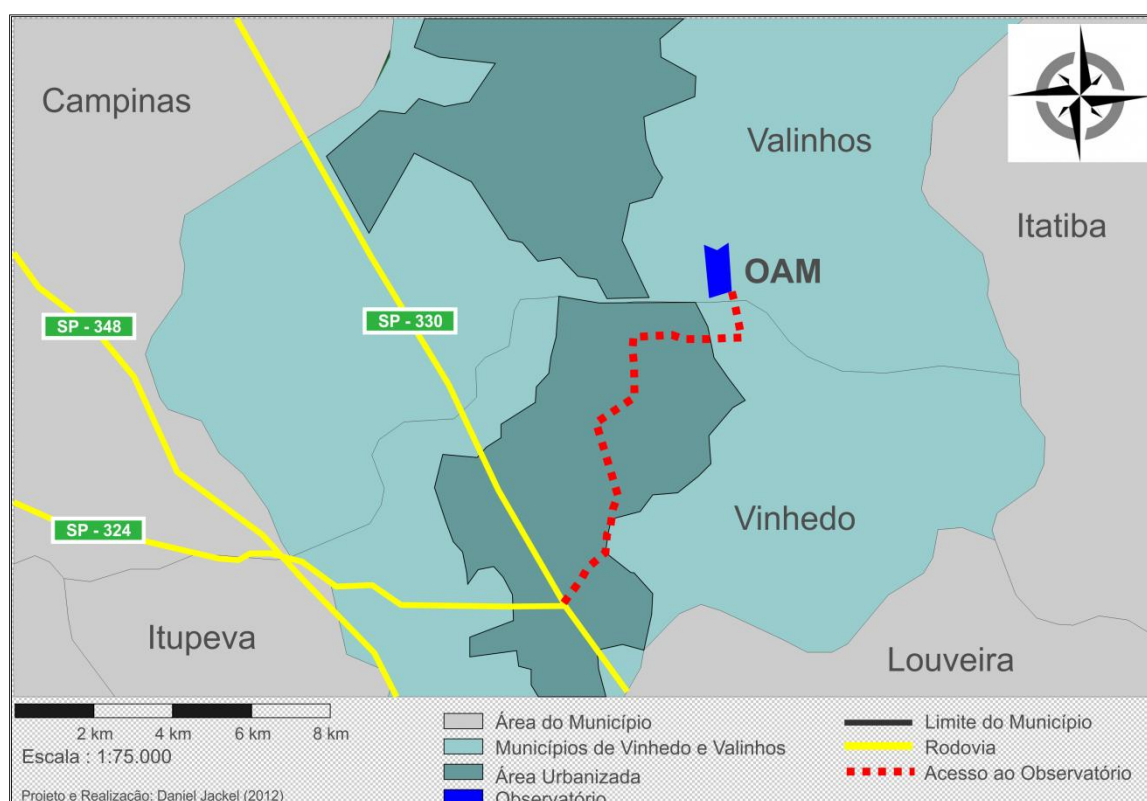


Figura 3: Mapa - Localização e acesso ao Observatório Abrahão de Moraes
Fonte: Jackel (2012)

A Figura 3 representa a região em foco, onde está situado o OAM (na divisa dos municípios), e o acesso a partir da Rodovia Anhanguera, km 75,5. Pode-se assim visualizar o motivo da dificuldade dos visitantes em chegar ao Observatório. De acordo com o diretor do Observatório, a confusão para se chegar ali tem origem na própria história do local:

Quando foi definida a sua criação, em 1972, a Prefeitura de Valinhos cedeu gratuitamente um terreno à USP para a sua construção, mas o governo estadual, responsável pelas vias de acesso ao local, optou por fazê-las por Vinhedo dando a real impressão de que o Observatório está nessa cidade. (TEIXEIRA *apud* VALINHOS, 2011, s.p.).

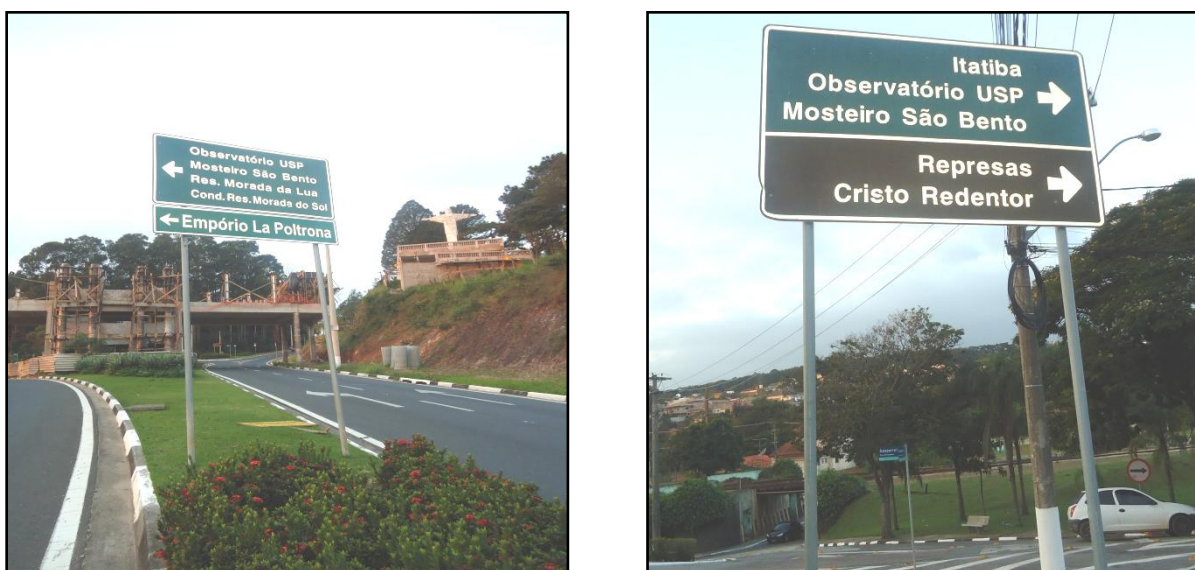
⁴ Coordenadas aproximadas (junto ao Círculo Meridiano): Latitude 23°00'09" e Longitude 46°58'03".

E ainda:

“Um grupo de estudantes de Valinhos agendou uma visita aqui e simplesmente não achou o local. Foram parar em Campinas”, brinca. Tanto que hoje, ao falar da localização do Observatório para quem não conhece o local, Teixeira é preciso: “fica em Valinhos, mas com acesso por Vinhedo” (USP, 2012, s.p. – grifos da fonte).

Existem algumas poucas placas (Figuras 4 e 5, a seguir) de sinalização em Vinhedo indicando o equipamento, porém apenas nas proximidades, mas nenhuma caracterizando-o como ponto turístico, embora conste nos *folders* turísticos⁵ distribuídos pelas respectivas Prefeituras Municipais como atrativo turístico dos municípios. Seu acesso se dá pelo centro da cidade, em direção ao Cristo, portanto em um dos pontos mais altos do município, característica comum aos observatórios astronômicos.

A apenas 2 km do OAM, ao lado do Cristo Redentor de Vinhedo está sendo construído um novo portal turístico, com vista panorâmica da cidade, onde certamente os visitantes serão informados dos atrativos turísticos da localidade (Figuras 4):



Figuras 4 e 5: Sinalização indicativa do Observatório e outros pontos de Vinhedo
Fonte: Autora (2012)

Vale destacar que alguns dos bairros e residenciais próximos ao equipamento (em Vinhedo) trazem em seus nomes referências ao universo, com certeza pela sua localização (no alto da cidade) e pela vista privilegiada, são eles: “Morada da Lua”, “Mirante das Estrelas”, “Residencial Morada do Sol” o que, de certa forma, ajudam a compor o ambiente do OAM.

⁵ (Anexos A – Folder turístico de Valinhos e B – Folder turístico de Vinhedo)

O zoneamento vigente em Valinhos é normatizado pela Lei nº 4.186 de 2007, que dispõe sobre a ordenação do uso e ocupação do solo. Conforme a Prefeitura de Valinhos (2012) a área onde o Observatório está instalado é a “zona 5bx*” – zona de predominância turismo/residencial II (futura expansão urbana da macrozona rural turística e de proteção e recuperação dos mananciais), referente às Áreas especiais de proteção e recuperação do patrimônio histórico, turístico, paisagístico, cultural e ambiental (anexo D).

De acordo com o Plano Diretor III (2004) – Anexo VI.5 – Equipamentos de Cultura/Turismo, a área onde o OAM⁶ está localizado deve: **“Promover prioritariamente a preservação e/ou adequação e/ou recuperação de uso para maior aproveitamento cultural, e turístico (VALINHOS, 2004 – grifo da fonte)”**.

A partir da constatação da área de zoneamento em que se enquadra o observatório e o uso de ocupação do solo permitido pela legislação e Plano Diretor Municipal, o OAM pode desenvolver atividade turística e cultural, desde que respeitada a legislação e o meio ambiente, o que efetivamente ocorre.

Como facilmente concebível, o clima influi diretamente na prática do lazer e na atividade turística. Vale ressaltar, que foi escolhida uma área em Valinhos para a instalação do OAM em virtude das ótimas condições climáticas da região.

O clima em Valinhos é temperado, úmido e quente, com inverno seco com oscilações médias entre a máxima de 31°C e a mínima de 21°C. Pluviosidade de 1.533,8 mm/ano com maior precipitação no verão, sendo janeiro o mês mais chuvoso e julho o mês mais seco (VALINHOS, 2011).⁷ Desta forma, nos meses mais chuvosos entre dezembro e fevereiro, frequentemente são suspensas as visitas públicas ao OAM devido às intensas chuvas.

Valinhos possui 7% da sua área total de áreas de preservação ambiental, fauna e flora muito ricas, com vegetação típica da mata atlântica, vegetação estacional semidecidual, com alguns trechos de transição para área de cerrado e animais em extinção, como lontra e papagaio (VALINHOS, 2012).

Neste cenário natural se destaca a área de mata preservada de cerca de 450 mil m² do Observatório Abraão de Moraes, representando um abrigo importante para os animais silvestres, sobretudo devido à crescente constituição de loteamentos fechados que estão chegando ao seu entorno, percebe-se a sua relevância à preservação ambiental na região.

⁶ Consta no mapa de zoneamento da prefeitura como 05 - Instituto Geofísico da USP.

⁷ Consta atualmente (2011) na página *on line* da Câmara de Valinhos, a respeito do clima: “recomendado como estação climática para tratamento médico”, não sendo informado o critério adotado para essa recomendação.

A fauna da região é bastante diversificada com a presença de macacos, veados, lobos, variedades de aves e pássaros, além de mais de 150 espécies de borboletas, cuja área já serviu para estudos científicos em biologia sobre a fauna e flora. Desde 1998 o Observatório é também uma área de soltura de animais silvestres cadastrada no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), a exemplo, da recente soltura no OAM, em abril 2012, de uma loba guará – espécie em extinção - capturada em um condomínio de Vinhedo (OAM, 2012).

A partir do monitoramento por satélite da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) desde a fundação do Observatório em 1972 até 1997 é possível notar a regeneração da mata remanescente de árvores de porte variado, e espécimes nativos da mata atlântica como bromélias orquídeas e samambaias nas áreas mais úmidas, comprovada pela imagem 6, fato este relatado pela entrevistada 04:

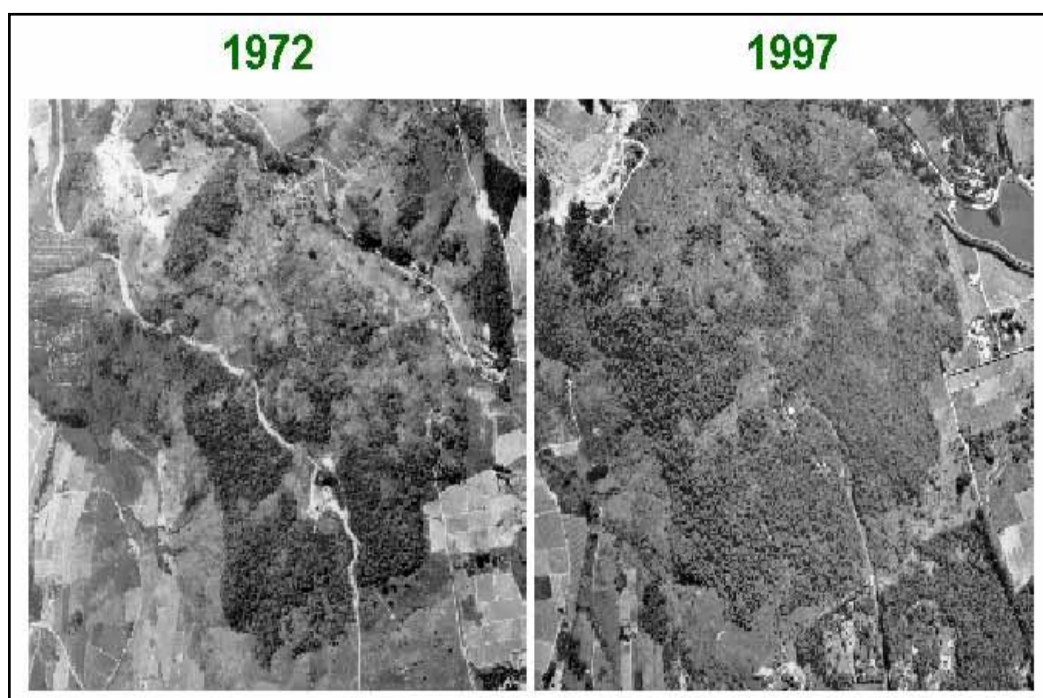


Figura 6: Imagem de satélite da área do OAM
Fonte: EMBRAPA (2012)

A Figura 7 mostra a reduzida intervenção construtiva na área total do OAM, destinada à infraestrutura:

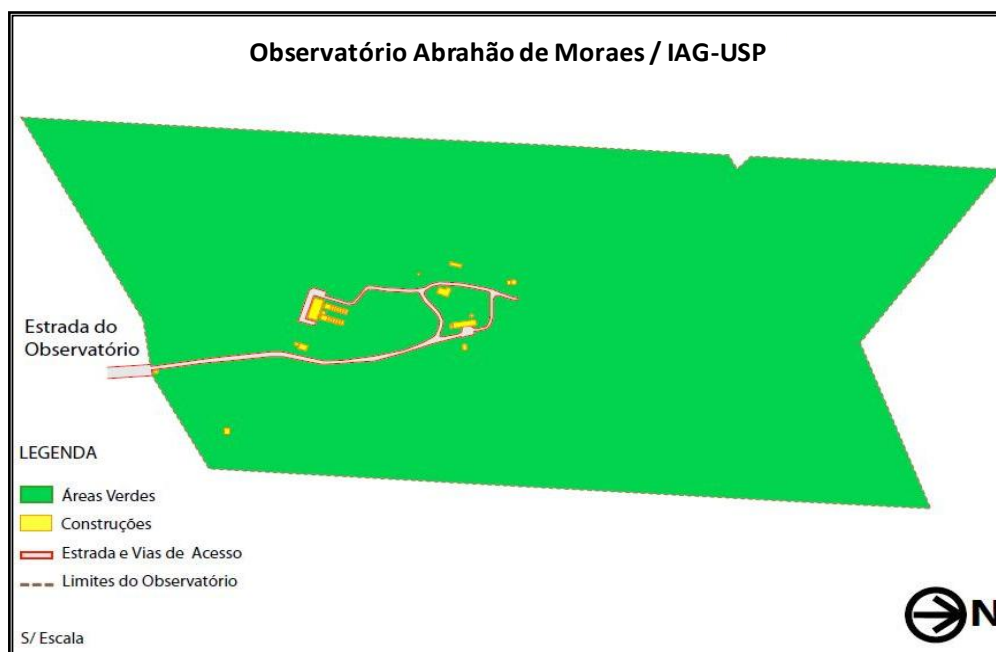


Figura 7: *Croquis* da área do OAM com a infraestrutura
 Fonte: OAM (2009)

Portanto, a presença do OAM no local vem garantindo a preservação ambiental e parte do céu noturno na região. Tais fatos demonstram que o local pode desempenhar atividades turísticas e de lazer, dentro dos limites da lei e da capacidade de carga, para que o impacto dessas atividades não provoquem interferências à fauna e flora locais, ou sejam minimizadas, conforme preceitos de Beni (2003) para a prática de um turismo sustentável.

1.2.2 História e fundação do Observatório

Seu nome é uma homenagem ao professor Abrahão de Moraes⁸ (1915-1970), astrônomo e matemático, ex-professor catedrático da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) e ex-diretor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG), pois foi durante a sua gestão que foi decidida a transferência do Observatório do IAG para Valinhos, conforme Marques dos Santos (1994).

Até a década de 1970 o IAG mantinha um Observatório no Parque da Água Funda, na capital paulista, todavia, com as condições meteorológicas desfavoráveis e a poluição luminosa da cidade, ou seja, excesso de iluminação usual de grandes centros urbanos, o observatório teria que ser transferido para um local menos habitado, porém nos arredores da

⁸ Em homenagem ao Prof. Abrahão de Moraes a União Astronômica Internacional nomeou uma cratera lunar com o nome De-Moraes, além de outro brasileiro homenageado, a cratera Santos-Dumont (OAM, 2009).

cidade (em um raio de 100 km da cidade de São Paulo, onde situa-se a sede do IAG/USP, para facilitar o acesso aos seus pesquisadores), conforme Teixeira (*apud* VALINHOS, 2011).

Com esta finalidade foi realizado um levantamento de dados meteorológicos noturnos, como nebulosidade, direção e velocidade do vento em três cidades paulistas. Esses dados foram colhidos nos aeroportos paulistas de Viracopos (Campinas); Congonhas (São Paulo) e no Centro Técnico de Aeronáutica (São José dos Campos). Após avaliação desses dados e observações *in loco* a partir de alguns sítios na região de Campinas pelos pesquisadores Louis Arbey e Pierre Grudler (Observatório de Besançon, França) chegou-se à conclusão de que a melhor opção seria a região de Viracopos, considerando-se a nebulosidade e a qualidade das imagens obtidas (MARQUES DOS SANTOS, 2005), conforme Tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Comparativo entre aeroportos paulistas do número de noites adequadas à observação astronômica

Locais	Viracopos	Congonhas	ITA/CTA*
Nº Noites tipo A**	189	79	111
Nº Noites tipo B***	223	119	154

* Instituto Tecnológico de Aeronáutica/Centro Técnico de Aeronáutica

** Tipo A: noites com mais de seis horas consecutivas de observação possível

*** Tipo B: noites com mais de quatro horas consecutivas de observação possível

Fonte: Marques dos Santos (2005, p. 158)

De acordo com Marques dos Santos (2005) a partir desses resultados, procurou-se por uma área na região, com um terreno apropriado para a instalação do Círculo Meridiano, ou seja, também foi feito um estudo das condições do solo, pois o local teria que ser adequado para apoiar as fundações de seus pilares sobre rochas, com proteção vegetal para preservação das condições térmicas locais, favoráveis aos instrumentos que seriam instalados. Foi quando surgiu a oferta da área em Valinhos:

Este terreno foi desmembrado da fazenda do Sr. Manoel de Sá Fortes Junqueira, que concordou com uma desapropriação amigável e, na gestão do prefeito Luiz Bissoto, que outorgou sua escritura em 3 de junho de 1971, foi doado à USP pela Prefeitura Municipal de Valinhos (MARQUES DOS SANTOS, 2005, p. 158).⁹

⁹ Grande parte da fazenda Sant'Ana foi desmembrada e vendida, inclusive para a formação de um condomínio. A sede foi conservada e transformada em 1999 na Pousada da Fazenda Sant'Ana, que atende turistas, e mesmo, pesquisadores visitantes do OAM.

O Observatório Abrahão de Moraes foi fundado em 19 de abril de 1972, ocasião em que foi abençoado por D. Paulo Evaristo Arns, com a presença dos responsáveis, autoridades e personalidades locais e o então governador de São Paulo, Laudo Natel, conforme imagem 8, captada junto ao Círculo Meridiano, instalado ali até hoje:



Figura 8: Inauguração do Observatório Abrahão de Moraes em 1972¹⁰
 Fonte: Marques dos Santos (2005)

Entretanto, a região de Valinhos e Vinhedo também cresceu e se desenvolveu. Desta forma, a qualidade do céu noturno do OAM não era mais tão adequada às pesquisas astronômicas, quanto da época da sua fundação, devido à poluição luminosa:

Com o desenvolvimento industrial da região de Valinhos, houve um aumento progressivo da poluição atmosférica, limitando bastante a transparência do céu e contribuindo, também, para o aumento da poluição luminosa resultante do espalhamento da luz da iluminação das cidades vizinhas (MARQUES DOS SANTOS, 2005, p. 164).

Conseqüentemente, em meados da década de 1990, o principal telescópio do local foi transferido para um observatório criado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no município mineiro de Brasópolis. Segundo informações da USP (2009) foi quando o OAM passou por momentos difíceis.

¹⁰ Com a presença (da esquerda para a direita) de: Luiz Bissoto, ex-prefeito de Valinhos; do ex-governador Laudo Natel; Miguel Reale, reitor da USP e Paulo Benevides Soares, responsável pelo IAG; entre outros.

Após a reforma e automatização do Círculo Meridiano em 1995, um dos seus principais telescópios – equipamento até hoje relevante para pesquisas de alto nível - o OAM passou a se revitalizar, também graças à diversificação de suas atividades, como a criação do Laboratório de Astrobiologia (2009), além das atividades de difusão do conhecimento astronômico junto ao público, que, mesmo com oscilações, apresenta crescimento, conforme

Gráfico 1:

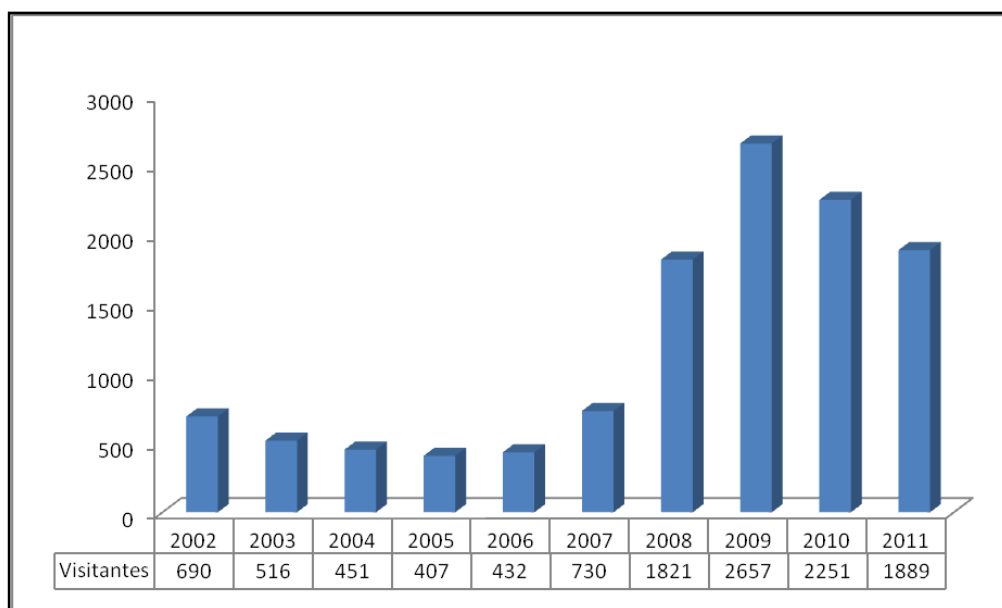


Gráfico 1: Fluxo de Visitantes ao OAM
Fonte: OAM (2012) – elaboração própria.

Assim, de 432 visitantes em 2006 e 730 visitantes em 2007, em 2008 superou 1.800 visitantes, e entre 2009 e 2010 chegou perto de 5.000 visitantes, enquanto que em 2011 foram registrados 1889 visitantes, Nota-se que a partir de 2008, ano em que foi reconhecido como atrativo turístico pelas prefeituras municipais de Valinhos e Vinhedo, houve um expressivo crescimento de atendimento ao público, motivado pela instituição do evento “Noite com as Estrelas”, ou seja, a partir de 2008 as visitas públicas ao OAM poderiam ser também noturnas e regularmente, com atendimento a um público maior.

Além disso, o Observatório foi incluído no “Roteiro Turístico Cultural”, quando recebeu inúmeros visitantes, inclusive turistas, cujo passeio era constituído de visita ao Mosteiro de São Bento e, finalmente ao OAM, pois ambos localizam-se à mesma “Rua do Observatório”, para onde eram transportados, mediante pagamento apenas do frete (Figura 9, a seguir).

Em dezembro de 2007 foi realizada uma visita de monitores de Valinhos, quando o Prof. Rama apresentou a história e as atividades do OAM, visando um posterior atendimento ao público na Festa do Figo em 2008. Entretanto, as fortes chuvas impediram as visitas previstas, que tiveram que ser canceladas, sendo realizada apenas uma visita naquela festa.

Desta forma, o OAM recebeu apenas 33 visitantes procedentes da Festa do Figo (2008), e da Festa da Uva de Vinhedo foram 449 visitantes (2008) e 438 visitantes (2009), totalizando 920 visitantes durante esses eventos.



Figura 9: Chegada de grupo de visitantes da Festa da Uva de Vinhedo no Círculo Meridiano (OAM) com transporte
Fonte: OAM (2008)

Essas visitas diurnas constituíam-se da exposição de alguns telescópios, observações pelo telescópio solar, visitas ao Círculo Meridiano, e palestras sobre “o que é, e o que faz” um Observatório Astronômico. As visitas originárias da Festa da Uva de Vinhedo eram acompanhadas de monitores¹¹ do megaevento, contratados pela prefeitura do município, inclusive entre estudantes da Faculdade de Vinhedo, dos cursos de Turismo e Hotelaria, que recepcionaram e acompanharam visitantes e turistas na festa e nos Roteiros Turísticos,

¹¹ Esses monitores foram selecionados por intermédio de um processo seletivo, que passaram por um treinamento prévio teórico e prático, ou seja, receberam informações dos roteiros, atrações turísticas, e pontos de interesse a serem destacados durante o trajeto, inclusive informações sobre o município. Foram realizadas duas visitas pré-testes, junto com autoridades locais e os gestores de então do Turismo e Cultura de Vinhedo. Tudo isto estabelecido a partir de um projeto da Secretaria de Turismo e Cultura, com o objetivo de incrementar o turismo local.

inclusive o Roteiro Cultural ao Observatório Abrahão de Moraes e ao Mosteiro de São Bento.

Segundo Neusa Barros, uma das entrevistadas, que levou vários grupos de visitantes ao local, essas visitas diurnas (mesmo sem observação astronômica) agradavam aos visitantes.

Durante o trajeto dos roteiros os monitores forneciam informações sobre o município e dos atrativos turísticos aos visitantes. Observa-se, com destaque, o quiosque de informações turísticas (Figura 11) vinculado exclusivamente ao evento. Tal fato ajuda a entender o aumento de visitantes ao OAM neste período.



Figura 10: Palestra de monitores no OAM aos visitantes na 47ª Festa da Uva de Vinhedo
Fonte: OAM (2008)



Figura 11: Quiosque de informações turísticas
Fonte: Autora (2008)

Além desses eventos, o OAM recebeu um grupo com 27 visitantes, também em 2009, do “Encontro de Motos” em Vinhedo, outro evento anual importante da cidade.

Nessas visitas ao OAM eram todos recepcionados por monitores do OAM (colaboradores e voluntários¹²), que acompanhavam o público de diversas faixas etárias e perfil, e forneciam informações didáticas, conforme Figuras 12 e 13:

¹² Estudantes do IAG-USP.



Figuras 12 e 13: Explicação dos monitores junto ao público e detalhe dos telescópios.
Fonte: OAM (2008)

As observações astronômicas *in loco* sofrem influências das condições climáticas, tanto para a pesquisa científica, bem como aquelas realizadas pelos visitantes, gerando flutuações no número de visitantes. O decréscimo do número de visitantes ao OAM em 2011 deveu-se às fortes intempéries nos primeiros meses do ano, que inclusive provocaram repetidas enchentes na região, fato incomum. Desta forma, o evento “Noite com as Estrelas” foi suspenso temporariamente por aproximadamente três meses, e restabelecido apenas a partir de março de 2011.

Outro fato a elucidar no gráfico 1 é o ápice registrado em 2009 com 2.657 visitantes ao OAM, devido ao Ano Internacional da Astronomia 2009 (IYA2009), instituído em 2007 na Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU), cujos logos e atividades foram amplamente divulgados em *sites* ligados à Astronomia, inclusive da UNESCO conforme já exposto (Figuras 14 e 15):



Figura 14: Logos do IYA2009
Fonte: UNESCO (2012)

Figura 15: Logo IYA2009
Fonte: IAG (2012)

A ideia partiu de uma proposta da Itália para a União Astronômica Internacional (IAU), com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com a adesão de 140 países que participaram da iniciativa oficializada pela ONU e de observatórios espalhados pelo mundo, inclusive o OAM.

Desta forma, a adesão do OAM ao evento constituiu-se na abertura oficial do IYA2009 nas suas dependências, com palestras também no Teatro Municipal de Vinhedo e em Valinhos sob o título “Observando o céu e construindo o conhecimento astronômico” (anexo G), além do evento “Noite com as Estrelas”.

Entre as principais metas do Ano Internacional da Astronomia destaca-se:

- a) “Promover amplo acesso ao conhecimento universal da ciência através da empolgação da Astronomia e de observações do céu;
- b) Promover comunidades astronômicas em países em desenvolvimento através de colaborações internacionais;
- c) Apoiar e melhorar o ensino formal e informal de ciências em escolas, centros de ciências, museus e planetários;
- d) Apoiar a preservação e a proteção dos recursos culturais e naturais, como a herança do céu escuro, através de campanhas de combate à poluição luminosa;
- e) O cumprimento destes objetivos será conseguido com atividades nacionais, regionais e globais.” (UNESCO, 2012).

Além disso, a meta principal para 2009 era a de “Proporcionar a pelo menos um milhão de cidadãos brasileiros a sua primeira visão do céu através de um telescópio” (UNESCO, 2012). Assim, as atividades promovidas pelo OAM, inclusive no IYA2009, vêm contribuindo para o cumprimento desses objetivos traçados pela UNESCO em 2007.

Com a finalidade de ilustrar os marcos históricos do OAM, segue o Quadro 1:

EVENTO	DATA	OBSERVAÇÕES
Fundação do OAM	19 abr 1972	Presença do governador Laudo Natel, reitor da USP, diretor do IAG, autoridades locais.
Início atendimento ao público	1990	Esporadicamente
Automação do Círculo Meridiano	1995	Após o doutorado do Prof. Ramachrisna em Bordeaux, onde há outro equipamento desse tipo, cujas imagens propiciaram um atendimento ao público mais consistente.
Evento Portas abertas	1998	
Estágio remunerado de professores de Ciências da rede pública da região	1998	Professores de Valinhos, Vinhedo, Louveira, Jundiaí, Itatiba e Campinas para formação sobre astronomia.
Festas da Uva (Vinhedo) Festa do Figo (Valinhos) Encontro de Motos (Vinhedo)	2008-2009 2008-2009 2009	<ul style="list-style-type: none"> • Parceria com a prefeitura de Vinhedo • Atendimento aos visitantes, inclusive turistas
Abertura oficial do evento mensal “Noite com as Estrelas”	13 jun 2008	<ul style="list-style-type: none"> • Atendimento noturno ao público de forma regular

EVENTO	DATA	OBSERVAÇÕES
OAM – ponto turístico	A partir de 2008	<ul style="list-style-type: none"> • Valinhos e Vinhedo
IYA2009	2009	<ul style="list-style-type: none"> • Abertura do evento no OAM • Palestras do Prof. Ramachrisna no OAM e em espaços públicos de Vinhedo e Valinhos • Fim da parceria com a prefeitura de Vinhedo • Início da parceria com a prefeitura de Valinhos
Aprovação do projeto do novo Laboratório de Astrobiologia	2009	Anúncio na mídia regional e nacional
Início instalação do AstroLab Aprovação pela USP da criação do Núcleo de Pesquisa em Astrobiologia (NAP/Astrobio) Associação do NAP/Astrobio à Rede Européia de Associações de Astrobiologia (EANA)	2011	<ul style="list-style-type: none"> • Chegada de equipamentos • Sediado no AstroLab-OAM, reunindo pesquisadores da USP e outras instituições do Brasil e exterior
Início atividades do AstroLab Associação do NAP/Astrobio como parceiro internacional do Instituto de Astrobiologia da NASA (NAI)	2012	
Evento “Portas Abertas”	28 abr. 2012	<ul style="list-style-type: none"> • Comemoração dos 40 anos da sua fundação¹³ com várias atividades dedicadas às Ciências, para atendimento ao público em geral • Apesar das condições climáticas desfavoráveis foram registrados 882 visitantes.

Quadro 1: Cronologia dos principais marcos e eventos do OAM

Fontes: OAM (2012), Galante (2012), Departamento de Turismo de Valinhos (2012) – elaboração própria (2012).

Administração

O Observatório e o quadro de funcionários estão formalmente vinculados ao Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG/USP), ou seja, todos os funcionários são servidores públicos, sob regime Celetista.

Conta com um quadro reduzido de recursos humanos, composto por sete pessoas, a saber: Diretor Responsável (Prof. Dr. Ramachrisna Teixeira); técnica para assuntos administrativos; técnico de Laboratório; técnico em Informática; 2 zeladores e auxiliar em serviços gerais.

Todas as visitas do público diurnas e noturnas contam com pelo menos um monitor. As visitas noturnas e nas Festas do Figo de Valinhos e da Uva de Vinhedo (edições 2008-2009), e no evento noturno “Noite com as Estrelas” são acompanhadas por alguns estudantes

¹³ Flyer em Anexo H

do IAG/USP. Esses alunos fazem trabalho voluntário possível graças à parceria com a Secretaria de Turismo e Cultura, ou seja, transporte de São Paulo até o Observatório (ida e volta) com veículo cedido pela Prefeitura (de Vinhedo, 2008-2009 e a partir de então, de Valinhos), e uma ajuda de custo para alimentação do IAG.

Instalações e infraestrutura¹⁴

A infraestrutura é constituída de edificações que comportam os equipamentos, como as edificações com *roll-offs* (tetos retráteis) leste e oeste, que abrigam os telescópios *Prometeu* e *Argus*. Além disso, há uma edificação com auditório, salas de trabalho, administração, copa e sanitários. No local está sendo instalado o novo laboratório de Astrobiologia, que promoverá um rearranjo do *layout*, e talvez expansão das edificações. Mais detalhes da infraestrutura atual encontram-se no *Croquis* (anexo E), e dos equipamentos e para que atividades são utilizados no quadro: Equipamentos de usos múltiplos do OAM (anexo F).

Devido à distância de São Paulo, da Universidade de São Paulo e do IAG, e pelo fato de que o período destinado às observações astronômicas é o noturno, o Observatório possui instalações para os pesquisadores que desenvolvem estudos mais extensos no centro, utilizados também pelos monitores durante o “Noite com Estrelas”. O OAM possui dois alojamentos e uma casa, que abrigam cerca de 10 pessoas.

Considerando-se que o OAM atua também como difusor científico junto ao público visitante, sejam eles, estudantes de escolas – locais ou de outras regiões ou estados, geralmente no período diurno - o que o configura como Observatório Didático; ou o público em geral, principalmente no evento regular mensal “Noite com as Estrelas”, atuando como Observatório de Divulgação Científica, conforme Langhi (2009), Linhares (2011), entre outros, o equipamento deveria atentar para a acessibilidade dos visitantes.

Para finalizar a descrição estrutural do OAM, prossegue-se abaixo com a história do Laboratório de Astrobiologia, informações sobre essa Ciência e projetos futuros.

¹⁴ Conforme *Croquis* (Anexo E) e informações dos gestores do OAM (2011; 2012).

1.2.3 Novo Laboratório de Astrobiologia¹⁵

Em 2009 foi amplamente difundida na mídia brasileira a notícia de que seria instalado em Valinhos em 2010, o primeiro Laboratório de Astrobiologia do Hemisfério Sul. Como por exemplo, foi noticiado em 2009, de que dia 20 de agosto de 2009 havia sido oficialmente definida a instalação do laboratório de Astrobiologia (DIÁRIO OFICIAL, 2009; JUSBRASIL, 2009; JORNAL DE CORREIO PIRACICABANO, 2009; JORNAL DE VINHEDO, 2009; USP, 2009; entre outros). “Trata-se, não apenas do primeiro laboratório deste tipo no Brasil, como também em todo o hemisfério sul do planeta, que abrangerá pesquisas científicas de ponta voltadas para a origem da vida (TEIXEIRA, 2009).”

Porém, nesse ínterim foram criados outros laboratórios desse gênero inaugurados recentemente, na Austrália e na Colômbia em 2010. Portanto, esse será o primeiro laboratório profissional de Astrobiologia no país (GALANTE; RODRIGUES, 2011; BRAZILIAN SPACE, 2011).

A criação do primeiro laboratório de Astrobiologia do país se deu a partir do doutorado de Douglas Galante em 2004-2009 (USP-IAG), que produziu a primeira tese de Astrobiologia sob o aspecto teórico no país. Simultaneamente, Ivan Paulino Lima da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), realizava experimentos práticos na área, que defendeu a sua tese em 2010, também na área de Astrobiologia.

Desta forma, os dois pesquisadores começaram a trabalhar em cooperação mútua, e para o desenvolvimento dessas pesquisas utilizavam laboratórios diferentes, inclusive no exterior como na Inglaterra e Irlanda, além do Laboratório Nacional de Luz Síncroton de Campinas (LNLS), que por muito tempo era o único laboratório do Hemisfério Sul, até hoje muito utilizado por pesquisadores brasileiros e da América do Sul, a exemplo do Dr. Fabio Rodrigues, que fazia o seu pós-doutorado na Unicamp.

No seu pós-doutorado, Douglas Galante, desenvolveu o projeto da construção de uma Câmara de Simulação Planetária para possibilitar os experimentos em condições extremas. Porém, também necessitava da infraestrutura de um laboratório para servir de apoio, que combinou com o interesse de outros pesquisadores na construção de salas “limpas”.

A partir disso, surgiu a ideia de criar um laboratório que atendesse essas necessidades e interesses. Com a aprovação do projeto, foi criado o Núcleo de Pesquisa em Astrobiologia

¹⁵ Entre outras fontes referenciadas, a maioria das informações deste tópico tem origem na entrevista semiestruturada concedida à autora em 18/07/2011, às 16hs com Dr. Douglas Galante e com Dr. Fabio Rodrigues, dois dos responsáveis pelo projeto de implantação do novo Laboratório de Astrobiologia, nas dependências do OAM.

(NAP-Astrobio), que hoje, conta com 16 pesquisadores da USP, além de 20 colaboradores fora da USP.¹⁶

A Astrobiologia não é uma ciência nova, originou-se na Guerra Fria, quando foi criada tecnologia para estudar ambientes diversos. Essa ciência possui um apelo não apenas no meio científico, como também em toda a sociedade, o que justifica os programas espaciais bilionários americanos e russos, entre outros, conforme Galante e Rodrigues (2011).

O AstroLab (Laboratório de Astrobiologia) servirá para pesquisas científicas nacionais e internacionais, o que contribuirá para procurar respostas em torno da origem do Universo e para as três principais questões da Astrobiologia: “Como a vida surgiu e evoluiu no nosso planeta? Existe vida fora da Terra? Qual o futuro da vida aqui e nos outros corpos celestes?” (GALANTE, RODRIGUES, 2011).

O objetivo é que o laboratório seja usado pela comunidade científica nacional e internacional em pesquisas teórico-experimentais, contribuindo para o avanço do conhecimento em questões diversas da astrobiologia, ciência que envolve conceitos de astronomia, biologia molecular, química, meteorologia, geofísica e geologia (GALANTE, 2011).

De acordo com Galante (2012) o AstroLab objetiva estudar a diversidade microbiológica de ambientes extremos da Terra e testar a capacidade de sobrevivência de micro-organismos extremófilos em condições planetárias e espaciais simuladas em laboratório.

O Laboratório de Astrobiologia irá simular, por exemplo, atmosferas de Titã (lua de Saturno) e do planeta Marte com o objetivo de pesquisar o comportamento de extremófilos, ou seja, organismos que conseguem sobreviver, ou mesmo, necessitam fisicamente de condições geoquímicas extremas, prejudiciais à maioria das outras formas de vida na Terra.

“A busca por exoplanetas (planetas que ficam fora do Sistema Solar) são a saída para os habitantes da Terra. Hoje a Terra é habitável, mas um dia não será mais, o que nos obrigará a sair daqui”, conforme Teixeira (*apud* BRAZILIAN SPACE, 2011, s.p.).

¹⁶ “Em janeiro de 2012 o Núcleo de Pesquisa em Astrobiologia, fisicamente baseado no Laboratório de Astrobiologia do Observatório Abrahão de Moraes, firmou parceria internacional com o Instituto de Astrobiologia da NASA (NAI), com o intuito de fomentar o intercâmbio internacional de pesquisadores e alunos entre Brasil e Estados Unidos, para acelerar o desenvolvimento dessa nova área de pesquisa no país. O acordo internacional vem se somar a outros esforços de intercâmbio, como o firmado com a Rede Europeia de Associações de Astrobiologia (EANA) no ano anterior, mostrando que a astrobiologia é uma excelente oportunidade de romper barreiras internacionais para produzir ciência de alta qualidade (GALANTE, 2012)”.

“O AstroLab é o laboratório (espaço físico) onde os pesquisadores trabalham. Por sua vez, o NAP/Astrobio possui um *status* semelhante com o de um centro de pesquisa independente, com verba própria, é uma entidade vinculada à USP. Graças a esse Núcleo foi possível firmar parcerias internacionais com a NASA e a EANA (GALANTE, 2012)”.

O astrônomo Ronaldo Mourão, fundador do Museu de Astronomia do Rio de Janeiro, concorda com seu colega que, antes disso, a própria humanidade se encarregará de acabar com as condições de vida por aqui e, lembra ainda que:

[...] nos próximos 5 bilhões de anos o Sol deverá se transformar em uma estrela gigante vermelha, destruindo a Terra. Só a ciência e a tecnologia conseguirão salvar a humanidade, nos oferecendo uma nova saída. Graças a elas, viveremos uma evolução muito grande e poderemos mudar de planeta (MOURÃO *apud* BRAZILIAN SPACE, 2011, s.p.).

Pretende-se tornar o AstroLab em um Centro de Astrobiologia e aumentar a colaboração com pesquisadores estrangeiros, permitindo um intercâmbio com eles para que possam vir para cá e utilizar os equipamentos e da mesma forma para que pesquisadores brasileiros possam realizar pesquisas em outros equipamentos não disponíveis aqui, o que em Ciências é comum esse tipo de intercâmbio em todos os níveis, desde alunos de graduação, até os mais graduados. Atualmente, já existe cooperação mútua com pesquisadores da Argentina, Chile, Estados Unidos, com a *National Aeronautics and Space Administration* (NASA), e da Europa, como o Centro de Astrobiologia da Espanha, e pesquisadores ingleses, alemães, entre outros (GALANTE; RODRIGUES, 2011).

Para compreender a visão dos administradores do OAM e as possíveis funções sociais do laboratório, questionou-se prioritariamente aos pesquisadores, se eles acreditavam que o AstroLab poderá refletir na demanda para conhecer o OAM e os municípios de Vinhedo/Valinhos (apêndice A).

Nesse sentido, segundo Galante e Rodrigues (2011), da mesma forma como já ocorre hoje no OAM, que funciona como espaço de difusão científica, o projeto do futuro Centro de Astrobiologia estará voltado também à divulgação e ensino científico. A ideia é futuramente a implantação de um Parque de Ciências no local, com a finalidade de receber pesquisadores e estudantes das diversas áreas correlacionadas, bem como o público em geral. Para os pesquisadores, a Astrobiologia vem atraindo interesse no meio científico e no mundo acadêmico, e pode-se também dizer, do grande público, devido à divulgação pela mídia.

Levando-se em conta o fato de que o laboratório de Astrobiologia encontra-se em implantação desde 2011, sua história está sendo escrita e realizada, a partir da idealização dos projetos já aprovados ou em fase de aprovação, bem como de outros em gestação. A partir disso, determinarão a sua história, e os seus resultados, o seu futuro.

1.2.4 Atividades principais do OAM

Conforme já citado, os Observatórios podem ser classificados de acordo com suas atividades e características (LINHARES, 2011). Embora as atividades desenvolvidas sejam essencialmente de pesquisas científicas, o OAM atua ainda como laboratório didático para estudantes de Física e Astronomia do IAG/USP. Também recebe pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que utilizam os seus telescópios, inclusive remotamente. Por exemplo, em 2011 houve a presença de uma delegação chinesa no OAM para a realização de observações de satélites artificiais vivos e mortos, conforme Teixeira (2012).

Além disso, é realizado um relevante trabalho de divulgação científica por meio de visitas em horários previamente estabelecidos, funcionando, portanto, como espaço de lazer cultural tanto aos residentes, como aos turistas de outras localidades.

Dessa maneira, o OAM funciona como espaço de:

- a) Laboratório de Pesquisas Científicas (astronômicas e em astrobiologia);
- b) Laboratório de Difusão Científica;
- c) Programa Educacional Telescópios na Escola (TnE);
- d) Laboratório Didático;
- e) Estação Sismográfica e Geomagnética;
- f) Estação Meteorológica Automática (EMA), em implantação, que possibilitará pesquisas na área de Ciências Atmosféricas.

Como o foco deste estudo busca a associação da prática do turismo e do lazer em um observatório astronômico, o item em destaque é o “Laboratório de Difusão Científica” do Observatório Abrahão de Moraes, ou seja, o recorte de análise contempla preponderantemente as atividades desenvolvidas quanto à divulgação científica realizada pelo equipamento por meio das visitas públicas.

O OAM atua como expressivo agente de difusão científica junto à população da região e visitantes de outras localidades, conforme Gráfico 2. As visitas podem ser diurnas e noturnas, constituídas por escolares, avulsas e em grupos. Assim, funciona como espaço de lazer e turismo cultural, como por ocasião dos megaeventos anuais Festa do Figo de Valinhos e Festa da Uva de Vinhedo em 2008-2009, por meio dos roteiros turísticos organizados pelas Prefeituras Municipais, quando há enorme confluência de visitantes, procedentes da região, de outros municípios, e também de outros estados.

Além disso, conforme já referido, o OAM promove o evento “Noite com as Estrelas”, principal atividade de divulgação científica. Trata-se de um evento gratuito regular realizado quase que mensalmente, desde 2008 com duração de 1 hora a 1,5 hora.

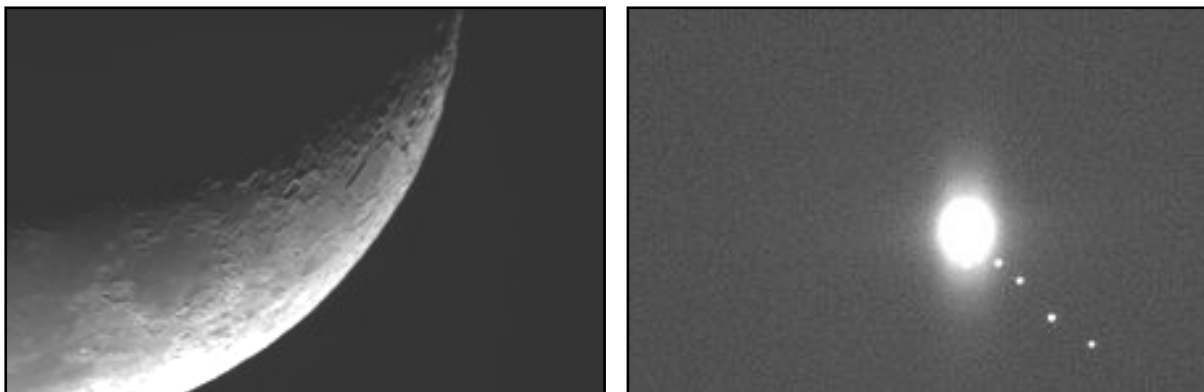
Acessível ao público em geral, sem distinção de perfil, no número máximo de 35-40 pessoas por turno, às sextas, sábados e domingos mais próximos da lua crescente, com três horários disponíveis no inverno porque escurece mais cedo, isto é, às 18h00, às 19h30 e às 21h00 e apenas dois horários no verão, 19hs e 20h30. Estes horários são determinados principalmente devido à possibilidade de se observar a lua acima do horizonte na primeira metade da noite, horário conveniente também às crianças.

A atual capacidade de carga de 35-40 pessoas por visita é calculada com base na infraestrutura disponível hoje, ou seja, número de assentos no auditório, portanto são no máximo 120 visitantes por dia ou 360 por mês, para este evento. O público é atendido em turmas pré-agendas, pelos telefones (19) 3876-1444 e (19) 3886-4439, que poderá observar a Lua e outros corpos celestes interessantes que estiverem visíveis na ocasião, como planetas e galáxias, entre outros (Figuras 16 e 17).



Figuras 16 e 17: Observação *in loco* durante o “Noite com as Estrelas” no OAM.
Fonte: Autora (2009; 2012)

Em caso de chuva, ou mal tempo, é realizada uma palestra com o público sobre astronomia e o observatório, ou a exibição de imagens captadas no OAM (Figuras 18 e 19), ou de um filme temático. Nessas noites são feitas explicações descontraídas, também a respeito de observações e reconhecimento do céu a olho nu.



Figuras 18 e 19: A Lua e Júpiter com 4 luas Galileanas¹⁷
Fonte: OAM (2009)

Analisando-se o **Gráfico 2** nota-se que o “Noite com as Estrelas” registra o maior afluxo de visitantes, ou seja, 62,15%. Desta forma, atualmente, as atividades de disseminação científica no OAM são centradas principalmente no evento noturno.

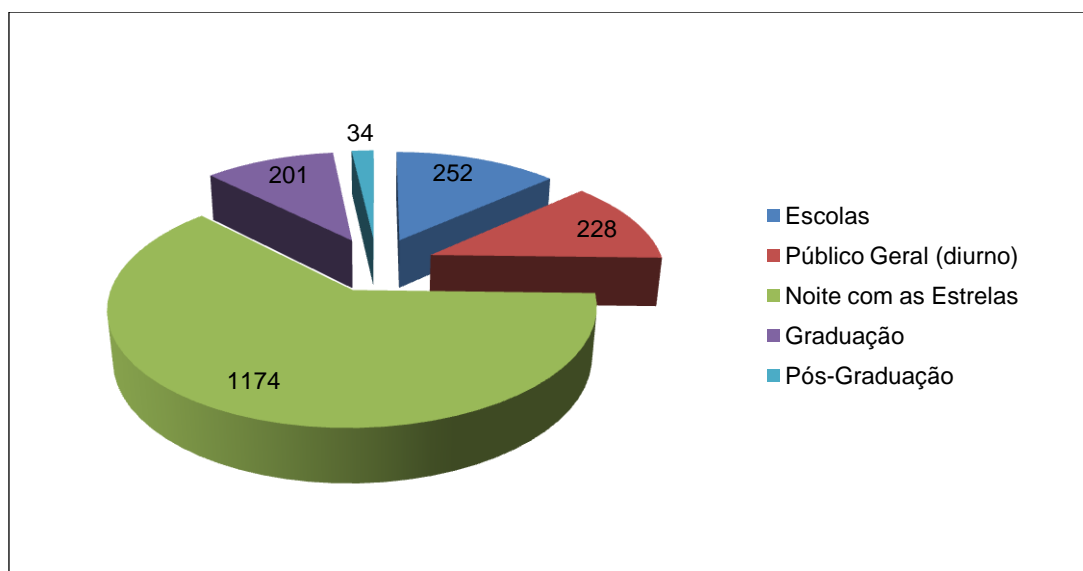


Gráfico 2: Distribuição do público visitante em 2011
Fonte: OAM (2012)

¹⁷ Imagens captadas no OAM pelo telescópio *Argus*.

Em segundo lugar, o OAM recebeu um total de 487 estudantes, entre eles graduandos e pós-graduandos do IAG. Dessa totalidade, 252 alunos de escolas, a maioria da região, funcionando, portanto, como um equipamento didático, preenchendo, neste caso, uma lacuna do ensino formal das escolas de ensino fundamental e médio quanto a noções de astronomia, além de representar uma oportunidade de conhecer ao vivo um observatório astronômico e parte da sua infraestrutura.

Entretanto, como a maioria dessas visitas didáticas é realizada no período diurno, portanto, durante o horário letivo, neste caso específico, seria impróprio afirmar que seja uma atividade de lazer, pois os alunos não o devem fazer por livre-escolha, mas, por sugestão ou imposição dos professores que os acompanham, ou da necessidade de completar conhecimentos teóricos e práticos aos estudantes de física e astronomia.

Os demais visitantes (228) foram professores, estudantes de faculdade da região e visitantes da “Virada Cultural” de Valinhos, entre outros (OAM, 2012).

O Gráfico 3 apresenta a procedência dos visitantes ao OAM, ou seja, a grande maioria (62%) é da comunidade local (Valinhos e Vinhedo); 23% são da capital; 11% de Campinas e 4% de outras regiões. Entretanto, a presente pesquisa não tem como objetivo identificar o número de turistas, e sim, analisar o fenômeno social compreendido pelas atividades de um observatório astronômico junto ao público.

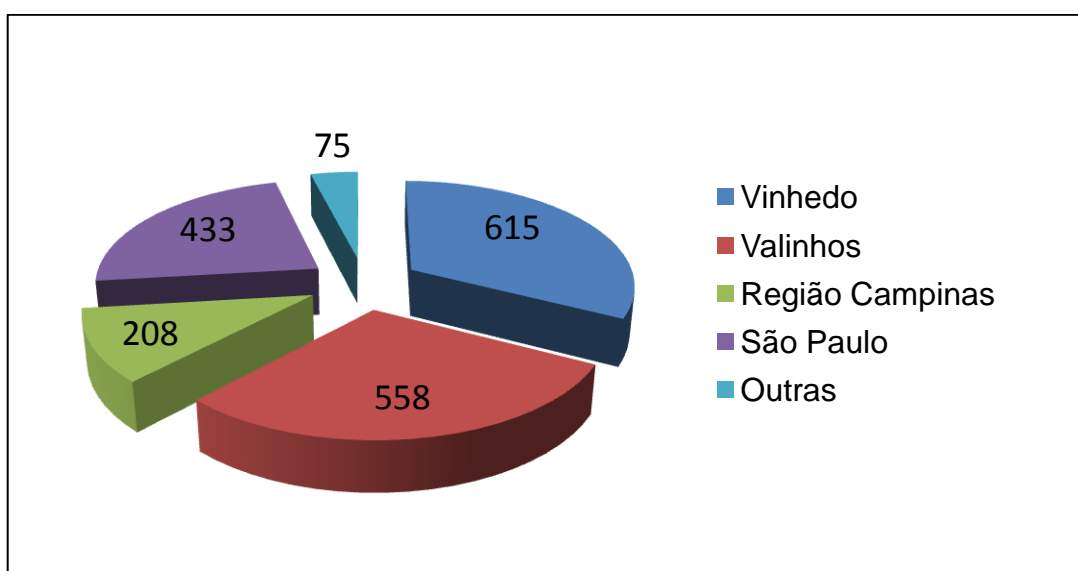


Gráfico 3: Procedência do público visitante em 2011
Fonte: OAM, 2012.

As atividades de divulgação científica e cultural realizadas no Observatório Abraão de Moraes acima mencionadas – quando direcionadas a turistas - atendem uma das definições do turismo cultural do Ministério do Turismo:

Em primeiro lugar refere-se ao conhecimento, aqui entendido como a busca em aprender e entender o objeto da visitação; e em segundo corresponde a experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do objeto de visitação (MTUR, 2006, p. 17).

Assim, o evento cultural específico “Noite com as Estrelas” proporciona uma vivência ou experiência única, possível em um observatório astronômico. Da mesma maneira, o OAM atende ainda à concepção de Camargo (1992) no que tange à educação não-formal possível no lazer socioeducativo, detalhada no Capítulo 2.

1.3 Observatórios Astronômicos e o turismo

Desde os primórdios das civilizações humanas observa-se o céu e os fenômenos naturais a ele relacionados, em busca de respostas aos questionamentos primais da sua origem e da origem do universo. Como evidência material das observações primitivas do céu é possível citar as ruínas de observatórios pré-históricos, testemunhas seculares do interesse cultural humano nas observações celestes, como o emblemático *Stonehenge*, na Inglaterra (Imagem 23), além das ruínas de Göbekli Tepe, na Turquia, hoje, considerado o templo¹⁸ mais antigo do mundo, estimado em 11,6 mil anos, ou seja, cerca de 7 mil anos anterior a Stonehenge. Segundo a notícia divulgada recentemente, o local talvez tenha sido um “protótipo” do turismo:

Após um instante de deslumbramento, os turistas no sítio desembestam a fotografar com câmeras e celulares. Onze milênios atrás, ninguém tinha equipamento digital, é claro. Fora isso, as coisas mudaram menos do que se poderia pensar. A maioria dos grandes centros religiosos do mundo, no passado e no presente, é destino de peregrinações - Vaticano, Meca, Jerusalém, Bodh Gaya (onde Buda atingiu a iluminação), Cahokia (o enorme complexo dos nativos americanos próximo a St. Louis). São monumentos para viajantes espirituais, muitos deles vindos de longe para se admirar e se comover. Göbekli Tepe pode ter sido o primeiro desses centros, o protótipo. E sugere, ao menos para os arqueólogos que lá trabalham, que a noção do sagrado - sem falar da queda dos seres humanos por um bom espetáculo - pode ter ensejado a própria civilização (MANN, 2011, s.p.).

¹⁸ Desde tempos remotos, religião (crenças e mitos) e astronomia confundem-se na história das culturas das civilizações humanas, inclusive entre povos indígenas, como os ameríndios (astecas e maias).

Além deles, *Carnac*, *Menhirs*, *Tikal*, *Machu Pichu*, *Cusco*, *Arkaim*, *Jantar Mantar* e *Woodhenge* são considerados observatórios arqueoastronômicos (LINHARES, 2011). Conforme o autor, desde a Antiguidade:

[...] os homens não olhavam o céu apenas para observar, mas também para entender e estudar aquilo que era observado. Surgiram assim, locais fixos para observação, contemplação e estudo do céu, verdadeiros observatórios astronômicos, construídos com pedras dispostas em locais estratégicos, formando padrões geométricos regulares. Vários desses observatórios estão preservados até hoje (LINHARES, 2011, p. 34).



Figura 20: Amanhecer do solstício em Stonehenge
Fonte: Alexander (NASA, 2008).

Estes observatórios (e/ou templos) citados, alguns em ruína, alguns elevados a patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO, são atrativos por si próprios, e destinos de milhares de turistas no mundo, conforme corrobora San Blas (STARLIGHT, 2007, p. 26):

*The cultural heritage associated with astronomy also constitutes the motivation of many travellers nowadays. They are already many places and destinations consolidated in heritage related with astronomy, including archaeoastronomy heritage, an excellent example of attracting tourism.*¹⁹

Da mesma forma, observatórios contemporâneos que disponibilizam visitas públicas também constituem atrativos turísticos, atraindo milhares de visitantes pelo mundo, que geralmente tem a oportunidade peculiar de realizar observações astronômicas *in loco* por meio de telescópios, como por exemplo, *Mauna Kea Observatories* (Figura 21), no Havaí, o

¹⁹ “Em nossos dias, o patrimônio cultural associado à astronomia também constitui a motivação de muitos viajantes. Já são muitos lugares e destinos consolidados quanto ao patrimônio relacionados à astronomia, incluindo a arqueoastronomia, um excelente exemplo de atração turística” (STARLIGHT, 2007, p. 26 - tradução livre).

Observatory/Planetarium Stardome, em Auckland, Nova Zelândia; no Brasil, o novo Polo Astronômico (Observatório e planetário) de Itaipu em Foz de Iguaçu, o Observatório Abraão de Moraes (OAM), entre tantos outros.

A imagem 21, a seguir, captada junto aos Observatórios de Mauna Kea, é um exemplo contundente de um céu noturno preservado, onde se pode visualizar a Via Láctea, em todo o seu esplendor:



Figura 21: *Mauna Kea Milky Way Panorama*
Fonte: Pacholka (NASA, 2009).

Vale ressaltar que o turismo ou o lazer em análise nesta pesquisa podem ser praticados também em outros espaços (artificiais ou naturais) propícios à observação e contemplação do céu, com ou sem equipamentos apropriados a esse fim, como telescópios, binóculos, lunetas – fixos ou portáteis (itinerantes), em antigos templos ou em outras localidades, inclusive a céu aberto, preferencialmente em alta altitude e afastadas de grandes centros urbanos, devido à poluição luminosa e atmosférica, conforme imagem, a seguir:



Figura 22: Observadores do céu noturno ao ar livre.
Fonte: Astroturismo (2012)

Nota-se - em termos não acadêmicos - que esta modalidade de turismo recebe várias denominações: “turismo astronômico”; “astroturismo”; “turismo científico”; “turismo pedagógico”- conforme veiculado na mídia e nos sites das localidades ou dos próprios

equipamentos - e até “*terrestrial space tourism*” (CROUGH, 2005)²⁰. O “astroturismo” é definido, por exemplo, como: “*Excursiones al cielo turísticas, recreativas y educativas nocturnas para disfrutar de uno de los espectáculos más hermosos de nuestro mundo: **Una noche estrellada***”²¹ (ASTROTURISMO, 2011 – grifo da fonte)”.

Também vale ressaltar que, o assim denominado, “turismo espacial²²”, embora muito menos acessível e corriqueiro, é um fenômeno perfeitamente entendível e disseminado, inclusive no meio acadêmico, enquanto que o turismo praticado para observação de astros ou de outros objetos no céu – a partir da terra - não exista, ainda, uma expressão exclusiva.

É digno de nota que essas terminologias citadas, embora sejam específicas, não são unânimes, porque ainda hoje, nenhuma delas é utilizada universalmente (com raras referências acadêmicas nacionais e internacionais) para denominar este fenômeno turístico em particular. Assim, mediante essas ponderações, e as de Beni (2003, p. 93) de que “[...] a interpretação do patrimônio natural e cultural trabalha de forma integrada a biodiversidade, [...]”, que ocorre no turismo cultural, e considerando-se o céu noturno como patrimônio natural, conforme o exposto no item 1.3.1, adotar-se-á aqui, *a priori*, a terminologia “turismo cultural” para nomear o fenômeno turístico em pauta, denominação que pode abarcar inúmeras modalidades de turismo, porém justificável, com base no exposto e nas considerações dos autores referidos no Capítulo 2 (BARRETTO, 2002; 2007; BENI, 2003; CRUZ, 2001; 2003; MOESCH, 2000; PIRES, 2002).

As observações astronômicas *in loco* necessitam de condições ambientais favoráveis para a sua realização, pois dependem da limpidez do céu noturno. Assim, conforme Linhares (2011), geralmente os observatórios astronômicos são instalados distantes de centros urbanos, que geram a poluição luminosa; em locais de elevada altitude - no alto de montanhas ou serras - e preferencialmente em locais de clima seco ou desértico, com baixa umidade relativa do ar.

O deserto do Atacama, no Chile apresenta essas condições ideais às observações astronômicas, e por isso, conta com a presença de inúmeros observatórios astronômicos utilizados por vários países, inclusive o Brasil, a exemplo do diretor do OAM, Prof. Dr. Ramachrisna Teixeira, que realiza também observações no *European Southern Observatory* (ESO) em La Silla, no Chile, e afirma que:

²⁰ (Turismo espacial “terrestre”). Esta é uma das raras referências acadêmicas encontradas que se refere a este fenômeno, embora utilizando-se de uma expressão peculiar.

²¹ “Excursões noturnas ao céu, turísticas, recreativas e educativas para desfrutar de um dos espetáculos mais belos do nosso mundo: **Uma noite estrellada**” (Tradução livre).

²² O astronauta brasileiro Marcos Pontes, por exemplo, já criou uma empresa de turismo espacial, cuja missão “[...] é ajudar pessoas a realizarem seus sonhos de vida (AGÊNCIA MARCOS PONTES, 2012, s.p.)”.

O Brasil é próximo do Chile, país que tem o melhor céu do mundo. Muitos de nossos pesquisadores fazem seus estudos por lá, o fato de se fazerem observações em outros países não esfria nem desmerece a produção nacional na área. As observações são feitas fora, mas todo o trabalho é desenvolvido aqui. Isso é apenas uma etapa (TEIXEIRA *apud* USP, 2012, s.p.).

No aspecto ambiental, a presença do OAM é relevante à preservação do meio ambiente, além da qualidade do céu noturno no local, como será elucidado no item 1.3.1, a seguir. Além disso, analisam-se as atividades de divulgação científica do OAM na perspectiva da sua contribuição ao desenvolvimento sustentável da comunidade, ou seja, nas atividades de lazer e de turismo de maneira responsável e sustentável.

1.3.1 O céu noturno: um patrimônio mundial ameaçado e atrativo turístico

Conforme já referido, desde tempos remotos, o ser humano observa o céu e os fenômenos naturais a ele relacionados, em busca de respostas aos questionamentos da sua origem e do universo. Busca, também, interpretar as leis físicas que norteiam o universo para auxiliá-lo, como por exemplo, na agricultura, na caça, na pesca e na navegação marítima, a exemplo dos tempos das Grandes Navegações nos séculos XIV e XV, entre outras atividades cotidianas.

O interesse pela astronomia contempla campos muito amplos e distintos como ciências, filosofia, religião e cultura. Embora o céu noturno integre a realidade cotidiana e o interesse científico dos seres humanos - em todos os tempos, em todas as sociedades - vem sofrendo contemporaneamente as consequências da poluição luminosa, conforme ressaltado por Marín e Jafari (2007, p. 59 – grifo dos autores):

Since the oldest ages, night sky observation was a basic dimension in all cultures worldwide. From Aristotle to Galileo, from Ur to Mesa Verde, astronomy has marked the pace of science history and of the cultural perception of the world. Several peoples' identities were based on cultural expressions related with stars. Major exploration and trade routes have been traced using stars as references. But we are nowadays facing a new situation, where we risk limiting our astronomical culture to a closed and threatened area only available to few researchers in distant technological spheres. Nevertheless, the study of astronomy allowed humankind creating calendars, navigating offshore through sky mapping, making substantial changes in science as a transversal language. Today as yesterday, night skies are able to wake up our imagination and help us finding our place in the cosmos. «We are children of clay, but also of the starry sky» is an ancient Nahuatl saying that definitely resumes this perception.²³

²³ “Desde os tempos mais remotos, a observação do céu noturno era uma dimensão básica em todas as culturas no mundo inteiro. De Aristóteles a Galileu, de Ur a Mesa Verde, a astronomia tem marcado o ritmo da história

A fruição do céu encontra-se ameaçada, tanto por fenômenos naturais quanto pela ação humana, quer de natureza predatória, quer em nome do progresso e da tecnologia. Nesse sentido, salientam-se como nocivas a poluição atmosférica, a emissão de luz e a destruição das edificações destinadas às observações astronômicas, além do desaparecimento de saberes tradicionais relacionados ao céu noturno.

Levando-se em conta o objeto principal deste estudo, ou seja, um observatório, cuja “matéria-prima” às observações astronômicas é o céu noturno, pondera-se aqui sobre a sua relevância de forma globalizada para a humanidade e, neste caso específico, a sua relevância tanto às pesquisas científicas, bem como às atividades de divulgação científica praticadas no OAM junto ao público visitante.

Assim, a qualidade da visibilidade do céu noturno representa um atrativo turístico e elemento fundamental para essas atividades. Como já destacado, o céu constitui um patrimônio comum, integra o meio ambiente e a história da humanidade, que o representa e com ele se relaciona desde a antiguidade.

Com o objetivo de garantir a identificação, proteção, conservação e valorização do Patrimônio Mundial, foi firmada em 1972 pelos estados membros da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a Convenção à Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural pela UNESCO, que preconizou:

O patrimônio cultural e natural faz parte dos bens inestimáveis e insubstituíveis não só de cada país, mas de toda a humanidade. A perda, por degradação ou desaparecimento, de qualquer desses bens eminentemente preciosos constitui um empobrecimento do patrimônio de todos os povos do mundo. Pode-se reconhecer, com base nas respectivas qualidades notáveis, «um valor universal excepcional» a certos elementos do referido patrimônio que, por essa razão, merecem ser muito especialmente protegidos contra os perigos cada vez maiores que os ameaçam (UNESCO, 2011, p.12-13).

Entretanto, faz-se necessário ressaltar que: «[...] *la Convention nous rappelle l'interaction entre l'être humain et la nature et la nécessité fondamentale de préserver*

da ciência e da percepção cultural do mundo. Identidades de vários povos basearam-se em expressões culturais relacionadas com as estrelas. A exploração e principais rotas de comércio foram rastreadas usando estrelas como referência. Mas, estamos hoje diante uma situação nova, onde corremos o risco de limitar a nossa cultura astronômica a uma área restrita, que ameaça estar disponível apenas para poucos pesquisadores em distantes esferas tecnológicas. No entanto, o estudo da astronomia permitiu a humanidade, a criação de calendários, a navegação no mar através do mapeamento do céu, provocando mudanças substanciais na ciência como uma linguagem transversal. Hoje, como ontem, o céu noturno é capaz de despertar a nossa imaginação e nos ajuda a encontrar nosso lugar no cosmos. “Somos filhos da argila, mas também do céu estrelado” é um ditado antigo de Nahuatl, que definitivamente resume esta percepção.” (MARÍN; JAFARI, 2007, s.p. – grifo dos autores, tradução livre).

l'équilibre entre les deux»²⁴ (UNESCO, 2011, s.p.). Assim, no contexto desta pesquisa, percebe-se que essa interação longínqua do ser humano com o céu vem sendo prejudicada pela atividade humana, geradora de todas as formas de poluição, que afetam diretamente o meio ambiente natural, os seus ecossistemas e conseqüentemente, a vida de todas as espécies, além de comprometer a qualidade de vida humana (CAPRA, 1996; DIAS, 2004; MOLINA, 2002; STARLIGHT, 2007).

Uma das formas de poluição é a poluição luminosa, perceptível, sobretudo nos grandes centros urbanos em decorrência da iluminação pública exarcebada e inadequada, que dificulta as observações noturnas. Embora seja um fato comprovado e visível a olho nu - principalmente nos centros urbanos - a poluição luminosa é uma das conseqüências maléficas contemporâneas desse desenvolvimento, pouco discutida na sociedade, e apenas esporadicamente na mídia brasileira.

É o caso da reportagem de um conhecido jornal, onde foi divulgado que astrônomos reunidos no Rio de Janeiro durante a 27ª Assembleia Geral da União Astronômica Internacional (IAU, em inglês) haviam lançado uma resolução com o título: “Astrônomos lançam resolução pelo direito à luz das estrelas”, cujo texto afirma que “um céu escuro não poluído, que permita a contemplação do firmamento, **deve ser considerado um direito sociocultural e ambiental fundamental**.”, e ainda que “A progressiva degradação do céu noturno deve ser vista como uma perda fundamental” (OESP, 2009 – grifo nosso).

Corroborando esse dado, Ishwaran (*in* STARLIGHT, 2007, p. 27) destaca:

*In the last four decades the world has become increasingly attuned to the problems of the environment. However, light pollution, and more specifically the pollution of the night sky, was not high on the global, regional, national or local agendas of priority environmental problems.*²⁵

O mesmo problema e preocupação são relatados em outros países, como por exemplo:

Hoy, para disfrutar el cielo como lo hacían nuestros ancestros, debemos alejarnos algo más de un centenar de kilómetros de las grandes ciudades para poder observar el cielo en todo su esplendor. La contaminación lumínica hoy Es tan importante que impide ver objetos luminosos [...]. (ASTROTURISMO, 2011)²⁶

24 “[...] a Convenção nos lembra a interação entre o ser humano e a natureza e a necessidade fundamental de preservar o equilíbrio entre ambos” (UNESCO, 2011, s.p. - tradução livre).

25 “Nas últimas quatro décadas, o mundo tornou-se cada vez mais sintonizado com os problemas do meio ambiente. No entanto, a poluição lúmica, e mais especificamente do céu noturno, não está em alta nas agendas dos problemas ambientais prioritários - global, regional, nacional ou localmente.” (ISHWARAN, 2007 - tradução livre).

26 “Hoje, para desfrutar do céu como o faziam nossos ancestrais, devemos afastar-nos pouco mais de cem quilômetros das grandes cidades para poder observar o céu em todo o esplendor. A contaminação lúmica, hoje, é tão importante que impede ver objetos luminosos [...]” (Tradução livre)

E ainda, a respeito desta problemática, Schwarz (2003, p. 52) pondera: “*Preserving our heritage of the night environment and of dark skies is a global issue. While there is much yet to do, progress has been wonderful*”.²⁷

Várias tentativas de amenizar esse problema têm sido feitas globalmente, porém observa-se serem ainda pontuais e insuficientes para atenuar a poluição luminosa, provocada principalmente pela iluminação pública inadequada e exarcebada, conforme figuras 23 e 24:



Figura 23: Luzes da Terra²⁸
Fonte: Mayhew e Simmon (NASA, 2012)

A imagem acima, captada por satélite, é utilizada pela *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) para identificar as áreas urbanizadas no planeta. Nota-se que as áreas mais iluminadas situam-se, sobretudo nos países mais desenvolvidos no hemisfério norte, e nos demais continentes nas capitais, e principalmente na costa dos países da América do Sul. Entretanto, segundo a NASA (2012), essas áreas mais urbanizadas (e iluminadas), não são necessariamente as mais populosas, a exemplo da China e Índia.

A seguir, mais uma imagem da NASA, de um voo noturno, com maior aproximação, onde é possível visualizar melhor o excesso de iluminação artificial pelo mundo:

²⁷ “A preservação do nosso patrimônio do ambiente noturno e do céu escuro é uma questão global. Embora ainda haja muito por fazer, o progresso tem sido maravilhoso.” (SCHWARZ, 2003 - Tradução livre).

²⁸ “Esta imagem foi criada com dados do *Defense Meteorological Satellite Program* (DMSP) *Operational Linescan System* (OLS). Originalmente destinada para visualizar nuvens sob a luz do luar, o OLS é também utilizado para mapear os locais de luzes permanentes na superfície terrestre (NASA, 2012 – tradução livre)”.



Figura 24: Voo noturno sobre a Terra²⁹
 Fonte: NASA (2012)

Entre as iniciativas internacionais direcionadas à preservação do céu noturno destacam-se a *International Dark-Sky Association (IDA)*, as organizações *Royal Astronomical Society of Canada Light Pollution Programs* e a *International Initiative in Defense of the quality of the night Sky as Mankind's Scientific, Cultural and Environmental Right*³⁰ (*Starlight Initiative*), apoiada pela UNESCO, que defende não apenas a preservação da limpidez do céu noturno, bem como os valores a ele associados e ao direito à observação das estrelas.

The initiative is designed as an international campaign in defense of the values associated with the night sky and the general right to observe the stars. It is open to the participation of all scientific, cultural, environmental, and citizens' organizations and associations, as well as public institutions and other public and private bodies willing to effectively cooperate in the conservation of clear skies and the dissemination of the knowledge related with their observation. The final aim of the initiative is to strengthen the importance of clear skies for humankind, emphasizing and introducing the value of this endangered heritage for science, education, culture, technological development, nature conservation, tourism and, obviously, as a quality-of-life factor (Starlight, 2007, s.p. – grifo nosso)³¹.

²⁹ Imagem das luzes artificiais da terra captadas pela *International Space Station (ISS)*.

³⁰ Iniciativa Internacional em defesa da qualidade do céu noturno, como um direito científico, cultural e ambiental humano.

³¹ “A iniciativa é designada como uma campanha internacional em defesa dos valores associados com o céu noturno e o direito comum de observar as estrelas. Ela está aberta à participação de todas as organizações e associações científicas, culturais, ambientais, bem como instituições públicas e outros órgãos públicos e privados que queiram cooperar efetivamente para a conservação do céu límpido e para a disseminação do conhecimento relacionado com a sua observação. O objetivo final desta iniciativa é o fortalecimento da importância de céus claros para a humanidade, enfatizando e introduzindo o valor deste ameaçado patrimônio para a ciência, educação, cultura, desenvolvimento tecnológico, preservação da natureza, turismo, e obviamente, como fator de qualidade de vida” (STARLIGHT, 2007, s.p. - Tradução livre).

A Fundação Starlight é a responsável pela gestão operacional dessa iniciativa, fornecendo os recursos humanos e os meios para a sua efetivação, que objetiva:

- a) *Promote the World Declaration on the Right to the Starlight as a common heritage of mankind.*
- b) *Promote international action in defense of the quality of the night sky and the observation of the stars, reinforcing the right to their enjoyment and use as a scientific, cultural and environmental resource and a vector of technological development to the benefit of mankind.*
- c) *Help to spread the culture of valuing starlight, guaranteeing access to it for present and future generations. [...]*
- d) ***Open a window on the new forms of sustainable and creative tourism promoting starlight and the firmament as basic resources in responsible tourism destinations, with special emphasis on actions taken in mankind heritage sites, biosphere reserves and areas of astrophysical observation.***
- e) *Develop the clean skies initiative within the framework of UNESCO's World Network of Biosphere Reserves, as they are laboratories for science and sustainable development and they can act as worldwide benchmarks for enhancing the value of environmental resources.*
- f) *Help to disseminate the benefits associated with the development of astrophysics and **observatories**, in the technological and industrial dimensions and in the area of job creation **and the influence they have on the advancement of other socially interesting applications.** [...]*
(STARLIGHT INIATIVE, 2007 - grifo nosso).³²

Além disso, foi realizada em abril de 2007 a conferência “*The International Conference in Defense of the Quality of Night Sky and the right to observe stars*”³³, em La Palma, Ilhas Canárias, Espanha, com a presença de representantes da UNESCO, *World Tourism Organization* (UNWTO), *International Astronomical Union* (IAU) e outras agências internacionais, além dos membros da comunidade acadêmica considerando que as iniciativas da *Starlight* tem sido e devem continuar a ser, inspiração para a humanidade, e que representa um elemento essencial ao desenvolvimento do pensamento científico em todas as civilizações.

A preocupação com o céu noturno insere-se no âmbito do desenvolvimento sustentável, e o turismo como uma das alternativas de promoção desse patrimônio, desde que

³² “Promover a Declaração Mundial do Direito às luzes estelares, como uma herança comum da humanidade; promover ação internacional em defesa da qualidade do céu noturno e da observação das estrelas, reforçando o direito à sua fruição e utilização como um recurso científico, cultural e ambiental e um vetor ao desenvolvimento tecnológico para o benefício da humanidade; Ajudar a divulgar a cultura da valorização da luz estelar, garantindo o seu acesso às atuais gerações e futuras; Abrir uma janela sobre as novas formas de turismo sustentável e criativo, promovendo a luz das estrelas e o firmamento como recursos básicos em destinos de turismo responsável, com ênfase especial sobre as ações tomadas em locais de patrimônio da humanidade, reservas da biosfera e áreas de observação astrofísica; desenvolver a iniciativa de céus límpidos no âmbito da Rede Mundial da Unesco das Reservas da Biosfera, como laboratórios de ciência e de desenvolvimento sustentável, que podem atuar como referência mundial para incrementar o valor dos recursos ambientais; Ajudar a divulgar os benefícios relacionados com o desenvolvimento da astrofísica e observatórios, nas dimensões tecnológicas e industriais e na área da criação de postos de trabalho e na influência que possuem sobre o avanço de outras aplicações socialmente interessantes. [...]” (STARLIGHT, 2007 – tradução livre).

³³ Conferência para a defesa da qualidade do céu noturno e do direito para observar estrelas. (Tradução livre)

praticado de forma sustentável. Como exemplo de programas que tratam as mudanças climáticas, ambientais e de poluição, a Shanghai Urban Futures and Human and Ecosystem Wellbeing Symposium³⁴, que faz parte da UNESCO-MaB-SCOPE35, realizada em 2010, apresenta em sua declaração a preocupação com a poluição luminosa:

*[...] Urge regional, national, state or provincial, and local authorities to help address climate change, environment and pollution issues, **including light pollution**, through a range of resource use efficiency programmes and renewable energy production and to allocate sufficient resources to achieve the objectives of economically sustainable and environmentally sound urban development [...] (SHANGAI DECLARATION, 2011, s.p. - grifo nosso)³⁶.*

Além disso, a qualidade do céu noturno pode ser um vetor para o turismo, como, por exemplo, foi divulgado em janeiro de 2012 de que a Reserva *Dark Sky* Alqueva (Portugal) recebeu a Certificação *Starlight Tourism Destination* concedida pela UNESCO e pela OMT, sendo reconhecida como a primeira reserva do mundo a obter essa Certificação (SUPER INTERESSANTE, 2012), a partir do cumprimento de padrões estabelecidos, conforme atesta Claro (2012, s.p.):

Para a certificação exigiram-se medições quantitativas da magnitude limite detectável a olho nu (NELM), da visão permitida pela turbulência atmosférica (*seeing*) e da magnitude por segundo de arco quadrado (MPSAS), realizadas respectivamente pelas três pessoas indicadas. Os parâmetros referidos tinham de ultrapassar determinados limites, para que a certificação fosse atribuída.

Desta forma, evidencia-se a relevância da preservação da qualidade do céu noturno mediante controle da poluição luminosa, nos âmbitos regionais e nacionais, considerando-o um patrimônio da humanidade às ciências, educação, cultura, desenvolvimento tecnológico, conservação da natureza, turismo, e assim como um fator de qualidade de vida (STARLIGHT, 2007).

³⁴O Simpósio Shanghai *Urban Futures and Human and Ecosystem Wellbeing* (Conferência de Shanghai para o bem-estar do homem, dos ecossistemas e do futuro urbano - tradução livre) foi realizado em Shanghai, China, em outubro de 2010, pelo *International Expert Group for the Urban Futures Programme* (UNESCO-MAB-SCOPE). Trata-se de um Grupo Internacional de Peritos para o Futuro Urbano (tradução livre), que para a gestão 2011-2014, conta com a presença de um representante brasileiro do Instituto Florestal.

³⁵ Man and the Biosphere Programa (MAB) - Programa do homem e da biosfera (tradução livre) e Scientific Committee on Problems of the Environment (SCOPE) - Comitê científico de problemas ambientais (tradução livre).

³⁶ “[...] Urge que autoridades regionais, nacionais, estaduais ou municipais auxiliem a focar nas questões de mudanças climáticas, ambientais e de poluição, **incluindo a poluição luminosa**, e que por meio de uma gama de recursos usem programas de eficiência e de produção de energia renovável, e que aloquem recursos suficientes para obter os objetivos de um desenvolvimento urbano economicamente sustentável e ambientalmente saudável [...]” (Shanghai *Declaration*, 2011, s.p. - Tradução livre - grifo nosso).

Corroborando esta ideia, a Conferência Internacional à Defesa da Qualidade do Céu Noturno, já citada, declarou também, que *“Tourism, among other players, can become a major instrument for a new alliance in defence of the quality of the nocturnal skyscape. Responsible tourism, in its many forms, can and should take on board the night sky as a resource to protect and value in all destinations (STARLIGHT, 2007)³⁷.”*

1.4 A sustentabilidade como fator ao desenvolvimento regional e turístico

A preocupação com a poluição ambiental já vem de longa data, conforme argumentado por Fellenberg (1980, p.2):

[...] o comprometimento do meio ambiente por substâncias tóxicas não constitui problema recente. Desde os primórdios da história formaram-se, pela ação do homem, produtos de despejo e resíduos vários que, levados aos rios ou ao ar atmosférico, mostraram-se tóxicos, ou pelo menos incômodos. Por causa disso tentou-se desde cedo controlar, através de decretos e normas, a produção e remoção destes detritos. Na antiga Grécia, por exemplo, os curtumes, com seus gases de cheiro desagradável, só podiam ser construídos após autorização especial.

Da mesma forma, na Roma Antiga um decreto permitia que as atividades dos matadouros, curtumes, produtores de azeite e lavanderias, que ocasionavam a emissão de “cheiros desagradáveis” fossem realizadas apenas além do rio Tibre, em locais desabitados, ou ainda, no ano de 1348 na Saxônia (Alemanha) o uso de carvão de pedra foi proibido na área urbana, segundo Fellenberg (1980).

De acordo com Molina (2002) o conceito de “ecologia” remonta à história universal, desde a Grécia antiga, inclusive aos mitos e tratados de Pitágoras e Platão. Porém, o termo “ecologia” foi empregado pela primeira vez em 1869, ligado a biologia, sua ciência mãe, pelo biólogo alemão Ernest Haeckel, que afirmava que a ecologia por si só, não tem a capacidade de resolver a problemática ambiental atual no concernente à contaminação, e para ele *“Corresponde a la ingeniería el diseño de una tecnología cualitativamente menos dañina para la gestión natural, ya sea que este enfocada a producir desechos menos peligrosos o a reciclarlos (MOLINA, 2002, p. 85)³⁸.”*

³⁷ “O turismo, entre outros atores, pode tornar-se o maior instrumento para uma nova aliança na defesa da qualidade da paisagem celestial noturna. O turismo responsável, em muitas das suas modalidades, pode e deveria levar em conta o céu noturno como um recurso a ser protegido e um valor em todos os destinos.” (Tradução livre).

³⁸ “Corresponde à engenharia o esboço de uma tecnologia qualitativamente menos prejudicial para a gestão natural, que seja focada em produzir menos resíduos perigosos ou à reciclagem.” (Tradução livre).

No século XIX, em plena Revolução Industrial, algumas personalidades preocupavam-se na relação da atividade humana com o meio ambiente, como Thomas Huxley (1863), em seu ensaio “Evidências sobre o lugar do homem na natureza”, e a obra de George Perkin Marsch (1864), “O homem e a natureza: ou geografia física modificada pela ação do homem”. Este último já se preocupava com o esgotamento dos recursos naturais e “analisava as causas do declínio de civilizações antigas e previa um destino semelhante às civilizações modernas, caso não houvesse mudanças (DIAS, 2004, p. 75).”

Mais contemporaneamente, Capra (2002, s.p.), numa visão sistêmica, no contexto global, “coerente com os tópicos críticos de nosso tempo” argumenta:

À medida que este novo século desponta, dois desenvolvimentos resultarão em impactos de monta no bem estar e no "*modus vivendi*" da humanidade. Ambos tem tudo a ver com redes e ambos radicalmente envolvem novas tecnologias. Um deles é o crescimento global do capitalismo, o outro a criação de comunidades sustentáveis lastreadas na prática do planejamento ecológico (*ecodesign*). No que tange ao capitalismo global, as redes eletrônicas de financiamento e de fluxo da informação, e quanto ao eco-planejamento (*ecodesign*) as redes ecológicas de energia e o fluxo de material.

O objetivo da economia global no seu contexto atual é maximizar a riqueza e o poder de suas elites; o objetivo do eco-planejamento (*ecodesign*) é maximizar a sustentabilidade da teia da vida.

O conceito de desenvolvimento sustentável originou-se em 1970 na Comissão Brundtland³⁹, criada como um organismo independente, e em 1987 foi divulgado *Our Common Future* (Nosso Futuro Comum), ou o conhecido “Relatório Brundtland da Organização das Nações Unidas (ONU)”, que tratava das preocupações, desafios e esforços comuns na esfera ambiental e da busca do desenvolvimento sustentável, visto como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades das atuais gerações sem comprometer as das próximas. A sustentabilidade é tema recorrente, inclusive no cotidiano e bastante divulgado pela mídia, e muito em voga na sociedade contemporânea.

A exemplo da Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, COP-17 (The 17th Conference of the Parties)⁴⁰, na África do Sul, que procurou um novo tratado global em substituição ao assim chamado “Protocolo de Kyoto”, que expirará em 2012, para regimentar e controlar as emissões de gases poluentes no mundo, recaindo a maior expectativa em torno da Índia, China e Estados Unidos, os maiores poluidores no mundo.

³⁹ Gro Brundtland foi Primeira Ministra da Noruega e presidiu a Comissão com o mesmo nome, que tinha grande preocupação e pessimismo sobre o futuro da civilização (GOLDEMBERG, 2010).

⁴⁰ *The United Nations Climate Change Conference, Durban 2011.*

E ainda a “Rio +20” – Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – realizada em junho de 2012 no Rio de Janeiro, com o mote “crescer, incluir e proteger”, que tem entre os objetivos “assegurar um comprometimento político renovado com o desenvolvimento sustentável” (RIO+20, 2012). A Conferência contou com a presença de vários chefes de estado do mundo, ou de seus representantes, porém sem a presença do presidente dos Estados Unidos e da Alemanha.

Desta forma, nota-se que a preservação do meio ambiente e seus ecossistemas tem sido alvo de preocupação da sociedade em todos os setores da atividade humana, inclusive no segmento turístico. Isto ocorre devido ao modelo capitalista globalizado vigente: a produção industrial e o consumo de bens cada vez mais velozmente descartáveis, ou seja, a “obsolescência planejada”⁴¹ (técnica/tecnológica, funcional, ou mesmo por modismo e *status*), que representa um importante impacto ambiental, perceptível por todos os seres humanos, sobretudo no meio urbano, onde há concentração da população.

A sociedade capitalista é um fenômeno global, pautada no consumo de produtos tangíveis e intangíveis, inclusive na atividade turística, ou seja, o lazer e o turismo geralmente também seguem esta concepção. Esta lógica do consumo descartável e desenfreado se apresenta no turismo de massa⁴².

Por exemplo, Krippendorf (2000, p. 168), acredita que “um turista responsável se rebela contra o mercantilismo irresponsável e o nivelamento praticado pela maioria dos métodos do turismo”, ou seja, o pesquisador faz referência ao chamado turismo de massa, onde o que interessa é a quantidade de paisagens vistas e a velocidade com que é realizado, cuja equação resulta em lucro aos promotores turísticos. E ainda, Krippendorf (2000) pondera que as viagens deveriam ser realizadas de uma maneira mais consciente, por meio de novas atitudes e comportamentos dos turistas.

A atividade turística é equivocadamente apresentada como “indústria sem chaminés”, isto é, sem provocar poluição. Entretanto, o turismo pode causar danos ao meio ambiente, quando realizado em grande escala, como o turismo de massa, ou quando não houver planejamento e ajustes pelos governantes locais, isto é, quando não houver respeito à capacidade de carga local, ambiental, territorial, ou que a infraestrutura suporte, e mais ainda,

⁴¹ Esta expressão significa que, com o intuito de incrementar e retroalimentar o sistema produtivo industrial e modelo de desenvolvimento vigente, a vida útil dos objetos é planejada e reduzida, principalmente dos equipamentos eletroeletrônicos, que com novos recursos tecnológicos embutidos paulatinamente criam novas necessidades, ou novos desejos de consumo, insuflados pelo *marketing* (*THE STORY OF STUFF*, 2011).

⁴² “Turismo de massa é uma forma de organização do turismo que envolve o agenciamento da atividade bem como a interligação entre agenciamento, transporte e hospedagem, de modo a proporcionar o barateamento dos custos da viagem e permitir, conseqüentemente, que um grande número de pessoas viaje (CRUZ, 2001 p. 6).”

que leve em conta a comunidade, a sua cultura e tradições, questão recorrente de estudos de autores como Beni (2003), Krippendorf (2000), Ruschmann (1997, 1999), Swaabrooke (2000), Yázigi (2001), entre outros.

Assim, de acordo com os autores, para que o turismo não provoque impacto ambiental e à infraestrutura, tanto àquela destinada exclusivamente ao uso turístico, bem como àquela utilizada pelos residentes, deve-se sempre prever a capacidade de carga máxima que a localidade suporta, e ainda considerar a sazonalidade turística. Um exemplo desta preocupação é citado por Beni (2003, p. 117), onde a interação entre os elementos como paisagem, patrimônio sociocultural dos residentes, o lazer oferecido aos turistas e o valor econômico agregado, estarão em equilíbrio resultando em um turismo sustentável, ainda que as condições otimizadas de lazer para os turistas possam resultar algum impacto negativo à paisagem, que, portanto deixará de ser “intacta”. Beni (2003, p. 116) ainda argumenta:

[...] ações como planejamento, programas integrados e estratégicos, deve estar o conceito de turismo sustentável, para preliminarmente, garantir e assegurar os componentes dos diferenciais turísticos, o processo racional de exploração dos recursos ambientais naturais, histórico-culturais e temático-artificiais.

Sob este viés Gastal e Moesch (2007, p. 72) elucidam: “O olhar gestor, sozinho, não tem dado conta de coibir a imposição, ainda colonialista, dominante nas propostas capitalísticas de Turismo, incentivando a concentração de renda, os danos ambientais e as agressões culturais.” Neste contexto, acrescentam-se as palavras de Fratucci (2009, p. 392):

[...] as políticas públicas direcionadas para o (re) ordenamento dos espaços turistificados deveriam observar e atender as necessidades e demandas de cada um dos seus agentes produtores para estimular um processo de desenvolvimento sustentável e duradouro para os destinos turísticos.

Retomando as ponderações de Beni (2003), são três os fundamentos que devem nortear a sustentabilidade turística:

- a) Sustentabilidade ambiental, com a preservação dos ecossistemas;
- b) Sustentabilidade social e cultural, com a garantia do desenvolvimento local, e em harmonia com a cultura e valores morais da comunidade local, permitindo o fortalecimento da sua identidade;
- c) Sustentabilidade econômica, garantindo o desenvolvimento econômico eficaz, com a utilização de recursos de maneira a garantir a sua utilização pelas futuras gerações.

A partir disso, percebe-se que o turismo sustentável deve basear-se no tripé dos aspectos citados, para, então, assim ser classificado. Além disso, pode-se acrescentar que, algumas vezes, mesmo após danos provocados pela atividade turística ou qualquer outra

atividade econômica, ou pelas políticas públicas locais, sob algum desses aspectos, ou em todos eles, é possível reverter esse quadro, ou seja, recuperar a degradação ambiental, sociocultural e econômica de uma localidade e a sua comunidade, também pelo turismo, mediante ações integrativas com a comunidade, planejadas e sustentáveis.

No âmbito ambiental há que se destacar que, numa visão holística e sistêmica, o indivíduo faz parte integrante de um conjunto, não apenas de seres humanos e suas relações sociais inseridos em uma sociedade (ELIAS, 1994), como também do conjunto de todos os seres vivos, incluindo-se a fauna, a flora, o meio ambiente como um todo (biosfera, os oceanos e o solo que são inseparáveis), ou seja, um superorganismo vivo e autoregulativo, segundo a Teoria de Gaia⁴³, cujos elementos são interdependentes e condicionantes.

Essa visão sistêmica dos seres vivos, emprestada da área das Ciências Biológicas, foi amplamente difundida e adotada pelo físico Capra (1996) em suas obras do fim do século passado, como, por exemplo, em “A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos”, cuja perspectiva permeia todas as relações e interdependências entre os fenômenos biológicos, físicos, sociais e culturais, portanto com aspectos em comum com as concepções de Beni (2003) e Krippendorf (2000).

No século XX houve o surgimento de uma nova visão de mundo holística e ecológica, não apenas no âmbito científico, assim como no cultural e define o paradigma social: “[...] como uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza” (CAPRA, 1996, p. 25).

Nessa visão holística e sistêmica concebida por Capra (1996) há a preocupação com a degradação ambiental provocada pela ação humana. Esta problemática é analisada por Molina (2002) na atividade turística, que também concebe o turismo inserido em um sistema: “*El turismo (un subsistema funcionando dentro de outro de mayores dimensiones, el suprasistema sociocultural) [...]*”(MOLINA, 2002, p. 125,), e que: “*La progresiva destrucción de los ecosistemas naturales de uso turístico es un hecho innegable.*”⁴⁴, e ainda: “*El turismo de tipo convencional plantea la necesidad de transformar radicalmente los ecosistemas y de tener un gran consumo de recursos naturales* (MOLINA, 2002, p. 85)⁴⁵.

⁴³ A Teoria ou hipótese de Gaia foi apresentada em 1969 por James E. Lovelock.

⁴⁴“O turismo (um subsistema funcionando dentro de outro de dimensão maior, o supra-sistema sociocultural [...]).” (Tradução livre).

⁴⁵ “A progressiva destruição dos ecossistemas naturais de uso turístico é um fato inegável. O turismo convencional esboça a necessidade de transformar radicalmente os ecossistemas e de ter um grande consumo de recursos naturais.” (Tradução livre).

Neste contexto de degradação ambiental, analisando-se o diagrama a seguir, o desenvolvimento vigente contemporâneo gera por um lado, o consumismo exacerbado e assim, a opulência e desperdício por parte da população, cujo padrão de consumo é perseguido pela maioria das sociedades ocidentais, que representa uma pseudo “qualidade de vida”, ou seja, o acesso a bens e serviços. Por outro lado, esse modelo globalizado gera às demais parcelas da sociedade, quer sejam locais, quer sejam nacionais ou, mesmo, internacionais - que por motivos diversos não têm acesso a esse padrão de consumo - a exclusão social, e até a miséria e a fome. Esse círculo vicioso resulta, segundo Dias (2004), na perda da qualidade de vida e da experiência humana, provocadas pela degradação ambiental.

Analogamente, pode-se afirmar que esta perda da qualidade da experiência humana também pode ocorrer em situações promovidas pelo turismo, ou seja, quando houver um excesso de carga turística nas localidades e desrespeito ao meio ambiente, acarretará danos ambientais e conseqüentemente a perda da qualidade de vida da comunidade local e, pode-se supor, ainda a perda da qualidade da “experiência turística”. Nestas perspectivas de consumo e degradação ambiental crescentes, Dias (2004) apresenta o seguinte diagrama:

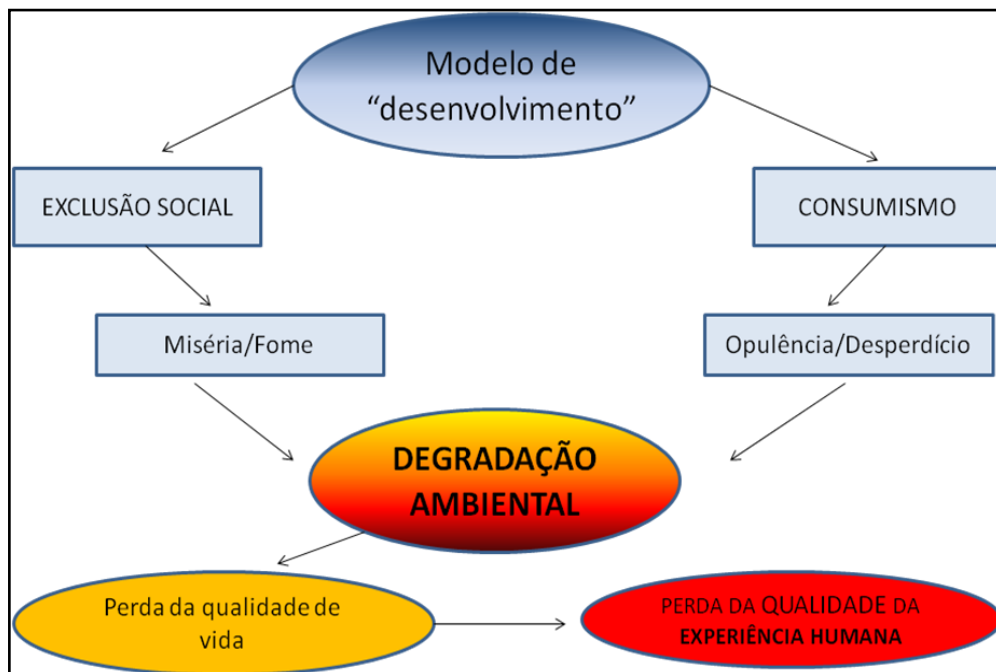


Figura 25: Diagrama - Modelo de desenvolvimento
Fonte: Dias (2004) - adaptado pela autora (2012)

Em contraponto a esse paradigma negativo de degradação ambiental (e aos seus ecossistemas), e conseqüentemente da perda da qualidade de vida e experiência humana (e

turística), sugere-se um modelo representativo de lazer e turismo sustentáveis, analisados por este estudo, conforme Figura 26:

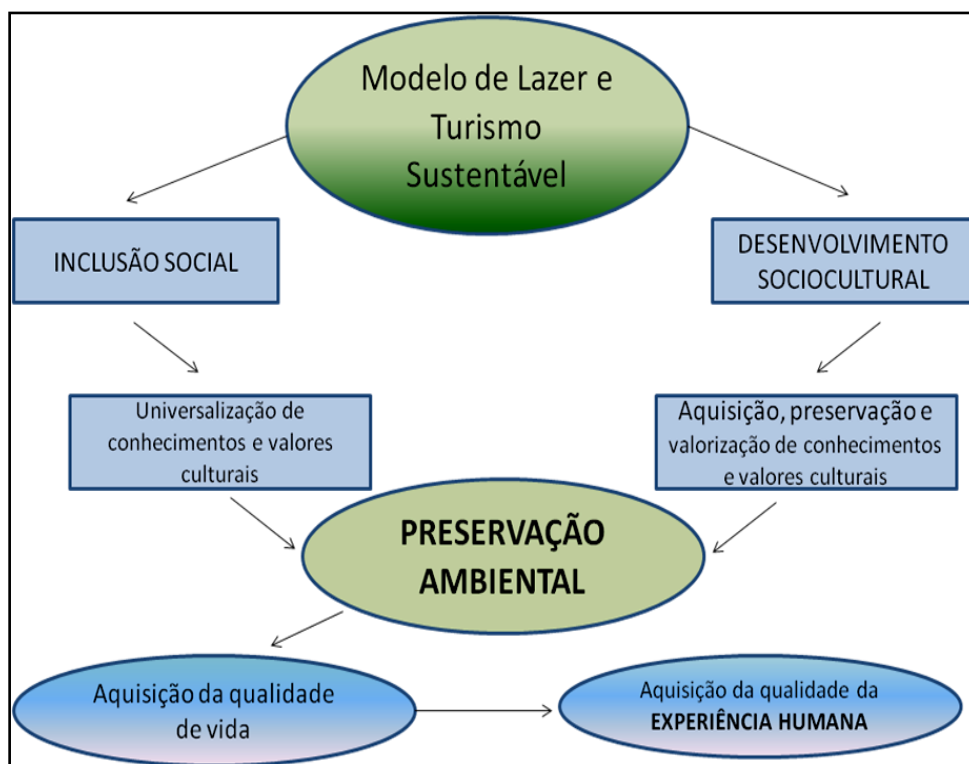


Figura 26: Diagrama – Modelo de Lazer e Turismo Sustentável
Fonte: Elaboração própria (2012)

Este modelo proposto representa o Lazer e o Turismo Sustentável, que promove o desenvolvimento sociocultural com a aquisição, preservação e valorização de conhecimentos e valores culturais e ambientais relevantes às sociedades humanas, e conseqüentemente, a inclusão social, mediante o acesso democrático aos mesmos, com a preservação ambiental.

Este círculo virtuoso promove a aquisição e melhora da qualidade de vida, resultando na aquisição da qualidade da experiência humana (assim denominada por Dias [2004]), inclusive no turismo e lazer, um direito que deveria ser garantido pelo poder público.

Nesta concepção de lazer e turismo sustentável aqui apresentada inscrevem-se as atividades de divulgação científica junto ao público promovidas pelo Observatório Abrahão de Moraes. Essas atividades são acessíveis a todas as faixas socioeconômicas e etárias, portanto promovem a inclusão social e o desenvolvimento sociocultural ao transmitir (universalmente) a preservação e a valorização de conhecimentos e de valores culturais e científicos; incluindo-se os relacionados à preservação ambiental.

Além disso, o OAM ao preservar e recuperar uma área de mata nativa, ganha maior relevância não apenas por servir de abrigo à fauna e à flora regional, bem como por

proporcionar uma melhor qualidade de vida à população local. Finalmente, essas ações resultam na aquisição de uma experiência humana com qualidade, por meio da prática de um lazer e turismo sustentável e responsável, conforme Chambers (1997), Dias (2004), Krippendorf (2000) e Molina (2002).

Neste sentido, Molina (2002) refere-se a outro tipo de viajante com um estilo de vida que *“Han reconocido el valor del medio ambiente natural y desean tener una experiencia formativa de significado en el marco de su estilo de vida. [...] Obviamente, estos turistas están detrás de experiencias responsables y significativas, capaces de enriquecer su existencia”* (MOLINA, 2002, p. 138).⁴⁶ Por outro lado, a respeito de um ideal de turismo sustentável Chambers (1997) argumenta também:

*The ideal of sustainable tourism is to draw upon a region's resources to attract and accommodate tourists without jeopardizing those resources. In some instances, it might even be possible to enhance rather than simply protect a region's environmental and cultural resources in association with responsible tourism development. These ideals have their appeal in part because, [...] tourism is rarely the only agent of change in regions where it occurs. In the face of multiple development pressures upon usually limited resources, tourism can, at least in theory, provide a rationale for environmental preservation and cultural conservation. Part of this rationale is found in the setting aside of particular resources from other forms of development in order to preserve them as tourist attractions*⁴⁷ (CHAMBERS, 1997, p.189).

Conforme dissertado ao longo deste estudo - comprovado pelos depoimentos dos entrevistados (Capítulo 3) o OAM promove um lazer e turismo sustentável por meio das atividades de divulgação científica.

Supõe-se que a sustentabilidade seja mais factível no turismo regional, pois geralmente é uma forma de turismo não-massivo que adequadamente planejado e organizado pode promover e proteger o meio ambiente e a cultura locais: “É necessário priorizar a concepção de um turismo sustentável e humano, definindo claramente o segmento turístico

⁴⁶ “Reconheceram o valor do meio ambiente natural e desejam ter uma experiência formativa com significado relacionada ao seu estilo de vida. [...] Obviamente, estes turistas estão atrás de experiências responsáveis e significativas, capazes de enriquecer a sua existência.” (Tradução livre).

⁴⁷ “O ideal de um turismo sustentável é utilizar recursos de uma região para atrair e receber turistas sem comprometer esses recursos. Em alguns casos, pode até ser possível melhorar, em vez de simplesmente proteger os recursos ambientais e culturais de uma região, em associação com o desenvolvimento do turismo responsável. Esses ideais tem seu apelo em parte porque, [...], o turismo raramente é o único agente de mudança nas regiões onde ele ocorre. Na presença de múltiplas pressões desenvolvimentistas sobre recursos geralmente limitados, o turismo, pode, pelo menos na teoria, fornecer uma base racional para a preservação ambiental e cultural. Parte deste racional é encontrado na reserva de recursos específicos, a fim de preservá-los como atração turística”. (Tradução livre)

trabalhado, o qual se distancia do turismo de massa, impactante e ilusório, nos processos de desenvolvimento das localidades (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 46).”, e ainda:

O desenvolvimento de base local, por sua vez, pressupõe a participação engajada e efetiva da comunidade residente nas iniciativas de planejamento, no processo de produção de bens e serviços, e na gestão de um complexo político empresarial. A comunidade tem importância norteadora da forma como o visitante irá apropriar-se do espaço local (GASTAL; MOESCH, 2007, p.47-48).

Também na concepção das autoras, este planejamento concebido como desenvolvimento sustentável será concretizado somente quando a região dispuser de atividades específicas e de infraestrutura básica, visando o desenvolvimento e dos setores econômicos locais, reconhecidos pelos sujeitos e atores econômicos, também locais (GASTAL; MOESCH, 2007, p.47-48).

Este é o caso da região de Valinhos e Vinhedo/SP, integrantes do Polo do Circuito Turístico das Frutas, (a ser explicitado no Capítulo 2) formatado em um segmento específico, o turismo rural ou agroturismo, com um apelo característico para atender à demanda dos cidadãos urbanos.

A qualidade de vida é associada a vários fatores, entre eles, o acesso à educação, à saúde, à infraestrutura de uma localidade, como saneamento básico, transporte, e outros serviços públicos, mensuráveis conforme critérios ou instrumentos diversos vigentes, entre eles, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDH-M), ou então simplesmente, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), critério adotado atualmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) - PNUD⁴⁸.

Outros fatores relevantes atrelados à qualidade de vida, ainda não mensuráveis, é o acesso ao lazer, referenciado e conceituado no Capítulo 2, sendo uma modalidade dessa prática o turismo de lazer, e o meio ambiente preservado, que também como já exposto, inclui-se a preservação da qualidade do céu noturno como um direito à observação das luzes estelares, que pode ter como coadjuvante, o turismo sustentável.

No próximo capítulo é apresentada a visão teórica de diversos autores concernente ao lazer e ao turismo, além dos aspectos regionais e turísticos de Valinhos e Vinhedo, onde está localizado o Observatório Abrahão de Moraes.

⁴⁸ O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é calculado a partir do Índice de Esperança de Vida (IDHM-L), Índice de Educação (IDHM-E) e do Índice de Renda (IDHM-R). O IDH-M é igual à média aritmética simples desses três índices. Esses dados fazem parte do Novo Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, um projeto do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Fundação João Pinheiro (MG) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Fonte: PNUD BRASIL, 2011.

CAPÍTULO 2 - TURISMO E LAZER: TURISMO REGIONAL

Turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais (MOESCH, 2000, p. 9).

Neste capítulo discute-se a conceituação teórica sobre turismo e lazer, cuja intersecção gera o turismo de lazer, e algumas das suas vertentes, com o intuito de refletir sobre esses fenômenos socioculturais contemplados pelo objeto da pesquisa, isto é, as visitas públicas oferecidas pelo Observatório Abrahão de Moraes. Em função da peculiaridade da sua localização na divisa dos municípios de Valinhos e Vinhedo, além da inserção do OAM no contexto turístico regional serão analisados aspectos territoriais e identitários da região, também consumidos turisticamente.

2.1 Reflexões teóricas sobre Turismo

O turismo é comumente representado como uma atividade econômica geradora de relevante efeito multiplicador na geração de empregos diretos e indiretos e de desenvolvimento econômico a curto prazo. Esta ideia encontra-se, por exemplo, na tradução literal de: *“In Chambers’ view, [...] is that many governments tend to view tourism as a only a short-term solution to pressing economic problems, to be replaced by more stable industries as a country develops”*⁴⁹ (CHAMBERS, 1997, p. 183).

Embora o turista possa utilizar algum produto industrializado por ocasião da atividade turística, não se pode afirmar que o turismo seja uma indústria, por não produzir nenhum produto tangível e ser “inestocável”, pois ele oferece bens e serviços, conforme Nascimento (2011)⁵⁰. Portanto, o produto turístico, é concretizado por intermédio de uma cadeia de prestadores de serviços, ou seja, enquadra-se no setor terciário.

Mesmo que o turismo não realize nenhum processo industrial propriamente dito, pode ocasionar danos advindos da atividade, não apenas ao meio ambiente e aos ecossistemas, como também à infraestrutura de uma localidade, prejudicar a comunidade local, e ainda, causar impactos e/ou trazer influências negativas à cultura local, muitas vezes irreversíveis, e

⁴⁹ “Do ponto de vista de Chambers [...] muitos governos tendem a ver o turismo como uma solução a curto prazo para problemas econômicos, a ser substituído por setores mais estáveis ao desenvolvimento do país. (CHAMBERS, 1997, p. 183 - tradução livre)”.

⁵⁰ NASCIMENTO, René C. Anotações em aula, 2011.

conforme destaca Burns (2002) provocar a perda de identidade cultural - mesmo considerando que a cultura é dinâmica e passa por processos contínuos de transformação.

Não há um consenso sobre uma definição do que seja turismo, já que depende de critérios ou princípios que o norteiam, que possuem ampla abrangência, ou seja, envolvem aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais. De acordo, com Beni (2003) há várias definições para Turismo, mas não se deve ater a apenas uma delas, considerando-se as diversidades sociais e de campos de estudo. Para Beni (2003) essas concepções são definidas sob o viés econômico, técnico e holístico, que podem ser controversas.

Corroborando esta ideia, sob o aspecto econômico, Sessa (*apud* BENI, 2003, p. 34) definiu “o Turismo não como uma atividade terciária, mas como uma atividade industrial real porque nele existe um processo de transformação de matérias-primas para a elaboração de produtos que são comercializados e consumidos no mercado.” Porém, em contraponto a essa concepção, Beni (2003) cita também Palomo (1991 *apud* BENI, 2003, p. 35), que por sua vez afirma: “Turismo não é indústria porque esta é um conjunto de operações necessárias para a transformação de matérias-primas”.

A *World Tourism Organization* (UNWTO) – referência mundial para diretrizes e estatísticas do setor – define o turismo como:

The activities of persons traveling to and staying in places outside their usual environment for not more than one consecutive year for leisure, business, and other purposes. Tourist – (overnight visitor) visitor staying at least one night in a collective or private accommodation in the place visited (UNWTO, 1999, p. 5).⁵¹

Ainda de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT, 2001, p. 38), cuja definição para o fenômeno é amplamente citada: “O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.”, que, portanto, contempla de forma ampla e flexível, o fenômeno turístico, por motivações diversas.

Porém, esta concepção da OMT não é totalmente aceita pelos autores, como por exemplo, Burns (2002), que considera que com essa definição a organização acaba

⁵¹ “As atividades de viajantes e que permanecem fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo inferior a um ano, com o propósito de lazer, negócios ou outros propósitos. Turista (visitante que pernoita) é o visitante que permanece, no mínimo uma noite, em uma acomodação coletiva ou privada no local visitado.” (UNWTO, 1999, p. 5 – tradução livre).

inflacionando as estatísticas sobre o fluxo turístico e exclui os excursionistas, que mesmo não pernoitando no local, usufruem da sua infraestrutura, tal como os turistas.

O turismo é um fenômeno econômico, político e cultural, e ainda trans-, multi- e interdisciplinar, com amplo campo de abrangência (BENI, 2003; PANOSSO NETO, 2010; REJOWSKI, 2011⁵²). Para Nascimento (2011)⁵³ o turismo não é uma ciência, porém um fenômeno que utiliza de subsídios de outras ciências.

Além disso, é um fenômeno social, pois ocorre em uma sociedade, influenciando-a e sendo influenciado por esta, mediante a interação entre os vários agentes (prestadores de serviços) que possibilitam o usufruto do produto turístico, e ainda a interação entre o visitado (comunidade local) e o visitante (turista), esteja ele só, ou em grupo.

Assim, o turismo promove - direta e/ou indiretamente - em algum momento durante a fruição do produto turístico, uma relação social entre visitante e anfitrião, ou seja, o que se pode denominar de relações de hospitalidade, em um determinado espaço ou localidade e período, conforme Moesch (2000, p. 9), que define:

Turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, repleto de objetividade/subjectividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

Beni (2003) adotou uma visão sistêmica sobre o turismo, ou seja, segundo sua concepção o turismo é um sistema composto de uma cadeia de setores inter-relacionados e interdependentes, com uma dinâmica própria, compreendido por diversos subsistemas, ou seja, a prestação de serviços (alimentação, transportes, agenciamento, recepção, hospedagem, recreação, lazer, entretenimento, *marketing*, entre outros), a infraestrutura (rodovias e ruas, hospitais, escolas, equipamentos, entre outros), regido pela oferta e demanda de mercado, e inserido em uma superestrutura (diretrizes e estratégias governamentais e privadas), influenciado pelos ambientes ecológico, social, econômico e cultural, onde ele ocorre, o qual o autor denomina de Sistema de Turismo ou SISTUR.

O modelo proposto por Beni (2003) facilita o entendimento conceitual do turismo ao retratar o fenômeno e as variáveis endógenas e exógenas a que está sujeito, e as suas

⁵² REJOWSKI, Mirian. Conforme anotações em aula (2011).

⁵³ NASCIMENTO, Renê C. Conforme anotações em aula (2011).

influências no sistema como um todo. Assim, para Beni (2003) o turismo compreende a somatória dos recursos naturais, culturais, sociais e econômicos.

Desta forma, o produto turístico é resultado de um conjunto de operadores de serviços interdependentes, dentro de um sistema, cada um com sua função (com causa e efeito), especificidades, *modus operandi*, com o intuito de atender às expectativas do turista, ou seja, a prestação de serviços de recepção, agenciamento, hospedagem, lazer/recreação, alimentação, transporte, *marketing*/promoção, eventos, além dos demais serviços complementares, conforme diagrama abaixo:

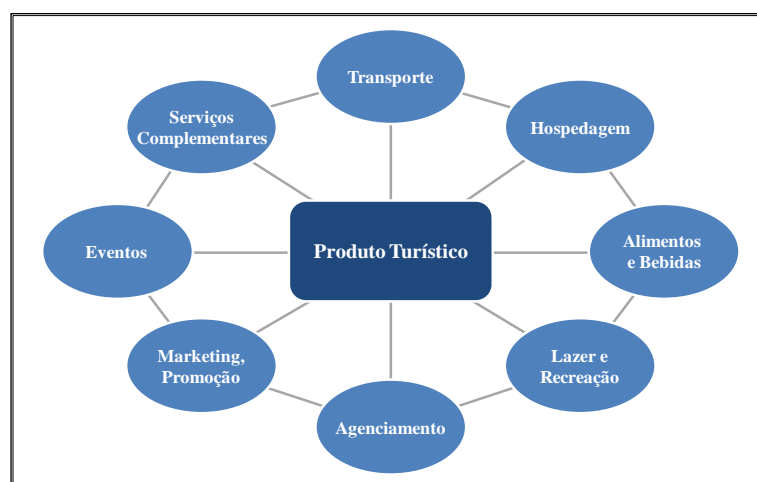


Figura 27: Diagrama - Representação do sistema operacional turístico
Fonte: Baseado em Beni (2003) - elaboração própria (2012)

Vale ressaltar que a falha de algum desses serviços em qualquer aspecto, seja por mau atendimento, seja pelo serviço prestado aquém do contratado ou esperado, má qualidade, impontualidade, entre outros *déficits* – pode afetar os demais elementos, comprometendo todo o sistema, e o produto turístico. Portanto, esse produto turístico fica “refém” de toda a cadeia operacional para que possa cumprir satisfatoriamente a sua função, ou seja, atender à expectativa do consumidor, o turista.

Entretanto, independentemente do desempenho dos atores operacionais envolvidos, considerando-se que o produto turístico é um bem intangível, o seu consumo envolve não apenas aspectos objetivos, como também subjetivos, sendo influenciado pela cultura e perfil sociocultural do turista, assim como pelas circunstâncias em que é consumido como: clima, tempo disponível de fruição, condições físicas do turista, e até mesmo, estado de ânimo individual ou do grupo que o acompanha.

Por sua vez, Krippendorf (2000) considera que os subsistemas social, econômico, ecológico e cultural permeiam não apenas o segmento turístico, porém o dia-a-dia dos indivíduos.

Além dessas concepções, vale salientar de que para Burns (2002, p. 46) “A vantagem de um enfoque sistêmico é que o turismo não é automaticamente visto isolado de seus ambientes político, natural, econômico ou social”, isto é, o autor também entende o turismo como um sistema atrelado a um conjunto de subsistemas, além do fato de ser um tema multidisciplinar. Burns (2002) ressalta a perspectiva do turismo, como uma prática social:

O fenômeno do turismo ocorre apenas quando três elementos – lazer temporário + rendimentos disponíveis + ética da viagem – ocorrem simultaneamente. A aprovação da viagem dentro de uma cultura é o que converte o uso do tempo e recursos em mobilidade social espacial ou geográfica. Se a viagem não é vista como algo apropriado dentro de uma cultura, então o tempo e recursos podem ser canalizados para outros fins (SMITH, 1981, p. 475 *apud* BURNS 2002, p. 43).

Embora Beni (2003) acredite que não haja um conceito único possível, concebe o turismo como:

[...] um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos (BENI, 2003, p. 37).

Burns (2002) argumenta que, como os demais autores citados, de que não há uma definição única e precisa para explicar o turismo, todavia, há consenso de que o turismo apresenta quatro elementos primários: “demanda por viagens; intermediários no turismo; influências ligadas ao destino, que levam a uma gama de impactos” (BURNS, 2002, p. 43).

As discussões sobre turismo propostas para esta pesquisa amparam-se também nas interpretações teóricas do lazer tendo em vista que, em uma visão holística, qualquer forma de turismo, inclusive o de lazer, integra-se a esse sistema aludido pelos autores acima, como Beni (2003); Burns (2002), entre outros pesquisadores.

2.2 Reflexões teóricas sobre Lazer e a sua relação com o Turismo

Após o cumprimento das obrigações (pessoais, familiares, políticas e religiosas), o tempo de trabalho, que abrange também o tempo gasto para o deslocamento em virtude do trabalho, e o das necessidades básicas como alimentação, sono e higiene, resta o assim denominado, tempo livre (CAMARGO, 1992; DE MASI, 2001; DUMAZEDIER 1999, 2000; MARCELLINO 1995, 1996, 2002).

Faz-se necessário esclarecer que os tempos despendidos em cada atividade não são equânimes, ou seja, eles são dinâmicos, determinados por aspectos socioculturais e econômicos, ou seja, de acordo com o estilo de vida, tipo de trabalho, cultura e perfil (idade, sexo, escolaridade, renda), disponibilidade de recursos, e claro, do interesse e valores de cada indivíduo, ou grupo social a que pertence.

Portanto, sob estas perspectivas, os “tempos” destinados/distribuídos a cada uma das atividades são permeados pelas características/e interesses individuais, da sociedade e da cultura em que um indivíduo está inserido, e o lazer, presente no tempo livre, também é regido por essas forças, mesmo sendo realizado de acordo com o livre-arbítrio de cada um.

Além disso, a distribuição desses tempos ao longo da jornada diária, da semana, do mês e, mesmo, no decorrer do ano sofre influências, tanto do momento em que o indivíduo está vivenciando, como também da sociedade em que está inserido, pois, as sociedades são formadas pelo conjunto de pessoas que possuem estruturas, padrões e culturas diferentes, delineados conforme seu espaço e tempo, em um processo dinâmico, interdependente e interativo entre elas, ou seja:

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade” (ELIAS, 1994, p. 21).

Complementarmente a esta reflexão, Burns (2002, p. 37) indica que:

Todos os aspectos de nossa vida são afetados por uma série de culturas em constante transformação, com os quais encontramos de tempos em tempos. Somos influenciados por essas culturas e as influenciemos. As culturas são influenciadas, portanto, por fatores tanto internos quanto externos, voluntária e involuntariamente.

Assim, as práticas sociais são produzidas e reconstruídas permanentemente, conforme Elias (1994), deduzindo-se que ocorre o mesmo nas atividades de lazer. Além disso, convém

salientar que a sociedade, tal qual a cultura, não é estanque, está sempre em transformação, adaptando-se à realidade socioambiental e temporal. Neste sentido, as atividades de lazer sofrem constantes influências do meio e da contemporaneidade, inclusive de modismos e das leis de mercado (oferta e demanda), a exemplo do turismo.

Conceituar o lazer é complexo e controverso, pois não há um consenso a respeito. Basta citar um dos criadores da sociologia do lazer, que afirma “Os sociólogos ainda não conseguiram entender-se, nem sobre a dinâmica, nem sobre as propriedades específicas do fenômeno lazer, nem sobre suas principais implicações” (DUMAZEDIER, 2000, p. 20). Opinião compartilhada por Camargo (1992) que explica que a classificação das atividades de lazer é distinta entre si, dependendo do critério adotado em cada país.

Do mesmo modo, Marcellino (1995) alega que não há um consenso entre os estudiosos do que se entende por lazer. Já Trigo (2003) considera lazer o tempo livre do indivíduo. Para Requixa (*apud* MARCELLINO, 1995, p.30) lazer é “[...] uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”.

Por outro lado, Corbin (2001, p. 62) afirma que é possível distinguir “[...] a complexidade da noção de lazer, aqui concebido como liberdade de usar o tempo e não como sequência temporal sem trabalho”, e analisa o lazer e o “lazer culto” (*otium*) praticado por uma elite, que, portanto, não dependia dos proventos do trabalho cotidiano, no século XIX.

Karl Marx (1818-1883) é referência teórica clássica e recorrente em várias temáticas, inclusive nas discussões sobre tempo de trabalho / tempo livre e lazer, sendo constantemente citado, entre eles, Camargo (2004); Dumazedier (1999; 2000); Marcellino, (2002). Por exemplo, Dumazedier (2000, p.20) explica que “desde o nascimento da sociedade industrial, os pensadores sociais do século XIX previram a importância do lazer, ou antes, do Tempo Liberado, pela redução do trabalho industrial.”

Dumazedier (2000, p.20), cita Karl Marx, que considerava que a conquista de um tempo livre, seria um “espaço do desenvolvimento humano”, assim, o acesso ao lazer propiciaria o desenvolvimento artístico e científico dos indivíduos. Além disso, para o autor a elevação da qualidade de vida vem acompanhada também do aumento do número de horas livres. Ainda conforme Dumazedier (2000, p. 26), quando a necessidade de usufruto de lazer não for satisfeita “os indivíduos ficam com a sensação de empobrecimento, quando na verdade não são mais pobres”, o que pode demonstrar a relevância individual atribuída ao lazer.

Corbin (2001) delinea em meados do século XIX o surgimento de novas configurações e distribuição dos tempos sociais, com o advento da revolução industrial, entre eles, o surgimento de um novo “divertimento cidadão”, notadamente na Inglaterra e Estados Unidos, onde surgiu um lazer de multidões, antes desconhecido: “A série das grandes exposições universais inaugura-se em Londres em 1851: contribui para que se desenhe um lazer de multidões até então desconhecido (CORBIN, 2001, p. 7).”

Dumazedier (2000, p. 31) afirma que a partir das reflexões de Augé, em 1930, o lazer adquiriu uma nova concepção, passando a ser considerado como: “Distrações e ocupações às quais podemos nos entregar de espontânea vontade, durante o tempo não ocupado pelo trabalho comum”.

Segundo De Masi (2001) nos últimos 50 anos ocorre a fase que ele chama de sociedade pós-industrial, isto é, baseada tanto na produção de bens materiais, mas preponderantemente imateriais, como a prestação de serviços, informação, ciência, (como é o caso do Observatório Abrahão de Moraes), estética, valores e símbolos. De Masi (2001) alega que houve aumento da expectativa de vida, que no início da sociedade industrial passou de 300 mil horas para 700 mil horas de vida média, ou seja, uma vida média de 80 anos.

De Masi (2001) destaca que o avanço tecnológico propiciou o aumento da capacidade produtiva de bens e serviços, com menor esforço, estimando que hoje, um jovem de 20, com expectativa de vida de 80 anos teria 530 mil horas de vida e 80 mil horas de trabalho. Calcula ainda que o jovem gastaria cerca de 10 horas diárias para dormir, comer e outras necessidades básicas, gastando um total de 230 mil horas com essas atividades, restando, portanto, 200 mil horas de tempo livre.

Faz-se necessário salientar que o tempo livre é um tempo onde o indivíduo não exerce atividade remunerada, mesmo que por sua livre escolha, possa realizar, por exemplo, um trabalho voluntário, ajudar em organizações não governamentais, entidades de assistência social, como creches, asilos, mutirões ou qualquer outra atividade laboral, ainda que sem remuneração (CAMARGO, 1992).

Além disso, o contrato de trabalho formal selado entre as partes (empregador e empregado) pressupõe o tempo de descanso e de lazer, compreendido pelas horas de não-trabalho, ou seja, tempo restante diário, após o cumprimento das obrigações, os fins de semana e inclusive, o período das férias (CAMARGO, 2010)⁵⁴, conforme legislação vigente.

⁵⁴ CAMARGO, L. O. Anotações em aula, 2010.

Para Marcellino (2002) o lazer pode também compreender o tempo das férias, trabalhos voluntários, esportes, gastronomia, entretenimentos musicais, atividades de azar, leitura de jornal, inclusive uma conversa fútil e conversa natural.

Pode-se observar certa aflição que o tempo livre acarreta ao homem moderno, ou seja, muitas vezes, mesmo ansiando-se por um tempo de não-trabalho, isto é, o tempo livre, ele não sabe, muitas vezes, “o que fazer” (ou que tipo de lazer lhe agrada), ou mesmo, como lidar com “o não fazer nada” (ócio), o que, pelo menos aparentemente, os italianos devem ser mestres, pois possuem até uma expressão específica para isso, amplamente difundida, o “*dolce far niente*”, que subentende que o ócio seja um momento tranquilo, ou o “doce” fazer nada.

Neste aspecto, Corbin (2001) discute como a ociosidade ou a inatividade no século XIX era então vista pela Igreja e a sociedade, pois o ócio era então confundido com a preguiça, a indolência ou até um lazer “triste”:

A ociosidade é então abertamente escarnecida, de alto a baixo da pirâmide social. A Igreja condena-a com veemência. Para ela a preguiça é um dos sete capitais. A inatividade, e mais ainda os devaneios que ela provoca induzem a tentação, facilitam as obras do demônio. O deboche a todos parece filho da ociosidade. A ocupação permanente constitui uma necessidade, mesmo para quem é dono do seu tempo.[...] O pensamento das Luzes impôs a valorização da actividade, a exaltação do trabalho produtivo, logo, o desprezo pela ociosidade que é ridicularizada e alvo de hostilidade. [...] A capacidade sem serventia assume a aparência da desgraça. Passa a ser um lazer triste, simbolizado pela fórmula irônica que tem por alvo o homem de acção obrigado a regressar aos “seus caros estudos” (CORBIN, 2001, p.60-61).

O mesmo autor ainda questiona: “[...] se bem longe de obcecada pelo lucro, como muitas vezes se diz, a sociedade burguesa do século XIX não aspirava antes a ser uma «sociedade de lazer».” (CORBIN, 2001, p. 63 – grifo do autor), e conclui:

A subtil seqüência das diatribes contra a ociosidade, a passividade, o vazio das horas, a permanente denúncia do desperdício de tempo que está ligada à obsessão da perda e, do mesmo passo, a exaltação da actividade induziram muitos remorsos e perturbaram a satisfação de muitos desejos. Este medo da brecha, até do interstício no emprego calculado das horas, este cuidado permanente de desqualificar a espontaneidade engendram um sistema de normas que durante muito tempo pesou sobre os usos do tempo disponível (CORBIN, 2001, p. 506).

Assim, pode-se supor que não é de hoje, que a ociosidade é repelida, confundida com a preguiça, levando ao questionamento, se o homem contemporâneo – pós-revolução industrial – está preparado e educado (formal e/ou informalmente) apenas para produzir e consumir – inclusive durante o tempo livre - mas não para o ócio, ou seja, o “não-fazer” nada,

pois aparentemente pode trazer um desconforto psicológico perante a sociedade. Camargo (1998) procura responder a esse questionamento na sua obra.

As atividades de lazer encontram-se circunscritas no tempo livre, não apresentam qualquer caráter de necessidade ou de obrigação, não visam à obtenção de um pagamento, colocam-se fora das obrigações familiares, sociais, políticas e religiosas, e são desinteressadas, define Dumazedier (2000).

Do seu ponto de vista, o lazer não é um produto secundário, mas fundamental da civilização contemporânea. Com a elevação da renda individual talvez o tempo livre tornar-se-á prioridade para a maior parte da humanidade. “O trabalho não mais será vivido como um fim, mas como um meio (DUMAZEDIER, 2000, p. 269).”

Camargo (1992, p. 10) lembra ainda que “[...] há um grau de liberdade nas escolhas dentro do lazer, maior que nas escolhas que se faz no trabalho, no ritual familiar, na vida sócio-religiosa e sócio-política”. Para o autor, nos últimos cem anos o lazer cresceu e valorizou-se, e encontra-se em plena expansão. O lazer acabou se firmando como um valor nos séculos XX e XXI e, esta ideia foi incorporada a partir do momento em que no modelo capitalista de produção percebeu-se que o trabalho poderia ser aliado ao lazer, construindo um mercado de lazeres e de mercantilização da sua prática, inclusive o turismo, conforme discutido adiante.

A busca do prazer, da fuga da rotina do trabalho e do *stress* muitas vezes se dá pela diversão, pelo entretenimento, cuja origem vem do latim *intertenerere*, que se faz no intervalo das coisas mais sérias (TRIGO, 2003, p. 17). Ainda para o autor, “[...] o entretenimento faz parte do universo do lazer, que engloba a recreação, o turismo, as atividades esportivas informais, etc.”. Trigo (2003) realça a importância e o crescimento da indústria do entretenimento, principalmente norte-americana, envolvendo somas astronômicas. Neste sentido, destaca-se que entretenimento é um produto que agrega valor à prestação de serviços nas áreas cultural, de lazer e de turismo, seja onde for, e procurado por milhões de pessoas.

Camargo (1992, p.20) menciona ainda, que nas áreas culturais de lazer existem três atitudes possíveis: “[...] praticar, sob a forma de lazer, assistir ou estudar o assunto”. E ainda afirma que “[...] não se pode obrigar alguém a se divertir ou a fazer alguma coisa desinteressadamente” e que a “[...] oportunidade de criatividade, de enriquecimento da personalidade” deverá ser procurada no tempo de lazer (CAMARGO, 1992, p.75).

Ainda Camargo (1992, p.10-12) opina que o tempo dedicado ao lazer cria alternativas de desenvolvimento pessoal, de ação e participação, e que “[...] em toda escolha de lazer, existe o princípio da busca do prazer”, embora que, mediante esforço dispensado, o resultado

possa ser bem diferente da expectativa, ou seja, pode levar ao relaxamento, sensação agradável ou mesmo de tédio.

O lazer adquire tal relevância na sociedade pós-industrial, que se supõe, pelo menos teoricamente, que o *homo faber* procura ser *homo ludens*.⁵⁵

Assim, embora o lazer seja um comportamento individual - praticado isoladamente ou em grupo – geralmente irá refletir e/ou reproduzir o comportamento usual da sociedade em que o indivíduo está inserido, circunscrito no tempo e na sua cultura, pois há uma simbiose nessa relação, refletida também na prática do lazer.

Considerando-se o contexto específico desta pesquisa, vale ressaltar que Dumazedier (2000) cita Augusto Comte (1798-1857), que argumentava que o lazer seria uma oportunidade de desenvolver a astronomia popular.⁵⁶

Esta iniciativa de popularizar o conhecimento da astronomia deve-se principalmente a Nicolas Camille Flammarion (1842–1925) com a obra “Astronomia popular” (1880). Vale ainda destacar, que a Astronomia foi considerada uma atividade de lazer do futuro, conforme artigo de Wayman (1982)⁵⁷, disponível na base de dados da NASA.

Desta forma, a aquisição de conhecimento e noções sobre astronomia pela população, por meio de atividades de lazer, se enquadram na educação não-formal e informal, conforme discutido a seguir.

2.3 A Educação não-formal: um lazer socioeducativo

Conforme já abordado, o lazer é uma oportunidade ao desenvolvimento pessoal sob vários aspectos, entre eles, destaca-se o lazer socioeducativo representado pela educação não-formal e informal.

O direito à educação formal é pressuposto contemplado pela legislação em âmbito mundial (com adesão inicial de 193 países), especificamente, pela Convenção dos Direitos da Infância das Nações Unidas (1989) e no caso brasileiro pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Portanto, conclui-se, que é um direito, principalmente reservado às crianças e jovens, um direito à cidadania.

55 Título da obra de Huizinga (2000), referindo-se à relevância e significado do jogo, como fenômeno cultural (uma forma lúdica de lazer).

56 Para mais detalhes disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/espíritopositivo.htm>>.

57 Para mais detalhes disponível em: <http://articles.adsabs.harvard.edu/cgi-bin/nph-article_query?bibcode=1984IrAJ...16..251W&db_key=AST&page_ind=4&plate_select=NO&data_type=GIF&type=SCREEN_GIF&classic=YES>.

Entretanto, o processo educativo – composto pela socialização - e a aquisição do conhecimento não se compõem apenas pela educação formal nos espaços destinados exclusivamente à educação, ou “formais” neste sentido, como escolas ou universidades. Além disso, a educação de um indivíduo é formada pela educação não formal e informal:

O processo educativo é composto por processos de socialização que acontecem em ambientes de diálogo, de visitas, em contextos de intervenções, e nas experiências práticas do cotidiano. Assim, denominações como educação formal, não formal e informal passaram a ser utilizadas por pesquisadores em educação para tentar explicar processos educativos que ocorrem em diferentes espaços (LINHARES, 2011, p. 22).

Vários são os estudos que contemplam a temática e a diferenciação entre a educação formal e a não-formal, entre eles, Camargo (1998); Gadotti (2005), Gaspar (1993), Gohn (1999), Linhares, (2011), entre outros.

Observa-se pela conceitualização dos autores (CAMARGO, 1992, GADOTTI, 2005, GASPAR, 1993, GOHN, 1999) que embora não haja consenso sobre uma definição única sobre educação não-formal, pode-se afirmar que surge como uma forma complementar à educação formal, com uma característica peculiar: a livre escolha do participante.

Segundo Gohn (1999) a educação não-formal designa um processo com quatro dimensões, de acordo com as áreas de abrangência, como por exemplo, a aprendizagem de conteúdos da educação formal, porém em espaços diferenciados e ainda: “Aqui, o ato de ensinar se realiza de forma mais espontânea, e as forças sociais organizadas de uma comunidade têm o poder de interferir na delimitação do conteúdo didático ministrado, bem como estabelecer as finalidades a que se destinam àquelas práticas (GOHN, 1999, p.99).”

Para a autora, na educação não-formal a cidadania é o objetivo principal e pensada em termos coletivos. Salienta-se que em um quadro comparativo tanto em Camargo (1992; 2010) e segundo Afonso (*apud* GOHN, 1999), as principais diferenças entre a educação formal e a não-formal assumem um caráter mais positivo à última, por promover a socialização, a solidariedade e a participação, dispensando a figura centralizadora de um professor-instrutor.

Gadotti (2005, p. 2) também elucida as particularidades da educação não-formal, como a relevância e característica espaço-temporal, que assim adquire um caráter flexível:

São múltiplos os espaços da educação não formal. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não-formal) temos as Organizações Não-Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, etc. Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante, como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em

relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços. Trata-se de um conceito amplo, muito associado ao conceito de cultura. Daí ela estar ligada fortemente a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam esses adultos ou crianças.

A seguir, faz-se um apanhado a respeito da educação não-formal, informal e formal, de acordo com a concepção de Camargo (2010), conforme o Quadro 3, que traça algumas das principais diferenças entre as três modalidades de Educação:

Educação Formal	Educação Não-Formal	Educação Informal
Disciplina	Ludicidade	Ludicidade
Planejada, com currículos	Planejada, sem currículos	Não planejada
Autoritarismo	Persuasão	Orientada preferencialmente na relação com os iguais
Repressão	Dissuasão	Orientada preferencialmente na relação com os iguais
Sanção da aprovação e do diploma	Sem sanções	Sem sanções
Assume a obrigação e controla a ludicidade	Busca equilíbrio entre lazer e obrigação	Conflitos entre lazer e obrigação

Quadro 2: Diferenças entre a educação informal, formal e não-formal (quanto às diretrizes pedagógicas)

Fonte: Camargo (2010) – elaboração própria (2010)

O autor pondera que as diretrizes culturais na educação não-formal são:

- a) Diversificação de atividades;
- b) Equilíbrio entre cultura erudita, popular e tradicional;
- c) Equilíbrio entre prática e fruição.

Camargo (2010) também considera que o principal foco da educação não-formal é a prática amadorística. Nos centros de lazer a qualidade não se configura apenas no número de freqüentadores, porém no número de pessoas relacionadas a um grupo que a pratica. E ainda, quanto às diretrizes sociais a educação não-formal possui caráter:

- a) Multicultural, sem segregação;
- b) De inclusão, configurando-se como democracia cultural;
- c) Coeducação.

Já quanto às diretrizes econômicas, a educação não-formal possibilita a distribuição de custos entre os beneficiários e/ou participantes, como: Poder público, empresas, entre outros (CAMARGO, 2010).

Em relação às diretrizes políticas, Camargo (2010) pondera a importância do terceiro setor, que possui maior flexibilidade do que o poder público e não tem agenda secreta do lucro das instituições privadas.

Com base nessas informações, vale ainda ressaltar:

Os currículos monoculturais do passado, voltados para si mesmos, etnocêntricos, desprezavam o “não formal” como “extra-escolar”, ao passo que os currículos interculturais de hoje reconhecem a informalidade como uma característica fundamental da educação do futuro. O currículo intercultural engloba todas as ações e relações da escola; engloba o conhecimento científico, os saberes da humanidade, os saberes das comunidades, a experiência imediata das pessoas, instituintes da escola; inclui a formação permanente de todos os segmentos que compõem a escola, a conscientização, o conhecimento humano e a sensibilidade humana, considera a educação como um processo sempre dinâmico, interativo, complexo e criativo (GADOTTI, 2005, p.4).

Dumazedier (1994) fala, por exemplo, de um novo controle social liberador e regulador, que favorece a utilização do tempo livre para um desenvolvimento de si próprio e uma participação mais ativa nas instituições sociais e políticas ou organização social chamada animação: “É uma nova estrutura intermediária de informação e de formação crítica às insuficiências da estrutura escolar diante dos problemas do tempo livre e de todos os outros tempos sociais” (DUMAZEDIER, 1994, p. 160).

Para Dumazedier (1994) com o advento da televisão e o grande número de horas dedicadas à TV, houve uma dispersão de atenção, mas por outro lado, um acesso muito maior à informação. O pesquisador questiona então como “aprender a eliminar, criticar, escolher, integrar, sem que nada obrigue, nem a mensagem da autoridade familiar nem da escolar?”, que conforme o autor o controle social é aqui de educação não-formal. Trata-se de formação ou de autoformação voluntária: “A animação é um modo de controle sobre a escolha das informações e dos conhecimentos, [...] para ajudar cada pessoa, cada grupo a um suplemento de reflexão crítica sobre uma massa de mensagens positivas ou negativas para seu autodesenvolvimento” (DUMAZEDIER, 1994, p. 166).

Entende-se, portanto, que a educação não-formal, é uma atividade espontânea (não obrigatória), e prazerosa, sem o controle de terceiros, representados por uma figura hierárquica ou de autoridade, realizada no tempo livre de um indivíduo, que promove o desenvolvimento pessoal.

Assim, a educação realizada como prática voluntária ligada ao lazer é denominada como educação não-formal, conforme Cazelli (*apud* Linhares, 2011, p. 23):

[...] os autores de língua inglesa utilizam os termos “formal” e “informal” para designar os tipos de educação em diferentes ambientes, sendo formal a educação que acontece dentro da escola e, informal, aquela que ultrapassa os muros escolares. Já os de língua portuguesa acrescentaram uma terceira denominação, o termo “educação não-formal”, como sendo aquela restrita a museus, centros de ciências e cursos que ocorrem além da sala de aula. Neste caso, o termo “educação informal” passa a descrever aquela relativa à ambientes cotidianos familiares, de trabalho ou de lazer.

As visitas e palestras oferecidas em equipamentos culturais ou científicos, como em alguns museus, centros culturais, planetários e observatórios astronômicos, é o que se pode denominar como educação não-formal, e especificamente no caso objeto desta pesquisa, ao transmitir noções de Astronomia, praticamente ausente na grade curricular da educação formal nas escolas brasileiras. Por exemplo, no texto “O Ensino Interdisciplinar de Física Solar em um Observatório Astronômico”, Silva e Aroca (2008, p.2) afirmam que:

Na escola, a astronomia é raramente ensinada por meio de atividades práticas, como a observação de planetas, Sol, estrelas e seus movimentos, uma vez que os tópicos abordados são geralmente restritos às informações de livros didáticos. Tais assuntos deveriam ser abordados, uma vez que atraem os estudantes para a ciência contemporânea explorando tópicos que permitem um entendimento melhor a respeito da origem do Universo e do próprio homem.

Linhares e Nascimento (2009) realizaram estudo sobre “Espaços de divulgação de Astronomia no Brasil” e fizeram o seu mapeamento pela internet. Detectaram o grande interesse que a Astronomia desperta não somente nos estudantes, como aos egressos do meio acadêmico que buscam aprofundar um conhecimento escolar deficiente no tema, e ainda segundo Linhares e Nascimento (2009, s.p.) “[...] é nesse sentido, que os espaços não-formais de ensino, se tornam importantes para a divulgação da Ciência e da Tecnologia a este público”. Além dessas ponderações, Linhares (2011, p. 23) cita:

No campo de aprendizagem, Falk & Dierking (2002) criaram a expressão “*free-choice learning*” como forma de enfrentar a confusão entre os termos formal, não-formal e informal. Para eles, a “aprendizagem por livre escolha” é todo tipo de aprendizagem que pode ocorrer fora da escola, especialmente em museus, centros de ciências, organizações comunitárias e nas mídias impressa e eletrônica (incluindo a Internet).

Em resumo, segundo os autores referenciados, o lazer socioeducativo - que pode ser realizado também no turismo de lazer - é toda a atividade voluntária, sem conteúdo “engessado”, podendo apresentar certa ludicidade, promove o desenvolvimento pessoal, que se observa na educação não-formal, fora do espaço (escolar) formal de educação, com a característica de flexibilidade quanto ao conteúdo, motivação, espaço e tempo.

Langhi e Nardi (2010, s/p.) também ponderam que há falta de consenso na literatura nacional sobre o que seja educação não-formal, e que:

[...] este tipo de educação caracteriza-se por qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação. Neste caso, os museus de astronomia, planetários, observatórios astronômicos e clubes de astrônomos amadores que oferecem tais atividades, podem ser incluídos na categoria de estabelecimentos de educação não formal em astronomia.

Existem várias iniciativas de educação não-formal espalhadas pelo mundo, inclusive no Brasil, como por exemplo, em centros culturais, museus, planetários e observatórios astronômicos, sendo um deles, o Observatório Abrahão de Moraes.

2.4 Turismo e Lazer Cultural e a sua relação com observações astronômicas

Com exceção do turismo de negócios ou de eventos científicos/acadêmicos, seminários e congressos, o turismo é realizado no âmbito do lazer, na utilização do tempo livre inserido em uma paisagem agradável ou com algum atrativo, com o deslocamento do turista do seu entorno habitual. O produto turístico é um bem intangível, não estocável, composto pela realização de um sonho ou desejo, deixando como único valor residual a experiência ou recordação.

Para Camargo (1992, p.26-27) na atividade turística de lazer o indivíduo procura a “[...] mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida”, ou seja, a quebra da rotina temporal-espacial.

Segundo De Masi (2001) e Camargo (1992) o turismo é uma maneira nobre com a qual se pode preencher a necessidade de contatos. Porém, faz-se necessário ponderar sobre os valores da sociedade industrial e pós-industrial. Enquanto na sociedade industrial os valores eram a padronização, a racionalização e a especialização, na sociedade pós-industrial os valores são totalmente distintos. Hoje, um dos principais valores é a intelectualização, isto é, ao invés da força física, a capacidade intelectual no trabalho - inclusive no tempo livre - é mais valorizada, conforme De Masi (2001).

Entretanto, vários autores abordam a questão do lazer inserido no tempo livre, como uma forma de consumo do mundo capitalista, conforme argumenta Corbin (2001, p.7):

O fim da Segunda Guerra Mundial constitui uma ruptura igualmente evidente. A seguir à vitória dos Aliados triunfa um lazer-mercadoria entendido, sobretudo como um tempo disponível para o consumo. A difusão social das folgas pagas e depois das férias autoriza esta brusca mutação das figuras e dos usos do tempo livre. Desenvolve-se uma moral do prazer (*fun morality*) que traduz a alteração dos valores e das referências.

Por sua vez, Ouriques (2005) retoma as ideias de Karl Marx quando alude que a atividade turística seria uma forma de controle total do capital, ou seja, não apenas do tempo do trabalho, como também do tempo livre do trabalhador. O tempo turístico que, em princípio, é uma conquista moderna dos trabalhadores, por outro lado, é o tempo que, no sistema capitalista o trabalhador vai consumir, nos fins de semana e nas férias. Assim, o ócio, o “não fazer nada”, é descartado. Segundo o autor, é preciso sempre “fazer” alguma coisa, ou seja, produzir ou consumir, mesmo no tempo livre, para alimentar a ciranda capitalista, prevalecendo a consciência coletiva do consumo.

Além disso, Ouriques (2005) situa a produção turística, e tudo o que a compõe, como mercadoria. Desde a paisagem, que o pesquisador denomina de mercadoria-paisagem, que aqui ele trata como “fetichismo da mercadoria”, os habitantes (como objetos de consumo com as suas peculiaridades), os turistas, os trabalhadores, e ainda alguns pesquisadores da área e suas obras, todos atuando de forma a perpetuar este sistema turístico. E também conforme análise de Coriolano (1998, p. 30):

A ideia de viajar vem penetrando de tal forma na mente do homem moderno que, cada vez mais, se fortalece como uma conquista, um direito, uma possibilidade, um consumo. Pode-se afirmar que a viagem é hoje um dos grandes consumos criados no contexto da sociedade através dos meios de propagação coletiva, sobretudo os meios de comunicação de massa eletrônicos.

A mesma visão sobre mercantilização e fetichismo do turismo é apresentada por Cifelli (2005, p. 74):

Com o intuito de conseguir aquilatar um maior número de consumidores culturais, a atividade turística, por meio dos agentes responsáveis por sua execução, não abarca somente a construção simbólica do objeto turístico, mas também desenvolve estratégias que lidam com a motivação, os desejos e necessidades do *homo-turisticus*, canalizadas para o consumo da natureza, da cultura e das paisagens.

Corroborando o exposto, e também sob o ponto de vista de território, Silveira (*apud* CIFELLI, 2005, p. 75) apresenta que “[...] haveria, por conseguinte, uma produção de lugares turísticos, alicerçada, em grande parte, na elaboração de um discurso, que contribui para uma coisificação e uma fetichização de certos pontos do território”. E da mesma forma, “As paisagens turísticas nada mais são, também, que invenções, que criações culturais, e da mesma forma, “[...] as paisagens turísticas não existem *a priori* como um dado da natureza. Elas são uma invenção cultural (LUCHIARI, 1998 *apud* CRUZ, 2001, p. 10).“

Outros autores, como Krippendorf (2000, p. 168), compartilham a mesma opinião: “[...] um turista responsável se rebela contra o mercantilismo irresponsável e a uniformidade praticada pela maioria dos métodos do turismo”. Infere-se que alude ao chamado turismo de massa, onde o que interessa é a quantidade de paisagens vistas e a velocidade com que é realizado, cuja equação resulta em lucro aos promotores turísticos.

De acordo com Krippendorf (2000) ao distanciar-se do ritual imposto pelas viagens agenciadas focadas no turismo de massa há maior probabilidade de se realizar experiências enaltecidas, e fazer da viagem a destinos culturais uma fonte de aquisição de conhecimentos, do saber e da cultura:

O imperativo essencial dos turistas alternativos é o de dissociar-se do turismo de massa. Agir diferentemente de outras pessoas, ficar longe dos caminhos percorridos pelo turismo. Se possível ir a lugares inexplorados até então [...]. Ademais, os turistas alternativos querem ter mais contato com os autóctones, renunciar à maioria das infraestruturas normais, alugar-se de acordo com os hábitos locais e utilizar meios de transportes públicos do país (KRIPPENDORF, 2000, p. 60).

Em contraponto à ideia comum sobre a mercantilização do consumo do turismo, principalmente do chamado turismo de massa, e diante da abrangência e divergências da conceituação dos termos turismo e cultura pretende-se aqui focar o turismo cultural em que se inscreve o Observatório Abrahão de Moraes, segundo a ótica do Ministério do Turismo, em parceria com o Ministério da Cultura, que estabeleceu a seguinte definição:

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (MTUR, 2010, p.15).

Para Dumazedier (2000) e Camargo (1992), a cultura é uma maneira de se praticar o lazer. Camargo (1992, p.96) ainda alega que “[...] o direito ao lazer expressa uma nova forma de se reivindicar a dignidade humana”.

Pode-se situar a origem da relação turismo e cultura no *Grand Tour* europeu no século XVIII - uma espécie de rito de passagem da adolescência - quando os aristocratas e, mais tarde, a burguesia viajavam, principalmente para contemplar monumentos, ruínas e obras-de-arte dos antigos gregos e romanos, e ter contato com parte da história da civilização ocidental, ou seja, a forma de conhecer o mundo, outras culturas e outras línguas, era viajando (BARRETTO, 2000; CORBIN, 2001; REJOWSKI, 2005; SALGUEIRO, 2002):

[...] o *Grand Tour* enquanto fenômeno social, pontuando aspectos técnicos e culturais desses pioneiros fluxos de viagens do século 18 por puro prazer, matrizes dos fluxos de turismo de lazer e cultural do nosso tempo atual. Entre as questões permeando o universo cultural do grand tourist,

destacamos o gosto pela arte e a arquitetura dos antigos, o culto à ruína e atração de valores estéticos sublimes, em meio às quais podemos distinguir a emergência de uma visualidade dessa experiência de viagem dita “clássica” (SALGUEIRO, 2002).

Baseando-se em Salgueiro (2002), os *grands tourists* – amantes da cultura dos antigos e de monumentos e ruínas - possuíam disponibilidade de tempo e de recursos; espírito aventureiro; viajavam por prazer e amor à cultura; era um fenômeno social, com origens e destinos específicos, que despertou interesse de novos viajantes/turistas. Assim, o *Grand Tour* foi precursor do turismo, tal como hoje conhecemos.

Vale ressaltar o que Johann Wolfgang von Goethe, poeta alemão célebre e também *grand tourist* escreveu em seu diário de viagem à Itália, conforme Salgueiro (2002, p. 290): “De certo, estou aprendendo a viajar com essa viagem [...]”. A mesma visão é abarcada por Pearce (1988 *apud* BURNS, 2002, p. 63): “[...] os indivíduos podem passar por um tipo de “ascensão na carreira de viajantes”, desenvolvendo uma gama de motivações enquanto “aprendem” a viajar e desenvolvem a capacidade para vivenciar suas viagens em vários níveis.”

Sem dúvida, além da visita aos destinos previstos e a interação com a cultura local, acarretando uma nova visão de mundo, a própria viagem em si traz novas experiências, sendo uma forma de aprendizado, percepção ainda hoje presente. Também de acordo com Burns (2002, p. 30) permanece o mito de que a viagem “é a liberdade perfeita”.

Traçando-se um paralelo ao turismo atual, encontram-se, por exemplo, as fantasias (ou imaginário), como em qualquer viagem e a nostalgia de um passado, ou seja, o desejo de reter o tempo (por meio de retratos e pinturas); hoje possível com o recurso das modernas câmaras e filmadoras digitais, que para Salgueiro (2002, p.308): “[...] apontadas ainda hoje para monumentos, paisagens e cenários, com o eterno desejo de reter o tempo e uma vez mais estimuladas pela recorrente nostalgia humana do passado, hoje também globalizada”.

Neste contexto, notam-se permanências do *Grand Tour* do século XVIII no turismo contemporâneo, e entre as principais, o prazer em viajar e a motivação cultural. Desde então, a cultura continuou a ser uma das principais razões para a viagem. Porém, com o tempo, modificou-se a forma como os inúmeros turistas visitam atrativos turísticos culturais.

A própria noção de cultura antes ligada à ideia de civilização e erudição ampliou-se, passando a incluir todas as formas de ser e fazer humanos. Uma reflexão importante é a de que “[...] por ser uma prática social, o turismo é fortemente determinado pela cultura” (CRUZ, 2001, p. 5). Neste sentido, é também pertinente a afirmação de que:

[...] o turismo atual deve ser considerado basicamente como produto da cultura, no sentido amplo deste termo. Por isso, as explicações de caráter econômico que são utilizadas para compreender a transcendência do turismo são, evidentemente, insuficientes, ainda que significativas, porque não contemplam e tampouco consideram a diversidade de dimensões do fenômeno (MOLINA; RODRÍGUEZ, 2001, p.9).

Baseando-se nesta ideia, deduz-se que toda a forma de turismo seja “cultural”, na medida em que, além de poder ser – direta ou indiretamente – um elemento motivador, o turismo é realizado em um ambiente “cultural” (BENI, 2003; BARRETTO, 2002, 2007; MOESCH, 2000), isto é, a cultura permearia a fruição do produto turístico, no sentido de que haverá uma interação cultural entre os atores envolvidos no processo, ou seja, turista e residente.

Da mesma forma, a concepção de turismo, já citada, de Moesch (2000, p. 9) é pertinente, também sob o viés cultural do turismo:

Turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, repleto de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

Entretanto, de acordo com Barretto (2004) as relações entre visitantes e visitados nem sempre são harmoniosas e favoráveis à comunidade local, já que muitas vezes, segundo a autora, essas relações são permeadas por velhos dilemas presentes na sociedade, que repercutem também no turismo, como xenofobia, colonialismo cultural, e ainda mais, seguem a lógica mercantil. Neste sentido, ainda conforme Barretto (2004), a interação entre turistas e comunidades locais também será pautada de acordo com o tipo dessas comunidades, se são urbanas, rurais e ainda dependerá do perfil e origem dos turistas.

Corroborando essa ideia, observa-se em Krippendorf (2000, p. 158) que afirma: “Os habitantes das regiões turísticas mostrariam prudência se tomassem mais consciência de seu próprio valor e se permitissem aos turistas, maior acesso às riquezas da própria cultura”.

A esse respeito, Sessa (*apud* BENI 2003, p. 89) alega que: “[...] o Turismo traz uma dupla contribuição: direta, como resultado de uma experiência cultural que enriquece a população visitada e a visitante com a aquisição dos valores que ambas possuem [...]”.

Mesmo levando-se em consideração a concepção de que qualquer forma de turismo seja uma experiência cultural, faz-se necessário aprofundar-se mais sobre determinadas características do Turismo Cultural.

Beni (2003, p. 88), por exemplo, diz que “[...] espaço cultural é aquela parte da superfície terrestre que teve sua fisionomia e “aura” originais mudados pela ação do homem. É consequência da intervenção do trabalho físico e mental do homem no espaço natural”. Pires (2002) possui ideia semelhante, ao afirmar que os objetos fazem parte da cultura, não apenas pelo fato de terem sido produzidos pelo homem, mas por adquirirem um significado humano.

Assim, de acordo com Beni (2003, p. 88), os recursos culturais turísticos são resultado da intervenção e manifestações culturais humanas, onde “[...] cultura pode ser entendida como o conjunto de crenças e valores e técnicas para lidar com o meio ambiente, compartilhado entre os contemporâneos e transmitida de geração a geração [...]”. O que o autor enfatiza, é que não existe uma única cultura, e sim, “uma coleção de subculturas” e que, a subcultura dominante será aquela do grupo também dominante de uma sociedade.

Desta forma, como já exposto, a sociedade e os fenômenos sociais praticados pelos indivíduos que a compõe, são influenciados por uma dinâmica espaço-temporal, conforme Elias (1994). Outro aspecto importante, retomando o exposto por Beni (2003), por esse motivo o turismo cultural possui tantos desdobramentos ou nomeações, pois irá refletir o interesse, o avanço tecnológico, modismos, necessidades, além das expectativas peculiares e contemporâneas dos turistas.

Para Barretto (2002) o turismo cultural é aquele em que o principal atrativo não é a natureza, mas compreende algum aspecto do ser humano, podendo ser história, cotidiano, artesanato, entre outros aspectos que o conceito de cultura abrange.

Vale ressaltar a Carta de Turismo Cultural da ICOMOS⁵⁸, que esclarece o papel do turismo cultural:

[...] Sem dúvida, qualquer que seja sua motivação e os benefícios que possui, o turismo cultural não pode estar desligado dos efeitos negativos, nocivos e destrutivos que acarreta o uso massivo e descontrolado dos monumentos e sítios. O respeito a estes, ainda que se trate do desejo elementar de mantê-los num estado de aparência que lhes permita desempenhar seu papel como elementos de atração turística e de educação cultural, leva consigo a definição; o desenvolvimento de regras que mantenham níveis aceitáveis. Em todo caso, com uma perspectiva de futuro, o respeito ao patrimônio mundial, cultural e natural, é o que deve prevalecer sobre qualquer outra consideração, por muito justificada que esta se pautar desde o ponto-de-vista social, político ou econômico (ICOMOS, 1976).

⁵⁸ Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ligada à UNESCO. O ICOMOS/BRASIL está representado em vários Conselhos Culturais em todo o País, nos níveis federal, estadual e municipal: Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN; Comissão Nacional de Incentivo à Cultura - CNIC; Conselho de Cultura do Estado do Piauí, entre outros.

Assim, o turismo cultural é uma das segmentações do turismo, oriunda pela demanda e motivação turística, ou seja, o turista tem que ter interesse espontâneo ou ter sido despertado pela promoção turística para esse tipo de lazer.

Em analogia à afirmação de Camargo (1992) e à De Masi (2001) de que o turismo é tido como uma das mais nobres atividades de lazer, pode-se dizer sê-lo, mais ainda, o turismo cultural, na medida em que proporciona a vivência, a aquisição e a interação com conhecimentos ou manifestações culturais novos ou distintos. A partir dos pressupostos referidos e considerando-se a característica particular desta pesquisa convém destacar que:

A definição de Turismo Cultural está relacionada à motivação do turista, especificamente de vivenciar o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a experienciá-los e preservar a sua integridade. Vivenciar implica, essencialmente, duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se ao conhecimento, aqui entendido como a busca em aprender e entender o objeto da visitação; a segunda corresponde a experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do objeto de visitação (MTUR, 2006, p. 17).

A modalidade de turismo objeto deste estudo é o turismo realizado em um observatório astronômico, e que de acordo com Pires (2002, p. 101) “Os objetos materiais, portanto, fazem parte da cultura. Não só os que e porque receberam o trabalho humano, mas em virtude da significação simbólica que comumente adquirem”.

Sob essas perspectivas, além do observatório em si ser resultado da cultura científica humana, ele atua com um fascinante componente, o imaginário, que de acordo com Moesch (2000, p. 46): “O imaginário permite a construção de uma estreita conexão existente entre as grandes obras de cultura e aquela cultura vivida no dia-a-dia, constituindo o cimento essencial de toda a vida societal”.

Vale ressaltar ainda as palavras de Prentice (*apud* MORAES, 2010, p. 170) de que: “Muitos museus são considerados atrativos culturais e incluem-se no turismo cultural, que, é uma modalidade de turismo constituído, proferido e consumido sob a forma de apreciação cultural, com experiências ou obtenção de conhecimento.”, e assim, analogamente, podem-se enquadrar os observatórios astronômicos. Ademais, são relevantes as considerações de que:

Para que haja produtos e serviços com experiências inesquecíveis, é necessária a presença de quatro fatores: educação, permitindo aprender algo; entretenimento, oferecendo diversão; estética, obtendo acuidade visual; e evasão, conduzindo à perda da noção de tempo (MORAES, 2010, p. 170).

Neste aspecto de análise, faz-se necessário ainda citar a Carta de Turismo Cultural da *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS), que define: “O turismo cultural é

aquela forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos (ICOMOS, 1976, s/p.)”. Além disso, de acordo com a organização, Beni (2003) e Barretto (2002; 2007), entre outros, o turismo cultural promove a valorização e preservação do patrimônio natural e cultural da humanidade, sendo o céu noturno e o direito à observação das luzes estelares, um desses patrimônios, conforme Schwarz (2003) e *Starlight* (2007).

Desta forma, o turismo cultural praticado em observatórios astronômicos lida com o imaginário dos visitantes, pois o universo - objeto das observações astronômicas - sempre foi e será alvo de signos, símbolos e significados que povoam o imaginário da humanidade, inclusive no seu cotidiano.

Corroborando esta ideia, Beni (2003) afirma que o imaginário turístico – considerando-se o turista como um colecionador de imagens e o turismo como um relevante revelador do imaginário das sociedades contemporâneas – uma das características do turismo cultural, e, ainda para o autor, é o que ocorre em museus, com ambientação de base histórica no patrimônio cultural, com a possível tematização, o que se pode atribuir a um observatório astronômico.

2.5 Atratividade, mercado turístico e segmentação

Na teoria de Beni (2003) o turismo é regido pelas leis de mercado da oferta e demanda e deve ser planejado e organizado. Em primeira instância pelos governantes, estabelecendo diretrizes integrativas e coerentes entre si, ou seja, nas esferas federais, estaduais e municipais, adotando-se planejamentos estratégicos a médio e longo prazo – independentemente de orientação partidária - e adotar os preceitos de entendimento do mercado de consumo, conforme Kotler (1998).

Kotler (1998, p. 27) explica que “*Marketing* é um processo social e gerencial pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com outros”. Ainda de acordo com Kotler (*apud* TRIGUEIRO, 2001, p. 2) “[...] fazer *marketing* significa usar a ciência e a arte para facilitar a troca. *Marketing* é, antes de tudo, manter e conquistar clientes.”, e ainda:

Marketing tem como função identificar necessidades e desejos não satisfeitos, definir e medir sua magnitude, determinar a que mercados-alvo a organização pode atender melhor, lançar produtos, serviços e programas apropriados para atender a esses mercados e pedir às pessoas da empresa que pensem e sirvam o cliente. Do ponto de vista social, marketing é o elo entre as exigências materiais da sociedade e seus modelos econômicos de resposta. (KOTLER *apud* TRIGUEIRO, 2001, p. 2)

Outro autor alemão diz que “*Marketing bedeutet dementsprechend Planung, Koordination und Kontrolle aller auf die aktuellen und potentiellen Maerkte ausgerichteten Unternehmensaktivitaeten*”⁵⁹ (MEFFERT, 1986, p. 31).

Deve-se ainda considerar a ideia de *Marketing* proposta também por Kotler (*apud* HINDLE, 2008, p. 261) de que:

*Marketing is not the art of finding clever ways to dispose of what you make. Marketing is the art of creating genuine customer value. It is the art of helping your customers become better off. Good companies will meet needs. Great companies will create markets.*⁶⁰

Assim, deve-se sempre focar em primeiro lugar a satisfação do cliente, neste caso, o turista ou visitante, e agregar valor ao turismo, e também especificamente no caso do objeto desta pesquisa, criar cada vez mais a demanda pelo turismo cultural, mediante a promoção do objeto desta pesquisa, conforme questionamento inicial, ou seja, será que o OAM representa mais um componente para o desenvolvimento das atividades turísticas da região de Valinhos e Vinhedo?

Supõe-se que a cultura e o seu produto turístico, isto é, o turismo cultural, tenha um valor imensurável. Levando-se em conta a afirmação de que “[...] valor é a satisfação das exigências do consumidor ao menor custo possível de aquisição, propriedade e uso”, (DE ROSE *apud* KOTLER, 1998, p. 29) questiona-se: Qual seria o justo valor para aquisição de um bem cultural ou da experiência que o turismo cultural representado pelo objeto deste estudo traz? O conceito de valoração vincula-se às necessidades e percepções coletivas de pessoas e instituições.

Segundo De Masi (2001), cada vez mais cresce a importância da intelectualização e, conseqüentemente da cultura. Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que as ações do Observatório Abrahão de Moraes quanto à difusão científica funcionam como vetor ao lazer e ao turismo cultural, cujo valor acredita-se, da mesma forma, ser imensurável e inestimável.

De acordo com Kotler (1994, p. 224) “[...] é preciso muito mais do que investimento financeiro ou de hospitalidade para a promoção do turismo”. As localidades têm de promover

⁵⁹ “*Marketing* é o respectivo planejamento, coordenação e controle de todos os mercados atuais e potenciais de atividades empresariais” (MEFFERT, 1986, p. 31 - Tradução livre).

⁶⁰ “*Marketing* não é a arte de se achar maneiras espertas de vender o que você faz. *Marketing* é a arte de criar genuíno valor para o cliente. É a arte de ajudar os seus clientes se tornarem melhores. Boas empresas atendem necessidades. Ótimas empresas criam mercados”. (Tradução livre)

não só os locais de destino, como também suas atrações específicas. Nota-se aqui a valoração proposta anteriormente para um objeto de atratividade turística.

Ainda conforme Kotler (1994), as localidades devem fornecer transporte público e facilitar o acesso; distribuir folhetos aos agentes de viagens e interessados e os hotéis ajudar os turistas a planejar *tours* locais, reservar eventos ou disponibilizar visitas aos pontos turísticos. Segundo o autor “concentrar atrações, serviços e instalações numa pequena área cria emoção, aventura e reúne gente. Muitos locais tentam reduzir a quantidade de atrações para evitar aglomerações. Porém, isso pode ser contraproducente.” A integração de conceitos, ou seja, reunir todos os vários elementos num tema central pode ser uma estratégia para atrair turistas (KOTLER, 1994, p. 226).

A Organização Mundial do Turismo (OMT) preconiza ser necessário que os destinos turísticos promovam inovações em seus produtos, como forma de diferenciá-los, levando-se em consideração o aumento da oferta de turismo cultural em todo o mundo. Por esta razão, a incorporação de atividades criativas, roteiros e produtos é medida primordial na gestão do segmento.

O escopo do turismo cultural compreende as mesmas atividades turísticas típicas do setor como: transporte, agenciamento, hospedagem, alimentação, recepção, eventos, recreação e entretenimento e outras atividades complementares, de acordo com o SISTUR, concebido por Beni (2003).

Para a viabilidade do turismo cultural um dos primeiros passos é a sua estruturação, a identificação e avaliação dos atrativos culturais significativos, efetivos ou potenciais, que possam motivar o deslocamento do turista especialmente para conhecê-los (MTUR, 2006).

Da mesma forma, segundo o MTUR (2006, p. 38), os atrativos turísticos devem ser acessíveis quanto aos seguintes aspectos:

- a) *Espacial*: localização, acesso, sinalização, informação;
- b) *Temporal*: datas e horários possíveis de desfrute;
- c) *Econômico*: preços e tarifas para o desfrute;
- d) *Psicológico, afetivo e intelectual*: relacionado à forma como o atrativo pode ser contextualizado e apreciado completamente no seu contexto.

De acordo com o MTUR (2006) existem várias formas de atrativos culturais. Entre eles, há os eventos programados – feiras e outras realizações gastronômicas, artísticas, culturais, a exemplo do evento “Noite com as Estrelas”, realizado regularmente no OAM.

Levando-se em conta que o turismo cultural é regido pela cultura em si – explícita e implicitamente - pelos seus diversos bens produzidos independentemente da atividade

turística, a própria cultura e a sua repercussão podem ser o veículo de divulgação do turismo cultural. Os bens e atividades culturais são - via de regra - alvos da mídia. Quando uma localidade chega à mídia televisiva⁶¹ pode representar uma oportunidade de se trabalhar outros atrativos, aproveitando-se o fluxo de turistas para promover a cultura local, valorizando-a em sua totalidade de aspectos, de acordo com o MTUR (2006).

Ainda de acordo com Kotler (1994) para a criação de imagem positiva de uma localidade é necessário que haja coerência entre a publicidade e o local. Deve-se lembrar que é amplamente difundida a ideia no setor turístico de que o turista irá promover um lugar, positiva ou negativamente – esta última com maior número de replicações e mais incisamente - de acordo com a sua experiência pessoal.

As localidades devem decidir não apenas quantos turistas querem atrair e como equilibrar o turismo com outras atividades econômicas, porém que tipo de turistas desejam. Para Kotler (1994, p. 211) “a escolha será limitada pelo clima, pela topografia e pelos recursos, pela história, pela cultura e pelas instalações”. É necessário identificar quais as necessidades, desejos dos turistas, para então definir mercados-alvo, produtos, serviços e programas adequam-se a esta demanda. Para o autor, características diferentes atraem turistas diferentes. Desta forma, a segmentação favorece conhecer melhor o perfil do turista, fortalecendo a estratégia de *marketing* – criar novos produtos e serviços – substituir produtos e serviços em declínio.

Segundo Ansarah e Panosso Netto (2010, s.p.) a segmentação turística possui o mesmo significado semântico, ou seja, “[...] identificar pessoas com afinidades e desejos semelhantes que estejam dispostas a consumir um mesmo produto. [...], pois podem desta forma conhecer melhor o seu consumidor, e assim oferecer melhores produtos, cativando-os.”

Portanto, a segmentação do turismo em grupos de afinidades e interesses é uma importante ferramenta para a sua promoção, como se pode deduzir pelas ideias expostas. Com o surgimento de uma diversidade de motivações turísticas houve uma tendência para canalizar a oferta turística em segmentos específicos e diferenciados, formando nichos de mercado.

Os consumidores são muitos, dispersos em diversas regiões, tem hábitos, interesses e gostos diferenciados e variam suas necessidades, desejos e preferências. Assim sendo, não se

⁶¹ Este é o caso de Vinhedo que recebeu há alguns anos a alcunha de “Principado de Vinhedo” desde que um conhecido locutor televisivo esportivo, que residiu na cidade, assim denominava a localidade, que assim ganhou notoriedade. Para se ter ideia da repercussão dessa alcunha, aparecem 7.970 citações no *Google* (2012), inclusive é desta forma que algumas agências de turismo indicam a localização do parque temático Hopi-Hari, um dos principais atrativos turísticos da região.

pode tratar todas essas preferências em particular. O que se pode fazer é tentar reunir grupos de pessoas com características, preferências e gostos semelhantes, e tratá-los nas suas similaridades, como perfil (idade, gênero, estado civil, etnia, renda, escolaridade, profissão), procedência, interesses, entre outros.

Pode-se afirmar que a segmentação do mercado turístico é a divisão de consumidores em grupos de afinidades baseados em critérios como idade, gênero e interesses específicos, entre outros. A OMT sugere segmentar o mercado turístico agrupando-o em grandes categorias, que por sua vez podem ser também segmentadas, portanto não há limites para o processo de segmentação, conforme também aludido por Beni (2003), em relação ao turismo cultural.

Kotler (1994, p. 215) afirma que “qualquer que seja o segmento de turismo que um local vise atingir, precisa ser bem específico”. A segmentação do turismo, respeitando-se os itens mencionados, é regida também pela diversidade de motivações. Segundo Barretto (1995), tanto as motivações são variadas, bem como a imagem do lugar é divulgada de forma diferente por diversas fontes (mídia, amigos e familiares, livros ou documentários). As motivações podem ter origem em necessidades diferentes, como de evasão (do cotidiano); de descanso; terapêuticas ou de curas, além de motivações sociais (como aquisição de *status*), culturais e psicológicas.

Refletindo-se a respeito do processo de segmentação do turismo cultural, conclui-se que a sua nomenclatura e formatação objetivam a sua promoção para atender à demanda de mercado. O que vale destacar, é que, independentemente de “rótulos” esse fenômeno sociocultural-educativo, sob a forma de lazer e de turismo, espalhado pelo mundo, motivado pela experiência peculiar de observar o céu em espaços culturais e/ou científicos, em observatórios astronômicos contemporâneos ou antiqüíssimos (alguns pré-históricos), ou em outros espaços, é motivado também pelo fascínio que o universo e a astronomia exercem ao ser humano, conforme *Starlight* (2007).

2.6 Espaço, território, identidade e turismo

Uma localidade organiza-se ao longo da sua história com uma dinâmica própria, seja na sua formação política, jurídica, administrativa ou sociocultural, repercutindo na qualidade de vida de seus habitantes.

Da mesma forma, a organização e apropriação do espaço territorial do lugar, ou seja, desde a sua localização, urbanização, a infraestrutura local, saneamento básico, a malha

viária, os acessos, a sinalização, os meios de transportes, os equipamentos urbanos e turísticos, além de toda a gama de serviços disponíveis – privados e públicos - constituem elementos relevantes que influenciam, e muito, a qualidade de vida e o cotidiano da população local, e que – direta e indiretamente - permeiam a interação e a qualidade desta relação dos visitantes com o lugar e com seus habitantes, incluindo-se os turistas, e até mesmo a forma como a hospitalidade é exercida nesta relação. Esse processo de ocupação espacial é analisado por Fratucci (2009, p. 392):

Os processos de apropriação dos espaços para o turismo trazem implícito um complexo jogo de variáveis originado a partir da lógica de cada um dos seus agentes produtores e das combinações entre aquelas lógicas. Assim, a busca da compreensão e do ordenamento desses espaços deve, necessariamente, incluir as variáveis oriundas da ação dos turistas, dos agentes do mercado, do poder público (nos seus diversos níveis). Além disso, devem incluir também, as interações estabelecidas entre cada um daqueles agentes e deles com os outros sistemas que formam o meta-sistema onde se inserem.

De acordo com Corrêa (2001) a vida humana fundamenta-se no espaço, faz parte da sua história e das condições laborais, e sob o viés social perpetua as relações sociais de produção. Neste sentido, Santos (1997, p. 19-20) considera que o espaço “se converte numa gama de especificações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente ou em conjunto”.

Reforçando a relevância do espaço no âmbito do turismo, Moesch (2000, p. 47) alega: “O fenômeno turístico constitui-se de espaço e de tempo, como práticas sociais, os quais se reconstroem a partir de determinações econômicas e tecnológicas [...]” e no mesmo sentido:

O turismo é antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo. Por ser uma prática social, o turismo é fortemente determinado pela cultura (CRUZ, 2001, p.5).

Com referência à dimensão espacial do turismo, Fratucci (2009, p. 392) argumenta:

Cada um daqueles agentes produtores dos espaços do turismo age e reage de forma específica e particular, assumindo posições e papéis específicos e diferenciados, contribuindo para a complexidade e para o dinamismo daqueles espaços. A combinação das ações e interações de todos os agentes, no tempo e no espaço, compõe o jogo dialógico do turismo contemporâneo, que tem sua territorialidade mais facilmente perceptível nas escalas local e regional.

Além disso, o conjunto de equipamentos ou edificações - históricas ou contemporâneas - faz parte da história de uma localidade, ou território geográfico, sendo testemunho de seu passado e do seu presente, na medida em que revela a maneira como a

comunidade local, nos âmbitos privado e público, interage com esse conjunto, e se organiza - determinado por parâmetros econômicos, políticos e culturais, conforme Cifelli (2005, p. 33):

O espaço geográfico é formado por conjuntos de objetos remanescentes de temporalidades diversas, revelando os modos de organização social existentes em cada período da história e quando incorporados à realidade social presente, são perpassados por um sistema de ações que determinam sua variação funcional e o papel social que são incitados a realizar. Além das funções, os valores e os significados atribuídos aos objetos remanescentes de temporalidades diversas também sofrem constantes variações, de acordo com a conjuntura social existente, resultante das condições econômicas, políticas e culturais, reconfigurando um amplo sistema de relações sócio-espaciais atreladas a eles.

Ademais, o Patrimônio Cultural, é um fator para o desenvolvimento e a manifestação do turismo, presente inclusive em alguns “pontos turísticos”, ou seja, fazem parte do que Lemos (1987) denomina de Patrimônio Ambiental Urbano de um município. Para o autor seria todo o conjunto urbano, seja o traçado de uma rua, a arquitetura peculiar (ou não) das moradias, igrejas, entre outras edificações, móveis e imóveis. E ainda:

O núcleo urbano é um bem cultural composto de mil e um artefatos relacionados entre si, que vão desde aqueles de uso individual, passando por outros de utilidade familiar, a começar pelas moradias, até aos demais de interesse coletivo. Assim, vemos que um conglomerado urbano se resume num local onde se desenrolam concomitantemente infinitas atividades exercidas através de infinitos artefatos dispostos no espaço segundo suas funções ou atribuições, e interessam à compreensão do que seja “Patrimônio ambiental Urbano” [...] (LEMOS, 1987, p. 47).

Cruz (2001) argumenta também que o lugar turístico é qualquer localidade que disponha de alguma infraestrutura para acolher o turista, porém o que o diferencia de outros lugares, é a presença do turista, mesmo que eventualmente, e ressalta: “[...] nenhum lugar turístico tem sentido por si mesmo, ou seja, fora do contexto cultural que promove sua valorização, em dado momento histórico (CRUZ, 2001, p. 8)”, e ainda pondera sobre a apropriação de espaços pela ação humana e o seu uso turístico, pois, para a autora o turismo não possui nenhum limite geográfico:

Considerando que os espaços são diferentemente valorizados pelas sociedades, em função das possibilidades técnicas que determinam sua utilização, de fatores políticos, econômicos e, também, culturais, todo espaço do planeta (**e mesmo de outros planetas**) pode ser considerado espaço do turismo (CRUZ, 2001, p. 12 - grifo nosso).

Outro aspecto interessante, e elemento relevante para o turismo, levantado por Cruz (2001), é o que a autora denomina como “paisagens turísticas”, determinado pela cultura vigente do lugar, e que, atendem a demanda de mercado:

Algumas paisagens são mais valorizadas pelo turismo hoje que outras, mas estas não são as mesmas no futuro. As paisagens consideradas mais atrativas pelo turismo na atualidade são criações culturais que tem muito a ver com o que se habituou chamar de cultura de massa, e, portanto, com o papel da mídia na homogeneização de gostos e na disseminação de padrões de consumo homogeneizados (CRUZ, 2001, p. 10).

Desta forma, observa-se que o espaço territorial, paisagens, e patrimônios culturais, cada qual com suas características peculiares são preponderantes para o consumo turístico, porém, acrescenta-se também os equipamentos artificiais construídos pelo homem.

Na sua obra, Yázigi (2001) discute o conceito de região e a característica de inter-regionalidade, que se pode atribuir à região em questão, (como se verá mais adiante), e ao citar Lipietz (*apud* YÁZIGI, 2001, p. 33) considera que:

[...] esse enfoque pode voltar-se à estrutura interna do território para explicar-se as suas relações com os outros territórios, mas não é globalmente estruturalista. Pelo contrário, os enfoques partindo do global definem as regiões pelo seu lugar numa estrutura mais global ou abrangente. A região, as suas características são, portanto, o produto da inter-regionalidade.

Vale ressaltar que esta análise refere-se também à identidade espacial e cultural, que frequentemente não é identificável em uma localidade, ou a “A alma do lugar”, conforme Yázigi (2001, 2009), por não possuir características identitárias próprias ou: “A cidade deteriorada e fragmentada tem se repetido no circuito dos países subdesenvolvidos, contribuindo para alimentar uma nova doença reconhecida pela moderna psicanálise: o «*estresse espacial*» (YÁZIGI, 2009, p. 149 – grifo do autor), e ainda:

[...] a identidade espacial comporta a formalização de determinados conjuntos espaciais, integrantes de uma grande família, na qual a plataforma comum se dá por um arranjo pautado na unidade, mas não necessariamente na uniformidade. Com efeito, nas sociedades modernas, mormente sob a globalização do gosto e dos costumes, coexiste um acúmulo de tempos diferentes que expressam vários modos de vida, com inovações e revitalizações (YÁZIGI, 2009, p. 91).

Nesse sentido, deve-se mencionar que a região de Valinhos e Vinhedo recebeu um importante número de imigrantes, sobretudo de italianos, para o trabalho na cafeicultura. Assim, a cultura identitária local remete à ruralidade e à “italianidade”, nostalgicamente recriada regionalmente.

Assim, nota-se a preocupação em relação ao resgate de valores, tradições e paradigmas dos ancestrais em uma sociedade, e que “Medidas de preservação e reutilização do patrimônio cultural constituem uma forma de envolvê-la, possibilitando a conscientização e a revitalização das tradições”, conforme Bastos (2004, p. 80), o que, porém, necessariamente não representa uma identidade “autêntica”, pois:

Entretanto, a tentativa de resgatar a cultura herdada dos antepassados, como sendo uma cultura “tradicional” pode ocorrer [...] o risco de que o interesse de hoje em conservar as culturas de ontem faça com que as novas culturas do amanhã sejam um tanto artificiais e carentes de dinamismo (SWARBROOKE, 2000, p. 44).

A identidade de uma localidade ou grupo de indivíduos pode manifestar-se também no aspecto imaterial. Na região em foco, o resgate e a ressignificação identitários são observados nas manifestações culturais na forma de festas, danças, gastronomia, e mesmo à tentativa da revalorização da vitivinicultura, que fazem parte da memória e identidade social - individual e coletiva - que de acordo com Halbwachs (*apud* POLLACK, 1992, p. 2) “[...] a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, [...] construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes”.

Essas tradições e práticas culturais, denominadas como imateriais ou intangíveis, fazem parte da memória e da identidade de um indivíduo ou de uma coletividade e, quando repassadas aos descendentes, ou a outros grupos de convivência, ocorre o que Pollack (1992), denomina como “transferência por herança”. Com certeza, a transmissão e prática do repertório cultural de grupos sociais - mesmo em localidades distintas de sua origem - e embora factível de “ruídos”, isto é, mesmo com o risco de sofrerem interferências espaço-temporais, são vitais para a sua sobrevivência, ou seja, de acordo com Pollack (1992, p.5):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Desta maneira, o autor evidencia que a memória individual ou coletiva é construída e reconstruída, estabelecendo um sentimento de coerência e de identidade individual ou do grupo, e que a própria memória em si, quando constituída, realiza um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade e de organização (POLLACK, 1992).

Burns (2002), da mesma forma, menciona a mercantilização da cultura pelo turismo, ou seja, o turismo pode se apropriar da cultura de uma localidade, transformando-a em mercadoria. Já sob o prisma da relevância da identidade de uma comunidade e as relações socioculturais entre os indivíduos que a compõe, Castells (1999, p.23) entende que,

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.

É o caso, por exemplo, da Associação dos Vitivinicultores de Vinhedo (AVIVI), fundada em 2004, cujo plano de desenvolvimento pretende abranger a agricultura, cultura e o turismo do município, cujo mote é: “Mantendo a cultura da uva e do vinho em Vinhedo” e, ainda: “Nosso projeto é mais que vender um produto, é o de divulgar uma tradição, o nome de uma cidade, o nome de famílias, o conceito de uma filosofia de trabalho e acima de tudo confiança e credibilidade em um produto honesto, feito por pessoas honestas (AVIVI, 2011).” A organização pauta-se por:

- a) “Objetivo: Preservar a Cultura da Uva e do Vinho no Município. Fazer do vinho um produto turístico de Vinhedo.
- b) Missão: Manter o homem no campo, resgatando o potencial rural da cidade na sua realidade de hoje, contribuindo permanentemente com meio ambiente e a beleza geográfica de Vinhedo.
- c) Metas: Criar um vinho típico da região a exemplo das mais prestigiadas regiões produtoras de vinho do mundo; Fomentar o turismo rural e o agronegócio; buscar formas eficazes para regulamentar o vinho artesanal (AVIVI, 2011, p.3).”

Corroborando estas reflexões, para Pollack (1992) acontecimentos, personagens e lugares, podem ser reais, mas também projetados de uma geração a outra, ou seja, há a transferência por herança entre as gerações dos elementos constitutivos da memória individual ou coletiva:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física das pessoas. Sofre flutuações, em função do momento em que é articulada e está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLACK, 1992, p. 4).

Considerando-se o exposto, e ainda o fato de que as localidades de Valinhos e Vinhedo registram contemporaneamente um grande êxodo de migrantes originários de centros urbanos, e mesmo de estrangeiros, ou seja, esses residentes não são nativos da região, vindos de uma realidade totalmente distinta. Surge, portanto, a reflexão se a região em foco mantém sua identidade original, mediante o grande afluxo de novos moradores de outros lugares (principalmente de centros urbanos) e culturas, ou se adquiriu outra “personalidade” com essas novas relações sociais.

Pode-se também conceber o que Pollack (1989) chama de memórias subterrâneas, a partir do momento em que elas não se constituem parte da memória oficial coletiva, ou que essa identidade “híbrida” presente, por exemplo, característica identitária que Castells (1999) denomina “Identidade de Projeto”, que define como “Quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de

redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social (CASTELLS, 1999, p. 24)”. Além disso, Carlos (1999, p. 28) alude:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura produzindo a identidade.

Neste contexto é ainda oportuna a fala:

O que se ganhou com os estudos de identidade foi a noção clara de que a identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que ela constitui resposta política a uma conjuntura, resposta articulada com outras identidades em jogo, com as quais forma um sistema. É uma estratégia de diferenças (CUNHA *apud* PIRES, 2004b, p.44).

Estas ponderações mostram que na atualidade, as características identitárias de uma localidade - rural ou não - são mutáveis, tal como a cultura, espelhando transformações e novas dinâmicas sociais, embora às vezes, artificialmente resgatadas, sob a lógica mercantil, não apenas direcionada aos visitantes ou turistas, mas até mesmo à população local.

Yázigi (1999, 2001), por exemplo, lembra a falta de vínculo de um bem cultural com o cotidiano das pessoas. Entretanto, nota-se a relevância da cultura e identidade locais no contexto turístico, conforme (NOIA, 2008, p.1):

Assim, o imaginário sobre a cultura do outro, as identidades e suas hibridações são elementos que impulsionam o lado subjetivo da demanda turística. Contudo, a relação entre anfitriões e turistas nem sempre é harmônica, é comum a existência de tensão e/ou choque cultural devido à multiplicidade identitária dos indivíduos, construída por meio do contato com diversos ambientes, normas de conduta e experiências de vida. Essas divergências podem surgir com base em crenças, valores pessoais e familiares, hábitos, estilos de vida, formas de vestuário, de relacionamento, de utilização do espaço e do tempo, variação de preferências e gostos, bem como predisposição à interação com pessoas desconhecidas.

Entretanto, essa característica identitária de uma localidade e da sua comunidade pode, por um lado perder a sua essência, na tentativa do seu resgate, configurando-se, portanto, como artificial, conforme Urry (2001) e Swarbrooke (2000), mesmo que seja por motivação endógena (comunidade local) e não exógena, como no caso do turismo. Portanto, pode-se dizer que existe uma nostalgia do passado, hoje também globalizada.

As considerações expostas servem como base reflexiva sobre o papel do espaço inserido em uma determinada localidade, como cenário do turismo, incluindo-se a cultura, a identidade, ou a “alma do lugar”, (YÁZIGI, 2001), em um contexto e consumo globalizados, ou seja, homogeneizados, onde a globalização é compreendida como um “fenômeno

econômico, social, político e cultural com importantes impactos ambientais” (RODRIGUES, 2001, p. 43) e, também:

O turismo na sua enorme complexidade reveste-se de tríplice aspecto com incidências territoriais específicas em cada um deles. Trata-se de fenômeno que apresenta áreas de dispersão (emissoras) áreas de deslocamento e áreas de atração (receptores). É nestas que se manifesta materialmente o espaço turístico ou se reformula o espaço anteriormente ocupado. É aqui também que se dá de forma mais acentuada o consumo do espaço (RODRIGUES, 2001, p.43).

2.7 Valinhos e Vinhedo: aspectos gerais e regionalização turística

Tendo em vista que o Observatório Abrahão de Moraes ser considerado a única atração turística comum aos municípios de Valinhos e Vinhedo, analisa-se o turismo promovido pelas respectivas prefeituras, e a inserção do equipamento no segmento turístico regional.

Os municípios situam-se no interior paulista, no sudeste do Estado de São Paulo, estrategicamente entre os principais municípios da região, Campinas e Jundiaí, hoje conurbados entre si. Valinhos dista 82 km e Vinhedo 76 km da capital do estado, São Paulo, a maior cidade do país e da América do Sul. Situam-se a apenas 18 km e a 12 km, respectivamente, do Aeroporto Internacional de Campinas – Viracopos, o maior do interior paulista, e o segundo aeroporto com maior crescimento no mundo (INFRAERO, 2011).

Valinhos localiza-se junto ao km 82 e Vinhedo no km 75,5 da Rodovia Anhangüera, (por onde se acessa o OAM) atendidos nos eixos principais por esta via, pelas Rodovias Bandeirantes, Dom Pedro I, e o anel viário José Magalhães Teixeira, que liga as rodovias Anhangüera e Dom Pedro I, além de rodovias secundárias ramificadas pelo município.

As rodovias sinalizam adequadamente os acessos aos municípios. Motivo de queixa comum de turistas que transitam no país é a falta ou deficiência da sinalização nos lugares e dos atrativos turísticos. O que não é o caso de Vinhedo, que conta com sinalização adequada, inclusive dos pontos turísticos, e dos equipamentos urbanos, implantada na gestão anterior, que será readequada em breve, conforme o padrão do Circuito das Frutas (VINHEDO, 2011).

A facilidade de acesso pela malha rodoviária é um dos fatores que contribui para o êxodo de paulistanos que procuram moradia nos inúmeros condomínios residenciais, um dos ícones da região. Também é determinante para este fato a oferta de conhecidas escolas na região e a elevada qualidade de vida. Vinhedo, por exemplo, recebeu por dois anos consecutivos o selo de “Município Verde Azul” pelo Governo de Estado de São Paulo. Esta certificação tem como objetivo estimular os municípios a participarem da política ambiental

estadual, obtida por meio de ações ambientais, cuja avaliação é composta por dez diretrizes⁶². Vinhedo contou com a adesão e apoio de entidades estabelecidas no município como empresas, condomínios, escolas entre outros.

Atrai as atenções dos visitantes em Vinhedo o seu entorno muito aprazível, com avenidas e praças ajardinadas e floridas, bem cuidadas, e equipamentos que lembram a sua colonização italiana, como estátuas, e elementos decorativos grego-romanos, (Figura 29 e Figura 28); o Memorial do Imigrante, com o receptivo turístico; além do Portal dos Imigrantes (com as bandeiras brasileira, italiana, paulista e vinhedense), o que por si só já representam um marco e atrativos turísticos, onde se vê comumente visitantes fotografando tais equipamentos, todos situados no acesso principal da cidade, pela Rodovia Anhanguera, km 75,5.



Figura 28: Vinhedo: paisagismo urbano planejado
Fonte: Autora (2012)



Figura 29: Rotatória no acesso principal de Vinhedo
Fonte: Autora (2012)

Os municípios de Valinhos e Vinhedo contam com serviços e infraestrutura completa que atendem a população local, visitantes e turistas, como hospitais, postos de saúde, guarda municipal que trabalha em conjunto com a polícia militar, delegacias de polícia, corpo de bombeiros, rede bancária, comércio, hotéis, pousadas, bares e restaurantes, inclusive especializados e espaços de eventos (VALINHOS, VINHEDO, 2011).

Embora a qualidade de vida da população esteja sempre melhorando, conforme os indicadores que compõe o IDH-M, os moradores, principalmente os descendentes de italianos mostram-se preocupados com o crescente aumento da urbanização e do número de

⁶² O município teve o seu desempenho avaliado em 10 diretrizes que regem o projeto: Esgoto Tratado, Lixo Mínimo, Recuperação da Mata Ciliar, Arborização Urbana, Educação Ambiental, Habitação Sustentável, Uso da Água, Poluição do Ar, Estrutura Ambiental e Conselho de Meio Ambiente (VINHEDO, 2011).

condomínios residenciais, além da perda de identidade cultural. Assim, são realizadas ações na comunidade para o resgate de suas tradições e cultura, a exemplo da AVIVI fundada em 2004, conforme já exposto, com o objetivo de apoiar e resgatar a produção do vinho artesanal em Vinhedo, manter suas raízes, além de promover o turismo rural do Circuito das Frutas, que o município integra, além da Sociedade Italiana Vinhedense (*Società Italiana di Mutuo Soccorso Regina Margherita*), que procuram preservar a memória cultural daqueles que contribuíram para a formação do município (AVIVI, 2011).

Ambas as cidades são integrantes do Polo do Circuito das Frutas – idealizado para o turismo e explicitado mais adiante - e ainda da Região Metropolitana de Campinas (RMC).

Valinhos e Vinhedo são municípios limítrofes e, segundo um estudo da Fundação Seade, em um raio de 200 quilômetros da capital paulista, encontram-se entre as 153 cidades, que pertencem à 4ª macrometrópole mundial, que comporta as áreas metropolitanas de São Paulo, da Baixada Santista e de Campinas, (onde estão localizados), com mais de 25 milhões de habitantes e um Produto Interno Bruto (PIB) aproximado de R\$ 750 bilhões, i.e., 14% da população e aproximadamente 25% do PIB do país (OESP, 2011). Desta forma, o governo do estado de São Paulo articula a gestão e planejamento desta macrometrópole – a primeira do hemisfério sul:

Considerando a inviabilidade política de um governo metropolitano de tal magnitude, é importante pensar na gestão metropolitana como um sistema de coordenação de políticas públicas, planos, projetos e ações executivas. Isso poderia ser alcançado pelo compartilhamento de decisões e da adesão a programas estaduais ou federais de âmbito metropolitano, mediante formas de parcerias e financiamentos implementados em razão da adesão dos municípios. Cabe pensar, pois, num sistema extremamente complexo de gestão compartilhada, que moldará a evolução futura dessa grande aglomeração urbana (OESP, 2011, s/p.).

Os municípios de Valinhos e Vinhedo, ao longo das suas histórias sofreram influências comuns desde a passagem das bandeiras paulistas e do ciclo do ouro nos séculos XVI e XVII, até a chegada do transporte ferroviário dos trilhos da Cia. Paulista de Estrada de Ferro (1872-1971) no século XIX. Além destes fatos, é possível mencionar a imigração de colonos italianos para a cafeicultura em substituição à mão de obra escrava, com a prática da agricultura voltada à fruticultura – do figo em Valinhos e da uva em Vinhedo.

Esta região vem sofrendo contemporaneamente as influências de um importante êxodo da população rural para centros urbanos locais e mais distantes, e simultaneamente, o êxodo de migrantes urbanos para a região, deflagrados, por um lado pela demanda de famílias de

grandes centros por localidades não muito distantes, com facilidade de acesso, porém mais tranquilas, com segurança, boas escolas, e áreas verdes.

Poder-se-ia dizer que Valinhos e Vinhedo sejam cidades irmãs, pois muitas vezes as fronteiras entre localidades – sejam elas municipais, estaduais ou mesmo federais - são estabelecidas geográfica e politicamente, algumas vezes pautadas em bases frágeis, e não levam em consideração os seus passados históricos e culturais em comum, ou mesmo, o anseio da população, ou seja, “A região e suas características são produto da inter-regionalidade [...]” (LIPIETZ *apud* YÁZIGI, 2001, p.33). Desta forma, pondera-se a seguir sobre alguns desses aspectos comuns aos dois municípios.

A Lei Federal nº 10.257/2001, ou Estatuto da Cidade, disciplina o desenvolvimento urbano, que conforme Roméro e Bruna (2010, p. 63):

[...] determina que os municípios cuidem de seu desenvolvimento e expansão urbana, constituindo sua própria política. E muitos municípios formam as regiões metropolitanas, cada qual com sua política de desenvolvimento urbano. Por isso, na metrópole são considerados os serviços de interesse comum aos municípios, como meta a atingir a exemplo dos transportes públicos, do saneamento básico, dentre outros.

Um exemplo recente da constituição de uma unidade jurídico-administrativa entre vários municípios é o anúncio de que a região de Jundiaí terá o primeiro aglomerado urbano paulista composto de sete municípios (Jundiaí, Cabreúva, Campo Limpo Paulista, Itupeva, Jarinu, Louveira e Várzea Paulista) atingindo 700 mil habitantes, sancionado pelo governador Geraldo Alckmin por meio de Projeto de Lei Complementar (2011). Vale ressaltar que Louveira e Itupeva fazem divisa com Vinhedo, que pertenciam a Jundiaí. Com essa iniciativa pioneira no Estado de São Paulo espera-se facilitar a gestão desses municípios no planejamento e uso do solo, transporte e sistema viário regional, habitação, saneamento básico, meio ambiente, desenvolvimento econômico e social (OESP, 2011).

Embora, Jundiaí esteja em 4º lugar entre as cidades paulistas quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) e em 14º no ranking dos municípios brasileiros, esse Aglomerado já nascerá com vários problemas de infraestrutura, transporte intermunicipal, enchentes, entre outros que afetam o cotidiano dos residentes. “Espera-se que com este instrumento os problemas em comum sejam compartilhados e solucionados conjuntamente. A criação da Aglomeração Urbana de Jundiaí é o primeiro passo para a formação de redes regionais de cidades que compõem a macrometrópole de São Paulo” (OESP, 2011, s/p.).

Assim como Vinhedo, Campo Limpo Paulista, Itupeva, Louveira e Várzea Paulista já foram distritos de Jundiaí e, mesmo emancipados, o processo de conurbação há muito tempo atenuou as fronteiras (OESP, 2011). Conforme exposto mais adiante, um dos principais desafios da região em estudo, como é o caso do novo Aglomerado Urbano, é a mobilidade urbana, cujos habitantes transitam entre os municípios próximos a trabalho, estudos, compras e lazer (OJIMA, 2010).

Desta forma, é bastante relevante o anúncio da construção em 2013 do Expresso Jundiaí, trem que ligará Jundiaí à capital em 25 minutos, em um percurso de 45 km. Atualmente (2011), os municípios de Louveira, Valinhos e Vinhedo estão se mobilizando para que os trens cheguem até a região, reaproveitando os trilhos e as estações existentes, porém abandonadas, inclusive para o Expresso Turístico, conforme detalhes adiante.

Por outro lado, Valinhos e Vinhedo fazem parte da Região Metropolitana⁶³ de Campinas (RMC), composta por 19 municípios (Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara D'Oeste, Sto. Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo), oficialmente constituída pela Lei Complementar Estadual 870 de 19 de junho de 2000.

A população da RMC conta atualmente com 2.798 mil, habitantes (IBGE, 2010) com crescimento de 19,69% em relação ao último censo, e superior ao crescimento demográfico nacional de 12,33% e a do Estado de São Paulo (11,39%) (AGEMCAMP, 2011), cujo contexto é sintetizado por Gutmann (2011, p. 45):

As cidades que a compõem passam por um processo de transformação nas estruturas urbanas e em seus espaços públicos e históricos devido ao surgimento de um complexo intercâmbio de pessoas, informações, economias e políticas. Desde a sua criação, a RMC vem apresentando um duplo processo de desenvolvimento urbano: intensos pontos de conurbação, por um lado e, por outro, urbanização dispersa, assim como o surgimento de aglomerados de condomínios, simultaneamente a um forte êxodo rural, tornando difícil a visualização da identidade e apropriação de espaços públicos em cada cidade.

⁶³ “Região com intensa conurbação, com mais de 1 milhão de habitantes, que demanda soluções compartilhadas a problemas comuns. Vantagens: autonomia para administrar recursos e orçamento próprio e criação de fundo; prioridade em repasses de verbas federais; unificação de tarifas de concessionárias; instituição de sistemas integrados de planejamento e uso do solo, transporte e sistema viário, habitação, saneamento básico, meio ambiente, projetos econômicos e sociais” (OESP, 2011).

Tabela 2: Crescimento populacional e IDH-M – Comparativo da Região

Município	1970	1980	1991	2000	2010	Densidade Demográfica (hab/km ²) 2010	IDH-M 1991	IDH-M 2000
São Paulo	5.924.615	8.493.226	9.646.185	10.434.252	11.253.503	7.387,69	0,805	0,841
Campinas	375.864	664.566	847.595	969.396	1.080.999	1.358,63	0,811	0,852
Valinhos	30.864	48.953	67.886	82.973	106.793	721,02	0,780	0,842
Vinhedo	12.338	21.647	33.612	47.215	63.611	779,51	0,789	0,857
RMC*	-	-	-	2.338.148	2.798.000	777,00	0,788	0,835
Jundiaí	170.492	258.773	289.269	323.397	370.126	857,77	0,807	0,857

Fontes: IBGE, 2010; PNUD, 2011; VALINHOS, 2011 – elaboração própria (2012)

* Não há dados disponíveis anteriores a 2000, pois a RMC foi criada naquele ano.

Os dados da tabela acima revelam o rápido crescimento demográfico da região, cujo processo se deu por meio da urbanização de propriedades rurais, desmembradas primeiramente em chácaras de recreio ou de fim de semana, e posteriormente em residências ou em segundas residências em condomínios ou loteamentos de médio e alto padrão. Além disso, percebe-se no mesmo período, a relevante elevação do IDH-M de Valinhos e Vinhedo, ou seja, o aumento da qualidade de vida da região. Considerando-se que ambos os crescimentos (demográficos e o IDH-M) ocorrem simultaneamente, e em ambos os municípios, pode-se aferir que o êxodo urbano para a região foi determinante para essa melhora na qualidade de vida geral da população.

Esse fluxo migratório extraordinário é notado, por exemplo, em Vinhedo, que segundo o Censo do IBGE (2010) 58%, ou seja, a maioria dos seus atuais moradores não é nascida no município, sendo 77,66% originários do Estado de São Paulo e o restante de outros estados, entre eles 666 estrangeiros e 122 naturalizados (FOLHA NOTÍCIAS, 2012).

Observa-se que o processo de interiorização no estado de São Paulo e, em particular da região em foco, tanto no âmbito econômico, como no demográfico teve início com a cafeicultura, que contava com a mão de obra escrava e mais tarde com a imigração europeia na região, inicialmente de portugueses (século XVI), suíços (1870); alemães (1874), mas notadamente de italianos (1880), além de espanhóis (1890) (BRUNELLI, ZECHIN, BRUNELLI NETO, 2006).

Esse crescimento populacional ganhou relevância principalmente, com o apogeu da cafeicultura nas duas primeiras décadas do século XX. A partir da década de 70 do século passado, houve o início da dispersão industrial e do setor terciário da Região Metropolitana de

São Paulo, que foram atraídos para grandes núcleos urbanos, incluindo-se Campinas, em torno dos principais eixos rodoviários da região (GUTMANN, 2011).

Desta forma, nota-se na RMC um novo êxodo migratório ao interior paulista, o de mão de obra especializada, que acompanha a demanda pelo parque industrial de última geração em expansão, como o das montadoras automobilísticas asiáticas, empresas de alta tecnologia, e, entre outras, o de logística. Estas empresas estão se instalando na região, em função da proximidade de importantes rodovias do interior paulista e do aeroporto de Viracopos, um dos maiores aeroportos de cargas do país, o que favorece a logística de distribuição.

Além disso, a região é um relevante polo tecnológico do interior paulista, contando com importantes centros de pesquisa como a Universidade de Campinas (UNICAMP), o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), o Centro Tecnológico para Informática (CTI) e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS).

Do mesmo modo, a região em foco, sofre um êxodo urbano para a “área rural”, ou seja, as classes média e alta, que mesmo sem emprego garantido fora da capital, procuram ali uma melhor qualidade de vida, tornam-se assim migrantes pendulares, ou seja, indivíduos que residem em uma localidade e deslocam-se rotineiramente para trabalhar em outra.

Além disso, a “ruralidade” ou uma vida “no interior” faz parte do imaginário/ideário do homem urbano contemporâneo, embora a população rural torna-se cada vez mais escassa, conforme resultados dos últimos censos demográficos (IBGE, 2010). Assim, mediante a especulação imobiliária, observa-se um fenômeno de duas vias: Em primeiro lugar, o êxodo da mão de obra rural desqualificada para os centros urbanos para a formação da massa de mão de obra operária e para a construção civil. Em segundo lugar, o êxodo de uma classe média e alta urbanas, atraídas pelo que resta de rural, mais “verde”, ou da vida “da roça”, constituindo uma demanda que compõe este círculo. Este fenômeno está se multiplicando cada vez mais no interior do Estado de São Paulo⁶⁴.

A região de Valinhos/Vinhedo-SP possui uma característica peculiar, isto é, embora sejam municípios urbanizados, ainda possuem áreas agrícolas, tanto no seu entorno, e até mesmo em áreas próximas ao centro das cidades, o que se pode chamar de relação urbano-rural, ou mais precisamente, de “rurbano”⁶⁵.

⁶⁴ Segundo Marsden, *et al* (1993 *apud* PIRES, 2004b), esse fenômeno de moradores urbanos em busca de moradia em áreas rurais é observado tanto nacional como internacionalmente.

⁶⁵ “Rurbano = relativo a, pertencente a ou relacionado com o espaço resultante do encontro entre a área rural e a urbana; rurbano” (HOUAISS, 2010). E segundo Michaelis (2010): “*adj (rur(al)+urbano) neol* Diz-se da área de transição entre a cidade e o campo; suburbano. *sm* O habitante dessa área.”

Em sua tese, Pires (2004a) chama a atenção para um fenômeno comum na região, a mão de obra rural local e de outros estados, notadamente do Paraná, que migra para trabalhar como caseiros, jardineiros e/ou piscineiros nas residências dos condomínios fechados da região, além de falar sobre ruralidades⁶⁶, discute o processo de transformação social provocado pela conversão de áreas agrícolas em residenciais ocorrido em Vinhedo, e também que “[...] foram justamente as possibilidades de “mercantilizar” características de um rural idílico que incrementaram o desenvolvimento imobiliário da cidade e possibilitaram a chegada de novos moradores no período mais recente” (PIRES, 2004a, p. 88 – grifo do autor).

E ainda:

O rural deixou de ser imediatamente associado a um setor da economia, o primário, e passou a ser visto – seja pela literatura especializada, seja pelos gestores públicos – como um espaço diversificado cuja função pode estar relacionada também a outras atividades próprias da esfera do consumo, especialmente a moradia e o **turismo** (PIRES, 2004b, p. 172-3 – grifo nosso).

Miguel (2007), por exemplo, afirma que “a polarização da estrutura social propicia a apropriação cada vez mais exclusiva dos espaços mais valorizados pelas funções ligadas ao consumo e à moradia de luxo [...]”. Além disso, contribuí, e muito, para esse fluxo migratório, a alta qualidade de vida dos municípios em questão, traduzida pelo IDH-M.

Segundo pesquisa do Centro de Estudos de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas 31,38% da população de Valinhos pertencem às classes A e B – equivalente a cerca de 34 mil pessoas; enquanto que em Vinhedo, semelhantemente, seriam 31,22% da população – correspondendo a 20 mil habitantes. Isto significa que entre 650 municípios paulistas Valinhos e Vinhedo estão entre as cinco cidades com maior representatividade das classes A e B, e dentre os seis mil municípios brasileiros, os municípios em pauta estão entre os 12 com maior relação de habitantes pertencentes a essas classes econômicas. Essas cidades têm uma característica comum, ou seja, embora tenham seus parques industriais, caracterizam-se por serem “cidades-dormitórios”, pois grande parte dessas classes A e B trabalha em Campinas, Jundiaí e regressa às cidades no fim do expediente (FOLHA NOTÍCIAS, 2011).

O crescente *boom* imobiliário na região vem provocando o desmembramento de áreas de antigas fazendas e propriedades rurais em chácaras e residenciais fechados, como os

Entretanto, de acordo com Ojima (2007), “no Brasil a classificação do que é urbano é atribuído aos municípios, independentemente de qualquer critério conceitual ou analítico. Por exemplo, por resolução legal, toda sede de município ou distrito é considerada como área urbana.”

⁶⁶ Pires (2004, p. 41) acredita que essa terminologia seja mais apropriada, pois “[...] veio marcar o entendimento do rural como um constructo social e pensá-lo não mais através de suas propriedades físicas, mas como forma de classificação social.”

condomínios horizontais, chegando, inclusive, até a Rua do Observatório, em local vizinho ao OAM, o que aumentará ainda mais o problema da poluição luminosa para a observação científica desenvolvida no laboratório.

O fenômeno em pauta, de acordo com Ojima (2010, s.p.), é “a movimentação da população de média e alta renda em um padrão de habitação mais disperso, ou seja, em lotes individuais com áreas maiores”. E ainda, retrata a situação vigente:

Os condomínios e loteamentos fechados poderiam ser considerados como um dos ícones desse processo de expansão urbana contemporâneo no Brasil. Embora seja especialmente direcionado para um público de média e alta renda, hoje já existe possibilidade de acesso por uma parte mais ampla da população. Trata-se de um novo padrão de consumo do espaço urbano, que se opõe ao período de verticalização da década de 70, onde residir em um prédio no centro da cidade representava *status* social. Hoje, residir em um loteamento fechado é mais valorizado. Eles representam, portanto, uma mudança importante no padrão de ocupação presente e futuro. Com ele, os custos sociais de implantação de serviços públicos tende a ser mais elevado, já que o atendimento destes serviços está mais disperso no espaço. Além disso, incentiva o uso de automóveis particulares, já que é pouco atrativo economicamente para empresas concessionárias de transporte público assumir linhas de transporte em regiões de baixa densidade populacional (ou seja, em que o volume regular de passageiros é baixo) (OJIMA⁶⁷, 2010, s.p.).

A ocupação urbana no Brasil foi caracterizada por um processo acelerado de transformações, e as soluções para esta problemática e evitar uma ocupação urbana desordenada devem ser pautadas em um planejamento, não apenas no âmbito municipal, mas “supra municipal” ou na esfera regional, ou seja, neste caso específico, na RMC. Isto considerando-se que a população locomove-se frequentemente de uma localidade a outra, por vários motivos, ou seja, devido ao trabalho, escolas, assistência médica e hospitalar, entre outros serviços, o que provoca um aumento do custo de deslocamento (OJIMA, 2010).

De qualquer forma, observa-se uma transformação socioespacial importante derivada da atuação dos grupos sociais - novos e antigos - na região, inclusive nas manifestações culturais imateriais. Assim, há uma concorrência ou disputa entre os grupos sociais de origens distintas para firmarem suas próprias representações nessas localidades, às vezes em detrimento à identidade dominante do lugar, conforme Pires (2004, p. 171):

Busca-se demonstrar que essas novas ocupações rurais não agrícolas, incrementadas recentemente pelas demandas de populações urbanas por moradia e serviços ligados ao lazer e à preservação ambiental, dão novos significados a práticas sociais consideradas típicas do meio rural.

⁶⁷ Ojima desenvolveu um indicador de dispersão urbana, que pode ser utilizado para orientar os gestores públicos a organizar o desenvolvimento de seus municípios ou regiões metropolitanas.

Os municípios de Valinhos e Vinhedo fazem parte deste cenário, onde o rural e o urbano se confundem, produzindo áreas de transição, ou o “rurbano”. Os novos habitantes e turistas de origem urbana procuram esses lugares pelos aspectos acima mencionados, pelo visual “bucólico” ou talvez até, por um suposto caráter “caipira” dos nativos. Um exemplo do sentimento dos novos residentes desses municípios é a afirmação de uma moradora de Vinhedo, Liliana Capobianco Palhares:

A mobilidade urbana que Vinhedo oferece, permite que tenhamos tempo para nos ocupar do trabalho, família e lazer. É uma cidade tranquila que ainda guarda características típicas de cidades do interior. É possível fazer amizades com facilidade e ter nos nossos prestadores de serviços um relacionamento de amizade. As pessoas se conhecem e ainda tem tempo para conversar (REVISTA SÃO JOAQUIM, 2011, p. 10).

E ainda, uma declaração emotiva, de um morador de Vinhedo, de descendência armênia, que, junto com a sua família, trocou São Paulo por Vinhedo, já em 1984:

Vivemos no Condomínio Marambaia, onde adoramos admirar as árvores orvalhadas, cheias de flores e frutas. A cada novo dia, nos surpreendemos vendo os ipês, orquídeas e muitas outras flores desabrocharem. Quando estamos sentados no terreno de casa, nos encontramos com os pássaros, macaquinhos e borboletas que nos rodeiam e nos sentimos felizes por ter encontrado esse paraíso chamado Vinhedo para viver e envelhecer com qualidade de vida. [...] somos vinhedenses por opção e de coração. Somos gratos a Vinhedo que nos recebeu e acolheu (KASSARDJIAN *apud* JORNAL DE VINHEDO, 2011, p. V5).

Esta emoção exteriorizada pelo residente, um migrante urbano, pode ser também aferida junto aos visitantes em outra cidade no interior paulista, conforme pesquisa de Rodrigues (2001, p. 155): “[...] suas observações são carregadas de emoção, revelando grande ligação afetiva com certos aspectos do ambiente como o verde, o clima, a pureza do ar, o sossego, a paz, a tranquilidade [...]”. Entretanto, Rodrigues (2001, p. 155) também pondera sobre este resultado homogêneo, pois pode ser “influenciado por estereótipos” e, ainda referindo-se à mesma pesquisa, relata um fato presente também na região de Valinhos e Vinhedo, e queixa comum dos seus residentes:

Os terrenos são caros e pouco disponíveis no mercado, notadamente na área central, conservando-se a elitização das áreas nobres, mais acessíveis aos interessados em usufruir da segunda residência. Os tributos são abusivos e as taxas de serviços urbanos ultrapassam muito o imposto predial e territorial. Os serviços são onerados por ofertas inflacionadas dos proprietários de segunda residência e da população flutuante (RODRIGUES, 2001, p. 153).

Fator comum no interior paulista é a presença crescente dos condomínios fechados, que de acordo com Gutmann (2011, p. 64),

Eles foram responsáveis por atrair novos moradores em busca de qualidade de vida, residências de alto padrão e segurança para família. A partir da década de 90, transforma-se o processo urbano. Uma proliferação de condomínios fechados, induzida pelo *status* de qualidade de vida, marca a forte tendência que caracteriza os empreendimentos imobiliários na cidade.

E ainda,

[...] devido à existência das chácaras de recreio, a cidade tornou-se atraente sob o aspecto habitacional para a população com perfil de maior poder aquisitivo, classes média e alta, que emigrou maciçamente de distintos pontos da região em busca da segurança nestes enclaves distantes de favelas, além do apelo ao padrão estético urbano-arquitetônico (SCIOTA, 2002, p. 61 *apud* GUTMANN, 2011, p. 65).

Assim, essa forma de urbanização pode ser considerada uma solução encontrada pela sociedade na procura por segurança, melhor qualidade de vida, *status*, e áreas verdes próximas, entretanto este fato induz à reflexão sobre o direito de ir-e-vir, garantido pela Constituição Federal de 1988 no Artigo 5, inc. XV de que: “[...] é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”.

Esta é a realidade vigente no interior paulista, também comum em outras regiões do país, onde o isolamento de bairros inteiros, na forma de residenciais fechados, ostensivamente por meio dos muros, cercas elétricas e porteiros com segurança e câmaras, levam não apenas a uma sensação de segurança e segregação física, como também, de certa forma, segregação social. São bastante reveladoras as palavras a esse respeito de um conhecido vinhedense nato:

Na verdade, o condomínio [Marambaia] ficou com o estigma de abrigar gente rica e poderosa, a maioria “gente de fora”, como se diz na cidade. Mas isso não importa. O que importa é que os que vieram, ou vierem, seja de onde for e para onde for, se sintam verdadeiros cidadãos vinhedenses. Venham e sejam mais um. Que enriqueçam a cidade com suas qualidades e conhecimentos. Que preservem o que há de bom. Que preservem a quietude e as noites enluradas. Que preservem o cheiro de mato de interior. Que façam desta terra um lugar de alegre vivência e de moradia eterna quando as luzes se apagarem no céu de cada um. Que somem e multipliquem. Que não haja divisão. Que haja respeito e educação. Somos bairristas, sim. Todos defendemos o nosso chão natal. [...] Ser irmão é obrigatório. É melhor construir pontes do que muros. Muros trazem pichações e desavenças. Não aproximam; separam. Sejam todos bem-vindos e ajudem a manter a terra prometida (ZECHIN, 2003, p. 139-140).

Com essas palavras, o autor nativo da região fala da preocupação com a não perda da identidade e características rurais da localidade, além do respeito mútuo à alteridade entre “forasteiros” e residentes, estabelecendo uma relação fraterna, ou seja, uma relação de iguais. Não são esses os preceitos da hospitalidade? Além disso, chama a atenção sobre a

preocupação quanto à preservação do céu noturno, com os dizeres: “Que preservem a quietude e as noites enluaradas”.

Observa-se a relevância dos condomínios para a preservação ambiental, como, por exemplo, o Condomínio São Joaquim, constituído em 1977, originário do desmembramento de uma fazenda de café, como praticamente todos da região (GUTMANN, 2011), que, recebeu nos últimos dois anos consecutivos a certificação “Verde Azul” pela Prefeitura Municipal de Vinhedo, devido a ações ambientais⁶⁸. Neste contexto, reflete-se sobre as ponderações de Roméro e Bruna (2010, p. 90):

Por princípio, um ambiente urbano não é sustentável – em qualquer escala. Se promovermos alterações no espaço natural, adaptando-o a algum tipo de forma urbana estamos introduzindo alterações na biota e nos biomas.[...]. O que nos resta a fazer é lutar pela minimização dos impactos da urbanização no espaço natural e quanto maior a forma urbana mais controle será necessário nessa luta.

Desta forma, resta a dúvida se o modelo de urbanização crescente observado em Valinhos e Vinhedo – o da constituição de residenciais fechados horizontais – seja uma forma de urbanização (planejada e mais sustentável), com uso disciplinado e racional do solo e dos recursos naturais, em resposta à falta de planejamento das políticas públicas e de infraestrutura, como segurança, saneamento básico, e ainda à insegurança gerada pela desigualdade social presentes nos centros urbanos brasileiros, pois não se tem conhecimento de “favelização” nas cidades analisadas, ao contrário, por exemplo, de Campinas, maior centro urbano da RMC, com graves problemas devido às desigualdades sociais.

Com a finalidade de apontar os principais fatos ocorridos na região, elaborou-se um quadro (Anexo I).

2.7.1 O turismo regional e o Observatório Abrahão de Moraes

Em 2003 um jornal da cidade publicou que desde 1997 Valinhos desempenha um novo papel quanto ao turismo e que, a:

EMBRATUR, dentro do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), orientava para a recuperação das praças públicas e a implantação do Projeto Cidade Limpa. Foi em consequência desses projetos que a cidade

⁶⁸ O Condomínio Fazenda São Joaquim investiu aproximadamente R\$ 4,5 milhões na rede de coleta de esgoto; além do plantio de árvores, recomposição da mata ciliar de rios que atravessam o residencial, coleta seletiva, entre outros (SÃO JOAQUIM, 2011).

obteve juntamente com outros 600 municípios brasileiros o selo de cidade turística conferido pela EMBRATUR (GUTMANN, 2011).

O turismo em Valinhos é administrado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Empresarial e Turístico e o Departamento de Turismo, responsável por elaborar políticas para o desenvolvimento econômico, empresarial, turístico e também agrícola da cidade. O objetivo do departamento é “Investir na potencialidade turística do município, melhorando a qualidade de vida dos munícipes”, cuja justificativa é: “Necessidade de desenvolvimento turístico visando a criação e a geração de renda para o desenvolvimento da população” (VALINHOS, 2011).

Embora conste no *folder* turístico, até a presente data, Valinhos não possui Receptivo Turístico, uma das exigências do projeto do Circuito das Frutas, a todos os municípios integrantes – embora, segundo informações da Prefeitura (2011) esteja prevista a instalação de um Posto de Informações Turísticas no espaço do Parque Municipal de Feiras e Exposições Monsenhor Bruno Nardini, onde são realizadas festividades, entre elas a Festa do Figo, que faz parte do calendário das atividades culturais da cidade.

Os principais pontos turísticos são citados em um *folder* (Anexo A) com mapa turístico de Valinhos, onde constam os atrativos, incluindo o Observatório Abrahão de Moraes, passeios, principais pontos de comércio, locais de eventos e hotéis, pizzarias e restaurantes, com respectivos endereços e telefones. Ainda são citados o Calendário Anual de Eventos e telefones úteis da cidade.

Observam-se algumas informações conflitantes ou incompletas no mapa turístico, pois embora conste o logo do Polo Turístico do Circuito das Frutas, estão faltando duas atrações, que constam no Roteiro Turístico, e não existe ainda, conforme já citado, o Posto de Informações Turísticas no Portal.

De acordo com Vladimir Antonio Veche, atual Diretor do Departamento de Turismo,⁶⁹ o turismo é importantíssimo para o município e a sua economia. Aqueles que aderiram ao projeto do Circuito das Frutas, como comerciantes e proprietários rurais perceberam não somente um aumento do número de visitantes às suas propriedades, bem como um aumento na geração de renda, também mediante as orientações e cursos promovidos pelo SEBRAE por meio do projeto, garantindo a sua permanência nas suas terras.

Vale ressaltar que o maior evento de Valinhos, a Festa do Figo e a Expogoiaba, tem como mote o figo, símbolo da cidade, que ativa o setor agrícola e o turismo rural ou o

⁶⁹ Conforme entrevista realizada em 04/07/2011.

agroturismo, como a prefeitura menciona no seu portal. A Festa do Figo iniciou-se em 1939, cujo mentor foi Padre Nardini, com o intuito de arrecadar fundos para a construção da Igreja Matriz de São Sebastião.

Atualmente, trata-se de um megaevento anual, atraindo cerca de 550.000 visitantes (2011), embora não haja estatísticas do número de turistas que visitam o local, e sua procedência, sem dúvida, é um importante vetor para a fruticultura local e regional⁷⁰, com uma venda estimada em 185 toneladas de frutas em 2010 e 200 toneladas em 2011. Nessa ocasião são oferecidos roteiros turísticos às propriedades rurais, com direito à degustação de produtos e frutas (VALINHOS, 2011).

Ainda conforme o diretor está em estudo um projeto – ainda sem título – de inserção da comunidade local, iniciando-se com estudantes da rede municipal e com pessoas da 3ª idade. O projeto “Conheça o Cultivo as Belezas das nossas frutas no Campo” deverá funcionar principalmente por meio da realização de visitas agendadas às propriedades rurais pertencentes ao Roteiro do Agroturismo e Roteiro do *City-tour* realizado no município, com apoio da Prefeitura de Valinhos e da Secretaria de Desenvolvimento Econômico Empresarial e Turístico, que garantirá transporte para o deslocamento, guia turístico, com visitas duas vezes ao mês, para conhecerem os pontos e roteiros turísticos da cidade, cujo objetivo é:

“Promover” o incentivo ao Turismo Rural, levando à população valinhense o conhecimento de desenvolvimento do turismo no município, buscando a conscientização no que a cidade tem a “oferecer” com os atrativos e pontos turísticos e por consequência vir a divulgar o nosso receptivo (VALINHOS, 2011 – grifo da fonte).

Conforme já citado, houve um momento, em que durante as Festas da Uva (Vinhedo) e do Figo (Valinhos) as respectivas prefeituras divulgavam o OAM e ofereciam transporte aos visitantes interessados até o local, mediante pagamento de uma taxa para o frete, quando o OAM fazia parte do “Roteiro Cultural”, que incluía também, o Mosteiro e São Bento, situado à mesma “Rua do Observatório”, em Vinhedo. Isto ocorreu apenas durante dois anos, entre 2008 e 2009. Segundo o diretor do OAM, atualmente o equipamento é convidado a participar no local da Festa do Figo, e não o foi mais na Festa da Uva.

A partir de então, em 2010 e 2011, o OAM participou apenas da Festa do Figo e da Expogoiaba de Valinhos, com o apoio da Secretaria da Cultura, no próprio recinto do evento, para divulgação do Observatório e as suas atividades com a exposição “Paisagens Cósmicas da Terra ao *Big Bang*” e de um telescópio. Durante a edição da festa em 2012, o OAM

⁷⁰ Isto se deve ao fato de que nem todas as frutas comercializadas durante o evento são cultivadas em Valinhos.

participou, também no próprio local da festa, com a exposição do telescópio *Argus*, distribuição *de folders* e venda de agendas, com o intuito de divulgá-lo.

Segundo Teixeira (2012), diretor do OAM, o equipamento não pode se vincular totalmente ao turismo, pois não é o foco central das suas atividades, que preponderantemente são voltadas às pesquisas científicas. Assim, o Observatório não consta nos roteiros ofertados do município pelo Circuito das Frutas, embora, como já citado, seja considerado um ponto turístico. Entretanto, na segunda fase de adesão ao projeto do Polo Circuito Turístico das Frutas, o gestor do OAM será novamente procurado pela prefeitura de Valinhos, conforme o atual diretor de Turismo⁷¹.

Ainda conforme o gestor de turismo (2011), o Observatório é um importante atrativo turístico para o município, e pretende aumentar a sua visibilidade, inclusive junto aos moradores. Segundo ele, o OAM é um patrimônio cultural que deve ser conhecido e preservado.

Nota-se que as políticas públicas influenciam direta e indiretamente as atividades turísticas dos agentes que atuam nessa atividade, na forma de divulgação, apoio material e logístico, tanto concernente ao OAM, bem como para os pequenos proprietários rurais que aderiram ao projeto do Circuito das Frutas.

Embora, o gestor atual de Turismo de Valinhos reconheça a importância do equipamento para a cidade e para o turismo, pode-se perceber, hoje, um diálogo escasso entre as partes para aumentar a sua visibilidade turística, sendo mais contumaz por meio da Secretaria de Cultura, portanto sob o viés cultural. Entretanto, o evento regular “Noite com as estrelas”, passou a ser divulgado em 2011 à comunidade local – de maneira mais sistemática - pelo portal eletrônico da Prefeitura de Valinhos e no Boletim Municipal, o que provocou o aumento da procura pelos residentes locais ao evento noturno.

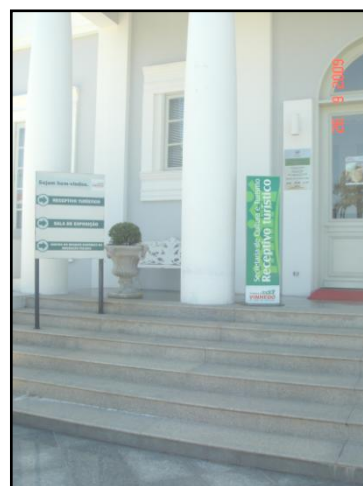
Atualmente, o turismo em Vinhedo é administrado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, nas figuras de Diretor, Chefe do Departamento de Projetos e Planejamento Turístico e Encarregado de Turismo, com a gestão do Receptivo Turístico.

O turismo é uma importante fonte de renda para o município de Vinhedo representado principalmente pelos maiores parques temáticos do estado, o *Hopi Hari* e o *Wet'n Wild* e pela Festa da Uva, que atraem milhares de turistas e visitantes. Além disso, como já mencionado, Vinhedo faz parte do Circuito Turístico das Frutas, ou seja, promove o turismo rural.

⁷¹ Informação fornecida em 17 jan. 2012, por contato telefônico.

Vinhedo possui outros atrativos turísticos, que se enquadram no mesmo segmento no turismo cultural oferecido pelo OAM: o Memorial do Imigrante, o Teatro Municipal Sylvia de Alencar e o Mosteiro de São Bento.

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Vinhedo, o Receptivo Turístico instalado na gestão anterior continua funcionando no Memorial do Imigrante (figuras 30 e 31) nos horários de segunda a sexta das 9h00 às 16h00; sábados, domingos e feriados das 10h00 às 16h00. O atendimento e controle dos visitantes são realizados por estagiários da Secretaria de Cultura e Turismo – Departamento de Turismo. Entretanto, esse controle de visitantes realizado no Receptivo Turístico desde abril 2009, não representa a totalidade de turistas que chegam à cidade, porque nem todos passam por lá, e nem todos os visitantes ao Memorial são turistas.



Figuras 30 e 31: Memorial do Imigrante e em detalhe, receptivo turístico.
Fonte: Autora (2009)

Quando há procura por roteiros, os funcionários do receptivo turístico indicam a agência receptiva Nostro Canto de Vinhedo, também para os roteiros do Circuito das Frutas, além da Rizzatour de Jundiaí - atual agência responsável pelos roteiros dos 10 municípios que compõe o circuito das Frutas (VINHEDO, 2011).

Ali, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Vinhedo são promovidos passeios turísticos, mais direcionados para os projetos municipais e o calendário de eventos da Prefeitura de Vinhedo, tais como a Festa da Uva e do Vinho (realizadas juntas, anualmente, no mês de fevereiro) e do Encontro de Motociclistas⁷², dois dos maiores eventos

⁷² O Encontro de Motociclistas, cuja entrada é um quilo de alimento, atrai mais de 50 mil pessoas (VINHEDO, 2011).

anuais, que movimentam o turismo, e todos os agentes operacionais do SISTUR, conforme Beni (2003).

A Festa da Uva e do Vinho, com entrada franca, atraiu mais de 360 mil visitantes em 2010 e 439.193 visitantes em 2011, conforme informações da Secretaria de Cultura e Turismo (2011). Entretanto, deve-se considerar que este número estimado de visitantes não corresponde à realidade, pois ao se passar pela catraca várias vezes, em ocasiões e dias diferentes, está sendo registrado o número de vezes que se adentrou ao local.

Outra observação é a de que o número de visitantes pode ser tanto de residentes, visitantes regionais e turistas, e ainda de prestadores de serviços durante o evento. Nas edições de 2010 foram comercializadas 90 toneladas de frutas e 13 mil garrafas de vinho e suco. Em 2011 foram vendidas 113,5 toneladas de frutas e 17.700 garrafas de vinho e suco (VINHEDO, 2011).

De acordo ainda com informações da Secretaria de Cultura e Turismo esses eventos atraem visitantes e turistas (alguns pernoitam no município), inclusive de outros estados, e mesmo que sejam excursionistas, que ao gostarem da cidade⁷³, algumas vezes retornam em outras ocasiões ao município com seus familiares para conhecer outros atrativos. Nesses eventos os meios de hospedagem registram ocupação máxima (VINHEDO, 2011).

Vinhedo é conhecida também pela agitada vida noturna, com bares, casas noturnas e danceterias, além de variada gastronomia, com inúmeros restaurantes e pizzarias. Assim, existe também o turismo gastronômico, porém não há informações se esses visitantes pernoitam no município, configurando-os como turistas.

A Prefeitura municipal pretende ampliar o itinerário do Expresso Turístico até Vinhedo, e para tanto, solicitou em 15 de fevereiro de 2011 a ampliação do percurso para outras cidades do Circuito das Frutas. Esse trem parte semanalmente aos sábados da Estação da Luz, cidade de São Paulo, seguindo até Jundiaí, e integra pontos turísticos ao longo do percurso. A municipalidade tem interesse nesse trem, pois:

Vinhedo quer receber esta iniciativa e tem condições de oferecer passeios rurais, ecológicos e culturais aos visitantes. Será possível aumentar o número de turistas o ano todo e não somente em datas isoladas, como acontece durante as festas e eventos típicos da cidade (VINHEDO, 2011).

⁷³ É possível realizar um *city tour* nesses eventos, composta também de uma parada em uma adega de produção artesanal.

Está sendo construído um novo portal turístico na região do Cristo, muito próximo ao OAM, onde será instalado o Centro de Atendimento ao Turista, o que suscita preocupação aos pesquisadores sobre o possível aumento da poluição luminosa.

De acordo com a Secretaria de Turismo e Cultura de Vinhedo (2011) o município está se preparando para os eventos da Copa do Mundo e Olimpíadas, no que se refere ao embelezamento e aos equipamentos e serviços turísticos juntamente com as cidades da região.

Conforme já citado, existiu uma parceira da Prefeitura de Vinhedo (Secretaria Municipal de Cultura e Turismo) de 2008 a 2009, durante a gestão anterior, com o OAM. Esta parceria consistia na disponibilidade de um veículo da Prefeitura Municipal de Vinhedo, que garantia o transporte dos monitores (alunos do IAG/USP) que auxiliavam durante os eventos do Observatório Astronômico, tais como “Noite com as Estrelas” e a divulgação do OAM como ponto turístico.

Entretanto, em 2009, Ano Internacional da Astronomia, após intensas atividades nos Observatórios Astronômicos espalhados pelo mundo, inclusive no OAM, que também realizou no Teatro Municipal de Vinhedo a palestra gratuita “Observando o Céu e Construindo Conhecimento” e a exposição de painéis “Paisagens Cósmicas da Terra ao *Big Bang*” no Memorial do Imigrante, esta parceria “esfriou”, sem nenhuma razão, segundo o diretor do Observatório, e não houve mais diálogo entre as partes.

Talvez um dos motivos desse estremecimento seja a não adesão do OAM ao Circuito Turístico das Frutas, pois conforme Teixeira (2012), o Observatório Abrahão de Moraes não tem como foco central a atividade turística, e não possui infraestrutura material e recursos humanos suficientes para atender uma grande demanda de fluxo contínuo de visitantes. Para isso teria que ter um maior apoio, de ambas as prefeituras municipais, bem como da Universidade de São Paulo, à qual o equipamento está atrelado.

Ademais, outro fator gerador de conflito entre as respectivas prefeituras é o fato de o OAM situar-se na divisa dos municípios, ou seja, gera dúvidas sobre qual localidade deve reconhecê-lo. Conclui-se, assim, que neste impasse, ninguém ganha, nem o turismo.

2.7.2 Polo do Circuito das Frutas

Foi criado pelo ato legal nº 47.180 com a finalidade de apoiar, assessorar e capacitar as instituições públicas e privadas dos municípios que aderiram ao Circuito das Frutas, contribuindo para o desenvolvimento do turismo regional, mediante programas e projetos de turismo rural, científico, cultural e ecoturismo, conforme Decker (2004).

O Circuito das Frutas é um polo turístico⁷⁴ formado por dez municípios (Figura 32): Atibaia, Indaiatuba, Itatiba, Itupeva, Jarinú, Jundiaí, Louveira, Morungaba, Valinhos e Vinhedo, “que se destacam pela qualidade das frutas produzidas na região, vias de acesso adequadas e infraestrutura turística completa” (VALINHOS, 2011; VINHEDO, 2011).

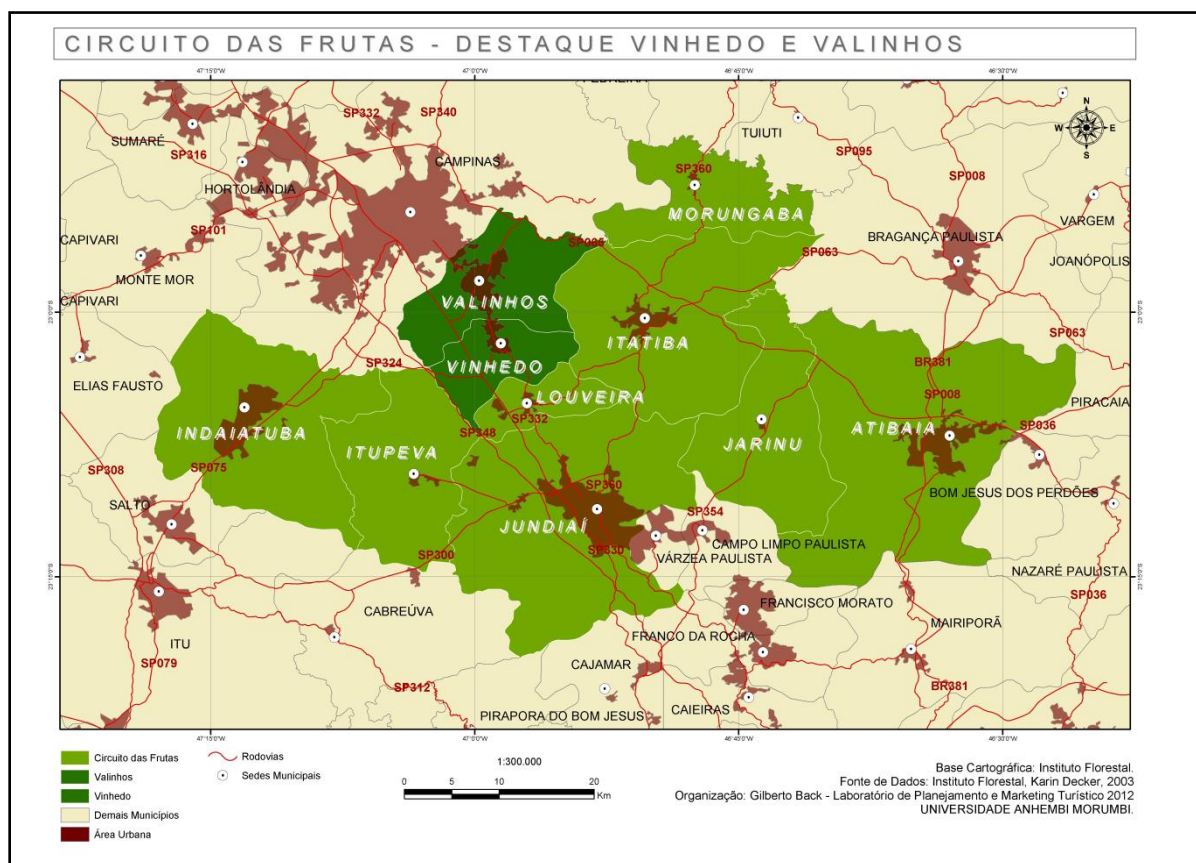


Figura 32: Mapa do Circuito das Frutas
 Fontes: Decker (2003); Back (2012).

⁷⁴ De acordo com Ignarra (2003, p. 20) polo turístico “é o ponto central de uma área ou zona turística, a partir do qual o desenvolvimento turístico se faz. Trata-se, pois, de centro turístico mais equipado com infraestrutura turística, que tem o papel de atrair fluxos turísticos e partir dele irradiá-los por toda a região que o circunda para conhecer o tipo de polo turístico”.

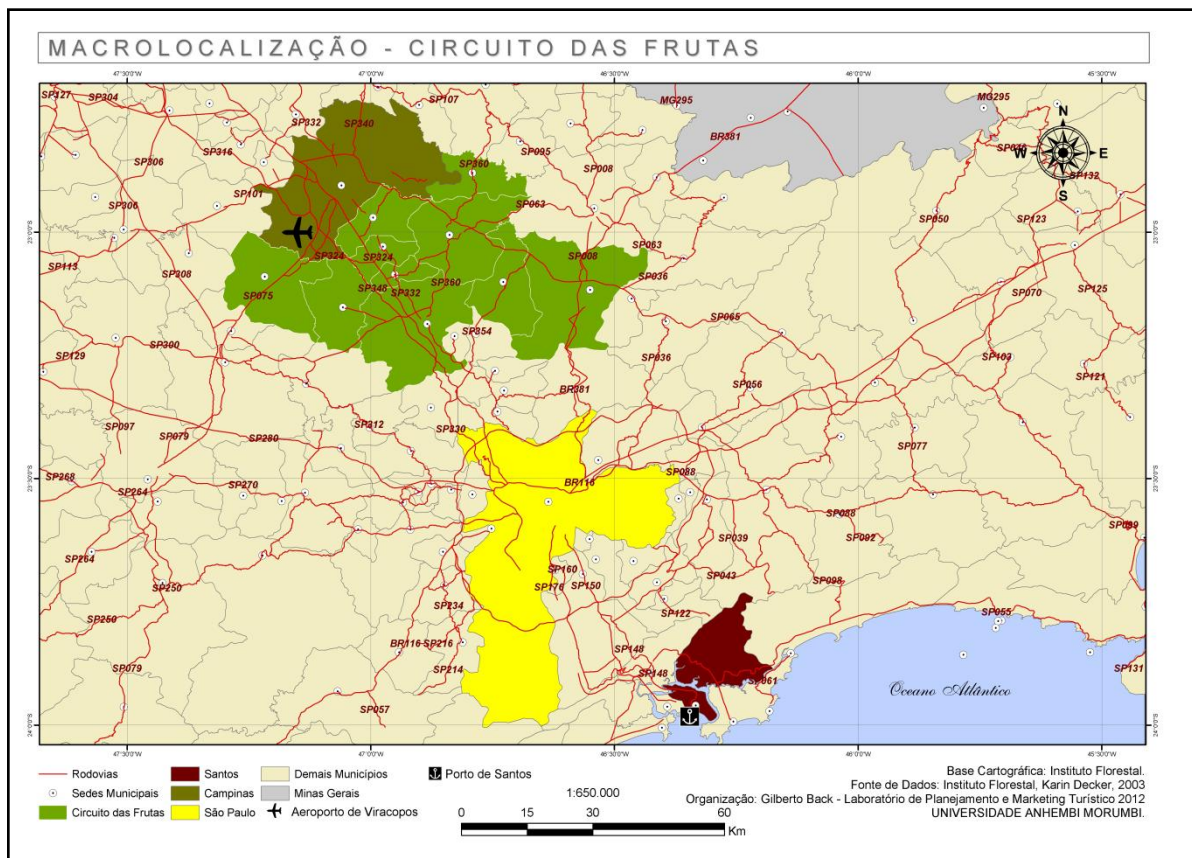


Figura 33: Mapa da macrolocalização do Circuito das Frutas
Fonte: Decker (2003); Back (2012)

Foi aprovado em 2008, com a primeira fase implantada em 2010, o projeto “Colhendo Frutos Com Turismo” com o catálogo do “Circuito das Frutas”, com o apoio da Agência de Apoio ao Empreendedor e Pequeno Empresário (SEBRAE), com grande expectativa, cujo objetivo geral é:

[...] contribuir com o desenvolvimento sócio-econômico da região de forma sustentável, inserir a região no mercado estadual e nacional de turismo, cultura e artesanato, formatar e consolidar produtos e roteiros turísticos locais e regionais, melhorar a qualidade de vida do território, promover a cultura empreendedora e contribuir para a integração dos municípios. A meta é aumentar em 25% o fluxo turístico das cidades integrantes do Circuito das Frutas (VALINHOS; VINHEDO, 2011; 2012).

Conforme o catálogo “Um passeio por essas cidades poderá levar o turista aos encantos e a uma região repleta de histórias dos imigrantes italianos que desbravaram a região e que até hoje seus descendentes mantêm os costumes e tradições da época” (SEBRAE, 2011). Esta afirmativa “romântica” representa a promoção da ruralidade destinada ao consumo turístico regional.

Atualmente foi iniciada a segunda etapa do projeto, com a divulgação e promoção dos roteiros e do catálogo, em feiras regionais e estaduais com a participação das respectivas prefeituras, e, com maior destaque, também no âmbito federal, por intermédio do SEBRAE, durante os eventos (VALINHOS; VINHEDO, 2011; 2012).

Assim, o Circuito Turístico das Frutas promove o Agroturismo (conforme folder turístico de Valinhos), mais conhecido como Turismo Rural (BENI, 2003⁷⁵; TULIK, 2003), ou seja, a oportunidade de conhecer o processo de produção de frutas, doces, vinhos e licores da região agrária de Valinhos, com a finalidade de “explorar o potencial turístico das mais de 400 chácaras produtoras de uma grande diversidade de frutas, além de valorizar o trabalho do homem do campo” (VALINHOS, 2011).

E ainda, por meio do apoio da Secretaria de Cultura e Turismo que “procura fomentar a atividade turística, divulgando os potenciais da cidade, auxiliando os produtores no que diz respeito à divulgação de seus serviços e produtos, e, dando base para que todo o *trade* trabalhe em busca de um objetivo comum, consolidando, assim, o turismo valinhense como uma fonte de geração de renda e empregos” (VALINHOS, 2011).

Nota-se, que na atualidade, em ambos os municípios, Valinhos e Vinhedo, o turismo regional está embasado essencialmente nas Festas do Figo e Expogoiaba (Valinhos) e na Festa da Uva e do Vinho (Vinhedo), além do Circuito Turístico das Frutas, ou seja, suas ações são baseadas no projeto concebido pelo SEBRAE, e que, de acordo com o atual gestor de Turismo de Valinhos (2011), vem apresentando bons resultados, que deverão ser ainda mais incrementados e consolidados nos próximos anos, com a adesão de novos parceiros.

A partir de 25 de abril de 2009 são ofertados os roteiros turísticos pelo Circuito das Frutas com o Expresso Turístico, cujos trens partem de São Paulo, Estação da Luz, até Jundiaí-SP, aos sábados, pela manhã, com um percurso de 60,5 km, retornando no mesmo dia. Portanto, os roteiros do trem do Circuito são disponibilizados a partir de Jundiaí-SP, por uma empresa local (Rizzatour), com transporte rodoviário até os destinos/roteiros escolhidos, conforme Quadro 3, a seguir:

⁷⁵ De acordo com Beni (2003, pp. 429-430) Turismo Rural é “Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite para fruição dos cenários e instalações rurícolas – nesse sentido, alguns autores valem-se da expressão turismo no meio rural para incluir o agroturismo.” E Agroturismo é “Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e observação, vivência e participação nas atividades agropastoris.” Conforme o autor, o agroturismo difere do turismo rural em dois aspectos: “O primeiro é a produção agropastoril em escala econômica que representa a maior fonte de rendimento da propriedade e, o turismo, receita complementar. O segundo é que as próprias atividades agropastoris constituem, em si mesmas, o principal diferencial turístico.”

Municípios	Roteiro	Duração	Atrações turísticas
Valinhos	Rural	8 horas	Sítio Kusakariba / Macuco Lazer e Parque Aquático / Adega do Tio Mário
	Rural	4 horas	Chácara Santo Antonio / Pesqueiro Fishing Nishi
	Cultural	8 horas	Museu João do Monte / Museu Municipal / Associação do Senhor Jesus / Núcleo Vidas
Vinhedo/Louveira	Rural	8 horas	Sítio Frediani / Adega Andretta (Vinhedo) e Casa San Fior / Chácara Alvorada (Louveira)
Vinhedo	Rural	8 horas	Sítio Morada do Sol / Cocheira Zé Elio / Adega Família Ferragut
	Cultural ⁷⁶	8 horas	Mosteiro de São Bento / Centro Cultural / Restaurante e Adega Família Azzolin / Memorial do Imigrante / Via Vино.
	Parques e Aventuras	8 horas	Represa João Gasparini / Hopi Hari

Quadro 3: Roteiros do Circuito das Frutas na região de Valinhos e Vinhedo.
Fonte: SEBRAE, 2011 – elaboração própria (2012)

Em uma pesquisa realizada no mesmo ano pela CPTM (2010), o trajeto preferido por 50,3% dos usuários do sistema foi o do Circuito das Frutas, com 89,3% respondentes que tiveram as expectativas superadas, e que por ser-lhes uma experiência nova, conforme revelado pela pesquisa, deduz-se que, além de servir de transporte aos turistas até a região, a própria viagem de trem proporciona uma vivência diferente do cotidiano, característica procurada na fruição turística. O “Expresso turístico completa três anos de operação com mais de 40 mil turistas transportados. A última pesquisa qualitativa, realizada entre novembro de 2010 e fevereiro de 2011, revela a aprovação do serviço pelos usuários e profissionais do setor turístico (CPTM, 2012, s/p.)”.

Caso o Expresso Turístico chegar até Vinhedo seria um motivo a mais para incluir o OAM no roteiro cultural do Circuito das Frutas, pois a estação ferroviária (atualmente em estado de abandono) dista a apenas quatro quilômetros do OAM.

Este capítulo abordou conceitos e reflexões teóricas que envolvem o turismo e o lazer compreendidos pelas atividades decorrentes da divulgação científica do OAM junto ao público, além de contextualizá-lo regional e turisticamente.

O próximo capítulo analisará os depoimentos dos entrevistados buscando nos discursos recolhidos, perceber a caracterização dos questionamentos de pesquisa apresentados.

⁷⁶ Considerando-se que o Mosteiro de São Bento está localizado à Rua do Observatório, o OAM poderia estar incluído no Roteiro Cultural, como o foi em 2008 e 2009 durante as edições da Festa da Uva de Vinhedo e do Figo de Valinhos, porém com a sua não adesão ao projeto do Circuito das Frutas, está excluído, por enquanto.

CAPÍTULO 3 - OBSERVATÓRIO ABRAHÃO DE MORAES – IAG/USP: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sem o uso das palavras como instrumento de pesquisa, os números ficam mudos (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Neste capítulo são apresentados os resultados da pesquisa de campo com a finalidade de compreender se há coerência entre as reflexões teóricas apresentadas na pesquisa com a realidade vigente, nos aspectos abordados pelo estudo, e para comprovar ou refutar as hipóteses levantadas que justificam o problema da pesquisa, conforme destacado por Bauer e Gaskell (2008, p. 38) “Toda pesquisa social empírica seleciona evidência para argumentar e necessita justificar a seleção que é a base de investigação, descrição, demonstração, prova ou refutação de uma afirmação específica”.

3.1 Caracterização do método e técnicas de pesquisa

A pesquisa qualitativa de caráter exploratório com análises descritivas foi baseada na interpretação de entrevistas semiestruturadas, documentação bibliográfica e *corpus* documental textuais, cartográficos e fotográficos impressos, além de sítios e trabalhos acadêmicos – nacionais e estrangeiros - publicados na rede mundial de computadores, bem como de artigos de jornais dos municípios de Vinhedo e Valinhos, e material das respectivas prefeituras e do Observatório Abrahão de Moraes, e ainda contatos telefônicos e/ou eletrônicos aos gestores, para a coleta de informações adicionais.

Após o delineamento do campo investigativo, optou-se pela pesquisa qualitativa, método amplamente utilizado nas Ciências Sociais, que permite uma análise mais aprofundada e consistente. Segundo Bauer e Gaskell (2008, p. 19) o delineamento da pesquisa passa pela geração de dados, redução e análise, cujo processo é constituído por quatro dimensões: princípios do delineamento; geração de dados; análise dos dados e interesses de conhecimento.

De acordo com Dencker (2001, p. 50), a pesquisa empírica “Explora, descreve, explica e formula predições sobre os acontecimentos do mundo que nos rodeia. Suas proposições devem ser confrontadas com os fatos e só tem validade se verificadas experimentalmente”.

Sob esta perspectiva, o estudo busca traçar as considerações e sentimentos comuns dos entrevistados sobre a região de Valinhos e Vinhedo, quanto às características identitárias, que direta e indiretamente repercutem no cotidiano e no turismo local, a sua “vocação” turística, as ações das respectivas prefeituras que repercutem na atividade turística, e principalmente, a

percepção da relevância do Observatório Abrahão de Moraes para a comunidade local e para o turismo.

E ainda, conforme Dencker (1998, p. 191):

O objetivo da análise é reunir as observações de maneira coerente e organizada, de forma que seja possível responder ao problema de pesquisa. A interpretação busca dar sentido mais amplo aos dados coletados, fazendo a ponte entre eles e o conhecimento existente.

Assim, com o intuito de analisar a relevância do OAM como espaço de lazer e de turismo foi construída essa “ponte” entre as reflexões teóricas e a pesquisa de campo mediante análise e a interpretação dos dados coletados em entrevistas, conforme já argumentado, com roteiro semiestruturado, realizadas entre membros selecionados das diversas comunidades envolvidas. Assim, os instrumentos de pesquisa constituíram-se de duas etapas principais:

- a) Entrevistas gravadas em áudio mediante roteiros semiestruturados com dois dos responsáveis pelo projeto do Laboratório de Astrobiologia; e também com o diretor do Departamento de Turismo de Valinhos; com anotações de campo (Apêndices A e B, respectivamente);
- b) Entrevistas gravadas em áudio com roteiro semiestruturado (Apêndice D) com treze entrevistados.

Objetivando realizar uma análise comparativa entre segmentos distintos da comunidade e as suas percepções sobre o OAM e o turismo regional, foi realizada a seleção dos entrevistados, que se enquadrassem nos grupos estabelecidos, conforme a seguir:

- a) Equipe do OAM (três pessoas);
- b) Gestores da área de turismo e/ou cultura de Valinhos e Vinhedo (três pessoas);
- c) Público frequentador do OAM (quatro visitantes);
- d) Residentes; (três pessoas, sendo uma pessoa, não frequentadora do OAM, além de dois residentes que já visitaram o local; um deles que já visitou outros observatórios no exterior). Nota: Um dos gestores locais do grupo b), residente e autóctone nunca foi ao Observatório, portanto, poderia ser enquadrado também no grupo d).

Desta forma, foram entrevistadas 13 pessoas, no total. Vale salientar que entre os gestores locais e do OAM encontram-se autóctones, que residem na região, mas que foram enquadrados nos grupos a) e b), respectivamente.

A escolha privilegiou o pertencimento do entrevistado em pelo menos um dos grupos acima citados e pessoas com perfis diferenciados entre si (gênero, escolaridade, atuação profissional, procedência).

A definição desses grupos de entrevistados foi motivada pela necessidade de investigar e analisar a opinião sobre a divulgação científica promovida pelo OAM junto ao público, entendida como uma atividade de lazer e de turismo, bem como a sua visibilidade em diversos segmentos da sociedade, que direta e/ou indiretamente interagem com o equipamento, ou mesmo, aqueles que residem na região, e não o visitaram ainda, ou que desconhecem a sua existência e possibilidade de visitação.

Coincidentemente a maioria dos gestores locais nasceu na região, ou reside ali há várias décadas, o que pode conferir aos resultados uma melhor percep o do processo de ressignifica o espacial e cultural regional.

Considerando-se que os resultados relativos ao OAM são bastante similares entre os entrevistados, mesmo entre grupos e perfis distintos, percebeu-se não haver necessidade de ampliar o número de depoentes. As diferenças apontadas nos discursos foram pontuais, sobretudo sobre questões envolvendo o turismo e características regionais.

As entrevistas foram agendadas por telefone ou por correio eletrônico, procurando uma melhor data e local para o entrevistado, quando eram elucidados os objetivos da pesquisa, e a maneira como ela seria realizada, bem como o motivo da escolha do entrevistado.

No momento da entrevista foi solicitada a assinatura do termo de autoriza o do uso do conteúdo para a pesquisa acadêmica, e esclarecido, que se assim o desejasse, o entrevistado poderia permanecer an nimo. Aliás, todos preferiram serem identificados.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, de forma fidedigna, porém com o cuidado no momento da cita o, excluir expressões e erros da linguagem coloquial, que pudessem trazer desconforto aos entrevistados. A transcri o das entrevistas na íntegra fez um total de 144 páginas. Em geral, os entrevistados consideraram o tema da pesquisa e os questionamentos interessantes e pertinentes, e ficaram curiosos a respeito dos resultados.

Considerando-se que “[...] não   possível formular regras precisas sobre as técnicas utilizadas em um estudo de caso porque cada entrevista ou observa o   única: depende do tema, do pesquisador e de seus pesquisados (GOLDENBERG, 1997, p. 34)”, assim cada entrevista seguiu um fluxo e ritmo próprio, determinados pelos próprios entrevistados.

Nesse sentido, as entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado (Apêndice D), adaptado ao perfil do entrevistado e, ainda, de acordo com o rumo da conversa. Notou-se que a “disposi o” em explicar e comentar as questões e fatos (relacionados ou não) com os

questionamentos eram variáveis, dependendo do perfil e interesse do entrevistado. Assim, a entrevista mais curta foi de apenas 16 minutos e as mais longas entre 69 e 77 minutos.

Complementarmente, após a realização da entrevista, um dos entrevistados produziu uma crônica sobre o assunto (Anexo J), publicada em periódico da cidade de Vinhedo. Tal fato ajuda a demonstrar que os questionamentos apresentados durante a entrevista realizada mostraram-se pertinentes no contexto da percepção do OAM no processo turístico local.

3.2 Perfil dos entrevistados

Grupo a) Equipe⁷⁷ do OAM (três pessoas):

Prof. Dr. Ramachrisna Teixeira (Entr. 13)

Categoria: OAM (gestor)

Data: 05/06/2012 às 10h28 (Duração: 69'')

Local: Valinhos

De Araraquara, casado, 58 anos, residente em Vinhedo desde 1982, astrônomo, pesquisador e professor livre docente do IAG/USP. Realiza pesquisas astronômicas em parceria com o Observatório de Bordeaux, onde fez o seu doutorado, e no ESO, Chile. Atua cientificamente no OAM desde 1977, assumindo a diretoria do Observatório Abrahão de Moraes em 2003. Iniciou a divulgação científica junto ao público porque havia uma demanda para conhecer o local, que procurava também informações sobre astronomia.

Acredita que essa atividade de divulgação científica é relevante e a interação entre o público e pesquisadores científicos é bastante rara na sociedade. Segundo ele, o OAM possui relevância ambiental e regional, além de possuir apelo turístico, que poderia ser incrementado mediante apoio mais consistente pelas prefeituras da região e a Universidade de São Paulo, com recursos humanos e materiais para a melhoria da infraestrutura.

Rafael Miloni Santuci (Entr. 05)

Categoria: OAM

Data Entrevista: 27/04/2012 às 17h21 (Duração 60')

Local: Valinhos

⁷⁷ A equipe selecionada atende o público regularmente, entre eles, o diretor do OAM, responsável pelo início do atendimento ao público, último entrevistado por motivo de viagem e para dirimir possíveis dúvidas; um dos monitores voluntários do IAG-USP que atende o público desde 2009 e o colaborador do OAM, que atende todas as visitas diurnas e algumas noturnas.

Paulistano, 25 anos, residente em São Paulo, mestrando em astronomia no IAG/USP, bacharel em física pela USP. Monitor voluntário junto ao público nos eventos promovidos pelo OAM desde 2009. Costuma, portanto, vir mensalmente ao OAM para o “Noite com as estrelas”. De acordo com ele, as atividades de divulgação do observatório são importantes para a comunidade regional, um exercício de cidadania, além de considerá-lo relevante para a preservação ambiental.

Messias Fidêncio Neto (Entr. 08)

Categoria: OAM (e autóctone)

Data: 07/05/2012 às 11h17 (Duração: 62’)

Local: Valinhos

Valinhense, casado, 1 filha, superior completo, profissão: planetarista e hoje técnico no OAM. Trabalha desde 2001 no OAM como técnico de laboratório (de astronomia), iniciando simultaneamente o atendimento ao público, principalmente no período diurno junto às escolas. Procura sempre adaptar a linguagem e a transmissão de informações ao perfil dos visitantes.

Grupo b) Gestores da área de turismo e cultura de Valinhos e Vinhedo (três pessoas):

Neusa Regina Foga Paes de Barros / Nostro Canto Turismo (Entr. 01)

Categoria: gestora local (e autóctone)

Data entrevista: 19/04/2012 às 17h28 - Duração: (47’)

Local: Vinhedo

Vinhedense, casada, consultora em turismo, sócia-proprietária de agência receptiva de turismo em Vinhedo, técnica em hotelaria, guia de turismo. Bacharel em turismo, formada em 2007 na Faculdade de Vinhedo, abriu a sua agência de turismo receptivo em setembro de 2002 e firmou parceria com a Secretaria de Cultura e Turismo de Vinhedo.

Atuou nas Festas da Uva (2003, 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008), organizando e criando os roteiros, entre eles o Roteiro Cultural constituído de visitas ao Mosteiro de São Bento e, na sequência, o Observatório Abrahão de Moraes, selecionou e treinou os monitores para trabalharem durante os eventos para recepcionar, acompanhar e prestar informações aos visitantes, inclusive durante os roteiros turísticos.

Atualmente recebe visitantes do Polo Turístico do Circuito das Frutas, organiza os passeios, com transporte. Esses roteiros são pré-estabelecidos e agendados previamente. Além disso, é vice-presidente da Associação Vinhedense dos Empresários de Turismo (AVETUR).

Adilson Amatto (Entr. 10)

Categoria: gestor local (e autóctone)

Data: 11/05/2012 às 15h37 (Duração: 77'')

Local: Vinhedo

Vinhedense, solteiro, 36 anos, publicitário, professor nível técnico profissionalizante e universitário, presidente da Associação dos Vitivinicultores de Vinhedo (AVIVI), pequeno produtor rural, *sommelier*. A AVIVI procura resgatar por meio da produção do vinho, a identidade, a cultura de famílias imigrantes italianas e a promoção do turismo.

Acredita que ações relacionadas ao turismo devem ser realizadas em conjunto com os demais operadores, além de planejadas e apoiadas pelas municipalidades. Nunca visitou o OAM, e desconhecia o fato de ser aberto à visitação pública.

Mario Sergio Farci (Entr. 11)

Categoria: gestor local (Secretário de Cultura e Turismo)

Data entrevista: 17/05/2012 às 10h48 (Duração: 53'')

Local: Valinhos

Paulistano, residente em Valinhos desde os oito anos, casado, 1 filho, 54 anos, superior incompleto (Artes Cênicas). Atua na área cultural desde aprox. 1975, e dirige a Secretaria de Cultura e Turismo há 4 anos. Acredita na relevância do Observatório tanto no aspecto ambiental, como cultural e turístico, cujas atividades de divulgação científica junto ao público devem receber apoio não apenas dos municípios da região, como do estado de São Paulo, da própria Universidade de São Paulo, e também pela iniciativa privada. Vê com preocupação a crescente urbanização na forma de condomínios fechados em torno do Observatório, e acredita na necessidade de preservar a área verde no local.

Grupo c) Público frequentador do OAM (quatro visitantes):

Regina Chau Bernardino (Entr. 03)

Categoria: visitante

Data entrevista: 23/04/2012 às 15h30 (Duração: 44'')

Local: Valinhos

Paulistana, casada, mãe de três filhos, dona-de-casa, 2º grau completo. Reside na região há quatro anos. Visitou o OAM duas vezes, na última, motivada pela interessante visita realizada, organizou um grupo de 25 pessoas conhecidas de uma academia de Kung Fu em Valinhos, de todas as faixas etárias para visitar o local dia 31/03/2012. Segundo ela, todos, sem exceção, sem distinção de idade, gostaram muito da visita e a maioria desconhecia o observatório. Pretende retornar ao local outras vezes.

Suely Maymone (Entr. 06)

Categoria: visitante

Data Entrevista: 29/04/2012 às 12h00 (Duração: 23'')

Local: Vinhedo

Carioca, casada, neurocirurgiã, pesquisadora, 55 anos, residente em São Paulo. Visitou o OAM três vezes, a última no evento comemorativo dos 40 anos. Gosta das visitas e do atendimento, mas faz ressalvas quanto à falta de infraestrutura material e de mais monitores e equipamentos para atendimento ao público. Pretende visitar o OAM outras vezes. Considera-o um atrativo turístico e importante para a preservação ambiental e do céu noturno da região.

José Pedro de Azevedo Martins (Entr. 09)

Categoria: visitante (turista)

Data: 07/05/2012 às 21h55 (Duração: 23'')

Local: Valinhos (OAM)

Professor universitário (em pedagogia) em Belém do Pará, casado, 3 filhos. Veio por intermédio de um amigo ao evento “Portas Abertas” dia 28/04/12, e a segunda vez acompanhando-o com um grupo, nesta data. Para ele falta divulgação do OAM junto à população, inclusive para despertar o interesse de turistas de outras regiões, pois em outros estados não há observatórios, e essa divulgação deveria ser feita por agências de turismo.

Gostou das visitas, e acredita ser raro no país esse contato do público junto a um laboratório científico ligado a uma universidade. Também aponta que o contato com as escolas é muito importante, para manter um vínculo com a população.

Célia de Assis (Entr. 12)

Categoria: visitante

Data entrevista: 19/05/2011 às 15h21 (Duração: 33'')

Local: Valinhos

Paulistana, reside em Vinhedo há 6 anos, casada, 2 filhos, 53 anos, bióloga, trabalha na capital de São Paulo com edição de livros (didáticos e literatura). Visitou o Observatório uma única vez (abril de 2012) com um grupo de conhecidos e a família, gostou muito, e se emocionou quando pôde visualizar as crateras lunares, e os anéis de Saturno pelo telescópio.

Para ela trata-se de um lazer educativo, longe da lógica de consumo, importante para transmitir esse valor aos filhos. Desconhecia a existência do OAM na região, que segundo ela, ganha, assim, importância ao possuir um equipamento científico. Pretende retornar, preferencialmente no inverno, para visualizar outros objetos e por acreditar que o céu fique mais “limpo”.

Grupo d) Residentes (três pessoas)

uma residente que nunca visitou o OAM, além de dois habitantes que já visitaram o OAM; embora esporadicamente, um deles que já visitou outros observatórios, inclusive no exterior:

José Antonio Zechin (Entr. 02)

Categoria: residente (e autóctone)

Data entrevista: 20/04/2012 às 15h30 (Duração: 44’)

Local: Vinhedo

Vinhedense, divorciado, ex-seminarista, nascido em 1948. Escritor, autor de várias obras publicadas, inclusive sobre a história de Vinhedo (Tempos de sempre, 2003), de peças teatrais, poeta, atua também como cronista em vários periódicos da região, neto de um dos emancipadores do município. Bacharel em Letras pela PUC – Campinas, e administração, com especializações em Recursos Humanos. Ex-secretário da Fazenda; ex-secretário de Administração Legislativa. Atualmente é diretor da Escola do Servidor Público Municipal de Vinhedo. Já visitou alguns observatórios, inclusive o OAM, considerando-o importante no aspecto ambiental, cultural e turístico.

Sonia Regina Vaz dos Santos (Entr. 07)

Categoria: residente

Data: 03/05/2012 às 10h15 (Duração: 16’)

Local: Vinhedo

Nascida em Marília-SP, residente em Vinhedo há 20 anos, casada, dois filhos, escolaridade até a 4ª série, trabalhou na roça. Hoje é do lar, e ajuda (algumas horas, pela

manhã, alguns dias na semana) o marido, que cuida de jardins e piscinas em residências de condomínio de Vinhedo. Nunca visitou o OAM, desconhecia a sua existência e a possibilidade de visitação. Desconhece a função de um observatório astronômico.

Andrea Pozzuto Capelli (Entr. 04)

Proprietária da Pousada Fazenda Sant'Ana

Categoria: residente (e autóctone)

Data entrevista: 24/04/2012 às 10h02 (Duração: 46'')

Local: Divisa entre Valinhos e Vinhedo

Vinhedense, casada, três filhos, 44 anos, ensino médio, massoterapeuta. Sócia-proprietária da Pousada da Fazenda Sant'Ana, cujo av  Manoel de S  Fortes Junqueira Jr. doou as terras para a instalação do OAM. Portanto, Andrea, ainda crianç , acompanhou visualmente a construção das primeiras edificações, como da c pula do primeiro telescópio (transferido posteriormente ao Observatório de Brasópolis), e também a chegada da poluição luminosa, que atrapalha a contemplação das luzes estelares. Por outro lado, percebeu, também visualmente, a recuperação da mata da antiga fazenda, hoje ocupada pelo Observatório. A pousada faz parte do Polo do Circuito das Frutas.

3.3 Resultados e discussões

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma triagem de trechos delas, que foram divididos em dois eixos, para possibilitar uma análise focada nos seguintes aspectos:

- a) OAM: relevância ambiental, regional e turística; visibilidade e avaliação das atividades de divulgação junto ao público sob a  tica da hospitalidade;
- b) OAM: como elemento complementar ao turismo regional (Circuito das Frutas, turismo rural, Festas do Figo de Valinhos e Festa da Uva de Vinhedo).

3.3.1 OAM: relevância ambiental

Conforme exposto no Capítulo 1, observatórios astronômicos necessitam de um céu noturno límpido, sem poluição atmosférica e luminosa, portanto, geralmente localizam-se nos pontos mais altos de uma região, longe das luzes das cidades. Entretanto, com a crescente urbanização, muitos são atingidos pela crescente poluição luminosa, inclusive o OAM.

Ao serem indagados qual a importância do OAM   preservação do meio ambiente e do céu noturno para a região, os entrevistados consideram a sua presenç  relevante nesses

aspectos, principalmente devido à escalada da urbanização regional e temem até a transformação da sua área em condomínio, conforme abaixo:

*Bom, eu quero acrescentar que é necessário manter o observatório funcionando, que preserve toda aquela área em torno dela. Por quê? Porque os condomínios estão ali, na porta do observatório. Se o observatório não for conservado, ele vai virar um condomínio. E eu acho que a gente não precisa mais de condomínio. Nós precisamos de parque [...]. Talvez o terreno em torno do Observatório sirva para esta função. Porque lá se exerce uma atividade que não prejudica o meio ambiente. [...]. E, fora isso, é um lugar que tá lá preservadinho, quietinho. [...] Porque existe uma área grande lá e preservada. Então eu falo para o pessoal: “**Gente, vocês começam a ir visitar o observatório, porque senão daqui a pouco não vai vir mais dinheiro pra manter o observatório e vai virar condomínio! Vai ser muito triste**”. (Entr. 03– grifo nosso).*

É um patrimônio, assim, da natureza, não é. Tinha que ser uma coisa, assim, onde as pessoas se unissem a favor disso, sei lá, fazendo um abaixo-assinado. [...] porque, infelizmente, o mundo que a gente vive, ele é dominado, não é, pelas grandes corporações aí e a gente fica à mercê de muitas coisas [...]. E trazer pessoas pra conhecer, acho que fortalece essa coisa de preservação, não é... Espero que essa área [...] não seja afetada. Imagina uma cidade em expansão. São grandes municípios, tudo em expansão e sem água. Pode se apropriar. É um medo [...]. Essa expansão aí tá cada vez mais [...] em um pouco espaço de tempo. É rápido demais.
(Entr. 04)

[...] Mas, de certa forma, se a mata não fosse preservada, se a região do entorno fosse vendida, ou simplesmente, assim, sei lá, doada, de certa forma, remanejada para uma infraestrutura urbana, essa parte [...] o pouco que a gente tem de escuridão do céu estaria perdido. (Entr. 05)

Importantíssimo. Eu acho até que se pudesse tombar isso tudo e tirar todos os condomínios em volta seria melhor ainda porque você eliminaria mais ainda esse efeito da poluição luminosa. (Entr. 09)

[...] eu nasci em Valinhos, não é. E, antigamente, em Valinhos era tudo mato. [...] Todos os condomínios que existem hoje é onde era mata. Então, antigamente não tinha lei que protegia. Hoje tem. [...] Então, eu espero que a mata aqui seja preservada, porque eu gosto. Além de trabalhar aqui, eu gosto do lugar, não é. Eu falo que é um paraíso, não é. Que seja preservado.
(Entr. 08)

Apesar de eu achar que isso já deveria ter acontecido já há muito tempo, de se evitar a construção de condomínios próximos ali, não é. Mas eu acho que ainda é tempo, sim. Eu acho que tem que preservar, porque ali é uma mata muito interessante. Eu acho que se perdermos ali vai ser lamentável. Vai ser uma coisa que não fará bem a ninguém, não é. (Entr. 11)

Acho que sim. O fragmento de mata que tem aqui é muito grande, é muito importante. Deve ser um dos maiores da região e, como eu disse, ele está preservado pela existência do observatório. Porque se o observatório não estivesse aqui, esse terreno já teria sido transformado [...] sei lá, em condomínio, centro comercial. Bom, mas a existência do observatório

garante essa cobertura vegetal do morro, que é muito importante. Pelo menos garante, até que um dia ela se transforme numa reserva [...].
(Entr. 13)

Conforme já citado no Capítulo 2, esse fato comum na RMC é explicado por Gutmann (2011, p. 45):

As cidades que a compõem passam por um processo de transformação nas estruturas urbanas e em seus espaços públicos e históricos devido ao surgimento de um complexo intercâmbio de pessoas, informações, economias e políticas. Desde a sua criação, a RMC vem apresentando um duplo processo de desenvolvimento urbano: intensos pontos de conurbação, por um lado e, por outro, urbanização dispersa, assim como o surgimento de aglomerados de condomínios, simultaneamente a um forte êxodo rural, tornando difícil a visualização da identidade e apropriação de espaços públicos em cada cidade.

Assim, nota-se a crescente urbanização da região na forma de condomínios e residenciais fechados, que se apropriam de áreas rurais devido à especulação imobiliária. Mesmo que, por um lado, possa ser uma forma mais racional de urbanização, por outro lado, contribui para a poluição luminosa, pois a maioria dos condomínios da região possui ruas com iluminação pública, embora, com maior respeito à legislação ambiental do que os loteamentos abertos, e até mesmo, a recuperação de áreas ambientalmente degradadas e das matas ciliares.

Esse fenômeno crescente de urbanização territorial aparece espontaneamente em praticamente todos os depoimentos, suscitando receio entre alguns entrevistados de que a área da mata onde o OAM está situado seja incorporada pelo setor imobiliário, e para alguns depoentes deveria ser inclusive, declarada como área de preservação ambiental.

De fato, embora a área não seja ainda legalmente preservada, conforme já exposto no Capítulo 1, de acordo com o Plano diretor de Valinhos (2004) o local deve “**Promover prioritariamente a preservação e/ou adequação e/ou recuperação de uso para maior aproveitamento cultural, e turístico** (VALINHOS, 2004 – grifo da fonte)”, condições estas que o equipamento vem desempenhando perfeitamente.

Todos os entrevistados, sem exceção, reconheceram a importância do OAM na questão ambiental, conforme exemplos abaixo:

Só pela área que ele dispõe, e pela soltura dos animais quando o Ibama faz essa coleta, e pela quantidade de animais que ali tem, ele já tem um ponto favorável, não é? (Entr. 01)

Totalmente. Eu acho que tem que ser conservado, mas inclusive com a responsabilidade da manutenção da observação, da vigilância, da fiscalização[...]. Aí no caso é o papel público. Eu não posso ir lá e por uma cerca e eu não posso ficar de vigilante lá, não é. Isso tem que ser cuidado [...]. (Entr. 02)

(Sobre a presença do Observatório) *Ajuda, porque preserva-se aquele entorno todo, não é. Ainda tá próximo da cidade? Está, mas está num miolo que tá preservado.* (Entr. 03)

É fundamental. Bom,... a vegetação não tá aí por acaso, [...] preservar a mata, garante o ecossistema local. [...]. A gente tem diversas espécies de mamíferos, pássaros, [...] borboletas [...] todos os tipos. A fauna e a flora são extremamente ricas graças a essa preservação do Observatório. Então, isso tem que ser mantido porque é uma área de soltura de animais pelo IBAMA, por entidades, assim, próximas que apreendem animais silvestres que tenham sinais de maus tratos e tudo mais, alguns são soltos aqui dentro. Então é uma área importante de preservação por isso. (Entr. 05)

Neste aspecto vale salientar que a neta do ex-proprietário da área doada ao OAM notou e acompanhou a expansão e recuperação da mata ao longo dos anos, conforme exposto no Capítulo 1 (Figura 06):

É uma área maravilhosa, que eu tenho essa área aí na minha memória, na minha vida. E eu tenho ainda a informar, uma coisa melhor ainda, que ao meu ver, com todo esse olhar todos os dias para essa mata, que graças a Deus e à natureza, ela se expandiu, não é? [...] que seja uma área de preservação oficializada, para a gente poder ter certeza de isso não seja destruída um dia, não é? [...] porque [...] creio que deve ser pouco movimentado, pelas pessoas, ainda bem que elas respeitam, [...], visivelmente a mudança foi significativa, da época de quando eu era criança pra cá, ela se revitalizou. (Entr. 04)

Embora, a astronomia (como ciência) não faça parte do cotidiano da maioria dos entrevistados, claro, com exceção dos pesquisadores e monitores do OAM (Grupo a), os entrevistados consideram a astronomia muito importante, e alguns tem interesse e fascínio pelo assunto, entre eles:

Muito, muito, muito. É uma coisa, assim, ou eu ia ser astrônoma, quando eu era menina, ou eu ia ser médica. Já era uma coisa nata. Era já antes do observatório, tinha livros aí do início da vida, das explosões... (Entr. 04)

[...] eu diria pra você que eu sou uma pessoa multifacetada, eu me interesso por tudo. Essa pergunta, objetivamente, eu vou responder assim: eu sou um poeta e eu costumo olhar pra cima e observar os astros. Eu estou sempre vendo as estrelas, observando os planetas e a lua, principalmente, que já me inspirou muitos poemas. (Entr. 02)

Na verdade, quem tem interesse é o meu marido. E aí a gente acompanha. (Entr. 03)

O conhecimento astronômico ele é, digamos, [...], a ciência mais antiga e é uma das formas principais ou foi uma das principais, eu diria a única, de se transmitir lições de cidadania pra crianças ou o próprio conhecimento da sociedade, não é. Várias civilizações plantavam quando viam o surgimento de uma estrela no céu logo depois que o sol se põe. E, hoje em dia, claro, a gente tem estações do ano, digamos, um calendário com as estações do ano tudo definido, tudo bonito, não é, mas na época isso não existia. Então, a

astronomia, ela servia fundamentalmente pra tudo, não é. A premonição dos fenômenos terrestres, assim, pra saber quando você semeia, quando você colhe, tudo isso era muito importante. (Entr 05)

Conforme já exposto, há milênios a humanidade observa o céu noturno movido pela beleza, pelo fascínio que o mistério do Universo desperta, procurando entender o seu funcionamento e os fenômenos relacionados aos eventos cósmicos, ou seja, faz parte da cultura humana, passada entre as gerações, segundo Ishwaran (2011). Legitimando essa ideia, o entrevistado 10 comenta:

Mas acho que é um hábito que a gente teve. Meu vô às vezes fazia muito isso. O meu pai sempre. Como a gente sempre teve ligado um pouquinho essa parte de agricultura aqui, não é, então, acho que a gente sempre teve assim uma condição de ficar observando. Às vezes, meu pai pegava e: “Ah, olha aqui!” – mostrando mais ou menos, não é – “Aqui é o Cruzeiro do Sul, então você se orienta. Lá... aqui é onde nós estamos, a nossa casa tá aqui. Então você sabe que o sul tá pra cá, não é.” [...] E a observação era quase que automática, não é. Então o fascínio, realmente, é uma coisa que [...] existe, existe. (Entr. 10)

O próximo questionamento refere-se à relevância do céu noturno preservado. Neste sentido, todos os respondentes consideraram fascinante um céu noturno límpido e estrelado, que atrai a sua atenção pela beleza, que faz parte do imaginário humano e de poetas, como, por exemplo, o entrevistado 02:

Eu acho que o homem, ele se dá conta muito pouco da beleza da natureza, não é. E assim, eu tenho verdadeira paixão [...]. Eu tenho verdadeiro fascínio pela aurora boreal, tenho até poemas sobre a aurora boreal. E, assim, a aurora boreal são raríssimos que conseguem ver, mas um arco-íris não é tão difícil de a gente ver e como surge um arco-íris no céu, é uma coisa assim belíssima. [...] Então, nós podemos falar da aurora boreal, podemos falar do arco-íris, podemos falar dessas noites estreladas maravilhosas, não é, o céu, às vezes, completamente azul, sem nenhuma nuvem. (Entr. 02)

Eu acho maravilhoso, é assim uma coisa encantadora, porque a partir do momento que você começa a olhar aquilo, começa a ficar ainda mais interessante, não é? Hoje eu estou na correria [...], aí você acaba, de fato, não parando para pensar, mas, é uma coisa fascinante, não é? (Entr. 01)

Porque é bonito! Porque é uma coisa que está lá muito distante. E a gente fica pensando, não é, do que é feito, se tem gente morando, se um dia vai ter gente morando lá, sabe? São curiosidades mesmo [...] que a gente tem, das coisas além da Terra. (Entr. 03)

Existem as pesquisas que são fundamentais na nossa vida e que o pesquisador precisa disso, não é. Agora, pra gente, tem a parte romântica, a parte de beleza, independentemente da necessidade científica do céu estrelado pra muita gente. (Entr. 06)

Sim, porque isso é uma coisa bonita. É bonito, não é. A lua é uma coisa bonita, principalmente quando a lua está indo pra uma fase cheia e quando ela tá cheia, que fica aquela bolona de fogo no céu. Aquilo é maravilhoso, aquilo é encantador! E o céu também, quando tá bem estrelado, todo mundo, acho que quase todo mundo quando olha fala: “Nossa, olha que maravilha!” Porque é bonito. (Entr. 12)

É digno de nota que a visitante abaixo se emocionou, não apenas no momento da observação pelo telescópio no Observatório, chegando às lágrimas novamente ao relatar a experiência:

Ah, porque eu sou uma pessoa que admiro muito a lua. Isso eu sempre [...] tenho admiração pela lua porque eu acho que é uma coisa bonita, fascinante. E aí quando o primeiro telescópio tava apontado pra lua e aí, como eu disse, eu nunca tinha visto uma imagem através do telescópio. Quando eu vi que eu tava olhando a lua, aquelas crateras lindas. Eu até me emociono agora porque é muito lindo. Você conseguir ver aquilo, não é. Tá lá no céu, tão longe! Parecia que você podia por a mão. Muito legal! (Entr. 12)

Este aspecto emocional durante as observações astronômicas relatado pela visitante ao OAM é confirmado pelo astrônomo:

Então, o céu de uma cidade como Campinas, Vinhedo, São Paulo – não é nem questão de cidade grande, cidade moderna, muito iluminada, não é – ele não é mais um céu motivador, que atrai as pessoas. Um céu que leve as pessoas a refletir, não é. [...] E mesmo hoje, com a vida moderna, se a gente enfrenta um céu estrelado, mexe com a gente. [...] E o céu estrelado também mexe muito, mexe muito até com o emocional da gente. Eu tive a oportunidade de estar em locais muito bonitos, com um céu muito bom e mexe até com o emocional da gente. (Entr. 13)

Assim, pode-se dizer que a contemplação e observações astronômicas do céu noturno estrelado seja uma experiência emocional aos indivíduos, sejam eles leigos ou não, poetas, ou não, cada qual interpretando-o a seu modo e cultura. Além disso, questionam-se a respeito da assim denominada “grande pergunta”: “de onde viemos?” ou “qual é a origem da humanidade?”, questão ainda hoje não resolvida, mesmo com todos os avanços tecnológicos e científicos contemporâneos. Conforme já mencionado no Capítulo 1, será essa a função do primeiro laboratório brasileiro de astrobiologia instalado no OAM.

Embora os entrevistados não houvessem refletido anteriormente sobre o céu noturno como um patrimônio da humanidade, ao serem indagados a esse respeito concordaram, conforme abaixo:

Então, quando a gente fala que os fenômenos que estão alterando a natureza, tipo o aquecimento global, enfim, [...] todas as formas de poluição [...] que, de uma certa maneira, atingem até a estratosfera, eu acho que deve haver uma preocupação da humanidade, porque é sim um patrimônio da humanidade. [...] Então, se a nossa terra tão pequenininha faz parte dessa

imensidão e é o único lugar que nós temos pra viver, nós temos que cuidar de tudo o que está na nossa volta, não é. (Entr: 02)

Como patrimônio da humanidade? Eu acredito, por isso essa preocupação louca com esse monte de lixo que a gente tem aí ao redor, não é. Porque a Terra, ela não se limita a isso aqui. Ela é dependente desse céu, não é. Interfere em tudo, porque é uma coisa só a natureza. [...]. Ele te põe pra pensar, porque você fica naquela questão “De onde eu vim?” (Entr. 04)

Ah, sem dúvida [...]. Porque o conhecimento começou a ser passado, de certa forma, não é, ou várias lições de cidadania a partir de identificações nas constelações, [...] criação de mitos, tudo isso observando o padrão do céu, imaginando ali figuras, não é, heróis que fizeram realizações mágicas e tudo mais. E isso vem da nossa história. As pessoas aprendem mitologia, boa parte da mitologia tá sendo explicada no céu, não é, de uma maneira mais antiga. (Entr. 05)

Ah, eu acho fundamental. Acho que essa ideia é fantástica, porque a gente sempre pensa em terra, sempre pensa em água, olhar pro céu agora é muito importante também. (Entr. 06)

Ah, com certeza. Eu acho, assim como são os elementos da terra. Eu acho que faz parte. [...] Eu acho que é fascinante, não é. Eu vejo com muito fascínio. Mas eu acho que é um patrimônio, sim, sem dúvida, [...] eu não consigo imaginar a vida sem um céu noturno, não é. Não consigo mesmo. (Entr. 11)

A contemplação de um céu noturno estrelado era prática comum em outros tempos, passada entre gerações, lembrada por alguns entrevistados. Como, por exemplo, a nomeação das constelações⁷⁸ estelares, cujo mapeamento surgiu na Mesopotâmia há cerca de 4.000 anos a.C., fez parte da mitologia grega, passa pelas civilizações indígenas⁷⁹, chegando às civilizações modernas, que as adaptavam e as interpretavam segundo a sua realidade ambiental e cultural.

Essa interação constante com o céu, ao longo da história das civilizações humanas, configura-o como patrimônio da humanidade, tanto pelo seu aspecto natural, quanto pelo aspecto cultural, valorizado no Ano Internacional da Astronomia, em 2009:

The sky, our common and universal heritage, is an integral part of the environment perceived by humanity, as it was perfectly outlined in the document of Proclamation of 2009 as International Year of Astronomy, presented in 2005 at the 33rd Session of the UNESCO General Conference: “Humankind has always observed the sky either to interpret it or to understand the physical laws that govern the universe. This interest in astronomy has had profound implications for science, philosophy, religion, culture and our general conception of the universe”. Still its contemplation

⁷⁸ Em 1929 a União Astronômica Internacional dividiu a esfera celeste em 88 constelações ocidentais, cada uma com a sua coordenada (OBSERVATÓRIO UFMG, 2012).

⁷⁹ É o caso, por exemplo, da Constelação de Escorpião, que entre os índios brasileiros é conhecida como jiboia, que faz parte da sua realidade ambiental.

is increasingly difficult to the point that it is becoming unknown for new generations. An essential element of our civilization and culture that we are losing at a fast pace, and whose loss would affect all countries in the world (Marín; Jafari, 2007, s.p.)⁸⁰.

É também interessante destacar que, conforme explicitado no item 1.3.1, um céu noturno preservado e límpido pode representar um atrativo turístico, a exemplo da Reserva *Dark Sky* Alqueva em Portugal, à qual a OMT e a UNESCO (2012) concederam a primeira certificação *Starlight Tourism Destination*.

Outro exemplo bastante conhecido é o Deserto do Atacama, no Chile, que atrai milhares de turistas para a observação e contemplação do céu noturno, tanto a olho nu, bem como nos diversos observatórios ali instalados, que permitem a observação por meio de telescópios, ou seja, o “astroturismo”, como é comumente comercializado por diversas agências de turismo locais. Os depoentes abaixo comentam:

O Observatório é importante para preservação, pois é através dele que o público toma maior conhecimento do trabalho do astrônomo/geofísico/meteorologista. Assim, todos entendem o quão importante é a preservação do meio ambiente tanto para a pesquisa, como também para a sociedade. A preservação de um céu limpo, tanto no que diz respeito à poluição atmosférica como também em relação à poluição luminosa, é a principal informação ambiental salientada no Observatório e podem ajudar principalmente a enriquecer a qualidade de vida encontrada nas cidades próximas e também no aumento do número de turistas.(Entr. 05)

E de vez em quando a gente já viajou pra fazer isso [...]. É muito importante. Tem cidades que são conhecidas pelo céu limpo, [...]. São conhecidas pelo céu limpo, pela noite bonita [...]. Especificamente atrás do céu só no Havaí mesmo, quando a gente foi pro observatório nesse interesse específico de observar estrelas. A gente também foi pra Pedreira, especificamente pra gente olhar estrelas. (Entr. 06 – grifo nosso)

Conforme já citado, “o turismo responsável, em muitas das suas modalidades, pode e deveria levar em conta o céu noturno como um recurso a ser protegido e um valor em todos os destinos (STARTLIGHT, 2011 - tradução livre)”.

Os entrevistados ao serem questionados se consideravam importante o céu noturno preservado e se costumavam observar um céu estrelado afirmaram que o consideram belo, uns costumavam contemplar o céu “antigamente”, e pouco hoje, porque está muito atarefado, ou

⁸⁰ “O céu, nosso patrimônio comum e universal, é parte integrante do meio ambiente percebido pela humanidade, como perfeitamente descrito no documento da Proclamação de 2009 como o Ano Internacional da Astronomia, apresentado em 2005 na 33ª sessão da Conferência Geral da UNESCO: „A humanidade sempre observou o céu, ou para interpretá-lo ou para entender as leis físicas que regem o universo. Este interesse na astronomia acarretou profundas implicações para a ciência, filosofia, religião, cultura e nossa concepção geral do universo”, ainda que a sua contemplação seja cada vez mais difícil a ponto de tornar-se desconhecido para as novas gerações. Um elemento essencial da nossa civilização e cultura que estamos perdendo em um ritmo rápido, cuja perda afetaria todos os países do mundo” (MARÍN; JAFARI, 2007, s.p. - Tradução livre).

porque o céu (da região) não permite mais observar as luzes estelares com a mesma qualidade, pois são ofuscadas pela poluição luminosa, lamentando o fato:

*Porque boa parte das pessoas hoje perde o interesse ou não acham a astronomia importante porque elas não tiveram a chance de ser assim, digamos, conquistadas por um espetáculo visual que o céu proporciona, não é. A iluminação pública, que pra gente é muito confortável e traz segurança, ela acaba não só iluminando o solo, não só dando proteção pra gente, mas ela acaba iluminando o céu. [...] **O espetáculo de contemplar a natureza é uma coisa que todos nós temos direito, mas que a iluminação pública feita de maneira indevida acabou nos tirando [...].** (Entr. 05 – grifo nosso).*

Acho muito importante, não é. Ah, bom, acho que a gente precisa de um céu, de locais, de espaços que possamos ter ele sem essa poluição luminosa das cidades. Por isso, eu acho que as regiões, os lugares dos interiores, fora de cidades são muito bons [...]. E acho que não é só para os adultos, pras crianças, é sempre atraente mesmo. (Entr. 09)

Ali no sítio [...] agora com muita luminosidade, a gente acaba às vezes perdendo um pouquinho, não é. (Entr. 10)

Segundo vários entrevistados, a qualidade do céu noturno da região ficou comprometida pela poluição luminosa, que chegou ao entorno do OAM, prejudicando as observações astronômicas, inclusive, as pesquisas desenvolvidas ali:

Com certeza! Tanto é, que o Observatório quando ele se instalou ele não imaginava que fosse criar esta dimensão, que a cidade chegasse tão próxima, e que fosse tão afetado, não é? Digamos, para as pesquisas, para tudo que foi dimensionado para o Observatório, para as pesquisas, e a poluição, assim, ela atrapalha em muito, porque não tem como você observar com tanta claridade...(Entr. 01)

[...] e quando foi feito esse observatório, a característica era essa: você não tinha, assim, a cidade muito cheia de luzes como é hoje. Porque todos sabem que pra ter o observatório, você precisa ter quanto mais escuridão melhor pra você observar os astros, não é? [...] tanto por essa questão poética, que nos trazem uma sensibilidade maior do que é a natureza [...] Então, eu acho de uma importância fundamental a instalação do observatório. Uma pena que agora, com o crescimento da cidade, ele já não tenha assim aquela melhor condição visual pra gente observar os astros. (Entr. 02)

[...] Porque essa área aqui era tudo escuro. Era bem, vamos dizer, cidade de interior, aquele paralelepípedo. E essa iluminação... eu lembro que aqui acabava muito a energia, porque acho que tinha muito problemas. [...], mas quando apagava a luz, pra mim era uma delícia, porque era, assim, um céu maravilhoso. [...] Quando eu era criança, a gente observava. Hoje, a luz... é uma coisa assim... você olha, pra todos os lados tem luz, não é. (Entr. 04)

Então é uma área importante de preservação por isso. E na parte astronômica também é importante porque você garante que exista ao menos uma margem sem iluminação pública em volta pro observatório. Então, mesmo pra gente que não fazemos mais tanta pesquisa com a observação do

céu porque Valinhos ficou muito claro, Valinhos, Vinhedo também é responsável por isso. A pesquisa, ela caiu muito, não é, vários instrumentos muito bons foram colocados em outros observatórios da universidade em outros lugares do país, mas ainda é feita pesquisa aqui e pode ser feita pesquisa de boa qualidade de uma maneira observacional. (Entr. 05)

[...] Mesmo porque eu acho que com o tempo, eu acho que ele deixou de ser um ponto, não é, com a finalidade primeira que eu acho que ele foi criado, não é. (Entr. 11)

Raramente eu saio à noite. Mas eu gosto. Acho bonito quando está bastante estrelado. Acho muito bonito, não é. Bem diferente por causa das luzes daqui. (Entr. 07)

Apesar disso, uma visitante ao OAM que residia em São Paulo afirma:

Eu acho que é super importante, porque [...] pra quem é de São Paulo, como eu, você quase não vê um céu estrelado, bonito porque você tem muita poluição, você tem muitas luzes na cidade, que impedem uma visibilidade boa. Aí quando você vem pro interior, você tem essa possibilidade de visualizar o céu de maneira diferente. [...] e até logo que eu mudei aqui pra Vinhedo, a gente observava bastante porque você vê muito mais estrelas do que você vê em São Paulo, não é. (Entr. 12)

Desta forma, há consenso da relevância do céu noturno e do fascínio atrelado aos mistérios e à grandeza do Universo, que suscitam da sua contemplação. A urbanização moderna com o excesso de iluminação pública torna a observação astronômica cada vez mais rara no cotidiano dos habitantes urbanos. Mesmo assim, a iluminação pública é considerada adequada, porque traz sensação de segurança:

Ah, não. Pra mim está bom assim mesmo. Eu gosto. Porque me sinto mais segura. Porque tudo no escurão dá medo. (Entr. 07)

[...] A iluminação pública, que pra gente é muito confortável e traz segurança, ela acaba não só iluminando o solo, não só dando proteção pra gente, mas ela acaba iluminando o céu.[...]. (Entr. 05)

Embora existam algumas iniciativas internacionais preocupadas com este fato, o sistema de iluminação pública ainda não possui normas globais a serem obedecidas para atenuar a poluição luminosa, o que representa também desperdício de energia, principalmente de fontes não renováveis, como é o caso da maioria dos países desenvolvidos.

Conforme exposto no Capítulo 1, inclusive com imagens globais da NASA (Figura 23 e Figura 24) onde se pode visualizar a poluição luminosa em todo o mundo, apreende-se que o céu noturno, um patrimônio natural da humanidade, encontra-se visivelmente ameaçado, fato este que preocupa a UNESCO, que apoia a *Starlight Initiative*.

Deve-se esclarecer que as fontes geradoras da poluição luminosa são diversas, principalmente nos centros urbanos: desde a iluminação pública inadequada e excessiva, as luzes dos edifícios, dos *outdoors*, das residências e inclusive dos automóveis.

Além disso, a poluição luminosa prejudica o desenvolvimento de pesquisas científicas realizadas nos observatórios astronômicos, que necessitam ampliar os recursos tecnológicos, que, portanto requerem maiores investimentos financeiros para viabilizar observações astronômicas de qualidade, conforme abaixo:

Ah, [...] isso é um problema geral, não é. Todos os observatórios, acho que do mundo, passam por isso. Eles são construídos num lugar isolado e aí passa 30, 40 anos, as cidades vão engolindo o observatório. E aí, o que sempre é feito, assim, se aproveita o máximo que pode ser feito, não é. Faz onze anos que eu estou trabalhando aqui. De quando eu entrei pra hoje, eu sinto uma diferença. O céu ficou mais claro. Eu acho que pior do que tá não fica, porque a luz já chegou lá no portão do observatório. O que [...] é bom aqui, não é, é que do portão pra dentro a gente controla. E aqui é o topo da montanha. Então, a poluição luminosa está um pouquinho abaixo de nós. Tudo isso ajuda. E a mata nativa aqui que é muito grande ajuda a quebrar um pouco. Funciona como um quebra-luz, não é. Você não vê diretamente a luz da cidade. Tudo isso ajuda, mas graças à moderna eletrônica que ainda dá pra observar, não é. Antigamente, só olhava na lente do telescópio pra observar. O ciclo meridiano no começo era assim, [...]. E aí, você não podia fazer nada contra a poluição luminosa. Hoje, com a câmera CCD⁸¹, com programas que tratam as imagens, filtros, você tem como filtrar essa poluição luminosa. Então, você meio que contorna um pouco do problema. Tem imagem que você extrai o fundo do céu. Então, você consegue separar o que é luz parasita, o que é luz que te interessa e melhorar a imagem. E no mundo inteiro, o pessoal tá fazendo isso, não é. Muitos observatórios foram engolidos pelas cidades. E quando a cidade toma conta de tudo, não tem mais jeito de observar pra pesquisa. (Entr. 08)

Faz-se necessário salientar que a poluição luminosa não prejudica apenas as observações astronômicas, bem como, afeta todos os ecossistemas, alterando a fisiologia da fauna, sobretudo dos animais com hábitos noturnos, como por exemplo, aves migratórias, e tartarugas durante a desova, ou seja, é uma questão ambiental, conforme salientado a seguir:

The negative effects of emissions and of the increased intrusion of artificial light on the atmospheric quality of nocturnal skies have become a serious treat for several species, habitats, and ecosystems. In the last years the scientific community sent the first alerts on the negative effects loss of clearness and quality of the night sky on biodiversity. Darkness is indispensable for the healthy functioning of organisms and ecosystems. We usually forget that life lives 24 hours a day and that ecosystems adapted themselves to the natural rhythms of moon and stars during millions of years of evolution. As over half of the creatures living on this planet are nocturnal, any degradation in the quality of sky, by day or by

⁸¹ CCD, sigla formada pelas iniciais de *Charge Coupled Device*.

night, will have a profound effect on their behavior and on the equilibrium of the biosphere (STARLIGHT, 2011, s.p.).⁸²

É o que comenta a entrevistada abaixo, que acredita que a luminosidade noturna afeta também a saúde dos seres humanos:

Eu acho que influencia na saúde, no ritmo biológico mesmo, [...] Você tá recebendo energia cósmica, de todo o universo. É a mesma coisa o noturno. Tudo bem, as estrelas estão lá, mas não tem a presença da luz, que ela interfere de outra forma na vida, não só no ser humano, né, mas em toda a rede de animais e tudo. Tanto que tem os noturnos, [...] que eles são biologicamente preparados pra ficar à noite. Então, tem uma interferência muito grande. (Entr. 04)

É relevante a reflexão do diretor do OAM a esse respeito:

O que a gente pode e que a gente nem faz muito aqui, infelizmente, a gente pode ter um trabalho de conscientização mais específico com o público que nos visita. E é possível fazer algumas atividades com o público nesse sentido. Por exemplo, o público que vem aqui no “Noite com as estrelas”. [...] Em resumo, o que eu quero dizer é que a gente pode levar a pessoa a concluir que no céu de Vinhedo, por exemplo, a gente não vê milhares de estrelas, a gente vê algumas dezenas, algumas centenas. E [...] levar as pessoas a concluir que o que a gente chama de céu estrelado hoje é muito diferente do que era há trinta, quarenta, cinquenta anos atrás. (Entr. 13)

Assim, o céu noturno límpido, um patrimônio natural universal da humanidade, está ameaçado, de forma incontestável, pela atividade humana, sobretudo nas últimas décadas. Esse fato alarmante - comprovado e perceptível por todos, porém escassamente discutido no mundo (ISHWARAN, 2007) - subtrai o direito fundamental e milenar de contemplar e observar as luzes estelares pelos cidadãos urbanos.

Neste contexto, conforme os entrevistados, o Observatório Abrahão de Moraes desempenha um papel ambiental relevante como guardião de uma “ilha” verde regional, recuperada e preservada, importante à flora e fauna, servindo de refúgio aos animais silvestres, inclusive os de hábito noturno, além de preservar um céu noturno no local, mesmo que parcialmente, pois as luzes das cidades próximas já o atingem, prejudicando as observações astronômicas para pesquisa científica.

⁸² “Os efeitos negativos das emissões e aumento da incidência de luz artificial na qualidade atmosférica do céu noturno tornaram-se uma séria ameaça a diversas espécies, *habitats* e ecossistemas. Nos últimos anos, a comunidade científica enviou o primeiro alerta sobre efeitos negativos da perda da limpidez e qualidade do céu noturno sobre a biodiversidade.

A escuridão é indispensável para o funcionamento saudável dos organismos e ecossistemas. Geralmente, nos esquecemos que a vida “vive” 24 horas por dia e que os ecossistemas se adaptaram ao ritmo natural da lua e estrelas durante milhões de anos de evolução. Como mais da metade dos seres vivos neste planeta são noturnos, qualquer degradação na qualidade do céu, de dia ou de noite, terá um efeito profundo sobre o seu comportamento e sobre o equilíbrio da biosfera” (Tradução livre).

Além disso, por meio das atividades socioeducativas ali desenvolvidas, o OAM poderia conscientizar os visitantes sobre o problema da poluição luminosa e transmitir valores associados ao céu noturno preservado, e mesmo, junto às autoridades locais solicitar uma readequação da iluminação pública, como acontece em algumas cidades próximas a observatórios astronômicos, como por exemplo, em Vicuña, no Chile.

Uma vez que medidas de controle da poluição luminosa, ainda são inexistentes no país, a oportunidade de contemplar as luzes estelares torna-se cada vez mais distante da realidade dos cidadãos urbanos brasileiros. Assim, um céu noturno preservado e límpido pode ser um vetor para o turismo responsável e sustentável, onde o OAM possui grande potencial.

3.3.2 OAM: visitas públicas, um lazer socioeducativo e turismo cultural

Ao serem indagados o que seria lazer para eles, a maioria dos entrevistados afirmou implícita ou explicitamente que é uma atividade longe das obrigações e houve quem o relacionasse à uma atividade prazerosa, à introspecção, uma fuga da rotina, à qualidade de vida e ainda à observação astronômica (caso de um colaborador do OAM):

Olha, o lazer é aquilo que a pessoa faz no momento em que ela não está trabalhando. Mas, eu entendo, que mesmo ela trabalhando é um momento que ela consegue estar incluindo o lazer, principalmente com tanta mídia disponível, enfim, o lazer é aquele momento que você se desliga, não é, do trabalho [...]. (Entr. 01)

É o ter um tempo pra você. Pra mim, pessoalmente, é essa introspecção. Pra mim, é esse contato com a natureza, com a árvore. [...] porque eu acho que esse contato com a árvore, com o céu, com a natureza, com a água, não é, é uma forma de lazer onde você medita ou [...] você se conecta [...] com a essência que você é. Fora, além do físico, tem a parte toda emocional. Então, lazer pra mim é isso. Eu defino como uma introspecção, uma necessidade que o ser humano tem, [...] nesse silêncio que transmite muita coisa. (Entr. 04)

Lazer é fazer uma coisa que lhe dá prazer, na realidade, não é, me dê satisfação pessoal. Pode ser qualquer coisa que você se sinta bem por dentro. [...] É uma outra atividade pra você se desligar do seu profissional e que lhe dá prazer. Não necessariamente lúdica, não é, uma coisa que lhe dê prazer. (Entr. 06)

Eu nem sei o que está no dicionário. Mas, pra mim, o lazer é assim quando você está cansado, não é, você quer distrair um pouco, espairecer, aí você faz aquilo que você gosta. Então, minha opinião é meio suspeita, não é, porque pra mim, a astronomia, essa astronomia, o hobby, prazer de olhar o céu por divertimento, pra mim, isso sempre foi um lazer [...]. Mas, pra mim, astronomia assim, pegar um binóculo sem compromisso e olhar o céu por hobby, pra mim é um super lazer. (Entr. 08)

Lazer [...] é fazer algo que não esteja sistematicamente ligado ao trabalho, que dê prazer, não é, precisa dar prazer, precisa não estar ligado ao trabalho, aquela rotina do trabalho, atividades. São atividades prazerosas que se formam, que [...] desenvolvemos fora [...] das atividades do trabalho comum, assim. (Entr. 09)

Eu vejo lazer como qualidade de vida, [...]. Às vezes, você tem muitas propostas de lazer que você sai muito mais cansado da onde você tá, do que aquilo te dá [...] você acaba não gostando, mas não te interessa pra voltar de novo, não é. (Entr. 10)

Ah, eu acho que lazer é tudo aquilo que te acrescenta alguma coisa sem a obrigação de, por exemplo, sem aquele compromisso que você ter que fazer porque é obrigado, não é. Lazer eu acho que é, que tem que unir a descontração, [...] tem que ser uma coisa agradável. (Entr. 11)

Ah, eu acho que o lazer é uma atividade que você faz, que não é uma rotina, que você não tá fazendo uma coisa que você sempre faz e ela te abastece de energia, não é, ela te traz uma energia nova. Esse que é o lazer, não é. Então, por exemplo, ir a um shopping center, pra mim, não é lazer, é obrigação [...]. Não é lazer pra mim, porque não [...] te enriquece. Lazer eu acredito que [...] é uma experiência emocional. (Entr. 12)

Assim, os depoimentos apresentados acima legitimam a concepção de Dumazedier (2000, p.34):

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se, de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

É interessante notar que alguns entrevistados associaram o lazer a um equilíbrio emocional, além de um deles, dizer, categoricamente, não ser necessariamente uma atividade lúdica, como também entende Camargo (1999).

Além disso, Corbin (2001 p. 62) alude que, para muitos, o lazer é visto como “[...] indispensável ao desenvolvimento do indivíduo, à construção harmoniosa da pessoa”.

A partir desses pressupostos e do resultado das entrevistas, embora o senso comum possa acreditar que o lazer seja apenas diversão e descanso, deduz-se que a prática das atividades de lazer fornece ao indivíduo oportunidades de desenvolvimento pessoal, bem estar social, além de um equilíbrio das necessidades de ordem individual, cultural e comunitária.

Todos os entrevistados acreditam que a visita ao OAM ou a outro observatório astronômico seja uma forma de lazer, e para alguns uma experiência peculiar, e até emocionante, conforme a seguir:

É um lazer. Pra quem gosta, é um bom anti stress. É pra esporecer da correria do dia a dia. Então, pra mim, é lazer. (Entr. 08)

Eu acredito que pra mim foi uma coisa surpreendente, porque eu não imaginava, eu nunca tinha visto o céu através de um telescópio. Eu já tinha ido em planetário, mas não é a mesma coisa. E observar no telescópio, que você bota o olhinho lá e você vê a lua, não é, e as crateras da lua, é impressionante isso pra mim. Impressionante. Foi muito emocionante.

(Entr. 12)

Eu imagino que seja mais nesse sentido, não é. Por isso que eu [...] e você, às vezes, observando o céu como forma de lazer, você está absorto [...] você dá cordas pra aquilo que tem dentro da cabeça das pessoas e acaba imaginando, instiga [...]. Eu acho que propicia também [...] essa questão da curiosidade, não é. Então, eu imagino que isso tenha a ver com lazer também. Sim, porque você esquece do dia-a-dia. [...] Você tem uma fuga, você tem o pensamento voltado pra outras coisas que não aquelas coisas do compromisso diário com isso, com aquilo, não é.

(Entr. 11)

Sem dúvida, é uma forma de lazer. E eu diria uma forma de lazer extremamente rica e rara. É muito diferente. [...] mas visitar um observatório é mais raro porque a disponibilidade desses locais é muito menor do que de algumas atividades mais comuns, não é, e no observatório ainda onde se faz pesquisa científica é mais raro ainda. Então, existem observatórios amadores, que são muito interessantes, mas são em número também bastante reduzidos. Mas a visita a um observatório onde se faz pesquisa científica, ele também é interessante, é rico e é mais raro, não é.

(Entr. 13)

Além disso, a partir dos depoimentos abaixo, constatou-se que o lazer proporcionado no OAM seja uma forma de transmitir conhecimento (astronômico), isto é, promove a educação não-formal, conforme dissertado no Capítulo 2:

Eu procuro extrair essas duas funções de cada lugar que eu vou: tanto o conhecimento, quanto o lazer. [...] Então, é assim, é um momento de lazer e ao mesmo tempo de conhecimento. Então, lidar com essa possibilidade de você ter uma estrutura que te permita ter uma coisa prazerosa e, ao mesmo tempo, trazer conhecimento é fantástica. Porque nós, quanto mais ludicamente nós aprendemos, melhor. [...] Concordo plenamente, é um lazer socioeducativo. Ao mesmo tempo em que as pessoas se divertem, elas aprendem. Principalmente em família, envolvendo os filhos. É importante para os cidadãos leigos porque, para se gostar de alguma coisa, é preciso conhecer. A partir do conhecimento é que cresce o interesse. [...] Eu acho fantástico disponibilizar a oportunidade. O lazer cultural. Por quê? As pessoas são tão cegas e tão distantes desse conhecimento, que só aproximando-as desse conhecimento, elas vão passar a gostar.

(Entr. 02)

(É uma forma) De lazer e de aprendizado. [...] “Olha, vem aqui ver. Tá vendo o que eu tô vendo? Achei legal.” É diferente [...], que eles vão, apontam e aí todo mundo vai, tira suas dúvidas, olha de novo e se despede daquela imagem e fica esperando voltar quando o céu tá diferente.

(Entr. 03)

E ainda:

O fato é que as minhas crianças depois que foram pra lá, eles batem o olho na imagem e falam: “Olha, essa aqui é a caixinha de joias⁸³. Essa aqui é uma nebulosa.” [...] a última vez que nós fomos deu pra identificar um satélite passando. As crianças ficaram enlouquecidas! “Ó lá, é um satélite!” A diferença de um planeta de uma estrela, os meus filhos sabem. [...] Mas são coisas que eles começam a visualizar a olho nu. E isso é legal. (Entr. 03)

[...] o observatório é o local onde os visitantes tem contato direto com o pesquisador. Eles tem a oportunidade de esclarecer suas dúvidas com cientistas diretamente. (Entr. 05)

[...] esses programas turísticos são muito mais mesmo pra dar prazer, pra você satisfazer as curiosidades, não é. Responder várias perguntas que estão no ar. Então, eu acho que é muito prazeroso, fora que, olhar céu sempre é prazeroso pra qualquer pessoa, de um modo ou de outro. Romântico ou pra satisfazer curiosidade. (Entr. 06 – grifo nosso)

*É uma forma de inclusão social. Dá muito mais conhecimento. Então, aí, quer dizer, hoje o Estado e a prefeitura, elas têm verba pra gastar com isso. [...] porque não fazer também programas voltados pra essa parte, não é? Parte cultural. [...] Eu incluo até a questão da uva e do vinho como uma parte cultural. Ela é histórico, ela é cultural e ela é educativa também. Você educa pro meio ambiente, você educa pra uma preservação geográfica do local e isso vai. [...] Que tanto prefeitura, como Estado se organizem, possam se organizar pra [...] promover, disponibilizar esse serviço pra comunidade, pra população em geral, não é. Não só aqueles que têm mais condições, não é, mas aqueles que têm menos condições. **Você educa a pessoa e faz com que a pessoa conheça mais coisas e não viva só no mundo da internet.** (Entr. 10 – grifo nosso)*

Vários depoentes consideram esta atividade como uma oportunidade do exercício da cidadania, além do contato do público com pesquisadores e acadêmicos, fato pouco comum no cenário brasileiro:

Agora, com exercer a cidadania, o público que vem aqui pode fazer isso de várias formas, não é. Primeiro, que o conhecimento é uma coisa que é um direito de todos e pagar por ele é uma coisa, assim, que eu não concordo, mas o observatório, ele é aberto ao público, as visitas são grátis e, não só do conhecimento, mas o que eu gosto de falar às vezes pro público que vem pra cá é que é praticamente uma prestação de contas, não é. O observatório, ele é público. A gente estuda com dinheiro público. Então, é o dinheiro dos impostos das pessoas que financia nossas pesquisas, que financia o nosso conhecimento e que tem que voltar pra ela de alguma forma, né. Então, eu costumo dizer, né, eu falei “Olha, gente, vocês estão aqui, é uma das raras oportunidades que vocês têm de perguntar pra onde foi o dinheiro de vocês e a gente não tem nenhuma vergonha de mostrar que a gente tá fazendo esse trabalho e tudo mais. Vocês estão livres pra perguntar o que quiserem. Aproveitem, e sintam-se à vontade.” (Entr. 05)

⁸³ A entrevistada refere-se ao aglomerado aberto NGC4755, Kappa Crucis, que os monitores do OAM sempre procuram focar pelos telescópios para os visitantes.

Muito raro, é muito raro. Vamos dizer, [...] fora os museus, nenhuma universidade se abre pra receber a população, assim, por exemplo, a que faz, não é. Você não vê um laboratório dentro de uma universidade [...] digamos assim, porque seria interessante, como se fosse num museu com um guia, vendo. “Olha, aqui fica o laboratório do fulano, que trabalha com isso”, não é. (Entr. 09)

Mas a visita a um observatório onde se faz pesquisa científica, ele também é interessante, é rico e é mais raro, não é. [...] Então eu acho que é uma atividade de lazer, mas uma atividade de lazer muito rica, muito rica, porque você pode ter contato com o que se faz ali de científico, numa área muito antiga da pesquisa científica, que é a astronomia, não é. Nesse caso aqui do Abrahão de Moraes, você entra em contato com astrobiologia, que é uma área muito nova, e tal. Você pode satisfazer algumas curiosidades. (Entr. 13)

Esta ideia a respeito da divulgação da astronomia como exercício de cidadania em um espaço público também é apontada por Damineli e Steiner (2010, p. 106): “Essa atividade é importante por promover uma educação científica e transmitir aos cidadãos informações sobre o uso de recursos provenientes de seus impostos”.

Vale ressaltar que o OAM proporciona um lazer educativo interativo, além de um atendimento personalizado, longe do turismo de massa, que de acordo com Krippendorf (2000) e Molina (2002) deve ser almejado pelos turistas e viajantes responsáveis, e que: “Obviamente, estes turistas estão atrás de experiências responsáveis e significativas, capazes de enriquecer a sua existência.” (MOLINA, 2002, p.138 - tradução livre), o que ocorre no OAM, segundo a depoente:

Muito raro, até porque a gente se sente um pouco participante. Por ser um grupo pequeno pra observar, por ter essa característica de não ser ainda um espaço dedicado ao turismo e à observação, você se sente um pouco sendo atendida como um visitante especial num centro de pesquisa. Então você não tá indo, pagando, comprando um ticket pra ver... Você vai lá pra uma sala, onde eles explicam várias coisas. [...]. Então, porque não tem esse caráter ainda, vamos dizer, de massa, massificante de um ponto de turismo. É mais como se eles permitissem que a gente pudesse visualizar o trabalho deles uma vez por mês. (Entr. 12)

Embora Camargo (1992, p. 75) considere que,

O lazer abre um campo educativo não para se aprender coisas, mas para se exercitar equilibradamente as possibilidades da participação social lúdica. A esse processo se denomina educação não-formal ou animação cultural, ou ainda, animação sócio-cultural. Seu objetivo é mostrar que o exercício de atividades voluntárias, desinteressadas, prazerosas e liberatórias pode ser o momento para uma abertura a uma vida cultural intensa, diversificada e equilibrada com as obrigações profissionais, familiares, religiosas e políticas.

A partir dos depoimentos dos entrevistados acima e do amplamente dissertado no Capítulo 2 percebe-se nitidamente a transmissão de conhecimentos astronômicos por meio da educação não-formal promovida pelo OAM, além da possibilidade de entender o “que faz” e “o que é” um observatório astronômico, ou seja, “a busca em aprender e entender o objeto da visita; [...] corresponde a experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do objeto de visita (MTUR, 2006, p. 17)”, conforme definição do MTUR para o turismo cultural. Além disso:

O Turismo Cultural implica em experiências positivas do visitante com o patrimônio [...] e determinados eventos culturais, de modo a favorecer a percepção de seus sentidos e contribuir para a sua preservação. Vivenciar significa sentir, captar a essência, e isso se concretiza em duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se às formas de interação para conhecer, interpretar, compreender e valorizar aquilo que é o objeto da visita [...] (MTUR, 2010, p. 16).

De acordo com Dumazedier (2000) o lazer desempenha três funções: descanso (em resposta à fadiga); divertimento, recreação e entretenimento e de desenvolvimento, com novas formas de aprendizagem, sendo uma delas, a aquisição de noções de astronomia.

Desse modo, conclui-se que o OAM, representa um espaço de lazer diferenciado para a comunidade local e ponto turístico regional aos turistas ao realizar a divulgação científica de noções de astronomia, atividades estas de livre escolha, consideradas interessantes e satisfatórias, conforme apontam os resultados da pesquisa de campo entre os visitantes promovendo, portanto, um lazer socioeducativo e turismo cultural, conforme Beni (2003), Camargo (2004), Corbin (2001), MTUR (2006; 2010), entre outros.

Ademais, essas atividades socioculturais promovidas pelo OAM são uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e intelectual, muito valorizadas contemporaneamente, (DE MASI, 2001; DUMAZEDIER, 1999,2000; entre outros) que promovem ainda uma interação entre cientistas e o público leigo, noções de cidadania, distante da lógica de consumo, características de um lazer raramente disponível na sociedade brasileira.

Convém salientar que noções de astronomia ao público leigo podem ser transmitidas em espaços específicos a este fim, como planetários e observatórios astronômicos, bem como em museus, centros culturais, espaços afins, ou mesmo a céu aberto, que podem ser utilizados para essa atividade. Neste sentido, é relevante a declaração firmada em 2007 na “*The International Conference in Defense of the Quality of Night Sky and the right to observe stars*” (Conferência internacional à defesa da qualidade do céu escuro e ao direito de observar as estrelas) que, entre outros, declarou que:

Knowledge — armed with education — Is a powerful vector that can heal the growing rift between today’s society and science and contribute to the advancement of the mankind as a whole. The dissemination of astronomy and of the scientific and associated cultural values should be considered as basic contents to be included in educational activities⁸⁴ (STARLIGHT, 2007, s.p.).

Entretanto, julga-se igualmente relevante destacar que, se por um lado, a sociedade contemporânea globalizada – tem acesso às informações, via mídia eletrônica, de forma quase que irrestrita, infundável e instantânea, por outro lado, o acesso ao conhecimento e ao mundo científico (astronômico, neste caso) restringe-se principalmente aos ambientes virtuais, como é o caso, por exemplo, do sítio virtual criado pela *National Aeronautics and Space Administration* (NASA), ou a obras ou ambientes acadêmicos/científicos. Nota-se o escasso vínculo e contato real entre o mundo científico e/ou astronômico e o cidadão comum, ainda na sociedade atual, conforme depoimentos de alguns dos entrevistados.

3.3.3 OAM: Hospitalidade, visibilidade e relevância turística

Ao serem questionados se foram bem recebidos e se a equipe é hospitaleira foi unânime a excelente avaliação sobre o atendimento ao público do OAM entre os visitantes, que superam as ressalvas à infraestrutura, comentada por alguns. Embora seja um espaço utilizado ao atendimento público, os visitantes se “sentiram em casa”, e à vontade, ou seja, sentiram-se acolhidos, característica da hospitalidade, conforme segue:

Nossa, excelente! Como eu falei, parecia que a gente tava sendo recebido pra uma visita especial ali, podendo observar o trabalho deles, o mundinho deles, as salas deles. Foi excelente. Não tenho o que falar. A gente se sentiu em casa, assim. São super hospitaleiros! (Entr. 12)

Muito, muito, todas as vezes. Dependendo por quem fomos atendidos, a gente teve que ficar de olho no relógio, é muito encantador! O tempo vai passando, e não tem como controlar por períodos, e dependendo da pessoa que vai dar a recepção ela é ainda mais calorosa no papo e na ilustração sobre a observação fica melhor ainda. (Entr. 01)

Muito. Os meninos, não é, esses estudantes, [...]são [...], assim, amorosos, não é. Eu gostei muito! (Entr. 04)

[...] São excelentes. Eles são excelentes! Pena que realmente a gente não guarda o nome de todo mundo. Mas na ocasião da minha visita tinha muito monitor lá, e eles são excelentes. [...] Que eles largam tudo lá em São Paulo

⁸⁴ “Conhecimento – respaldado pela educação – é um vetor poderoso, que pode sanar o fosso crescente entre a sociedade contemporânea e a ciência e contribui para o avanço da humanidade como um todo. A divulgação da astronomia e dos valores científicos e culturais associados deveria ser considerado como conteúdo básico a serem incluídos nas atividades educativas (STARLIGHT, 2007 - Tradução livre)”.

e vem passar fim de semana num [...] alojamento, no meio do nada. Mas eles vêm, você vê que eles vêm contentes. [...] A gente percebe que eles estão no ambiente que eles querem. E eles não vêm [...] com pressa, não vêm mal humorados. (Entr. 03)

Eu acho que teve muita boa vontade. Eu acho que teve um esforço até maior do que a capacidade do observatório. Ele peca um pouquinho em infraestrutura e as pessoas lá tentam suprir isso. [...] O pessoal daqui tenta suprir ao máximo as deficiências que tem de infraestrutura mesmo. (Entr. 06)

E também:

Mesmo quando a gente fazendo a visita durante o dia. Eu fiquei surpresa! Eu ficava imaginando, nossa! O que nós vamos fazer lá durante o dia?! Mas não, eles montam uma apresentação, eles conseguem mostrar, e as pessoas ficam fascinadas da mesma forma, um ambiente, se eles tivessem um ambiente onde eles tivessem um auxílio, uma ajuda mais fortalecida, num ambiente, onde as pessoas tinham que sentar no chão, dentro do espaço, onde você não tem banco, não tem cadeira, então você tem que sentar no chão mesmo [...]. (Entr. 01)

Gostaram, assim, porque eles não imaginavam que tinha o observatório lá em cima. Quem sabia não pensava num lugar tão organizado e não pensava também em ser tão bem recebido. Porque as pessoas que vão lá nos atender saem lá de São Paulo para vir pra cá nos receber, não é. (Entr. 03)

Entendendo-se que a hospitalidade é constituída da reciprocidade entre visitados e visitantes, percebe-se claramente a preocupação da equipe de anfitriões do OAM em agradar ao público, em adaptar a linguagem ao perfil do visitante, e mesmo em superar a frustração dos visitantes quando no evento “Noite com as Estrelas”, não houver possibilidade de observações astronômicas *in loco*, em virtude das condições meteorológicas:

Então, o que eu acho legal das visitas quando as pessoas vêm, que eu atendo, eu sempre procuro conversar e ver o que (é) que a pessoa gostaria que fosse falado. Então, você não faz sempre igual, você muda. Isso é bom pra quem vem e é bom pra quem faz. Então, amanhã mesmo vai ter uma visita aqui. Vai vir uma escola infantil. Atender criança é gostoso, só que você tem que falar diferente, senão eles não entendem nada. E parece que é uma pré-escola. Eles nem são alfabetizados. E até a professora falou que eles estão lendo, quer dizer, as professoras leem pros alunos o livro “O pequeno príncipe”, porque é um livro bem infantil e fala de astronomia. [...] então estou acabando de ler de novo “O pequeno príncipe”. [...] Então você adapta a sua linguagem de acordo com o público. [...] Isso é muito importante. [...]. (Entr. 08)

É muito comum a pessoa ir num lugar em que vai tentar fazer observação com telescópio, vai tentar ver um fenômeno que ela tá esperando e em cima da hora ela recebe a notícia que não deu certo, não é. Isso frequentemente acontece no observatório, porque a gente não pode impedir que chova, a gente não pode impedir que o céu fique nublado. Então, nosso trabalho, e a gente têm sido muito felizes nisso, é tornar que a visita da pessoa não seja perdida e que ela veja que ela aproveitou muito e que é uma chance, digamos, de conhecimentos novos, que ela não teria se ela tivesse visto no telescópio. (Entr. 05)

E ainda, de acordo com os entrevistados abaixo, o mais importante para um bom atendimento no OAM é o trabalho em equipe, e a maneira do trato com o público, mais personalizada e espontânea:

A gente improvisa muito. [...] Mas tem muito coração nisso. E acho que isso é muito legal, é muito bom. (Entr. 13)

*[...] Muitas vezes, no dia a dia a gente corre, mas na visita, eu não gosto de fazer corrido. Porque também eu acho que se for fazer correndo, eu não consigo fazer bem feito. Então, uma coisa que eu acho que deve ser feita é assim: faz com calma, não tem pressa. Além do que quem veio aqui, **muita gente vem aqui como passeio, ou turismo**. Então, a pessoa também não tem pressa de ir embora.*

[...] Mas eu acredito que uma coisa que é muito legal pro observatório que é a alma do observatório, que chama muito a atenção, além de ter uma equipe treinada pra atender [...] porque não adianta ter telescópio bom, mas não ter quem saiba atender. Então, é ter uma equipe boa pra atender e ter bons telescópios. (Entr. 08 – grifo nosso)

Esta preocupação por parte dos monitores do OAM é comprovada pelo depoimento da visitante:

É, eles são estudiosos, têm acesso a informações diferentes das nossas, mas eles conseguem nos passar isso muito bem. Não existe aquela coisa assim: “Oh, ele falou e eu não entendi nada, mas eu vou dizer que tá tudo bem, porque senão ele vai achar que eu sou uma pessoa desinformada.” Não! Eles estão ali, assim, dispostos a nos mostrar aquilo tudo e a explicar. E, se perguntado vinte vezes, eles explicam as vinte vezes. Isso é muito legal. Esse cuidado, esse interesse em divulgar o objeto de estudo deles. [...] Eles não são lacônicos, eles são falantes, eles são animados, eles são jovens. Isso é bem legal! (Entr. 03)

As possibilidades de expressão da hospitalidade revelam ramificações significativas na compreensão da sociedade e de suas ações, refletidas na interação entre visitantes e visitados. Assim, a hospitalidade deve ser considerada sob essas duas perspectivas, ou seja, segundo Camargo (2004) e Lashley e Morrison (2004) a hospitalidade é o ato de dar-receber-retribuir, que pressupõe a mutualidade. Portanto, a hospitalidade é uma via de mão dupla, cujos personagens desenvolvem uma relação de troca, positiva ou negativa, entre o anfitrião e o visitante, e segundo Lashley e Morrison (2004, p. 21):

O entendimento mais amplo a respeito da hospitalidade sugere, em primeiro lugar, que esta é, fundamentalmente, o relacionamento construído entre anfitrião e hóspede. Para ser eficaz, é preciso que o hóspede sinta que o anfitrião está sendo hospitaleiro por sentimentos de generosidade, pelo desejo de agradar e por ver a ele, hóspede, enquanto indivíduo.

Neste contexto, deve-se esclarecer que “hóspede” deve ser entendido como visitante, em qualquer espaço, que não o seu habitual; segundo Camargo (2004), e ainda:

“Hospitalidade é o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional de receber, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu *hábitat* natural”, e também: “[...] uma interação entre os seres humanos em espaços concebidos para tal finalidade” (CAMARGO, 2004, p. 52).

Considerando-se o exposto, é o que ocorre no ambiente do OAM, pois os monitores recebem e entretêm os visitantes, motivados em agradá-los; além disso, para evitar distanciamento ou constrangimentos, e serem compreendidos, procuram adaptar a linguagem ao perfil do público, que assim adquire um novo *status*, conforme (GRASSI *in* MONTANDON, 2011, p. 57):

Um passo decisivo é dado quando o recém-chegado é acolhido numa cidade, num lar e numa mesa. Então, ele se torna hóspede, público ou privado, muda de *status*, sai por um tempo da estraneidade e da insegurança. É recebido, reconhecido, aceito, sobretudo protegido, e pode então se engajar numa relação.

O depoimento da entrevistada abaixo mostra o sentimento de acolhida e de segurança, e elogia a maneira como são recebidos no OAM:

[...] Receber grupos que eles conseguem atender, ter lugar pra estacionar. A gente se sente seguro lá. No observatório. A gente se sente seguro. É muito bem organizado e é aquela situação de você tirar suas dúvidas com pessoas que estudam isso. Não são, assim, pessoas treinadas para atender pessoas, simplesmente. São pessoas que vivem disso. São pessoas estudiosas. Isso é legal, não é? Porque [...] ah, envolve paixão mesmo, não é. Envolve paixão. (Entr. 03)

O próprio gestor tem a mesma opinião:

Eu acho que o público, em geral, fica extremamente satisfeito com o contato. Eles se sentem aqui bem recebidos, bem tratados, eu recebo de braços abertos, não é. Embora a gente não possa oferecer um coquetel, um vinho, um champagne e tal, mas eu acho que eu não me lembro de nenhuma pessoa que tenha saído daqui descontente e tal. Em geral, vêm pra cá e saem daqui muito, muito contentes. (Entr. 13)

Desta forma, esse atendimento personalizado almejado pelos atendentes do OAM, com respeito à diversidade de perfis dos visitantes, é o que se pode chamar de respeito à alteridade, como um valor nas relações de hospitalidade estabelecidas, onde o “outro” (o visitante) assume uma relevância maior do que a própria identidade, cultura e conhecimentos (astronômicos, neste caso específico) dos anfitriões, conforme Baptista (2005; 2008).

Ademais, de acordo com a matriz maussiana⁸⁵, a dádiva, como sendo característica da

⁸⁵ A partir da obra “Ensaio sobre a dádiva e o dom” (1974) de Marcel Mauss a hospitalidade é considerada um processo contínuo de dar-receber-retribuir.

hospitalidade, que pressupõe sacrifício (CAMARGO, 2004), ou o “Espírito da dádiva” (GODBOUT, 1999) encontra-se presente na interação dos visitantes com os anfitriões do OAM.

A maioria deles, estudantes voluntários do IAG/USP, que sem nenhuma espécie de compensação material, nem financeira, e certo transtorno entre locomoção (de São Paulo, capital, até Valinhos) e alojamento “no meio do nada”, como dito pela entrevistada 03, bem como pelos colaboradores do OAM, que doam parte do seu tempo livre, (um final de semana ao mês) em prol dos visitantes, com a finalidade única de transmitirem conhecimentos astronômicos/científicos, pouco usuais da realidade cotidiana dos visitantes, e que envolve “sacrifícios”, conforme depoimento do diretor do OAM:

Por exemplo, nós temos aqui pra desenvolver atividades que a gente desenvolve, tem sacrifício de funcionários, meu mesmo e mais. Meu ainda tudo bem, mas e os funcionários, que trabalham aqui fora do horário de expediente e tudo mais, entende? Nós estamos além da nossa capacidade. [...] (Entr. 13)

A “retribuição”, um dos tripés da hospitalidade, durante essas visitas no OAM, ocorre na interação entre visitados e visitantes, quando estes, por exemplo, fazem uma simples pergunta, a qual pode promover ao monitor (pesquisador ou colaborador), um autoquestionamento e uma reflexão sobre a sua postura junto ao público, conforme depoimentos abaixo:

O pessoal acadêmico, eles estão tão ocupados, tão focados no que eles tão fazendo que às vezes soa como perda de tempo você parar e explicar pra alguém que não tem nada a ver com o assunto. Tem muita gente que acha isso, mas é impressionante quando você para pra explicar o seu trabalho pra uma pessoa que não tem nada a ver com o que você faz, como você acaba percebendo o quão você pode, digamos assim, aprender mais pra explicar aquilo pra alguém, não é. É um autoconhecimento, assim, você acaba se pegando numa situação que você vê que nem tudo que você sabe, assim, tá tão bom e que você pode realmente melhorar em vários aspectos. (Entr 05)

[...] uma coisa que é muito importante também, é que os monitores, nessas atividades, eles aprendem muito. Aprendem muito astronomia, mas aprendem muito da interação com o público, falar, dirigir ao público, falar com as pessoas. Para a formação deles, essa atividade é muito importante. Eles crescem muito. E eu acho também que a gente, de uma maneira geral, nós aprendemos sempre, não é. E na interação com o público, a gente aprende e o público também acaba aprendendo [...]. (Entr. 13)

Além disso, é interessante destacar o depoimento do diretor a respeito da maneira como a equipe do OAM deve efetuar o atendimento ao público, ou seja, a hospitalidade exercida no

OAM junto ao público é espontânea e genuína, não sendo uma “hospitalidade encenada”, fato tão comum na hospitalidade comercial, segundo Camargo (2010):

É espontâneo. Nunca precisei pedir aos monitores: “Olha, faça isso, faça aquilo, receba assim.” É espontâneo, muito, muito de coração. [...] Acho que o monitor tem um comportamento que vai muito de encontro à minha maneira de ser e tal. É que nós não estamos numa empresa, com aquele sorriso global, repetindo uma frase. Realmente, é espontaneidade. Muito importante. [...] Eu diria mesmo que é fundamental essa espontaneidade, não é. [...] se a gente tivesse aqui um grupo aí de monitores que tivessem recebendo um bom dinheiro pra desenvolver essa atividade e tal, eu acho que ela não seria melhor. (Entr. 13)

[...] É não fazer mecânico. (Entr. 08)

Concluí-se, portanto, que as atividades junto ao público desenvolvidas pelo OAM possuem características de hospitalidade, que são invariavelmente muito bem avaliadas pelos visitantes (residentes e turistas), que, assim, contribuem para o prosseguimento e consolidação do OAM como ponto turístico e de lazer à população local.

Outra unanimidade apontada entre os entrevistados - inclusive entre o pessoal do OAM – é a reduzida visibilidade do OAM junto à população local, fato captado em 2009. A maioria da população desconhece a sua existência e a possibilidade de visita. Aqueles que têm conhecimento da existência do equipamento acreditavam que pertencia a Vinhedo e não a Valinhos, devido ao seu acesso por aquele município:

[...] tinha gente que nem sabia que tinha o observatório aqui e mora em Valinhos. E sempre que eu vou em algum lugar, sai algum assunto, eu falo do observatório pra ver se fica conhecido, não é. (Entr. 08)

Tem uma divulgação, mas não tenho levado, tem que ter maior divulgação que fala dos roteiros, tem que ter mais divulgação, não é? [...] ele poderia ter visitas mais constantes, não é? Ele poderia, na minha opinião poderia ser mais aberto ao público! Mais acessível, assim, à própria população. Não que eles não sejam, mas a pessoa que não tenha nenhum conhecimento, ela fica então mais inibida para chegar até o Observatório, agendar, fazer uma visita, não é? Ela tem que ser uma pessoa com um pouco mais de interesse. (Entr. 01)

Porque depende de despertar o interesse meu. Um dia vou até lá. (Entr. 07)

Então, quando eu falo pro pessoal: “Pessoal, pelo amor de Deus, vá no observatório, porque senão vai virar condomínio.” É verdade. É uma coisa, infelizmente [...] séria. Porque passa-se por cima de estudo, de pesquisa, de equipamento, de preservação [...] pelo dinheiro. Não é difícil. E aí, vão dizer: “Olha, mas tem em São Carlos, que é logo aqui. Tem o de Souzaas.”, mas, gente, esse é nosso! Tem que haver um meio de preservar ele. Tem que haver uma maneira. E não é tão difícil. Nós temos tantas escolas aqui. Gente, nós temos aí, duas ou três escolas em cada bairro. Gente, que as

escolas que deem um jeito de ir uma vez por mês cada escola lá, nossa, tem trabalho por muito tempo. Tem que haver uma maneira. (Entr. 03)

[...] Se você sair na rua que nem a Tribuna sai e fala assim “Você sabe que tem um observatório? Você sabe onde fica o observatório X?” Não sabe. “Você já foi lá alguma vez?” Com certeza, a pessoa vai dizer não. (Entr. 02)

Ao serem indagados se existe divulgação suficiente do observatório na região os entrevistados responderam unanimemente que não há:

Ah, deveria ter mais informações, assim, por exemplo, quando alguém chega até o Memorial, que esclarecesse, que falasse sobre [...]]. [...] que fosse sempre motivado a essas pessoas que são os munícipes e visitantes da região, que visitem, que frequentem o Observatório, porque assim, além de poderem visualizar uma coisa, e poxa, dizer, mas isto é magnífico, não é, vão fazer com que os outros também tenham conhecimento [...]. então é sempre necessário passar esta informação. (Entr. 01)

Ah, não. Não, porque as pessoas continuam saindo daqui pra ir pro planetário. Que é uma coisa que [...] demanda uma organização de um dia inteiro. E as pessoas continuam fazendo isso. O planetário tem a sua função, mas o observatório é uma experiência muito diferente. A gente sai daqui, vai até São Paulo pra ver o planetário, e não sabe que tem o observatório aqui em Valinhos.

[...] Então, porque o fato é que tem que ser mais divulgado porque as pessoas não conhecem ou se conhecem não acreditam que seja tão fácil agendar. [...]. (Entr. 03)

Não. É pouco visível. Pouco conhecido. Pouco divulgado. [...] Não existe divulgação. (Entr. 12)

Foram sugeridos alguns meios de divulgação e promoção do Observatório:

Eu procuraria ter, assim, alguma coisa fixa nos jornais, nos órgãos de imprensa da cidade, articulistas, pessoas que pudessem ter uma página ou uma coluna e você ir estimulando através dessa coluna. Hoje, nós temos uma rádio em Vinhedo. Hoje, aqui, é um polo que antigamente pra você fazer uma entrevista na televisão era uma raridade. Hoje, se você tem uma programação desse nível, com certeza você consegue atrair a televisão pra fazer reportagem e tudo mais. Simplificando: é um processo de comunicação. As pessoas precisam saber que tem e como é que funciona. (Entr. 02)

Em Valinhos, infelizmente, a gente depende do jornal. Não tem outro meio. Tem que ser pelo jornal. [...] A prefeitura, ela precisava divulgar mais, mas, por exemplo, eu encontrei material do observatório na Casa da Cultura. Na Casa da Cultura, o pessoal não liga muito. Eu acho que tinha que, não sei, de repente vincular à Festa do Figo. A Festa do Figo não leva pra fazer agroturismo? Leva pra fazer tanta coisa. O pessoal vai embora tarde. Podia, de repente, oferecer às pessoas essa opção de ir nesse passeio. (Entr. 03)

Olha, eu acredito que pra região, ele poderia ser divulgado através de folhetos mesmo, não é. [...] Poderia ter um flyer, [...] sobre o observatório. [...] Mas o que faz, como você pode observar, tal, isso eu não sei. E aí fazer

uma divulgação também, acho que em São Paulo, não é, que é bem próximo daqui, que o tem... que o povo é todo doido pra sair de lá um pouquinho, fugir. E aí eu acho que poderia fazer uma divulgação nesse sentido. Em rádios, não é. Tem várias rádios que dão programações culturais, científico-educacionais e poderiam divulgar isso. (Entr. 12)

Www! (risos). Hoje em dia, todo jovem tem internet. Então tem que ter uma palavra-chave muito boa, e que ele entrasse na página, e que a página fosse muito atraente. Seria o maior convite.

Bom, então, aí que está, tem que ver pra que público. Eu sou uma pessoa interessada. Eu já procurei observatórios em outros lugares, tenho facilidade de acesso e tudo. [...] É diferente de uma pessoa que teria que ser atraída pela página, não é. (Entr. 06)

No jornal. Pelo jornal sai bastante coisa. Pelo Jornal de Vinhedo. Eu leio. Sai toda informação, não é. (Entr. 07)

Olha... Eu não sei como eles fazem, né, pra poder atrair esse público. Não sei também se eles têm site Mas, olha, pra divulgar... eu acho que a prefeitura podia colaborar com isso. Eles passam essas propagandas, em vários lugares [...], porque várias pessoas que tão vindo pra cá, nem têm ideia do que existe. Eu to aqui a vida inteira, faz doze anos que a gente trabalha com a pousada e várias pessoas nem sabem que a gente existe. Então, às vezes eu fico pensando, como atingir, né? Esses meios de comunicação que hoje, que são aí oferecidos aí, [...]. Os postos de saúde têm a TV ali, onde eles poderiam estar mostrando esse lado turístico da cidade, né. Porque isso foi até comentado numa das reuniões do pessoal do comércio, aqui, de hospedagem e comércio, de a gente ta inserido, mas não foi ainda inserido nada. Eles fazem assim a propaganda de alguém que ali que pagou. [...]. E o observatório podia estar incluído nisso, assim como as casas noturnas aí, os restaurantes, os hotéis, onde a prefeitura podia fazer isso. Já que eles tão colocando esses meios de comunicação, a gente podia estar lá mostrando, não é, e aumentar esses pontos, onde a televisão tá ali [...]. (Entr. 04)

Um aspecto lembrado por vários respondentes é que essa atividade de divulgação científica promovida pelo OAM deveria ser focada às crianças e às escolas, que segundo alguns, são agentes multiplicadores do conhecimento junto ao núcleo familiar:

Se eu tivesse que tomar alguma decisão mais imediata, eu procuraria primeiro as escolas. Eu acredito muito que a educação tenha que começar lá embaixo. Os adultos é mais difícil de você mudar. A questão ambiental, se você começa com as crianças, né... Então todo esse processo que você inicia com as crianças tem mais chance de dar certo. [...] são as crianças que levam os pais, não os pais que levam as crianças. Então, se você conseguir cativar as crianças, com certeza você vai cativar os pais também. [...] É um trabalho que leva tempo e que através das crianças, da escola, da divulgação da imprensa, aos pouquinhos, você vai conquistando o público. (Entr. 02)

[...] Então, ele tem tudo pra ir pra frente, mas talvez eles precisassem trabalhar junto à prefeitura, procurar as escolas, porque quem se interessa por essas coisas são as crianças. Então, acho que se uma criança for pra lá e gostar, provavelmente, ela vai convencer o pai e a mãe a levar ele em

outra situação ou levar um primo que veio passear. [...] Outra coisa que precisava ser explicado é, assim, que não havendo observação, existem outras atividades. Porque as pessoas deixam de ir, achando que não vai acontecer mais nada. Então, acho que as escolas de Valinhos precisavam começar a ir no observatório, ao invés de ir no planetário de São Paulo. (Entr. 03)

[...] Então, é um atrativo pra incentivar as crianças a estudarem e se tornarem alunos um pouquinho melhores, não é. Eu acredito nisso. Tem um valor didático. (Entr. 08)

Também foi lembrado que para possibilitar a sua visibilidade e prosseguimento das suas atividades de divulgação científica é necessário o apoio do setor público, inclusive financeiro, para melhoria da infraestrutura:

Eu acho que recurso é importante, porque eles não têm. É uma coisa que você vai lá e é gratuito ou então é um valor simbólico. Que pras pessoas conhecerem é interessante, mas não dá pra manter um lugar desse sem ter um outro recurso. Tem que ter um recurso financeiro pra estar melhorando ali e isso tem que vir de algum órgão aí que possa estender a mão ali, não é. Sempre com interesse pra eles, porque tem que movimentar, não é. As pessoas acho que tem que se interessar mais, fazer uma divulgação do observatório pra poder mobilizar as pessoas, pra você conseguir com que a prefeitura ou o Estado ajude, não é. (Entr. 04)

Então, acho que pra tornar o observatório mais conhecido, nós temos que alterar a infraestrutura material e humana aqui. Não dá. Eu gostaria que o observatório fosse mais conhecido? Eu gostaria, mas não é possível. Não é possível nós fazermos uma divulgação maior do nosso trabalho, que vamos atrair mais público, se nós não temos condição. (Entr. 13)

Alguns entrevistados ressaltaram a relevância do OAM por si só, um patrimônio a ser preservado, alguns deles expressaram a preocupação de que não “fechasse as portas” (refutada pelo diretor), e da sua relevância para a região:

[...] Isso não significa que o observatório vá fechar, coisa desse tipo, mas significa que a gente pode perder um bom momento, uma boa [...] quantidade de investimento, coisa assim e não fazer o melhor. (Entr. 13)

Sim, com certeza, que deve ser preservado, apoiado, sempre, observado para que não feche as portas de forma alguma. Eu me lembro que quando eu era estudante, eu nunca tive a oportunidade de frequentar o Observatório. A gente chegava naqueles portões. E a minha curiosidade era tão grande, e eu me perguntava, como eu faço para entrar aí? Então, olha só! Eu fui entrar no Observatório com 30 e poucos anos. Então, é um patrimônio, sim! [...] Eu fiquei admirada quando entrei, e fiquei sabendo dos animais, das aves, que ali tem, das borboletas, que são mais de 150 espécies, então, é um patrimônio, com certeza, sim, importante. (Entr. 01)

É patrimônio, sim. É patrimônio de pesquisa. Lá, é um lugar que eu brinquei com o pessoal: “Pelo menos parte do dinheiro que some, a gente sabe que tá indo pra um lugar que as coisas funcionam.” Começa por aí. Então eu

penso, assim, que tem que se tornar popular a ponto de ser realmente preservado, de ser respeitado. (Entr. 03)

Ele é importante porque ele faz parte da história, olha, então porque quando as pessoas chegaram aqui, buscavam um bom céu em um ponto alto para as observações. Isso faz com que ele tem que permanecer. Ele tem que ter subsídio para que aconteça de fato. Não que isso não aconteça. Todos nós perdemos, quando ele não passa essa informação para um jovenzinho que venha ali, com sede de informação [...]. (Entr. 01)

A partir dos depoimentos dos entrevistados nota-se a reduzida divulgação do OAM na comunidade local. Neste sentido, insere-se uma visão mais dirigida sobre *marketing* interno, ou *Endomarketing*, criada por Saul Bekin em 1990, onde “endo” originário do grego, significa posição ou ação no interior, ou seja, “movimento para dentro”. Portanto, *Endomarketing* é um conjunto de ações de *marketing* institucional dirigida para o público interno, conforme Bekin (2004).

Em analogia ao turismo, pode-se associar o *marketing* institucional à promoção de um município e/ou de um atrativo turístico dirigida ao público interno, ou seja, aos residentes, e a todos os prestadores de serviços do SISTUR, inclusive à equipe do próprio OAM.

Neste contexto, vale ressaltar que, aliada a todas as recomendações de atratividade do mercado turístico, é extremamente relevante para a verdadeira promoção de uma localidade e dos seus atrativos turísticos, a imagem que a comunidade tem sobre si mesma (KOTLER, 1998), sua qualidade de vida, o que a municipalidade oferece à população em infraestrutura e serviços, e a oportunidade que ela propicia ao exercício da cidadania, incluindo-se aí o acesso ao lazer e à cultura locais, para que na relação entre turistas e residentes, ou seja, a hospitalidade, esta seja o elemento fomentador de maior importância ao turismo local.

Entretanto, o motivo da reduzida visibilidade do OAM como um espaço aberto ao público foi finalmente identificado durante o depoimento do último entrevistado:

Pois é. Acho que é importante o observatório ser mais conhecido, não tenho dúvida. [...] nós temos tentado dar o passo maior que do tamanho da perna. Como nós não temos condições de receber mais público do que nós já recebemos – aliás, eu posso te dizer que nós recebemos muito mais público do que nós podemos. Por exemplo, nós temos aqui pra desenvolver atividades que a gente desenvolve, tem sacrifício de funcionários, meu mesmo e mais. [...] Nós estamos além da nossa capacidade. Então, acho que pra tornar o observatório mais conhecido, nós temos que alterar a infraestrutura material e humana aqui. Não dá. Eu gostaria que o observatório fosse mais conhecido? Eu gostaria, mas não é possível. Não é possível nós fazermos uma divulgação maior do nosso trabalho, que vamos atrair mais público, se nós não temos condição. (Entr. 13)

Assim, a promoção e divulgação das atividades do OAM abertas ao público não dependem apenas de estratégias de *marketing*, conforme Kotler (1994; 1998), entre outros autores, porém também do incremento de apoio a essas atividades, conforme os depoentes afirmam anteriormente.

Outro questionamento dirigido aos entrevistados foi se consideram o OAM um atrativo turístico, qual a sua importância e apelo para o turismo regional:

Sim, para o turismo e para a região. Valinhos e Vinhedo deveriam se orgulhar, e muito! Não é? Não que isto não aconteça, mas eu acho que tem ainda muita coisa pra fortalecer. [...] Poderia, sim, o próprio Observatório, o próprio nome já tem um apelo, mas me dá a impressão que não é totalmente movimentado. Poderia ser melhorado com divulgação, com divulgação e com parcerias. A partir do momento que de fato ocorram e que se fortaleçam, acho assim, que a coisa para o turismo seria muito importante. (Entr. 01)

Considero. Pode trazer bastante pessoas pra cá, não é. (Entr. 04)

Eu acho que ele é. Ele já atrai. Ele já atrai. Poderia até aumentar com o aumento de infraestrutura, uma ajuda aos profissionais de lá, porque eles são pesquisadores. Eles não podem perder muito tempo com o turista. Ele tem que organizar muito bem para que não perca seu tempo da pesquisa. (Entr. 06)

[...] Então, acho que conforme foi aumentando, acaba saindo em jornal, em TV, a importância do observatório vai aumentando pra região como um ponto turístico pra cidade. E de uns anos pra cá essa parte turística aumentou bastante. [...] Então, eu diria que é importante. [...]. (Entr. 08)

Acredito. Acredito. É uma atividade limpa, que não polui nada, nem ninguém. Você vai lá... É, as pessoas podem achar que é tudo igual de dia, mas você vai lá à noite, você vê outro céu. Você tá no meio de uma mata. [...] Pode porque ele tá aparelhado pra isso, não é. Quer dizer, ele tem um auditório [...] ali tem localização, ele tem estacionamento, ele tem auditório e ele tem gente querendo trabalhar. (Entr. 03)

Eu acredito que sim. Eu espero que sim. Se bem manipulado, se bem planejado, eu acho que seria uma opção do turismo. Já é um pouco, não é, mas eu acho que tinha que ser mais trabalhado [...] mais ajudado em vários aspectos. (Entr. 04)

Ele é um espaço pequeno, não é, [...] no projeto de observação. Você só tem quatro telescópios ali, não são telescópios profissionais, pelo que eles falaram. [...] E aí ele, pra fazer um turismo, teria que ter uma outra infraestrutura. Maior, porque na verdade são grupos pequenos que podem estar lá e num único dia no mês e num único horário. E acho que eles teriam que ter [...] mais horários de observação, eles teriam que mudar um pouco a infraestrutura porque tem uma escada, não é um espaço assim A infraestrutura teria que ser melhorada. Do jeito que foi pra gente, foi ótimo, mas pra atender um público maior, teria que ser melhorada. (Entr. 12)

Considero. [...] até por essa questão, assim, múltipla do conhecimento. Vinhedo não deve se ater, única e exclusivamente. A questão é assim: como nós somos a terra da uva, então vamos fazer visitas rurais pra conhecer como é um pé de muda. Fantástico, não tenho a menor dúvida. Mas, nós temos um teatro municipal. Você pode ver peças belíssimas, apresentações musicais belíssimas, danças fantásticas e tudo mais. O elemento observatório é mais um dos aspectos que podem enriquecer o turismo e o conhecimento da cidade. Cultural, de lazer. Sempre é uma coisa, assim, de um nível maior, mas que também atrai. (Entr. 02)

Sinceramente, eu acho que o observatório tem um potencial turístico enorme. Não sei se infelizmente ou felizmente pouco explorado. Eu tenho minhas dúvidas. [...] Mas eu acho que tem um potencial muito grande e eu acho que as prefeituras das cidades aqui em volta deveriam pensar num consórcio, alguma coisa assim. (Entr. 13)

Embora, os visitantes saiam satisfeitos e felizes das visitas ao OAM, para ampliar o atendimento voltado ao turismo, seria necessário um maior investimento e apoio, conforme o diretor:

O ponto é assim, eu acho que deveria ser aproveitado melhor. [...] é um atrativo, porque poderia ser aproveitado tanto pela Universidade de São Paulo, como também pela cidade que tá aí. E acho que daí, ambas fazem a sua parte pra que possa aproveitar o espaço que se tem ali. [...] Então, aí, quer dizer, hoje o Estado e a prefeitura, elas têm verba pra gastar com isso. É lógico que se fazem programas com tantas outras coisas, porque não fazer também programas voltados pra essa parte, não é? Parte cultural. Nós não temos um funcionário que poderia estar aqui todo sábado de manhã pra recepcionar o público. Então, não é possível, né, ainda. Nessas visitas, nós conseguimos dar uma regularidade pra esse projeto “Noite com as estrelas”, mas é tudo. A gente tem que melhorar a infraestrutura, ampliar a infraestrutura material e humana. (Entr. 13)

Desta forma, segundo os entrevistados o OAM é um atrativo turístico, que poderia e deveria ser mais movimentado, promovido e (re)conhecido, inclusive pela comunidade local, apoiado pelo setor público, inclusive a Universidade de São Paulo, com recursos humanos e materiais, melhoria da infraestrutura e acessibilidade para o atendimento de um número maior de visitantes, os quais, invariavelmente, saem muito satisfeitos com o atendimento recebido pela equipe do observatório. Além disso, consideram-no relevante pelo aspecto cultural, que poderia ser um vetor ao turismo cultural local.

3.3.4 OAM: como equipamento complementar ao turismo regional (Circuito das Frutas, turismo rural, festas das frutas)

Conforme já exposto, a localização do OAM suscita dúvidas e desconhecimento junto à população local, a que município ele pertence, ainda mais em razão do acesso exclusivo por

Vinhedo. Além disso, a partir de 2008 o apoio dispensado ao observatório por ambas as prefeituras se alternam, ou seja, quando uma o apoia, a outra municipalidade não o faz.

Neste sentido, é interessante notar pela fala do entrevistado abaixo, que a questão da territorialidade não importa, ou seja, em qual município o OAM está localizado:

Eu tive um tempo que se você ia namorar em Valinhos, você apanhava, se a gente ia namorar em Vinhedo, apanhava, não é. Então, isso é coisa do passado. Pouco importa se está meio metro pra cá, meio metro pra lá. Pouco importa se é de Valinhos ou de Vinhedo. Isso é um patrimônio público, universal. Isso não é só de Vinhedo e Valinhos. Isso tem que ter uma extensão maior. Essa é a minha visão. [...] eu já cheguei a presenciar assim, polícia de um lado, trator de um lado, polícia do outro lado, trator do outro lado, um prefeito aqui, outro prefeito aqui, pra ver onde ficava a divisa de Vinhedo e Valinhos. E um empurrava pra lá e no outro dia o outro vinha e empurrava pra cá. Isso é coisa de pessoas que não têm uma visão humanística, uma visão grupal do que nós somos. [...] não me preocupa essa questão. E acho que todos deveriam ser defensores dessa ideia porque, independentemente, se pertence a Valinhos ou não sei aonde, melhor pra mim. Se vier um astrofísico famosíssimo dar uma palestra, está a dez minutos da minha casa, eu vou a pé pra lá. Não importa que seja Valinhos. Então, esse processo, essa mentalidade de posse, de propriedade, eu acho que é mesquinha. (Entr. 02)

Essa questão da territorialidade é discutida no Capítulo 2. Os fatos históricos semelhantes de Valinhos e Vinhedo e a atual ausência de limites identificáveis entre os municípios motivados pela conurbação na região promoveram a remoção de divergências identitárias entre os residentes locais. Neste contexto, insere-se o OAM, cuja comunidade desconhece onde está situado:

[...] Então, ele sempre ficou um movimento lá. E muitas vezes ninguém sabia se era de Valinhos ou de Vinhedo, não é. Então, não se sabia. “Ah, até aqui, é Valinhos.” “Não, mas está dentro do espaço de Vinhedo.” Então, sempre ficou aquela barreira de nunca se ter um aproveitamento, de abrir o espaço pra aquilo, mesmo ele sendo público, não é, mesmo ele sendo gratuito pra população. (Entr. 10)

Foi indagado aos entrevistados se consideravam os municípios de Valinhos e Vinhedo turísticas e que atraem turistas, a esse respeito houve divergências de opiniões, além de muitos lembrarem as festas das frutas como atrativos turísticos à região:

Atraem. Atraem muita gente de fora. Eu acho que isso traz, [...] são os eventos que a cidade oferece. É o pessoal de São Paulo que faz os eventos aqui, que trouxe esse pessoal pra cá. A maioria eu acredito que seja [...] os paulistanos. E eles trazem um público, trouxeram e estão trazendo ainda, muito pra cá. [...] eu acho que o Hopi Hari que tá lá na divisa, ele era, não é. [...] caiu muito a procura, não é, depois desse acidente aí, não é. [...] E o que eu acho principal é o distrito industrial que é o [...] turismo de negócio, não é, que é o que atrai muita gente pra cá, pra conhecer. (Entr. 04)

Não, acho importante, eu só acho que não é feito, né. Eu acho que não é feito mesmo. Aqui, por exemplo, Valinhos e Vinhedo têm uma Festa da Uva, outra do figo, né, no caso de Valinhos, onde deve atrair muitos turistas e tudo mais, mas se você vier aqui como acontecia com a gente quando a gente morava em São Paulo, o que você faz em Vinhedo, se você vem pra passar o dia? Você vai num lugar pra comer e não tem mais nada.[...] O Memorial, você vai dá o quê? Quinze, vinte minutos, você viu o Memorial, não é, mais que isso não tem. [...] Poderia se fazer um vídeo, uma coisa mais dinâmica. Aquele Memorial é muito de um tempo mais expositivo só e não permite interação. (Entr. 12)

É. Vinhedo mais ainda. Acho que por causa das festas. Domingo lá na represa vai também bastante gente de fora. Vem ônibus. Eu acho que Vinhedo atrai mais turista que Valinhos. Eu acho que tem mais lazer, tem mais lugar pra passear. (Entr. 07)

Ah, só em época de festas do Figo e festa da Uva mesmo, por enquanto. Acho que ainda falta estrutura. [...] aqui em Valinhos, você vai procurar uma boa padaria, não tem. Você vai indicar pra fazer um lanche, você tem que mandar do shopping, não é. Você vai procurar um lugar pra almoçar, depende muito das mesmas coisas. Não tem muitas opções ainda, não é. Isso precisava melhorar. (Entr. 03)

Entre 2008 e 2009 o OAM atendeu visitantes das Festas do Figo e da Uva no período diurno, conforme já exposto. A partir de então, foi considerado ponto turístico por ambas as municipalidades. Apesar dos resultados positivos apontados pela pesquisa interna realizada em 2008 pelos estudantes voluntários do IAG/USP, junto ao público visitante, não houve mais essa oportunidade. Nos últimos dois anos o OAM compareceu na Festa do Figo com uma exposição e telescópio. Entretanto, não foi mais convidado a participar dos eventos da festa da uva, pois foi terceirizada, de acordo com Teixeira (2012).

Neste contexto, faz-se necessário ressaltar que o turismo se apropria não apenas de um território e de uma paisagem, como também da cultura, seja ela “inventada” ou não, e que a partir da memória coletiva (POLLACK, 1992) de uma região, pode adquirir relevância e perpetuar-se, como é o caso das Festas do Figo de Valinhos e da Uva de Vinhedo.

Vale destacar, que em 1972, por ocasião da fundação do OAM, o então governador de São Paulo, também passou pela Festa da Uva em Vinhedo, que era realizada na Rua Humberto Pescarini, no centro da cidade, nos moldes de uma simples quermesse, sem a “espetacularização” das atuais edições, (Figura 34):



Figura 34: Festa da Uva de Vinhedo em 1972 (recorte)

Fonte: Arquivo do Estado. Disponível em:

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/iconografico/video.php?id=VTS_08_1.

A esse respeito, Urry (2001, p.150) chama a atenção para a “memória nostálgica”, que seria uma construção socialmente organizada, e que: “A questão não reside em saber se devemos ou não preservar o passado, mas que tipo de passado escolhemos para preservar”, e ainda argumenta:

Todos nós temos consciência dos problemas, dificuldades e mudanças que ocorrem na estrutura de uma sociedade, da dissolução dos antigos valores e padrões [...]. A tradição representa uma espécie de segurança, um ponto de referência, talvez um refúgio, algo visível e tangível que [...] parece estável, que não mudou. Nossa tradição ambiental [...] é um elemento profundamente estabilizador e unificador, em nossa sociedade (STRONG, 1978 *apud* URRY, 2001, p. 150).

Nota-se que o turismo praticado atualmente em Valinhos e Vinhedo fundamenta-se principalmente nas festas das frutas e do Polo Turístico do Circuito das Frutas, que possui roteiros e datas de visitação pré-estabelecidos, com o apoio das prefeituras locais e do SEBRAE.

Objetivando identificar a opinião dos entrevistados sobre o OAM como um elemento complementar ao turismo regional, neste caso, o rural, comercializado pelo Circuito das Frutas, ao qual o OAM foi convidado há alguns anos, foi indagado se o observatório deveria aderir ao projeto do Circuito das Frutas e se isso seria importante para aumentar o fluxo turístico:

Eu acredito que sim. Eu diria que ele não precisa aderir a este projeto colhendo frutos com o turismo, mas independente disto, ele pode receber

turista. Eu creio que seria uma forma dele estar mais próximo [...]. (Entr. 01)

É uma forma de preservar um pouco da característica original dos dois municípios. Porque eu cheguei a ver essa cidade aqui com oito, dez mil habitantes. Então, toda essa volta aqui, era uma volta com plantação de uva. [...] Praticamente em todas as cidades, todas as casas tinham um pomar no quintal. Todo mundo plantava pé de alguma coisa. Então, isso foi diminuindo, diminuindo, diminuindo. [...] O que tem hoje são microcélulas que, se desperdiçadas, você elimina totalmente essa característica. (Entr. 02)

Não sei como seria, porque o Circuito das Frutas você tem que fazer de dia e o observatório é à noite. Como que faria isso eu não sei. Mas que poderia estar sim. [...] como que você faz um link com isso, interliga o observatório pra não ser um ponto desconectado do Circuito das Frutas? Então você poderia trabalhar com a questão da astronomia pra agricultura [...] a questão da agricultura, não é, porque na verdade quando o homem começou a desenhar o céu, não é, ou fazer as constelações foi muito em observação do que ele podia plantar, em que época que era bom plantar, que época que não era, né. Então tem uma ligação, não é. (Entr. 12)

*Acho que sim. Acho, porque ele tá numa área, não é, de preservação e que as pessoas precisam, sei lá, conhecer Vinhedo de uma outra forma, não é. A gente fala tanto em turismo. Talvez o Circuito das Frutas não tenha dado certo por causa dessa [...] **a gente tenta fazer com que pareça alguma coisa de turismo rural, mas não existe.** Existe, assim, um turismo voltado na cidade, que é uma cidade maravilhosa, eu acho que é uma delícia, Vinhedo, não é. Mas essa questão se perdeu um pouco, não é. Então, ele seria uma forma de trazer a pessoa pra esse lado mais natureza, não é. Fazer grupos, [...] as excursões, fazer esse roteiro [...]. (Entr. 04 – grifo nosso)*

Pra falar a verdade, eu não aderi porque a gente não tem realmente condições de assumir um compromisso com qualquer entidade, com qualquer órgão, um compromisso de receber o público aqui. Porque a gente ainda recebe o público aqui quando é possível, quando eu tenho disponibilidade, quando alguém está disponível. Nós não temos pessoas que trabalham aqui voltadas exclusivamente para o público. (Entr. 13)

Foi questionado também aos entrevistados se consideram os municípios de Valinhos e Vinhedo ainda rurais. A maioria afirmou que não são mais rurais, embora alguns (poucos) disseram que sim. Além disso, a maior parte dos depoentes afirmou que uma forma de preservar a ruralidade regional seria por meio do turismo, fixando o homem no campo (o pequeno proprietário rural), com uma atividade com valor agregado, como, por exemplo, a vitivinicultura:

[...] Sim, porque existem áreas que, quando eu mudei pra cá ainda eram áreas rurais, que virou condomínio, virou clube... Você vê que a cidade tá invadindo essas áreas agora. E as pessoas também vão desistindo, não é, porque a rotina rural não é uma rotina fácil. Então, eu vejo, assim, que muita gente continua porque não sabe fazer outra coisa, mas que largaria

tranquilamente, se tivesse uma outra oportunidade.[...] Essa área rural, ela é forte ainda. (Entr. 03)

E perdeu [...] muita coisa, muita característica mesmo do que era. Tudo bem que o progresso ele traz isso mesmo, mas algumas coisas podiam ter sido preservadas. Algumas casas, porque você vê que tem lugares que preservam isso, não é. Aquelas casas antigas da época de rocinha. [...] Porque, [...] a cultura acho que de uma cidade são alguns lugares que ficam preservados, não é. (Entr. 04)

Não, não. Nenhuma dessas cidades possui. Nem Valinhos nem Vinhedo possui mais característica rural, [...]. Não é possível uma cidade, tanto Valinhos quanto Vinhedo que cresceu tanto, que se industrializou tanto, que as pessoas consigam sobreviver num sítio, onde plantam. Então são poucos os que sobrevivem. A questão dos condomínios, que atraem, assim, as pessoas pra virem morar com mais qualidade de vida. Então, o cara planta lá uns pés de uva ou de figo ou de goiaba e de repente vem alguém e fala assim: “Olha, eu te dou tanto por essa área aqui.” E o cara fala: “Nossa, eu não vou ganhar isso nem em vinte anos, plantando uva ou coisa”. Então, é assim, bem objetivamente, as características rurais se perderam totalmente. Hoje, hoje, ambas as cidades elas têm uma característica totalmente industrializada. (Entr. 02)

Não viver só da agricultura, não abandonar aquele sítio, não transformar aquele sítio em condomínio. Isso é muito interessante para nós, não deixar que o município vire só condomínio. Vinhedo tem uma área pequena, razoável, mas o número de condomínios é bem grande, e esses que lutam para não vender essas propriedades eles acreditam que eles possam com a parte da lavoura, da agricultura e do turismo, adquirir uma renda para que eles sobrevivam daquilo, e não entregue, [...]. (Entr. 01)

Não. Não. Muito ao contrário, já tem até congestionamento. Você tem a hora do rush em Vinhedo [...]. (Entr. 12)

Em relação à questão identitária da região, de acordo com Viveiros (2004), na década de 1950, com a emancipação de Valinhos e Vinhedo (então com aproximadamente. 8.000 habitantes) a região possuía uma identidade própria, vinculada à ideia de recanto, de sossego, da moradia segura e aprazível, portanto, muito distante da realidade atual.

Foi questionado a respeito dos equipamentos turísticos e paisagismo lembrando a Itália em Vinhedo, se foi uma tentativa de resgate da cultura, e aos autóctones se identificavam-se com eles, as opiniões dos depoentes foram variadas:

Foi sim! Na época que foi feita toda esta parte na avenida principal que liga a Rodovia Anhanguera ao Portal, foi feita uma pesquisa de onde vinham os imigrantes. Aí, constatou-se que a maior parte eram italianos, de Vêneto, mas houveram os alemães, os suíços, enfim. Mas aí, o gestor naquela época era de descendência italiana e o maior número era italiano, ele buscou um aprofundamento neste tema, aí ele [...] enviou algumas pessoas para pesquisar, para fazer a pesquisa sobre de onde eles vieram, aí, todo um caminho para isso, mas a população, nem todos sabem. (Entr. 01)

Não me identifico. Eu achei que não tinha nada a ver. Assim, do meu coração, eu acho que tinha que ser uma coisa mais voltada pra cultura do povo que fez a cidade. Porque tem pouquíssima coisa. Então, tem uma estátua não sei do quê. (Entr. 04)

É, ele é meio over, não é, aquele Memorial, não é, porque ele destoa da paisagem do restante, mas todo mundo já chama a atenção por isso e daí já se percebe que é uma coisa italiana [...]. Mas ainda como elemento arquitetônico, ele teria que estar mais integrado ao restante, ou o entorno ser trabalhado para se integrar a ele, se a proposta é ele. (Entr. 12)

O pessoal fala que é muito bonita, não é. Elas param pra fotografar, não é. (Entr. 07)

Olha, não é questão de acreditar. Se alguém me disser que foi desse jeito e tal, mostrar lá como foi feito, tudo bem. Não é questão de acreditar ou desacreditar. Eu penso que não. Mesmo se isso, em algum momento foi dito assim, às vezes eu vejo as coisas assim: “A gente bola uma coisa e depois a gente coloca os argumentos pra justificar aquilo lá.” Você faz o projeto e depois você arruma os argumentos pra justificar. E não o contrário, não é. Você deveria ter argumentos e depois... Então... mas eu não sei. [...] Eu não sei dizer. (Entr. 13)

Neste contexto, outro aspecto a ser lembrado é o fato de que Valinhos e Vinhedo receberam um relevante afluxo de imigrantes europeus, sobretudo de italianos, no século XIX, em substituição à mão de obra escrava nas fazendas dedicadas inicialmente à cafeicultura. Esses imigrantes italianos contribuíram não apenas para o desenvolvimento agrícola e econômico da região, pois, trouxeram também consigo suas crenças, suas tradições, suas festas, sua cultura, influenciando as localidades - também sob o aspecto cultural, presentes até hoje.

Assim, trouxeram as videiras, a vitivinicultura, as festas típicas, a culinária italiana, que hoje, fazem parte do imaginário local, cuja identidade tenta-se resgatar coletivamente (AVIVI, 2012). No aspecto material, por exemplo, na forma de equipamentos urbanos e turísticos, como o “Memorial do Imigrante”, fundado em 2006, com arquitetura renascentista, onde está localizado o receptivo turístico, o “Portal do Imigrante” (1982), uma homenagem aos imigrantes italianos; e até mesmo, o principal acesso à cidade de Vinhedo, pela Rodovia Anhanguera (km 75,5) sentido interior, duplicada e remodelada há alguns anos, com paisagismo arbóreo constituído de ciprestes-italianos, e com elementos decorativos (pórtico, estátuas, colunas e outros, Figura 29, Figura 29 Figuras 30 e 31), que “procuram” lembrar a Itália e a região de Vêneto, da qual a maioria dos imigrantes é originária.

Conforme os entrevistados, esta tentativa de resgatar uma identidade cultural italiana e rural em Vinhedo pelos equipamentos turísticos citados e o paisagismo diferenciado, chama a atenção dos visitantes (e turistas), mais pela sua arquitetura e suposta beleza para alguns, do

que pelo que procura representar, nem sempre reconhecida e interpretada pela comunidade local, ou seja, pode-se dizer que adquire uma artificialidade algumas vezes distante da realidade e da memória coletiva da população, a qual não foi consultada para a sua concepção.

A respeito do turismo regional e se as cidades de Valinhos e de Vinhedo são turísticas, as opiniões foram variadas. Alguns acreditam que falta uma maior consistência e atrativos turísticos. Outros dizem que elas atraem turistas, principalmente Vinhedo, que chama a atenção dos visitantes pela limpeza, paisagismo e beleza.

Para a maioria dos depoentes a “ruralidade”, foi perdida devido ao forte processo de urbanização na forma de condomínios e loteamentos residenciais, perceptível por todos.

Embora ainda haja algumas propriedades rurais, inclusive muito próximas ao centro das cidades em foco, ou seja, há áreas híbridas ou rurbanas, fica latente a difícil sobrevivência e permanência desses pequenos produtores rurais em suas propriedades frente à especulação imobiliária:

Então, hoje, o Circuito das Frutas, se você pegar a região, é um espaço pequeno, mas ele é assim. Ele é importante, só que ele é mal planejado, ele é mal distribuído, você não tem política pra ele, infelizmente. É uma coisa complicadíssima. Se coloca como Circuito das Frutas, Geny, mas você não tem uma política realmente [...] que junta agricultura, hoje turismo rural, que valorize. Você vê muita gente parando, não é. Hoje a realidade é essa. Tem muito mais produtor rural parando com isso do que avançando na condição. Por quê? Falta muita política de agricultura e essa agricultura relacionada ao turismo. Então, o produtor, ele entende pouco isso, infelizmente. Ele não sabe que ele pode agregar um valor muito grande com aquilo. Por quê? Ele ainda depende muito daquela produção agrícola que ele faz. E essa produção agrícola hoje, ela tá defasada. Não rende o valor pra ele. Então, o que ele vai fazer? Ele acaba vendendo a terra. (Entr. 03)

Neste cenário é que surge o Polo Turístico do Circuito das Frutas, como uma possibilidade econômica de preservar o que resta de rural ou ruralidade, como um produto turístico acessível ao homem urbano, que procura no seu tempo dedicado ao lazer, vivenciar uma realidade distante do seu cotidiano.

Na perspectiva do consumo turístico do patrimônio cultural, Bastos (2004, p. 77) argumenta que:

O patrimônio passa a ser tratado como mercadoria e bem de consumo, deixa de ser pensado apenas por sua importância coletiva para os moradores, como lugar de memória. É justamente esse caráter identitário que passa a ser valorizado pelo empreendedor como diferencial do empreendimento turístico.

Em outro aspecto, resgatando as considerações de Beni (2003), Krippendorf (2000) e Molina (2002), de que o turismo é um sistema composto de uma cadeia de setores,

operadores, e infraestrutura (turísticos ou não) que interagem, compostos de subsistemas (social, econômico, meio ambiente e cultural, regulados pela superestrutura (diretrizes e estratégias governamentais e privadas, reflete-se sobre o papel do OAM no cenário regional descrito anteriormente, e também sobre as várias modalidades de turismo que podem ser complementares:

Eu acho que ele já aumentou o turismo aqui em Vinhedo, só daqui. [...] Eu acredito. E nem tá tão divulgado. (Entr. 06)

Eu acredito que sim! Acredito que sim, e Valinhos tem ainda um apelo mais forte ainda por causa das propriedades rurais. Vinhedo, o que mais atrai assim, é a parte de organização, limpeza, muito jardim, paisagismo. [...] Mas Valinhos, não é assim. Mas a parte rural eles buscam muito. [...] Eu acho que os dois caminham juntos. Tanto o cultural das cidades, como o das propriedades também. Então, tem que haver uma mistura, a pessoa não consegue só ficar no campo, e ficar só na cidade, daí tem que haver uma união. Eu imagino desta forma. (Entr. 01)

Eu sou, assim, extremamente favorável a que se explore todos os segmentos culturais e de lazer que a cidade possa ter. Então, seja o teatro, seja o mosteiro, seja as represas, com seus pedalinhos e locais de passeios de bicicletas ou caminhadas, não é, seja o Observatório, todos são elementos que se autocomplementam na questão da atração turística. (Entr. 02).

Refletindo-se a respeito da caracterização turística almejada pelas municipalidades de Valinhos e Vinhedo, destaca-se o noticiado recentemente no jornal local: “Ciclo de debates conclui que Vinhedo paga mal e não é uma cidade turística” e que “Vinhedo não tem identidade cultural” (FOLHA NOTÍCIAS, 2012, p. N6). De acordo com um dos palestrantes do evento, citando Caio Luiz de Carvalho⁸⁶, “nenhuma cidade pode ser turística se não for prazerosa e turística para seus habitantes” e ainda:

[...] além de não possuir infraestrutura que contemple a atividade turística, a cidade de Vinhedo não conhece e não valoriza os seus atrativos turísticos porque perdeu a sua identidade rural onde predominava a cultura de frutas como a uva e não conseguiu determinar um novo perfil a partir do processo de industrialização e da proliferação dos condomínios (FOLHA NOTÍCIAS, 2012, p. N6).

A ideia acima corrobora as reflexões aqui apresentadas, apoiada nos depoimentos dos entrevistados, assim, percebe-se nitidamente a ressignificação espacial e cultural da região analisada, onde os atrativos turísticos, a exemplo do OAM, são pouco reconhecidos e apropriados pela população local.

Segundo o resultado das entrevistas, o OAM é um atrativo turístico, que possui ainda um grande potencial, e com base nas ponderações de Beni (2003) de que o fenômeno turístico

⁸⁶ Ex-presidente da São Paulo Turismo.

inscreve-se em um sistema interdependente, nos âmbitos econômicos, sociais, ambientais e culturais, o equipamento poderia ser melhor explorado no contexto do turismo regional.

Com certeza, o turismo praticado de forma planejada, responsável e sustentável concebido pelo Polo Turístico do Circuito das Frutas deveria ser incrementado na região para a preservação do pouco que resta de ruralidade, além das modalidades culturais, como o Observatório Abraão de Moraes, que proporciona um lazer socioeducativo, oportunidade rara e gratuita da interação entre pesquisadores e público leigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi analisar o Observatório Abrahão de Moraes como espaço de lazer para a população local, bem como de turismo para o público visitante de outras localidades, o que foi alcançado por meio da metodologia aplicada, mediante análise da pesquisa bibliográfica exploratória e documental, e pela pesquisa de natureza qualitativa, analisando-se os depoimentos dos entrevistados.

Conforme já exposto, até o momento não foram localizados estudos similares nos aspectos aqui analisados, isto é, o lazer e turismo realizados em um observatório astronômico. Desta forma, como estado da arte, recorreu-se a material bibliográfico correlacionado e complementar entre si, servindo de arcabouço teórico para a finalidade desta pesquisa.

Os objetivos específicos foram: identificar a visibilidade do Observatório Abrahão de Moraes junto à comunidade local; a percepção de residentes, visitantes e gestores quanto à relevância do OAM para o turismo regional; averiguar se o OAM promove um lazer e turismo sustentável; além de identificar o interesse que a astronomia ou um céu noturno estrelado desperta.

Além disso, levando-se em conta que um equipamento turístico raramente atua isoladamente em uma localidade, foi também analisado o turismo da região, cuja geografia e identidade passam por uma importante requalificação.

O Capítulo 1, além de caracterizar e apresentar o Observatório Abrahão de Moraes e traçar um breve histórico sobre a instalação de observatórios astronômicos, discutiu a questão ambiental e o céu noturno, como patrimônio da humanidade e atrativo turístico.

Embora o céu noturno preservado seja reconhecidamente relevante à humanidade - em todas as sociedades, em todos os tempos, atestado também pelos resultados deste estudo - é um patrimônio ameaçado contemporaneamente pela intervenção humana, sobretudo pela poluição luminosa, que subtrai da população urbana o direito inalienável à sua contemplação, também perceptível na região em foco.

A preocupação com a preservação do céu noturno inscreve-se no âmbito do desenvolvimento sustentável, e o turismo é evidenciado como uma das alternativas de promoção desse patrimônio, desde que praticado de forma criativa e sustentável.

Assim, um céu noturno preservado torna-se um atrativo turístico e local, pois, nos dias atuais distancia-se do cotidiano dos habitantes urbanos. Além disso, as atividades de divulgação científica, a transmissão de valores e conhecimentos a ele associados, e as observações *in loco* possíveis em um observatório astronômico, além de representar uma

experiência ímpar, podem ser um instrumento para a conscientização dos visitantes sobre essa problemática, fato este escassamente discutido na sociedade, regional ou nacionalmente.

As observações astronômicas realizadas em observatórios para fins científicos também são prejudicadas pelo avanço do processo de urbanização, inclusive em localidades afastadas de grandes centros urbanos, no interior dos países, que sofrem com a crescente poluição luminosa, como é o caso do OAM.

Edificações - primitivas ou contemporâneas - dedicadas a observações astronômicas, ou a elas associadas, ou lugares afins, e mesmo espaços ao ar livre, acessíveis à visitação pública e adequados à contemplação do céu noturno, motivam o fluxo de milhares de visitantes e turistas, em todo o mundo, denominado por alguns estudos não acadêmicos, já apresentados no decorrer deste estudo, como “astroturismo” ou “turismo astronômico”.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foram identificados vários espaços ou localidades, inclusive alguns no Brasil, que disponibilizam visitas e/ou observações astronômicas, alguns em processo de instalação, com a finalidade de atrair turistas e visitantes, como, por exemplo, o Observatório BioAstronômico Cosmos (Rio Grande do Sul), o *Sheshan Astronomical Observatory*, na China, e até mesmo o *Hotel Boutique Elqui Domos*, na região de Coquimbo, no Chile, que contará com dois telescópios para os “astroturistas”, entre outros, já citados anteriormente.

No caso do OAM, o diferencial é constituído pelo fato de que, além de estar aberto à visitação pública de parte da sua infraestrutura, possibilitar a observação de corpos celestes por meio de telescópios, propiciar um contato pessoal entre o público leigo e pesquisadores, é também um espaço dedicado às pesquisas científicas nas áreas de astronomia e astrobiologia.

Discutiu-se teoricamente também sobre a sustentabilidade, e neste caso específico, o lazer e turismo responsável e sustentável promovidos pelo OAM, resultando na aquisição de uma melhor qualidade de vida à comunidade local, e uma experiência humana (e turística) com qualidade, conforme diagrama apresentado (Figura 26).

As experiências peculiares ali vivenciadas permitem um desenvolvimento pessoal, atualmente muito valorizado, e que em contraponto ao turismo de massa, movido pelo interesse mercantil, que prejudica o meio ambiente, a infraestrutura e cultura locais, o OAM apresenta-se como um equipamento que oferece um lazer e um turismo responsável e sustentável.

Primeiro, no aspecto ambiental, por manter uma área de mata nativa preservada - mesmo não o sendo legalmente - área essa cadastrada no IBAMA para a soltura de animais silvestres, servindo, portanto de refúgio e de abrigo à fauna e à flora, importante mediante a

exarcebada especulação imobiliária regional, conforme já argumentado, e depoimento de todos os entrevistados.

Além disso, a sua simples presença contribui para a existência de um céu noturno parcialmente preservado no local, com pouca poluição luminosa. Soma-se a isto, o fato de respeitar a capacidade de carga atual quanto à infraestrutura receptiva aos visitantes, consequentemente minimizando um possível impacto ambiental.

Vale ressaltar, que longe da lógica de consumo globalizado, nos eventos dirigidos ao público no OAM, como o “Noite com as Estrelas”, por serem gratuitos e realizados no próprio ambiente onde são realizadas as pesquisas científicas, não há a metamorfose forjada, ou seja, a espetacularização dessas observações astronômicas – fato tão comum na atividade turística ou em momentos de lazer, ou seja, há uma fruição ou uma experiência, que poder-se-ia atribuir como “autêntica”.

O turismo é um fenômeno social, e tal qual a sociedade, é influenciado pelo contexto temporal, ou seja, trata-se de um processo dinâmico e mutante regido por diversos fatores, como o contexto ambiental (cultural, meio ambiente, territorial, espacial e econômico), pelo mercado (oferta e procura), pela infraestrutura local, e também regulado pela superestrutura (normas, leis, diretrizes e estratégias públicas e privadas).

Na sociedade contemporânea a aquisição de conhecimentos ou a busca de desenvolvimento pessoal são valores procurados em todas as atividades, inclusive no lazer e turismo, possíveis de serem exercidas em atividades culturais. Desta forma, o lazer socioeducativo e/ou o turismo cultural, são algumas das maneiras de aquisição desses valores, por meio de experiências participativas, inovadoras, e para alguns, emocionantes.

Este estudo possui algumas peculiaridades, pois se trata de um turismo e lazer realizados em observatórios astronômicos, que abrem seus espaços à visitação pública, geralmente guiada, promovendo a educação não-formal.

Essas atividades devem ser entendidas como um lazer socioeducativo flexível, voluntário e democrático, ou seja, a busca de desenvolvimento pessoal com a aquisição de informações e noções sobre astronomia e a possibilidade de observações astronômicas *in loco*, e em alguns casos específicos, como o OAM, a oportunidade de um contato “ao vivo e a cores” com o mundo científico, um lazer incomum.

Segundo os pesquisadores referendados, o lazer socioeducativo, ou a educação não-formal, são promovidos em espaços não formais, como museus, centros culturais, observatórios e planetários, de forma dinâmica, voluntária, sem cobranças posteriores. Os

resultados desta pesquisa apontam o Observatório Abrahão de Moraes como um agente promotor dessas atividades no cenário regional.

No Capítulo 2 foram abordados os principais aspectos geográficos, históricos e identitários comuns à região de Valinhos e Vinhedo, em cujo cenário insere-se o OAM, considerado o único equipamento turístico comum a ambos os municípios. A região vem sofrendo nas últimas quatro décadas um forte processo de urbanização, com a proliferação de condomínios horizontais, provocado pelo *boom* imobiliário, e pela demanda de famílias urbanas que buscam uma melhor qualidade de vida.

Assim, a ruralidade procurada pelos cidadãos urbanos para moradia, também o é, na atividade turística, possível de ser vivenciada pelo turismo rural, promovido pelo Circuito Turístico das Frutas na região.

Discutiu-se também sobre a territorialidade, pois com o processo de conurbação da região, com muitas semelhanças históricas em comum, percebe-se que, se em algum momento houve alguma diferenciação identitária dos habitantes de Valinhos e Vinhedo, hoje isso é pouco perceptível. Pode-se dizer, assim, que a “A alma do lugar” (YAZIGI, 2001) regional tornou-se igualitária, ou seja, com a intensa urbanização das propriedades rurais, restou muito pouco da ruralidade da “ex-terra-da-uva” e do figo.

No Capítulo 3, onde são demonstrados os resultados da pesquisa aplicada, percebeu-se que frente a esse processo de urbanização da região irreversível vislumbra-se o turismo rural como uma alternativa econômica e sustentável, que procura promover a permanência dos pequenos produtores rurais e seus familiares em suas terras, realizada de forma planejada pelos gestores, respeitando-se as capacidades de carga locais, e de uma forma inclusiva, isto é, com a participação dos próprios proprietários.

A partir das reflexões dos autores teóricos e dos entrevistados, percebeu-se a busca pela comunidade local do resgate das memórias e identidades rurais e italianas, tanto no aspecto do patrimônio cultural intangível, manifestadas nas festas típicas e das frutas, na gastronomia, na vitivinicultura, entre outros. Assim como no aspecto material: os vários pontos e atrativos turísticos, inclusive o “Memorial do Imigrante”, em estilo renascentista, onde está localizado o posto de informações turísticas, e também o principal acesso à cidade de Vinhedo, com elementos decorativos e paisagismo, que lembram a Itália, país de origem da maioria dos imigrantes.

Todavia, nota-se que esse resgate das tradições, da memória e identidade nem sempre é autêntico, pois uma vez que a memória é herdada, sofre interferências e ruídos, ainda mais considerando-se que a maioria dos descendentes italianos nunca conheceu a terra natal dos

seus antepassados, perdendo portanto, muitas vezes o contexto original. Essa suposta nostalgia “não vivida”, vem ganhando relevância na região, mesmo que o passado na terra de origem dos seus ancestrais não tenha sido auspicioso, motivo este para a sua vinda à procura da “terra prometida”.

A memória local ao ser lembrada constantemente, passa por um processo contínuo de reconstrução e ressignificação, individual e coletiva. Desta forma, essas características endógenas, como a ruralidade e a “italianidade” são valorizadas, não apenas na comunidade regional, como também no turismo, que os transformam em um produto turístico, atendendo uma demanda de mercado.

Os municípios de Valinhos e Vinhedo receberam um grande número de imigrantes italianos para o trabalho na agricultura, que trouxeram para a região uma bagagem cultural italiana, continuamente resgatada até hoje. Neste cenário, insere-se o OAM, cuja comunidade desconhece onde está realmente situado.

Cabe ressaltar que o OAM, de acordo com os resultados da pesquisa de campo, possui um grande potencial ainda a ser mais explorado, também junto à comunidade local, que a exemplo de outros equipamentos e roteiros turísticos, são pouco (re)conhecidos pela população da região.

Embora as cidades de Valinhos e Vinhedo, integrantes do Polo Turístico do Circuito das Frutas, e promotoras de megaeventos como as Festas das Frutas, buscarem uma referência turística, elas somente o serão de fato, quando a população local se apropriar desta ideia, embora dependam da visão e do arbítrio dos gestores da Cultura e do Turismo e das políticas públicas a eles associados, que infelizmente são passageiros.

No âmbito deste estudo, foi também detectada a hospitalidade ali exercida, que pode representar também um elemento motivador à continuidade dessas atividades públicas. A hospitalidade é estabelecida entre pessoas nos domínios domésticos, públicos, comerciais, e até virtuais, baseada no tripé dar-receber-retribuir, em um processo contínuo, com algum sacrifício pessoal, e ainda com respeito à alteridade do outro protagonista (BAPTISTA, 2005; 2008), o que ocorre no OAM, de acordo com o depoimento dos entrevistados.

Nessas atividades de divulgação científica do OAM junto ao público são estabelecidas relações de hospitalidade entre visitantes e anfitriões, de forma dinâmica, que foram unanimemente bem avaliadas pelos visitantes. Por outro lado, notou-se a preocupação da equipe do observatório em adaptar a linguagem e o atendimento ao perfil do visitante, ou seja, o respeito à alteridade é sempre levada em conta durante essas visitas.

Conforme o depoimento dos entrevistados do OAM, esse atendimento é realizado de forma espontânea, “não mecânica”, sem um “sorriso globalizado”, que comumente ocorre em ambientes com atendimento ao público em geral. Além disso, os depoentes do OAM disseram que apesar de sacrifícios pessoais, nessa interação entre visitantes e visitados há a retribuição, ou seja, tais características são próprias da hospitalidade.

Embora todos os autores citados preconizarem que entre as estratégias de *marketing* está a detecção do perfil dos consumidores (e de turistas), percebe-se também que o OAM atende satisfatoriamente todos eles, independentemente de faixa etária e perfil socioeconômico, desde que seja “despertado” para tal oportunidade.

Quanto ao conceito de *endomarketing* (BEKIN, 2004), ou seja, a promoção de um produto ou bem direcionado ao cliente interno, neste caso específico, pensa-se na comunidade local, que deveria ser mais envolvida na apropriação e uso dos equipamentos turísticos, como o OAM.

Por outro lado, fatos relacionados à astronomia, ou a áreas relacionadas são alvo recorrente da mídia global. Por exemplo, quando há descoberta de algum corpo celeste ou algum resultado de uma pesquisa de organismos extremófilos, estudados pela Astrobiologia, ou descobertas recentes da NASA⁸⁷, ou mesmo, as diversas entrevistas realizadas na mídia nacional com o jovem cientista, Dr. Douglas Galante, um dos responsáveis pelo projeto do novo laboratório de astrobiologia no OAM.

Desta forma, pode-se facilmente conjecturar, caso houver alguma descoberta científica importante no OAM, que possa contribuir, por exemplo, para ajudar a esclarecer possíveis formas de vida extraterrestre, ou a origem dos seres vivos na terra, a grande visibilidade que o Observatório poderá ganhar, inclusive em âmbito internacional. Mesmo que a repercussão de tais pesquisas possa ser mais significativa no meio científico, provavelmente, por meio da mídia global, poderá despertar a atenção e a curiosidade da sociedade e atrair visitantes/turistas ao Observatório, “onde foi feita a descoberta”, e mesmo à região de Valinhos e Vinhedo.

Sem dúvida, existe uma demanda reprimida, tanto por parte da comunidade regional, bem como de visitantes de outras localidades em conhecer o OAM. Alguns residentes chegam até os seus portões fechados, alguns com curiosidade em conhecer um observatório astronômico, e o que se faz ali, mas que por falta de sinalização e informações, mesmo no

⁸⁷ Caso da descoberta (embora envolta em polêmica) em 2010 de um organismo que sobrevive em um lago tóxico da Califórnia substituindo o fósforo por arsênio.

local, desconhecem a possibilidade de visitação; outros demoram anos para obter informa es a respeito dessas visita es, e todos lamentam esse fato. Quanto a visitantes de outras procedências, deve-se ao fato haver poucos observatórios em outras regiões do país, e ainda mais abertos   visita o pública, conforme apontado por um dos entrevistados.

Assim, foi constatada a reduzida visibilidade do Observatório Abrahão de Moraes expressada por praticamente todos os entrevistados, sendo que a maioria trouxe sugestões para aumentar a sua promo o. Entretanto, esse fato, segundo o gestor, é motivado pela falta de maior aporte em recursos humanos e materiais que possibilitaria um incremento do atendimento ao público.

Pela falta de maior apoio material das prefeituras locais e do próprio IAG/USP, ao qual o OAM está vinculado, percebe-se, ainda escassos investimentos destinados ao atendimento público, e mais especificamente destinados às pessoas com necessidades especiais.

Atualmente o OAM conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Valinhos, fundamental para viabilizar em 28 abril de 2012 o evento comemorativo “Portas Abertas” dos 40 anos da sua funda o. Essa ajuda tem possibilitado o prosseguimento das atividades de divulga o científica junto ao público.

Considerando-se o OAM ser reconhecido pelas municipalidades e pelos pr rios gestores como ponto turístico seria também interessante identific -lo nos municípios com sinaliza o adequada, pelo menos a partir do Portal de Vinhedo. Além disso, os seus equipamentos deveriam ser identificados no local por um totem ou painel central e na entrada de cada instala o, trazendo informa es básicas, como tipo de instrumento, nome, algumas especifica es básicas, como tamanho das lentes, entre outros.

Esse apoio deveria ser realizado em um esforço conjunto, e não parcialmente, pelo IAG/USP e as municipalidades locais, independentemente em que área o OAM está localizado e por onde é acessível, ou seja, dever-se-ia adotar uma visão holística, sem regionalismos, em prol da sociedade como um todo.

Ademais, pode-se afirmar, que o OAM, um equipamento científico, que ao disponibilizar as visita es públicas gratuitas, acessíveis a todos os extratos sociais e faixas etárias, representa uma democratiza o do lazer cultural   comunidade de valor inestimável, ou seja, a inclusão científica, que deveria ser mais fomentada e valorizada, em um país tão carente neste quesito, inclusive na grade curricular escolar da educa o formal.

Nesta perspectiva, todos ganhariam: a própria Universidade de São Paulo, a maior da América do Sul, que contaria com um ainda maior reconhecimento do seu valor científico, também na região, e também como promotora de um lazer socioeducativo sustentável,

relevante e raro, ao possibilitar a interação pessoal entre seus pesquisadores, visitantes e também a população local, que poderia exercer a cidadania, apropriando-se de um patrimônio público. Além disso, o turismo regional contaria ainda com um equipamento turístico diferenciado inserido no cenário do turismo rural praticado localmente.

As atividades de disseminação científica desenvolvidas junto ao público no OAM representam um turismo e lazer praticados de forma racional, planejada, que podem ser um instrumento para a inserção da comunidade e o seu engajamento para uma melhora de qualidade de vida, que viabilizam o turismo e lazer sustentável.

Desta forma, foram confirmados os pressupostos da pesquisa de que:

- a) Apesar do número crescente de visitantes o Observatório ainda não é reconhecido como fundamental na identidade coletiva da região;
- b) Não há suficientes ações de divulgação para aumentar a sua visibilidade junto à comunidade local e como atrativo turístico na região.

Conclui-se, portanto, que apesar da reduzida visibilidade e ações de divulgação/promoção do Observatório Abraão de Moraes junto à comunidade local como um espaço de lazer e como um atrativo turístico, o OAM apresenta um relevante potencial para o as atividades de divulgação científica que promovem um lazer e turismo sustentáveis, além de representar uma experiência diferenciada do cotidiano, tornar-se agente em um círculo virtuoso, no que pode se tornar o turismo regional.

Diante dos resultados obtidos neste trabalho, julga-se necessário o prosseguimento de outras pesquisas sobre essa temática, envolvendo um fenômeno social escassamente estudado nas Ciências Sociais: o **“astroturismo”**.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 edição, Rio de Janeiro, FGV, 2005.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis; PANOSSO NETO, Alexandre. VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo 20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP. **A Segmentação dos Mercados como Objeto de Estudo do Turismo**.

BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao estudo do turismo**. Campinas/SP: Papirus, 1995.

_____; REJOWSKI, Mirian (Orgs.). **Turismo: Interfaces, Desafios e Incertezas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001. (Coleção Turismo).

_____. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2002.

_____. Relações entre visitantes e visitados: um retrospectivo dos estudos sócio antropológicos. **Revista Turismo em Análise**. Vol. 15, n. 2, Nov. 2004, p. 133-149.

_____. **Cultura e Turismo: Discussões Contemporâneas**. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Turismo).

BAPTISTA, Isabel. Para uma geografia da proximidade humana. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano 2, p. 11-22, sem. 2005.

_____. Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul.- dez. 2008.

BASTOS, Sênia. Hospitalidade: uma perspectiva para a requalificação do centro histórico de São Paulo. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 51-62, sem. 2006.

_____. Patrimônio cultural e hospitalidade: subsídios ao planejamento turístico. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (Org.). **Planejamento e gestão em hospitalidade e turismo**. São Paulo: Thomson, 2004.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BEKIN, Saul F. **Endomarketing: como praticá-lo com sucesso**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

BENI, Mário C. **Análise estrutural do turismo**. 7. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2003.

_____. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. 2 ed. São Paulo: ALEPH, 2003.

_____. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BRASIL – MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Cultural**: orientações básicas. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BURNS, Peter M. **Turismo e Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002. (Coleção Tours).

CAMARGO, Luis Octávio Lima. **O que é Lazer**. 3. ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. **Hospitalidade**. 2.ed. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Os domínios da Hospitalidade. *In*: DENCKER, Ada de Freitas. BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade**: cenários e oportunidades. São Paulo: Thomson, 2003.

_____. **Aulas ministradas no programa de Mestrado em Hospitalidade**. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2010.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. *In*: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). **Turismo**: Espaço, Paisagem e Cultura. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAMBERS, Erve (Edit.). *Tourism and Culture: An applied perspective*. Albany: State University of New York Press, 1997.

CIFELLI, Gabrielle. **Turismo, Patrimônio e Novas Territorialidades em Ouro Preto – MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP, 2005.

CORBIN, Alain. **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Do local ao global**: O turismo litorâneo cearense. Campinas: Papyrus, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo, Roca, 2001.

_____. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2000. (Coleção Turismo). ou é 2003

DAMINELI, Augusto; STEINER, João. **Fascínio do universo**. São Paulo: Odysseus, 2010.

DECKER, Karin. **A Municipalização na Formação de Produtos Turísticos Regionais: Pólo Turístico do Circuito das Frutas. Dissertação** (Mestrado em Ciências, na área de Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa empírica em Ciências Humanas**. São Paulo: Futura, 2001.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. – São Paulo: Futura, 1998.

_____. (Coord.). **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas. BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.

DE MASI, Domenico. Turismo e tempo livre: uma alternativa para o Terceiro Milênio. *In*: FARIA, Ivani (Coord.). **Turismo: lazer e Políticas de desenvolvimento Local**. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001, pp. 1-11.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9ª. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

FELLENBERG, Günter. **Introdução aos problemas da poluição ambiental**. (Tradução de Juergen Heinrich Maar). São Paulo: EPU, 1980.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY (orgs.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FURTADO, Silvana; SOGAYAR, Roberta (orgs.). **Hospitalidade: um relacionamento global de conhecimentos e atitudes**. São Paulo: LCTE, 2009.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar. Refletindo sobre a gestão dos espaços turísticos: perspectivas para as redes regionais de turismo. *In*: **Turismo em Análise**, v. 20, n.3, dez. 2009.

GADOTTI, Moacir. A questão da Educação Formal/Não-Formal. **INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?** Sion (Suisse), 18-22 outubro 2005.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania.** (Coleção ABC do Turismo). São Paulo: Aleph, 2007.

GODBOUT, Jacques T.; CAILLÉ, Alain. **O Espírito da Dádiva.** Lisboa: 1999. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política.** São Paulo: Cortez, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOTMAN, Anne. **Le sens de l'hospitalité: Essai sur les fondements sociaux de l'accueil des autres.** Vendôme: Presses Universitaires de France, 2001.

GRASSI, Marie-Claire. Hospitalidade. Transpor a soleira. *In*: MONTANDON, Alain (dir.). **O livro da hospitalidade.** Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac, 2011.

GUTMANN, Sumaquero Carolina. **O valor patrimonial dos espaços públicos: estudo de caso do centro de Valinhos-SP.** Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pós-Graduação em Urbanismo. Campinas, 2011.

HINDLE, Tim. **Guide to Magement Ideas and Gurus.** London: The Economist, 2008.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** (Tradução de Celina Cardim Calvacante). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOGAN, Daniel; OJIMA, Ricardo; MARANDOLA Jr., Eduardo. **População e ambiente: desafios à sustentabilidade.** São Paulo: Blucher, 2010. (Série Sustentabilidade; v. 1 / José Goldemberg, Coord.).

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo.** 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Cartas Patrimoniais.** Brasília: IPHAN, 1995.

JACKEL, Daniel. **Mapa esquemático da localização e acesso ao Observatório Abrahão de Moraes.** São Paulo, 2012.

KOTLER, Philip; HAIDER, Donald; REIN, Living. **Marketing Público: Como atrair investimentos, empresas e turismo para cidades, regiões, estados e países.** São Paulo: Makrom Books, 1994.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**: Análise, planejamento, implementação e controle. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Lazer**: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

LANGHI, Rodolfo. **Um estudo exploratório para a inserção da Astronomia na formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2004.

_____. **Astronomia nos anos iniciais do ensino fundamental**: repensando a formação de professores. 2009. 370 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2009.

LANGHI, Rodolfo. e NARDI, Roberto. Ensino de Astronomia: educação formal, informal, não formal e divulgação científica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 31, n. 4, 4402 2009.

_____. **Ensino de Ciências Naturais e a formação de professores**: potencialidades do ensino não formal da astronomia. *In*: NARDI, R.. (Org.). Ensino de Ciências e Matemática I: temas sobre formação de professores. 1 ed. São Paulo: Fundação Editora UNESP - FEU, 2009a, v. 1, p. 1-20.

_____. **Educação em astronomia no Brasil**: alguns recortes. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA, 18, Vitória, 2009. Caderno de resumos. Espírito Santo: SBF, UFES, 2009b. p. 13.

_____. **Formação de professores e seus saberes disciplinares em Astronomia Essencial nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências (Impresso), v. 12, p. 205-224, 2010.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Orgs.). **Em busca da hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.

LEMOS, Carlos A.C. **O que é Patrimônio Histórico**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LINHARES, F. R. C. **O objetivo das visitas escolares a um observatório astronômico na visão dos professores**. 2011. 239p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

LINHARES, F. R. C.; NASCIMENTO, S. S. **Espaços de divulgação de astronomia no Brasil - um mapeamento através da internet**. *In*: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009, Florianópolis. Cadernos de resumo. Belo Horizonte: ABRAPEC, 2009. v. 1. p. 190-190.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer**: o papel das prefeituras. Campinas, SP: autores Associados, 1996.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. – (Coleção educação física e esportes).

MEFFERT, Heribert. **Marketing**: Grundlagen der Absatzpolitik. Wiesbaden: Gabler, 1986.

MIGUELES, Carmem (org.) **Antropologia do consumo**: casos brasileiros. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLINA, S.; RODRÍGUEZ, S. **Planejamento Integral do turismo**: um enfoque para a América Latina. Bauru: Edusc, 2001.

MOLINA, Sergio. **Turismo y Ecología**. 6. ed. México: Trilhas, 1998 (reimp. 2002).

MONTANDON, Alain. **Le livre de l'hospitalité**: Accueil de l'étranger dans l'histoire et les cultures. Paris: Bayard, 2004.

_____. **O livro da hospitalidade**: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac, 2011.

MORAES, Cláudia Corrêa de Almeida. Turismo de experiência e a interpretação em museu. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. (Org.) **Turismo de experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

MOURÃO, R.R.F. **Dicionário de Astronomia e Astronáutica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

NAKAGAWA, Andreia Dias Silva; TOMANIK, Geny Brillas. Etiqueta ambiental e as relações sociais contemporâneas na cidade de São Paulo: relendo Norbert Elias. In: 38º ENCONTRO DE ESTUDOS RURAIS E URBANOS - CERU/USP, 2011, São Paulo - CERU **Humanitas**, Série 2, v. 23.1, 2012.

NASCIMENTO, Renê Côrrea do. **Aulas ministradas no programa de Mestrado em Hospitalidade**. Universidade Anhembi-Morumbi. São Paulo, 2010-2011.

NECHAR, Marcelino Castillo. La investigación y epistemología del turismo: aportes y retos. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano IV, n. 2, p. 79-95, 2. sem. 2007.

NOIA, Angye Cassia. **Por uma perspectiva endógena do turismo**: avaliação, expectativas, participação e identidade de residentes da cidade de Ilhéus – BA. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) da Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia. Ilhéus, BA: UES/UFBA, 2008.

OJIMA, Ricardo. Dimensões da urbanização dispersa e proposta metodológica para estudos comparativos. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Dez. 2007. Vol.: 24 n.2

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do Turismo: Fetichismo e Dependência**. Campinas-SP: Alínea, 2005.

PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. São Paulo: Aleph, 2003.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. (Org.) **Turismo de experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. (Org.). **Segmentação do Mercado Turístico - estudos, produtos e perspectivas**. Barueri: Manole, 2009.

PETROCCHI, Mário. **Turismo, Planejamento e Gestão**. São Paulo: Futura, 1998.

PHILIPPI JR., Arlindo; RUSCHMANN, Doris van de Meene (ed.). **Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo**. Barueri, SP: Manole, 2010 (Coleção Ambiental, v.9)

PIRES, André. **Vinhedo: de Rocinha aos enclaves**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP; UNICAMP, 2004a.

_____. **“Novas” ruralidades, “velhas” aspirações: reflexões sobre os caseiros de Vinhedo (SP)**. Estudos Sociedade e Agricultura, outubro 2004b, vol. 12 no. 2, p. 171-193. ISSN 1413-0580.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. 2.ed. Barueri-SP: Manole, 2002.

_____. **Valinhos – Tempo e Espaço: História do Município**. Valinhos-SP, 2000.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2005.

_____. **Aulas ministradas no programa de mestrado em Hospitalidade**. Universidade Anhembi Morumbi, 2011.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 3. ed. (Coleção Geografia: Teoria e Realidade) São Paulo: Hucitec, 2001.

ROMÉRO, Marcelo de Andrade; BRUNA, Gilda Collet. **Metrópoles e o desafio urbano frente ao meio ambiente**. São Paulo: Blucher, 2010. (Série sustentabilidade; v. 6/José Goldemberg, Coord.)

RUSCHMANN, Doris. V. de M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 15. ed. Campinas: Papyrus, 1997. (Coleção Turismo).

_____. **Marketing Turístico**. Campinas-SP: Papirus, 1999.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. Universidade Federal Fluminense. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, pp.289-310, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Paulo Marques. **Instituto Astronômico e Geofísico da USP: Memória sobre sua formação e evolução**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SPADACCIA, José. **Monografia Histórica de Valinhos**. Campinas: Palmeiras, 1988.

SCHWARZ, H. E. (Ed.). **Light pollution: the global view**. Kluwer Academic Publishers: Holanda, 2003.

SILVA, Cibelle Celestino; AROCA, Sílvia. **O ensino interdisciplinar de física solar em um observatório astronômico**. XI Encontro de Pesquisa em Ensino de Física – Curitiba, 2008.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética**. Vol. 5. São Paulo: Aleph, 2000. (Série Turismo).

_____. **Turismo Sustentável: meio ambiente e economia**, vol. 2. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2000.

TOMANIK, Geny Brillas; BASTOS, Sênia Regina. Um patrimônio da humanidade ameaçado: o céu noturno. In: **Anais do IX Seminário da ANPTUR - Turismo e Patrimônio**. São Paulo: Aleph, 2012. v. 1. p. 1-13.

TOMANIK, Geny Brillas. O Aspecto do Lazer e do Turismo Cultural: Visitas ao Observatório Abrahão De Moraes (IAG-USP). In: **Anais do VIII Seminário ANPTUR - Seminário Anual Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

_____. Observatório Abrahão de Moraes (IAG-USP): uma opção de lazer e de turismo sustentável em um cenário natural. In: **Anais do VIII CONECOTUR - Congresso Nacional de Ecoturismo e do IV Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação**. São Paulo: **Revista Brasileira de Ecoturismo**, 2011. v. 4. p. 575-575.

_____; NAKAGAWA, Andreia Dias Silva. Ecoturismo e Etiqueta Ambiental. In: **Anais do VIII Congresso Nacional de Ecoturismo – CONECOTUR e do IV Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação**. São Paulo: **Revista Brasileira de Ecoturismo**, 2011. v. 4. p. 580-580.

TRIGO Luiz Gonzaga Godoi. A importância da educação para o turismo. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (Orgs). **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000, p. 243-255.

_____. **Turismo e Civilização: mergulhando nos berços da humanidade.** São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Turismo Contexto).

TRIGUEIRO, Carlos Meira. **Marketing & Turismo: como planejar e administrar o marketing turístico para uma localidade.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

TULIK, Olga. **Turismo Rural.** 2.ed. São Paulo: Aleph, 2003.

URRY, John. **O Olhar do Turismo: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** 3.ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001. – (Coleção megalópolis).

UNWTO – WORLD TOURISM ORGANIZATION. **International Tourism: A Global Perspective.** 2.ed. Madrid, Spain: World Tourism Organization, 1997.

VIVEIROS, R. **O Principado dos paisanos.** 3. ed. Vinhedo: Prefeitura Municipal de Vinhedo, 2005.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura.** 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas.** São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Saudades do Futuro: Por uma teoria do planejamento territorial do turismo.** São Paulo: Plêiade, 2009.

ZECHIN, José Antonio. **Tempos de Sempre: crônicas, memórias, imagens, poemas.** Campinas-SP: Romedi, 2003.

OUTRAS FONTES

AGENDA 2012: Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas. George Marcgrave, o astrônomo do Brasil holandês. São Paulo: **Instituto de Astronomia, Geofísica, Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo.**

AVIVI – ASSOCIAÇÃO DOS VITIVINICULTORES DE VINHEDO. **Plano de Desenvolvimento: Agricultura, cultura, turismo, município de Vinhedo.** Vinhedo, 2011.

BRUNELLI, Ana Maria; ZECHIN, José Antonio; BRUNELLI NETO, Miguel. **Uma Viagem no Tempo.** Vinhedo: Rotary Club de Vinhedo, 2006. 1 DVD.

CONDOMÍNIO FAZENDA SÃO JOAQUIM. Vinhedo, São Paulo. **Revista São Joaquim.** Ano 33 nº 37, abril, 2011.

_____. Vinhedo, São Paulo. **Revista São Joaquim.** Ano 33, nº 38, julho, 2011.

DECKER, Karin; BACK, Gilberto. **Mapas do Circuito das Frutas.** 2012.

DIÁRIO OFICIAL, Estado de São Paulo. **USP vai ganhar o primeiro Laboratório de Astrobiologia do Hemisfério Sul.** Volume 119. Número 167. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

FOLHA NOTÍCIAS. **Valinhos e Vinhedo, da alta classe.** Região – Pesquisa. N9 – Ano 14 – Nº 673 – 9 jul. 2011.

GALANTE, Douglas. **Laboratório de Astrobiologia.** Correio eletrônico, 2012.

_____. **Laboratório de Astrobiologia.** Entrevista à Rádio CBN (Central Brasileira de Notícias), 99,1 FM em 23 set 2009.

GALANTE, Douglas; RODRIGUES, Fabio. **Novo Laboratório de Astrobiologia no OAM.** Entrevista realizada em 18 jul. 2011 com a autora. Valinhos/SP.

JORNAL TERCEIRA VISÃO. **Laboratório de Astrobiologia irá reativar Observatório Abrahão de Moraes.** Caderno Cidades, p. 6. Valinhos, 21 ago. 2009.

JORNAL FOLHA DE VINHEDO. **Prefeitura vai construir novo Portal Turístico na Região do Cristo.** Seção Variedades.p. V13. Vinhedo, 7.11.09.

JORNAL DE VINHEDO. **Nosso amor e gratidão para Vinhedo.** Caderno V5. Vinhedo, 20 ago. 2011.

MAIA, Samantha. **Tranquilidade de Viracopos vai abrigar 90 milhões em 2041. Valor Econômico.** Especial. Campinas. A16. 2 de fev. 2012.

RETROSPECTIVA 2010. Condomínios investem mais em Segurança do que a Administração. **Folha de Vinhedo.** 31dez. 2010 – V 6. Ed. 629.

SEBRAE-SP – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Circuito Turístico das Frutas.** São Paulo, 2011. 1 Catálogo; 1 DVD.

TEIXEIRA, Ramachrisna. **Observatório Abrahão de Moraes.** Entrevistas, contatos telefônicos e eletrônicos em 2009, 2010, 2011 e 2012.

TEIXEIRA, Ramachrisna. **Observatório Abrahão de Moraes: 3 Gráficos – Número total de visitantes, público visitante e cidade de origem.** Correio Eletrônico, 2012.

VECHE, Vladimir Antonio, Diretor do Departamento de Turismo. **Turismo em Valinhos.** Entrevista em jul. 2011.

VINHEDO – CIDADANIA. Ciclo de debates conclui que Vinhedo paga mal e não é uma cidade turística. **Folha Notícias.** 2012, p. N6. 12 mai. 2012.

VINHEDO, Prefeitura Municipal. Secretaria de Cultura e Turismo. **Informações sobre Turismo.** Resposta a ofício. Vinhedo, 10 ago. 2011.

_____. **RAIO-X DE VINHEDO.** Dados e informações sobre o município. Documento eletrônico. Vinhedo, 2009.

_____. **PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE VINHEDO**, 2006.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

BRASIL - CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 – Artigo 5, inc. XV

MEIOS ELETRÔNICOS - SITES CONSULTADOS

AGÊNCIA FAPESP. **Em busca da origem da vida**. Disponível em: <<http://www.agencia.fapesp.br/materia/11091/noticias/em-busca-da-origem-da-vida.htm>>. Acesso em: 28 set. 2009.

AGEMCAMP – Agência Metropolitana de Campinas. Disponível em: <<http://www.agemcamp.sp.gov.br>>.

ALEXANDER, Max. *Sunrise Solstice at Stonehenge*. (NASA, 2008). Disponível em: <<http://apod.nasa.gov/apod/ap100621.html>>. Acesso em 21 abr. 2012.

ALMA – Instalación de La primera antena del que será El observatório astronômico más grande Del mundo. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=JaUz-c_0aQs. Acesso em: 15 abr. 2011.

ANO INTERNACIONAL DA ASTRONOMIA. **Unesco** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura: Disponível em <<http://www.astronomy2009.org/resources/branding>>. Acesso em: 20 mai. 2009.

ARAMBERRI, Julio; BUTLER, Richard (Ed.). Tourism Development. Issues for a Vulnerable Industry. **Terrestrial Space Tourism**. Channel View Publications, 2005. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=0qW5phGiLNUC&pg=PA245&dq=Tourism+and+astronomical+observatory&hl=pt-BR&ei=_ommTYmSEcHw0gGbtfn9CA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDMQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 2 dez. 2011.

ASTROTURISMO. **Astroturismo**. Disponível em: <http://astroturismo.com.ar/que_es_el_astroturismo.php>. Acesso em 16 abr. 2012.

ASSOCIAÇÃO DE TURISMO RURAL DO CIRCUITO DAS FRUTAS. **Calendário de Eventos**. Disponível em www.circuitodasfrutas.com.br. Acesso em: 19 Set. 2010.

AVIVA – Associação dos Vitivinicultores de Valinhos. Disponível em: <<http://www.avivalinhos.com.br>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

BARBIERI, Jeverson. **Nos tempos em que o lazer virou mercadoria**. Jornal da UNICAMP. Sala de Imprensa. Disponível em: <www.unicamp.br>. Acesso em 30 mai 2009.

BRASIL - MTUR - MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Cultural: Orientações Básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em:

< <http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em 12 nov. 2009.

_____. **Turismo Cultural: Orientações Básicas**. 3.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br>. Acesso em 22 set. 2011.

BRAZILIAN SPACE. **Astrônomos dizem que planetas fora do sistema solar são saída para Habitantes da Terra**. Disponível em: <http://brazilianspace.blogspot.com.br/2011/02/outros-planetasaosaida-para.html>. Acesso em: 05 mai. 2012.

CLARO, Miguel. A rota das Estrelas. **Super Interessante**. nº 168. Portugal. Disponível em: < <http://astropt.org/blog/2012/04/02/dark-sky-alqueva-na-super-interessante-de-abril-artigo-de-miguel-claro-ja-a-venda-nas-bancas>> e < <http://astropt.org/blog/2012/03/09/miguel-claro-astrofotografa-rota-dark-sky-alqueva-a-1a-do-mundo-com-certificado-starlight-tourism-destination>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanas. Disponível em: < <http://www.cptm.sp.gov.br>>.

_____. Expresso Turístico. Disponível em: < http://www.cptm.sp.gov.br/E_OPERACAO/ExprTur>.

CROUCH, Geoffrey. After Tito, Where To From Here? Marketing Issues in the Development of Space Tourism. *In: Tourism Development: Issues for a vulnerable Industry*.

ARREMBERRY, Julio; BUTLER, Richard. Great Britain: Croanwell Press, 2005. Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=0qW5phGiLNUC&pg=PA245&dq=Tourism+and+astronomical+observatory&hl=pt-BR&ei=_ommTYmSEcHw0gGbtfn9CA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDMQ6AEwAg#v=twopage&q&f=false>. Acesso em: 13 abr. 2012.

EMBRAPA – Vista aérea da área do OAM. Disponível em: <<http://www.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

FEPASA – Disponível em: < <http://www.estacoesferroviarias.com.br/fepasa/trens.htm>>.

FESTA DA UVA DE VINHEDO, 1972. (Recorte). Arquivo do Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/iconografico/video.php?id=VTS_08_1. Acesso em: 15 abr. 2011.

FOLHA NOTÍCIAS. Disponível em: <www.folhanoticias.com.br>.

FOLHA DE VINHEDO. **Morar em Vinhedo já não tem os mesmos encantos e o sossego de outros tempos**. Disponível em:

<www.folhanoticias.com.br/portal/noticia.php?id=7572>. Acesso em: 14 mar. 2011.

GALANTE, Douglas. Astrobiólogo Brasileiro fala sobre descoberta da Nasa. **Jornal Bom dia Brasil** – Rede Globo. Entrevista em 03 dez, 2010. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Qm_0s2Xzwo8. Acesso em: 7 jan. 2011.

GLEISER, Marcelo. **O Ano da Astronomia**. Artigo JC e-mail 3674, 6 Jan de 2009. Sem localidade. Disponível em <<http://pesquisadores-ensinofundamental.blogspot.com/2009/01/galileu-galilei-e-sua-luneta.html>>. Acesso em 19 mai 2009.

IAG – INSTITUTO DE ASTRONOMIA, GEOFÍSICA E CIÊNCIAS ATMOSFÉRICAS. Disponível em: <www.iag.usp.br>.

IBGE Cidades. **Dados sobre Valinhos e Vinhedo**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em: 14 abr 2011.

ICOMOS (*International Council on Monuments and Sites*) – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://www.icomos.org.br>>. Acesso em: 2 dez. 2011.

ICOMOS – **CARTA DE TURISMO CULTURAL DE 1976**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em 20 out. 2011.

IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal). **Programa das Nações Humanas para o Desenvolvimento**. Brasília, 26 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/idh>>. Acesso em: 7 jan. 2012.

INFRAERO AEROPORTOS. Disponível em: <<http://www.infraero.gov.br>>.

INPE – CENTRO DE CIÊNCIA DO SISTEMA TERRESTRE/INPE, INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA MUDANÇAS CLIMÁTICAS E REDE CLIMA. **O Futuro que Queremos: Economia verde, desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza**. (Cartilha) Disponível em: <http://www.inpe.br/noticias/arquivos/pdf/RIO+20-web.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2012.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)**. Cultura, 2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/101117_sips_cultura.pdf. Acesso em: 17 jul. 2011.

IYA2009 – The International Year of Astronomy 2009. UNESCO. Disponível em: <www.astronomy2009.org/general/>. Acesso em: 23 mar. 2012.

JORNAL DE CORREIO PIRACICABANO. **USP vai ganhar o primeiro laboratório de astrobiologia do hemisfério sul**. Caderno Ciências e Tecnologia. Piracicaba, 9 set. 2009. Disponível em: <<http://jornalcorreiopiracicabano.blogspot.com/>>. Acesso em: 9 set. 2009.

JORNAL DE VINHEDO. Notícias Vinhedo. **Origem da vida será estudada no Observatório da USP**. Disponível em: <<http://www.jornaldevinhedo.com.br/interna.php?idc=0,0,4527>>. Acesso em: 28 out. 2010.

JN – JORNAL NACIONAL. **Em Vinhedo (SP), quase 100% dos moradores têm saneamento básico**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal->

[nacional/noticia/2011/11/em-vinhedo-sp-quase-100-dos-moradores-tem-saneamento-basico.html](#)>. Acesso em 10 jan. 2012.

_____. **Alta qualidade de vida em Vinhedo (SP ressalta tamanho da desigualdade social no país.** Disponível em:

<<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/alta-qualidade-de-vida-em-vinhedo-sp-ressalta-tamanho-da-desigualdade-social-no-pais/1702445/>>. Acesso em 10 jan. 2012.

JUSBRASIL. **Vereadores aprovam orçamento municipal de R\$ 262 milhões para 2011.**

Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/politica/6340119/vereadores-aprovam-orcamento-municipal-de-r-262-milhoes-para-2011>. Acesso em: 9 jul. 2011.

_____. **Constituição Federal de 1988.** Disponível em:

<<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/anotada/2760797/art-5-inc-xv-da-constituicao-federal-de-88>>. Acesso em 1 jul. 2011.

_____. **As instalações ficarão no Observatório Abrahão de Moraes, em**

Valinhos, no interior do estado. (Extraído da República Federativa do Brasil). Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br>>. Acesso em: 24 set. 2009.

LABORATÓRIO DE ASTROBIOLOGIA. Disponível em: <http://astrobiobrasil.org/>. Acesso em: 9 mar 2010.

MANN, Charles. O berço da religião. **NATIONAL GEOGRAPHIC**. Edição 135. Publicado em 06/2011. Disponível em: <<http://viajeaquie.abril.com.br/national-geographic/edicao-135/inicio-da-civilizacao-gobekli-tepe-628802.shtml?page=2>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

MANTOVANI, Marta S. M.; SANTOS, Paulo Marques dos. Instituto Astrônomico e Geofísico. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22, Dec. 1994. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300076&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 mai. 2012.

NASA – Jet Propulsion Laboratory. Disponível em: <http://www.jpl.nasa.gov>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

_____. Earth lights. (Imagem). Disponível em:

<http://visibleearth.nasa.gov/view.php?id=55167>. Acesso em: 12 abr 2012.

_____. Flying Over the Earth at Night. Disponível em:

<<http://apod.nasa.gov/apod/ap120305.html>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

OBSERVATÓRIO ABRAHÃO DE MORAES. **Valinhos ou Vinhedo?** Conheça o

Observatório Abrahão de Moraes. Disponível em:

<<http://www.usp.br/mapas/materia01.html>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

OESP – ESTADAO.COM.BR. Disponível em: <http://www.estadao.com.br>.

OJIMA, Ricardo. **Os desafios da ocupação urbana.** Disponível em:

<<http://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinzenta/os-desafios-da-ocupacao-urbana/>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.onu.org.br>>. Acesso em 6 out. 2011.

OPÇÃO TURISMO. **Reserva Dark Sky Alqueva distinguida**. Disponível em: <http://www.opcaoturismo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=24475:dark-sky&catid=91:arquivados&Itemid=435>. Acesso em: 12 fev 2012.

PACHOLKA, Wally. **Mauna Kea Milky Way Panorama**. (NASA). Disponível em: <http://apod.nasa.gov/apod/ap090219.html>. Acesso em: 15 jun. 2012.

PRIMEIRO OBSERVATÓRIO SOLAR PRÉ-HISTÓRICO. **Deutsche Welle**. Disponível em <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,943642,00.html>. Acesso em 23 mar 2012.

REDE GLOBO. Poeira das Estrelas. **Globo - Fantástico – Parte 1**. Disponível em www.youtube.com. Acesso em: 2 out 2010.

REGIÃO DE JUNDIAÍ TERÁ 1º “AGLOMERADO URBANO” PAULISTA. **Estadão.com.br/São Paulo**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,regiao-de-jundiai-tera-1-aglomerado-urbano-paulista,691186,0.htm>. Acesso em 20 jun. 2012.

RIO+20. United Nations Conference on Sustainable Development. Disponível em: <<http://www.rio20.info/2012/objetivos-e-temas>>. Acesso em: 19 jun. 2012.

RIZZATOUR, Turismo Receptivo Regional. **Roteiros Turísticos**. Disponível em <www.rizzatour.com.br>. Acesso em: 20 abr. 2012.

SAMPA ONLINE. **Observatório de Valinhos oferece programas de visitas**. 29 abr 2009. Disponível em: <www.sampaonline.com.br/noticias/valinhos2009abr29observatorio.php>. Acesso em: 10 mai. 2009.

STARLIGHT. The International Conference in Defense of the Quality of Night Sky and the right to observe stars. Disponível em: <<http://www.starlight2007.net>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

STARLIGHT INITIATIVE. **Starlight: Common Heritage**. Disponível em: <www.starlight2007.net>. Acesso em: 5 nov. 2011.

_____. **Starlight: Defend our right to see the stars**. Disponível em: <www.starlight2007.net>. Acesso em: 28 dez. 2011.

STEINER, João E.. Astronomia no Brasil. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 4, 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 abr. 2012.

STONEHENGE ASTRONOMICAL OBSERVATORY. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=aJo59iFl8mY&playnext=1&list=PLDA46769EF1ECE0D9>. Acesso em: 12 abr. 2011.

THE INTERNATIONAL DARK-SKY ASSOCIATION – IDA. Disponível em: <<http://www.darksky.org/>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

THE STORY OF STUFF. Disponível em: <<http://www.storyofstuff.org/movies-all/story-of-stuff/>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

TELESCÓPIOS NA ESCOLA. Disponível em: <www.telescopiosnaescola.pro.br> e em <www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=200723&c=5327>. Acesso em: 20 mai. 2009.

TV ESCOLA0002. **Os limites do Oceano Cósmico**. Carl Sagan. Disponível em <www.youtube.com>. Acesso em: 2 out 2010.

USP MAPAS – Observatório Abrahão de Moraes. Disponível em: <<http://www.usp.br/mapas/materia01.html>>. Acesso em 27 mai. 2012.

VALINHOS, Câmara Municipal de Valinhos. Disponível em: <www.camaravalinhos.sp.gov.br>.

VALINHOS, Prefeitura Municipal. Disponível em: <www.valinhos.sp.gov.br>.

VINHEDO, Câmara Municipal. Disponível em: <www.camaravinhedo.sp.gov.br>.

VINHEDO, Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.vinhedo.sp.gov.br>>.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Patrimônio cultural**. Disponível em: <www.unesco.gov.br>. Acesso em: 26 nov. 2011.

UNESCO – Organisation des Nations Unies pour l'éducation, la science et la culture. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>.

USP MAPAS. Valinhos ou Vinhedo? Conheça o Observatório Abrahão de Moraes. Disponível em: <http://www.usp.br/mapas/materia01.html>. Acesso em: 09 abr. 2012.

BIBLIOGRAFIA AMPLIADA

ALVES, Rubem. LOPES, Rita (revisão de). **O que é científico**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

AVENA, Biagio Maurício. **Turismo, educação e acolhimento de qualidade: transformação de *hostis* a *hospes*** em Ilhéus, Bahia. 2002. 367 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

BARÃO, Cristina de Carvalho. **Entre brumas e concretudes... O Museu Dinâmico de Ciências de Campinas como imaginante espaço de educação**. Dissertação (Mestrado em

Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas- SP, 2007.

BASTOS, Sênia. Hospitalidade: uma perspectiva para a requalificação do centro histórico de São Paulo. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 51-62, 2. sem. 2006.

BAUM, Tom. **Human Resource Management: for Tourism, Hospitality and Leisure - An international perspective**. London: Thomson, 2006.

CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade: na perspectiva da Gastronomia e da Hotelaria**. São Paulo: Saraiva, 2005.

CAVENAGHI, Airton José. Hotéis paulistanos: das razões da hospedagem urbana na cidade de São Paulo e as notícias em Almanques e Memoriais do século XIX. **Revista Turismo em Análise**, v. 22, p. 119-145, 2011.

CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. **As representações do Espaço Arquitetônico: Uma proposta metodológica aplicada ao centro histórico da cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira; SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello. **Turismo e Geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: UECE, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FONSECA FILHO, A.S. **Educação e Turismo: Reflexões para Elaboração de uma Educação Turística**. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo** v. 1, n.1, p. 5-33, set. 2007.

GASPAR, A. **Museus e Centros de ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico**. Tese de Doutorado - São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993. 173 p.

HAWKING, Stephen W. **Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros**. Tradução: Maria Helena Torres. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

HUBERT, Denis. **L'Hospitalité**. Paris; L'Atelier/ Les editions ouvrières, 1996.

KUAZAQUI, Edmir. **Marketing Turístico e de Hospitalidade**. Fonte de Empregabilidade e Desenvolvimento para o Brasil. São Paulo: Makron Books, 2000.

MATHEUS, Zilda Maria. A idéia de uma cidade hospitaleira. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Manole: Barueri, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, Eduardo e outros. **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MILLS, C. Wright. **Sobre o Artesanato Intelectual e outros Ensaio**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORGAN-PROUX, Catherine. A hospitalidade dos guias-intérpretes e o desenvolvimento turístico duradouro. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 105-116, 2. sem. 2006.

NECHAR, Marcelino Castillo; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Epistemología Del Turismo**: Estudios críticos. México: Trillas, 2010.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. **Estudos do lazer no Brasil**: Apropriação da obra de Marx e Engels. 2007. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas – SP, 2007.

PEREIRA, Luciana Lopes. **Avaliação da Competitividade Turística das Cidades-Sede da Copa do Mundo de 2014 por meio da Análise por Envoltória de Dados (DEA)**. Dissertação (mestrado em Turismo e Meio Ambiente). Centro Universitário UNA. Belo Horizonte - MG, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história. **Projeto História**. São Paulo: Educ, v. 10, 1993.

RODRIGUES, Marly. **Imagens do passado**: a instituição do patrimônio em São Paulo: 1969-1987. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado: Condephaat: FAPES, 2000.

SAGAN, Carl. **Murmúrios da Terra**. O Disco Interestelar da Voyager. (Tradução de Maria Coretti Dantas de Oliveira; Angela do Nascimento Machado e Luisa Ibañez) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

SANTOS, J.L. **O que é cultura**. (coleção primeiros passos).

SERAFIM, Milena. **A política científica e tecnológica e a política de inclusão social**: buscando convergência. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SESC. **Lazer numa sociedade globalizada**. SESC: São Paulo, 2000.

SILVA, Schirley Machado. **Uma Proposta de Educação Ambiental Integrando o princípio dos 3 Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar) nas Unidades Escolares Municipais de Santo Amaro da Imperatriz – SC**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia ambiental). Universidade Federal de Santa Catarina - Centro Tecnológico. Florianópolis, 2003.

VALLS, Josep Francesc. **Las claves del Mercado Turístico**: cómo competir en el nuevo entorno. Bilbao: Ediciones Deusto, 2003.

WADA, Elisabeth Kyoko . Gestão de turismo e responsabilidade social: algumas indagações. *In*: Miguel Bahl. (Org.). **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004.

_____. Reflexões de uma aprendiz da Hospitalidade. *In*: Dencker, Ada de Freitas Manetti; Bueno, Marielys Siqueira. (Org.). **Hospitalidade**: cenários e oportunidades. 1a. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. São Paulo: Bookman, 2006.

**APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semiestruturado
com Responsáveis pelo Laboratório de Astrobiologia**

Dr. Douglas Galante e Dr. Fabio Rodrigues 18/07/2011 – às 16hs

Local: OAM

1. Para quando está prevista a instalação e funcionamento do laboratório?
2. Qual é o objetivo?
3. Quantas pessoas estarão envolvidas?
4. A verba prevista de cerca de R\$ 1 milhão pelo CNPq, para a implantação continua a mesma?
5. Haverá intercâmbio com pesquisadores estrangeiros e de que universidades ou entidades?
6. Qual será a repercussão/relevância do novo laboratório no meio científico?
7. Acredita que o laboratório poderá refletir na demanda para conhecer o OAM e Vinhedo/Valinhos, inclusive para a demanda turística?

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semiestruturado
com o Diretor do Departamento de Turismo de Valinhos

Vladmir Antonio Veche - Dia 04/07/2011 – às 15hs

Local: Departamento de Turismo de Valinhos

1. Você sabe o porquê da implantação do OAM na região?
2. Como é feita a gestão do turismo?
3. Acredita ser o Observatório Abrahão de Moraes um elemento agregador ao processo turístico?
4. Considera o OAM um Patrimônio Cultural?
5. Quais são os planos administrativos para crescimento do turismo na região nesta gestão?
6. Quais são os materiais e meios de apoio para divulgação?
7. Estimativas de público visitante Festa do Figo, perfil e procedência?
8. Estimativa de turistas que visitam o município?
9. Quanto ao Circuito das Frutas, quais são os projetos e ações? Já houve aumento do número de visitantes?
10. Quais são as agências receptoras e de divulgação do turismo?
11. Valinhos tem interesse na vinda do Expresso Turístico até a região?

APÊNDICE C - Autorização para entrevista

Exmo. Senhor (a)

Assunto: Autorização para entrevista de investigação científica

Meu nome é Geny Brillas Tomanik, sou aluna do mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e desenvolvo a pesquisa científica intitulada **“Lazer e Turismo: Observatório Abrahão de Moraes – IAG/USP”**, visando à obtenção de título de mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Airton José Cavenaghi, que pode ser contatado no telefone (11)3847-3037.

A entrevista deverá ter duração média de 60 minutos, para tanto, solicito ao Senhor (a) autorização para a gravação, que poderá ser interrompida caso o Senhor (a) manifeste interesse em não gravar algum dado de sua resposta. Após a gravação, as informações serão transcritas e analisadas. Caso seja de sua preferência, o anonimato será assegurado tanto na divulgação dos dados por meio de publicações científicas, como em apresentações de eventos.

Espero que o Senhor (a) concorde com os propósitos desse estudo, com os procedimentos a serem realizados e nos conceda a realização desta entrevista.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos,

Ciente: Entrevistado
RG.

Ciente: Pesquisadora

Valinhos/Vinhedo, _____ 2012.

APÊNDICE D – Roteiro Semiestruturado de Entrevista

Identificação do entrevistado:

RG _____

Profissão: _____

Formação/Escolaridade: _____

Local da entrevista: _____

Data: ___ ___/___/2012 – Horário: _____

Roteiro das questões a serem abordadas:

1. Você se interessa por astronomia ou tem fascínio pelo assunto? Você costuma observar o céu noturno e as estrelas? Você considera importante um céu noturno estrelado e preservado, por quê?
2. Para você o que é lazer? Você acha que a visita a um observatório astronômico é uma forma de lazer? Você já visitou ou gostaria de conhecer um Observatório Astronômico?
3. O que você acha importante ou interessante nas visitas ao OAM ou a outro observatório?
4. Para você qual é a importância de um Observatório Astronômico para a região e para a preservação do meio ambiente? Por quê?
5. O que você consideraria importante para que o Observatório Abrahão de Moraes fosse mais conhecido, tanto na comunidade local, como para o turismo?
6. Você acha que o Observatório Abrahão de Moraes possui um apelo importante para o turismo regional?
7. Você acha que as cidades de Valinhos e Vinhedo são turísticas e que atraem turistas? Você acha importante o turismo para a região?
8. Você acha que os gestores do OAM recebem bem o público visitante? O que você considera importante para receber bem o visitante e o turista no Observatório e na região?
9. Você considera que a região de Valinhos e Vinhedo possui ainda características rurais? Você considera que houve perda (ou mudança) de identidade cultural local nos últimos anos? Se sim, quais seriam os motivos? Você acha importante a preservação da cultura local, inclusive a rural e a italiana?
10. Você gosta dos equipamentos turísticos, como, por exemplo, os da entrada da cidade de Vinhedo? Você se identifica com eles? (aos autóctones).

ANEXOS

ANEXO A – Folder Turístico de Valinhos



Fonte: Valinhos (2011)

ANEXO B – Folder Turístico de Vinhedo

Como chegar em Vinhedo

Calendário de Eventos Culturais e Turísticos

Fevereiro
Festa da Uva e do Vinho

Abril
Aniversário da Cidade
Semana da Leitura
Exposição Nacional de Orquídeas

Maio
Festival do Japão
Encontro de Motociclistas de Vinhedo

Julho
Encontro Nacional de Corais
Festival de Inverno de Vinhedo
Revirada Cultural Regional

Agosto
Abertura Oficial do SAV (Salão de Artes Visuais)

Setembro
FESTEVI (Festival de Teatro de Vinhedo)
Salão de Artes Visuais (Exposição)

Outubro
Encontro das Artes de Vinhedo

Novembro
Festival Popular de Arte e Cultura

Dezembro
Festival de Arte e Cultura (Escarlates)
Programação de Natal
Encontro Bandístico de Natal
Apresentação Coral para Natal

Pólo Turístico Circuito das Frutas

“Colhendo Frutos com o Turismo”

Circuito das Frutas é formado por dez municípios: Atibaia, Indaituba, Itatiba, Itupeva, Jarimú, Jundiá, Louveira, Morungaba, Valinhos e Vinhedo, que se destacam pela qualidade das frutas produzidas numa região próspera, vias de acesso excelente, infra-estrutura turística completa. O objetivo do projeto é contribuir com o desenvolvimento sócio-econômico da cidade de forma sustentável, promover a cultura empreendedora, inserir a região no mercado estadual e nacional de turismo, cultura e artesanato, formatar e consolidar produtos e roteiros turísticos locais.

Apóio:
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo
Prefeitura de Vinhedo
A Cidade que Queremos

Patrocínio:
SEBRAE SP
CERATTI
LEAO

TURISMO VINHEDO

Atrações Turísticas

- Adega Família Ferragat**
Av. Rosa Zanetti Ferragat, 499 - Jd. Primavera
Tel.: 19 3876-3108
E-mail: familiaferragat@live.com.br
- Via Vito** (Restaurante, Escola e Empório)
Av. Benedito Storani, 762 - Aquário
Tel.: 19 3828-3082
E-mail: antonio.ruiz@uol.com.br
- Cocheira do Zé Elío**
Rua Estrela Dalva, 183 - Mirante das Estrelas
Tel.: 19 3876-1717 / 9149-1007
E-mail: marcelaferragat@gmail.com
- Moinho de São Bento**
Estrada do Observatório, 138 - Observatório
Tel.: 19 3876-4788
*Site: www.mossosocbento.com.br
- Sítio Frediani** (Turismo Rural)
Estrada Mun. Vinhedo / Itupeva - 8º Monho
Tel.: 19 3886-2260 / 9774-4209
E-mail: sitededarian@terra.com.br
- Família Azzalin** (Cantina, Restaurante e Adega)
Rua Santa Cruz, 1362 - Pinheirinho
Tel.: 19 3886-1472 / 9708-8159
Site: www.cantinaazzalin.com.br
E-mail: ricardoazzalin@yahoo.com.br
- Sítio Morada do Sol** (Turismo Rural e Ecoturismo)
Estrada do Igatemi, 295 - Casa D' Água
Tel.: 19 3856-8238 / 9841-9006
E-mail: sitoriadoradosol@terra.com.br
- Alambique Andretta**
Estrada da Capela, 1862 - Capela
Tel.: 19 3876-1860 / 9603-1728
E-mail: alambiqueandretta@uol.com.br

Pontos Turísticos

- Parque Municipal Jayme Ferragat**
Sociedade do Boticão, 783 - Portal
Tel.: 19 3846-7155
- Memorial do Imigrante**
Av. dos Imigrantes, s/n - Portal
Tel.: 19 3846-7200
- Praça do Aquário**
Av. Independência, s/n - Aquário
- Igreja Matriz de Sant'Ana e Praça Sant'Ana**
Rua Humberto Passarini, s/n - Centro
- Teatro Municipal Sylvia de Alencar Mathews**
Rua Monteiro de Barros, 101 - Centro
Tel.: 19 3826-2821
- Centro Cultural Prof. Givaldo Múcio Procarini**
Rua Monteiro de Barros, 101 - Centro
Tel.: 19 3876-1333 / 3826-4636
- Observatório Abraão de Moraes**
Estrada do Observatório, s/n - Observatório
Tel.: 19 3886-4439 / 3876-1444
Site: www.usp.br/mapas/materia01.html
E-mail: teixeira@ig.usp.br
- Portal dos Imigrantes**
Estrada de Boticão, s/n - Portal
- Praça Francisco Hübner** (Praça do Anjo)
Av. Independência, s/n - Jd. Santa Rosa
- Represa João Gasparini** (Represa II)
Rua Frank Swales, s/n - Jd. Cocheira
- Boque Municipal José Carlos Giacco**
Rua do Bosque, s/n - Jd. Panorama
- Praça José Von Zabern** (Fonte da Armazé)
Av. Castelo Branco, s/n - Aquário
- Crúcio Brelinger**
Comunidade de um novo Pólo Turístico nessa região
Rd. Esplan. João Tezsa, s/n - Observatório

Parques Temáticos

- Nopi Itai**
Rodovia dos Bandeirantes - Km 72,5
Tel.: 0300 789 5556
Site: www.nopiitai.com.br
- Wet 'n Wild**
Rodovia dos Bandeirantes - Km 72
Tel.: 11 4498-8000 - Site: www.wetnild.com.br

Alimentação

- Restaurante Maria Zábdi**
Rua Andromeda, 297 - Jd. Juncos
Tel.: 19 3886-3335 / 3886-4652
Site: www.mariazabdi.com.br
- Via Vito** (Restaurante, Escola e Empório)
Av. Benedito Storani, 762 - Aquário
Tel.: 19 3828-3081
E-mail: antonio.ruiz@uol.com.br
- Babbo Giovanni Pizzeria**
Rua Eduardo Ferragat, 108 - Jd. Itália
Tel.: 19 3826-9159
E-mail: babbo@pizzariavinhedo@uol.com.br

Hospedagem

- Vinhedo Plaza Hotel**
Av. Independência, 4111 - Jd. Primavera
Tel.: 19 3826-6020
Site: www.vinhedoplazahotel.com.br
E-mail: reservas@vinhedoplazahotel.com.br
- Pousada Recanto do Sossego**
Est. Mun. Vinhedo Louveira - Km 81, nº 2082
Tel.: 19 3878-4022 / 9353-2272
Site: www.pousadarecantedosossego.com.br
E-mail: reservas_recanto_sossego@yahoo.com.br
- Pousada Fazenda Sant'Ana**
Casa Própria: 259
Est. Mun. Fazenda Santana, 1048 - Jd. Miram
Tel.: 19 3876-1365 / 9738-6623
Site: www.pousadafazendasantana.com.br
E-mail: andresspazzola@uol.com.br

Artesanato

- Associação dos Artesãos de Vinhedo - AAV** (Feira de Artesanato)
Praça Santana, s/n - Centro
Tel.: 19 912-0952
Blog: http://artesaosvinhedo.blogspot.com
E-mail: artesaosvinhedo@terra.com.br
- Associação dos Artesãos de Vinhedo - AVV** (Loja no Memorial do Imigrante)
Av. dos Imigrantes, s/n - Portal
Tel.: 19 3846-7200

Agências de Viagens

- Nosso Certo Turismo Receptivo**
Rua da Fomiga, 110 - Jd. Brasil
Tel.: 19 3826-2667 / 9778-4722
Site: www.nossocerto.com.br
E-mail: nossocerto@nossocerto.com.br

Comércio Diferenciado

- Adega Della Bruna**
Rua Luís Brasi, 950 - Nova Vinhedo
Tel.: 19 3876-1975

Telefones Úteis

- DDD**
19
- Táxi**
19 3876-1076 / 3876-1419 / 3876-1236
- Rodoviária**
19 3876-1385
- Resgate**
192
- Polícia Militar**
190
- Guarda Municipal**
153
- Corpo de Bombeiros**
193
- Santa Casa de Vinhedo**
19 3836-3445
- Informações Turísticas**
19 3846-7100
- Aeroporto Internacional Viracopos** (18km de Vinhedo)
19 3725-5000

13 Observatório Abraão de Moraes
Estrada do Observatório, s/n - Observatório
Tel.: 19 3886-4439 / 3876-1444
Site: www.usp.br/mapas/materia01.html
E-mail: teixeira@ig.usp.br

ANEXO C – Folder do Polo Turístico do Circuito das Frutas

Mapa sobre o estado

Mapa comunic

www.circuitodasfrutas.sp.gov.br

ExpressoTurístico
Expresso Turístico - Embarque
Touristic Express - Boarding

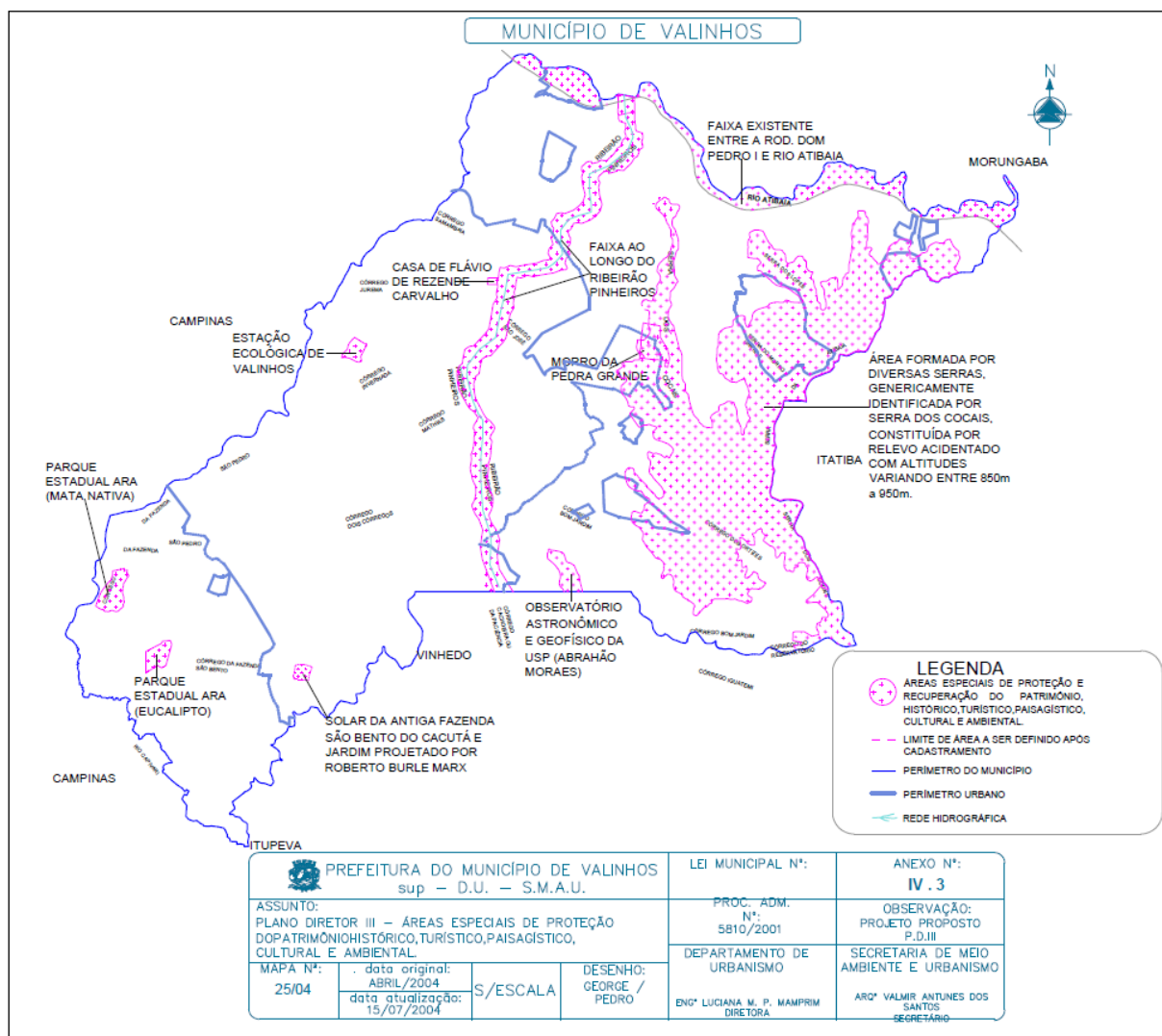
PÓLO TURÍSTICO DO
Circuito das frutas

TURISMO RURAL
TURISMO HISTÓRICO/CULTURAL
TURISMO GASTRONÔMICO
TURISMO PEDAGÓGICO
TURISMO DE NEGÓCIOS
TURISMO DE AVENTURA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE AGRICULTURA, PASTORAL, PECUÁRIA E SUZANÊ

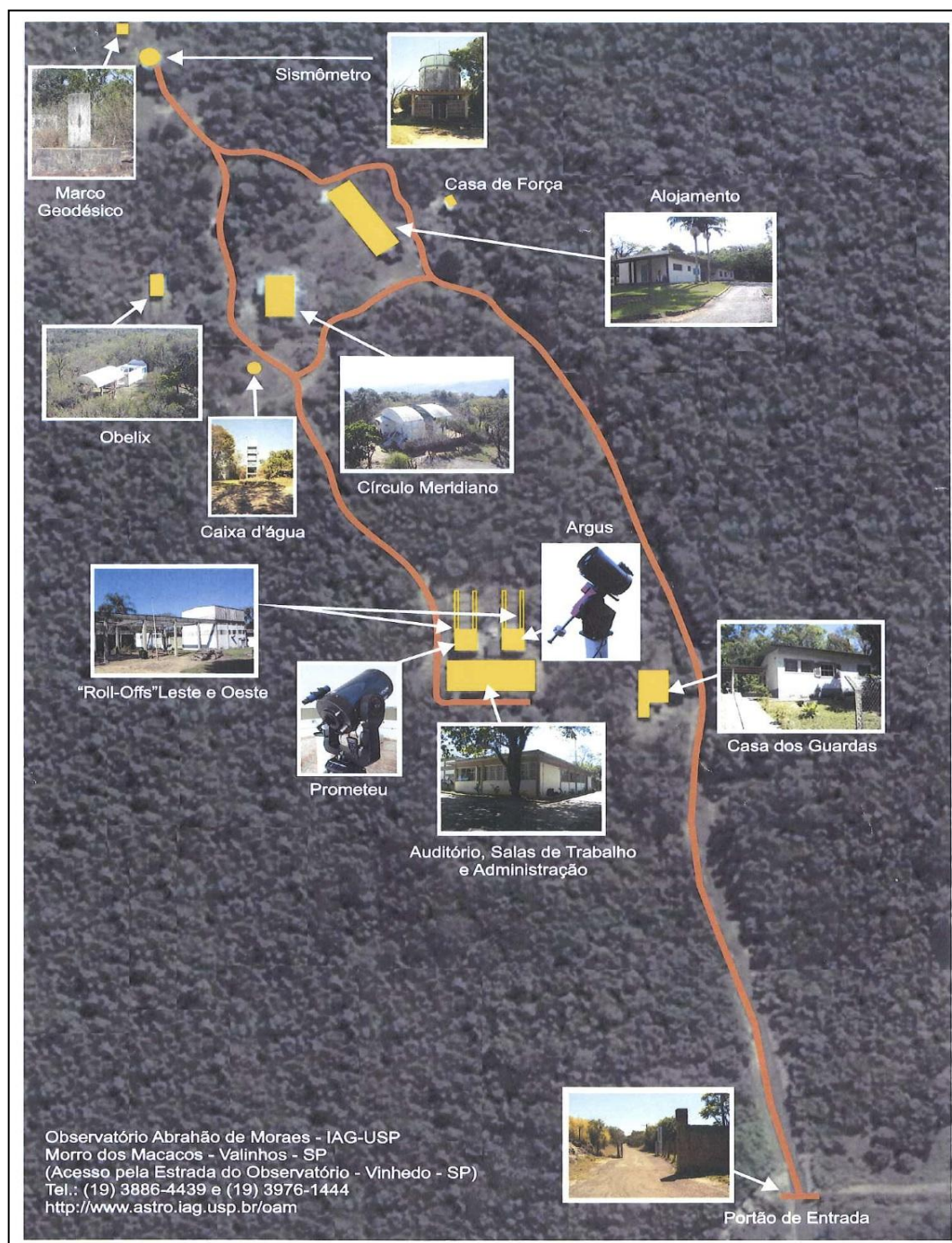
ANEXO D – Plano Diretor III de Valinhos

Mapa: Áreas Especiais de Proteção e Recuperação do Patrimônio Histórico, Turístico, Paisagístico, Cultural e Ambiental - 2004



Fonte: Valinhos (2012)

ANEXO E – Croquis da Infraestrutura do OAM com a Área de Mata Recuperada



Fonte: OAM (2010)

ANEXO F – Quadro: Equipamentos de Usos Múltiplos do OAM

Equipamento	Codiname*	Especificações	Uso	Observações
Círculo Meridiano CCD		190 mm de abertura, distância focal 2590 mm, CCD Thomson 7895M 512x512 pixels de 19µm, escala 1,5"/pixel.	Científico, didático e de disseminação. Utilizado também durante as visitas para demonstrações do espaço com teto retrátil e projeções de alguns registros captados pelo equipamento, por meio de computador	Foi o primeiro equipamento instalado no OAM, junto com outros equipamentos não mais disponíveis. Telescópio especialmente projetado para determinar posições de estrelas e planetas com alta precisão. Na década de 90, este instrumento passou por um processo de automação, que revitalizou sua utilidade para a coleta de dados para pesquisa científica, passando a ser utilizado também para medição do brilho das estrelas
Telescópio MEAD 16 polegadas	<i>Obelix</i>	406 mm de abertura, distância focal 4060 mm, CCD AP-10 2048 x 2048 pixels de 14µm, escala 0.7"/pixel.	Principalmente científico, mas também de disseminação (até recentemente era utilizado junto ao público)	Telescópio automatizado destinado principalmente ao uso científico para o monitoramento do brilho variável de estrelas conhecidas como Cefeidas (estrelas que alteram seu brilho com o tempo), entre outras finalidades.
Telescópio MEAD 12"	<i>Asterix</i>	Schmidt-Cassegrain, Meade LX200-ACF	Disseminação e didático	Atualmente é montado na plataforma descoberta para observações no "Noite com as Estrelas".
Telescópio MEAD 12"	<i>Prometeu</i>	Ritchey-Chrétien, Meade LX 200R	Disseminação e didático	Atualmente é montado na plataforma descoberta para observações no "Noite com as Estrelas".
Telescópio CELESTRON 11", montagem Paramount	<i>Argus</i>	279 mm de abertura, distância focal 2790 mm, CCD SBIG ST-7XE 765 x 510 pixels de 9µm, escala 0.7"/pixel (câmera digital astronômica) com filtros R, G e B.	Didático. É utilizado para o programa educacional remoto.	Inteiramente automático. A montagem robótica, Paramount ME, pode ser operada remotamente por qualquer escola com acesso à internet.
Telescópio Solar		40 mm de abertura e distância focal de 400 mm.	Disseminação e Didático	É utilizado nas visitas diurnas dependendo do grupo e das circunstâncias meteorológicas.
Marco Geodésico			Científico	Instalado na década de 90, faz parte de uma rede de 25 marcos de referência distribuídos pelo Estado de São Paulo. Constitui um marco referencial de coordenadas para trabalhos de Geodésia, Topografia, Cartografia e Cadastro para o Município de Valinhos e região. É necessário agendamento para utilização deste marco.
Ponto de Gravidade Absoluta			Científico	É o ponto onde o valor da aceleração da gravidade foi determinado com grande precisão por uma equipe de pesquisadores da Alemanha, acompanhados por uma equipe do IAG-USP em 1988. Esta medida é utilizada como referência para a calibração de gravímetros e redes gravimétricas no Brasil
Sismômetro		O equipamento é constituído de três cilindros representando os eixos tridimensionais x, y e z, posicionados perpendicularmente entre si.	Científico	Detecta em tempo real e com precisão exata os movimentos do solo, incluindo os gerados pelas ondas sísmicas. Estes movimentos são depois registrados nos sismógrafos, que geram traçados gráficos denominados de sismogramas. A partir dos sismogramas, os sismólogos obtêm informações, como a localização do epicentro e a magnitude do sismo, sendo utilizado pelo pessoal da Geofísica de São Paulo do IAG/USP.

Equipamento	Codiname*	Especificações	Uso	Observações
Câmara de Simulação Planetária ⁸⁸			Científico, na área de Astrobiologia.	Destinada a reproduzir condições e ambientes extraterrestres para analisar parâmetros de temperatura, pressão, composição gasosa e fluxo de radiação, entre outros. Em construção, conforme projeto do Dr. Douglas, cuja conclusão está prevista para final de 2012. Será utilizada no AstroLab com amostras de extremófilos.
Espectrômetro		Raman., marca Renishaw	Científico, na área de Astrobiologia.	Futuramente será acoplado à Câmara.

Fontes: OAM (2012); Galante (2012) - Elaboração própria (2012).

* Forma afetiva e simplificada como os gestores do OAM nomeiam alguns dos equipamentos.

⁸⁸ Esta câmara é a primeira a ser construída no Hemisfério Sul (GALANTE, 2012).

ANEXO G – Convite da palestra, com texto explicativo para eventos comemorativos do Ano Internacional da Astronomia 2009



O UNIVERSO
PARA VOCÊ DESCOBRIR

ANO INTERNACIONAL DA
ASTRONOMIA
2009

Observando
o Céu
e Construindo
o Conhecimento

Ramachrisna Teixeira
IAG-USP

Teatro Municipal
Sylvia de
Alencar Matheus
Vinhedo

09 de Setembro de 2009

19:30 horas

O contato que temos hoje, com o **conhecimento científico** é enorme. Sem pestanejar podemos afirmar que nos encontramos completamente mergulhados no mundo da **Ciência**.

Sem nos darmos conta, a relação que temos hoje com o mundo exterior, com os fenômenos naturais, com a **natureza**, é bastante peculiar. Nesta relação, que nem sempre existiu, que nem sempre foi assim, fica evidente o poder, a influência e a interferência da **Ciência** em nossas vidas.

Atualmente, ao nos depararmos com um fenômeno natural, ou até mesmo, com o simples anúncio de um fenômeno natural na televisão, preocupados ou não, sabemos que existe e aguardamos uma explicação racional para tal.

Essa explicação pode vir de nós mesmos, pode vir de algum amigo, vizinho, professor, etc., via jornais, revistas, rádio, televisão ou internet. Em qualquer um dos casos, atrás dessa explicação existe a razão, a razão humana.

Compreender a **natureza** com a própria razão, descrever e explicar os fenômenos naturais de forma racional é fazer ciência, é **Ciência**.

A origem dessa atitude diante da natureza remonta à Grécia Antiga. Foi, até onde se pode saber, em Mileto por volta de 600 a.C., que o **Homem** teve a intuição que podia compreender, descrever e explicar os fenômenos naturais com sua própria cabeça, com sua própria razão.

A curiosidade do **Homem** e o seu maior desejo, conhecer suas origens, foi e ainda é o grande motor da construção do **conhecimento**.

Buscando responder com sua própria razão à questão “De onde viemos? Para onde vamos?” o **Homem** formula e se depara com muitas outras e ao respondê-las vai descobrindo as leis que governam a natureza, vai modificando, ampliando e construindo seu **conhecimento científico do Universo**.

A observação sistemática de fenômenos naturais, velhas ou novas, reforçam ou enfraquecem, sustentam ou derrubam aspectos desse conhecimento, às vezes, levando mesmo, a verdadeiras revoluções nos conceitos fortemente estabelecidos e enraizados.

Esse compromisso com a observação e essa flexibilidade, que permite alterações tão profundas, estabelecem o grande diferencial entre esta e outras formas de compreensão do mundo exterior e são determinantes na sua grande e maior aceitação.

Mal ou bem, temos consciência hoje, que mesmo sem explicar tudo, o **conhecimento científico** é muito grande. O **Homem** sabe muito sobre a **natureza**. O **Homem** já é capaz de descrever de maneira bastante convincente e coerente com a observação, como a matéria se originou, se organizou e formou estruturas complexas como planetas, estrelas, galáxias, etc. O **Homem** hoje, sabe que o **Universo** teve um começo. O **Homem** é hoje, capaz de descrever de maneira aceitável, como foi este começo. Sabe contar como um **Universo** tão homogêneo em seu início deu origem a uma tão grande e bela diversidade natural de corpos, de seres, de espécies, etc. Sabe que pelo menos em um de seus rincões pôde gerar seres inteligentes e conscientes, capazes de compreendê-lo e de admirá-lo.

Nessa palestra, pretendo abordar como, a partir da observação de fenômenos celestes aos quais todos nós temos acesso, o **Homem** pôde construir seu conhecimento a respeito do **Universo** e de nossas origens. Como o trabalho árduo de um grande número de seres humanos comuns, sérios e dedicados, salpicado com toques de genialidade de alguns poucos, evoluiu e pode explicar que todos, independentemente da raça, cor, sexo, opções religiosas, etc., somos constituídos do mesmo material, temos a mesma origem.

Essa palestra se insere no contexto das comemorações do **Ano Internacional da Astronomia** que marca os 400 anos das primeiras observações telescópicas que foram realizadas por **Galileu** e revelaram ao mundo um **Universo** ainda mais curioso e fantástico.



Fonte: OAM (2009)

**ANEXO H – Flyer do Evento Comemorativo dos 40 Anos do Observatório
Abrahão de Moraes**

Portas Abertas

28 de Abril

o **Observatório Abrahão de Moraes** convida a todos para o evento de difusão do conhecimento que estará organizando em comemoração de seus 40 anos (Fundação: 19/04/1972).

Programação

das 10h às 17h
 Visitas orientadas aos equipamentos e laboratórios
 Mini-palestras e conversas com especialistas
 Oficinas e atividades interativas para todas as idades
 Observações do Sol

das 19h às 22h
 Reconhecimento do céu
 Observações da Lua e de Saturno

ENTRADA FRANCA

Temas
 Origem do Universo
 Origem da vida
 Clima
 Planeta Terra
 Planetas extrassolares

40 anos

IAG USP

VALINHOS
 PREFEITURA MUNICIPAL
 Faz bem morar aqui.

Observatório Abrahão de Moraes - Valinhos, SP (acesso por Rua do Observatório S/N - Vinhedo)
 Mais informações: www.observatorio.iag.usp.br / Tel. (19) 3876-1444

Fonte: OAM (2012)

ANEXO I – Quadro: Cronologia da História da Região

MUNICÍPIOS	EVENTO	DATA	OBSERVAÇÕES
VALINHOS/ VINHEDO	Bandeirantes e tropeiros desbravam a região	1615	Época do ciclo do ouro. As conhecidas “Bocas do Sertão”, abertas às margens das matas, caminhos para o interior das terras.
	Estrada de Ferro Campinas-Jundiaí	1872-1971	Construída para o transporte da produção de café e açúcar à exportação no Porto de Santos
	Chegada de imigrantes europeus	1875-80 até fins séc. XIX	<ul style="list-style-type: none"> Mão de obra para a cafeicultura, em substituição à escrava A maioria italianos, além de alemães, suíços, portugueses e espanhóis As imigrações europeias à região provocaram um crescimento populacional.
	Queda da cafeicultura	1929-30	Crise mundial
	Rodovia Anhanguera	1949	<ul style="list-style-type: none"> Inauguração
	Criação da RMC	19 jun. 2000	<ul style="list-style-type: none"> Lei Complementar Estadual 870 Composta por 19 municípios
	Criação do Polo Turístico do Circuito das Frutas	02 out. 2002	<ul style="list-style-type: none"> Ato Legal nº 47.180 Hoje composta por 10 municípios Parceria com o SEBRAE e o governo do Estado
VALINHOS	Outorgação da Sesmaria a Alexandre Simões Vieira	02 dez. 1732	
	Pouso dos Pinheiros		Primeiro marco oficial, “célula <i>mater</i> ”
	Fundação de Valinhos	1800	
	Epidemia de febre amarela em Campinas	1889	Transferência da 6ª. Secção Eleitoral de Campinas, aumento populacional de Valinhos
	Distrito Policial de Valinhos	1893	
	Distrito de Paz Valinhos	28 maio 1896	Nessa época a população era 90% de italianos
	Introdução do figo roxo	1901	Por meio do imigrante italiano Lino Busatto
	1ª. Festa do Figo	1939	Quermesse realizada pelo Padre Nardini
	Emancipação de Valinhos	30 dez. 1953	Lei nº 2456
	Município de Valinhos	01 jan. 1955	<ul style="list-style-type: none"> Oficialmente instalado com a posse do 1º prefeito e 13 vereadores 10.601 habitantes
	Fundação do OAM	1972	
	Comarca de Valinhos	18 mar 2005	Autonomia para assuntos judiciários
	Fundação da AVIVA	Set 2006	Associação dos Vitivinicultores de Valinhos

MUNICÍPIOS	EVENTO	DATA	OBSERVAÇÕES
VINHEDO	Fazenda Cachoeira	1830	A fazenda com cerca de 240 alqueires pertencia aos antigos Barões de Ariri (“Barões de Café”)
	Vila de Cachoeira		Início do desenvolvimento
	Vila de Rocinha	1840	Construção junto a um roçado, da Estrada da Boiada, primitiva estrada de ligação entre Campinas e São Paulo, existente até hoje.
	Criada a Associação Italiana Vinhedense	26 jun. 1902	
	Criado o Distrito de Paz de Rocinha	31 out 1908	Lei Estadual nº 1138 – subordinado à <i>Jundiahy</i> *
	Início da industrialização	1925	Fiação e tecelagem Sant’Anna
	Plantação de uva	1948	Principal produto agrícola, com 11 milhões de videiras
	1ª Festa da Uva	1948	Realizada na Praça Sant’Anna
	Plebiscito para emancipação e escolha do nome	24 out. 1948	
	Oficialização da toponímia “Vinhedo”	24 dez. 1948	Lei estadual nº 233
	Emancipação de Vinhedo	02 abr. 1949	<ul style="list-style-type: none"> • Posse do 1º prefeito e vereadores municipais • Data comemorativa de aniversário da cidade • Aproximadamente 8.000 habitantes
	Instalação do 1º condomínio	1973	<ul style="list-style-type: none"> • A partir da venda da antiga fazenda, com 1.815 lotes e 2,7 milhões m². • Início processo de urbanização.
	Comarca de Vinhedo	2003	Autonomia para assuntos judiciais
Fundação da AVIVI	2004	Associação dos Vitivinicultores de Vinhedo	

Fontes: Folha Notícias (2012), IBGE (2012), Spadaccia (1988), Pires (2000), Valinhos (2011), Vinhedo (2011), entre outros - elaboração própria (2012).

* Grafia arcaica de Jundiaí

ANEXO J - Crônica: O Céu de todos nós... – José Antônio Zechin

Jornal de Vinhedo, Maio 2012

+

C8 | **Jornal de Vinhedo**
5 de Maio de 2012**Crônica**

Por José Antonio Zechin

**O céu de todos nós...**

Os Estados Unidos meio que se consideram os donos da Lua porque um dia pisaram lá, em julho de 1969. Já se passaram 43 anos e eu não tenho a mínima ideia de quando começarão a vender terrenos naquele satélite amarelado flutuando a 384 mil quilômetros do nosso planeta. Posso imaginar a publicidade dos futuros corretores lunares: "Vende-se lote numa enorme cratera com excelente vista para a Terra. Veja o Planeta Azul como você nunca viu antes!" — acompanhadas de enormes fotos de uma imensidão escura com um pontinho brilhante lá longe. Claro, não irão explicitar o risco da queda de meteoros, nem a falta de água, árvores e pássaros. Vá economizando seu rico dinheirinho para não perder esta excelente oportunidade. Bem, se a Lua fosse norte-americana, bestamente eu pergunto: e o céu, de quem é?

Dia desses dei longo depoimento à Geny Tomanik, que está desenvolvendo um específico trabalho (dissertação) sobre turismo nesta ex-terra-da-uva, focado no Observatório "Abraão de Moraes", da USP, aquele que fica em Valinhos, no Morro dos Macacos, mas só tem acesso por Vinhedo, lá pelo bairro Morada da Lua. Fundado em 1972, o Observatório comemora 40 anos de existência sendo desconhecido ainda de muitos vinhedenses e vizinhos que se interessam mais por

novelas na televisão. A ideia da Geny é que o céu seja transformado em patrimônio da humanidade. Concordo inteiramente! Tivemos uma longa e agradável conversa sobre isso. E, no final da semana passada, participei das várias comemorações relacionadas ao evento, incluindo palestras sobre a origem da vida, planetas extrassolares e visitas monitoradas, com direito a observações em telescópio. Por algumas vezes estive neste observatório valinho-vinhedense e também no Observatório Municipal de Campinas, que fica no Morro das Cabras, no Distrito de Joaquim Egídio.

Naquelas passadas observações abertas ao público tive a oportunidade de ver, além de várias constelações, a Lua toda esburacada; Marte, o planeta vermelho; e Saturno, com aqueles incríveis anéis, uma imagem surpreendente, parecendo uma pequena joia de ouro perdida no espaço. Só não vi cabras na Serra das Cabras nem macacos no Morro dos Macacos. O que me fez refletir sobre a série hollywoodiana "O Planeta dos Macacos" e no nome daquele filme "Assim Caminha a Humanidade". O leitor já percebeu que este escriba está ironizando o pouco interesse das pessoas pela astronomia, esta ciência de tanta importância para o ser humano, que — mais que estudar os corpos celestes — preocupa-se com a formação e o desenvolvimento do universo e a origem

da vida. Vai demorar ainda para o homem morar na Lua, se isso acontecer um dia. Então, precisamos lembrar que a Terra é a única casa que temos e que o céu é um patrimônio de todos. Ficamos preocupados com sacolinhas de plástico em supermercados é muito pouco para a sobrevivência da humanidade.

Considerando as dúvidas sobre as origens da vida e os mistérios da existência humana, fiz uma pergunta poético-filosófica ao palestrante Dr. Douglas Galante, do IAG-USP:

— Levando em conta tudo o que já se sabe sobre o universo e a vida humana, a cada nova descoberta que fazem vocês têm mais dúvidas ou mais certezas?...

— Mais dúvidas... — foi a imediata resposta do jovem cientista.

Pois é!... Gostaria de lembrar, por fim, que a construção do Cristo Redentor, também lá no alto, foi a realização de um distante sonho do avô (ou do pai) do Dr. Manoel Matheus Netto, médico e ex-prefeito desta cidade, que recentemente completou 94 anos. Ele me contou pessoalmente como foi a escolha daquele lugar, como negociou a doação da área com a Dona Leontina, desmembrada de um pedaço da Fazenda Cachoeira, longe da cidade, na época, com muita escuridão no céu. Um lugar longe e escuro. Um céu de todos nós. Talvez!...